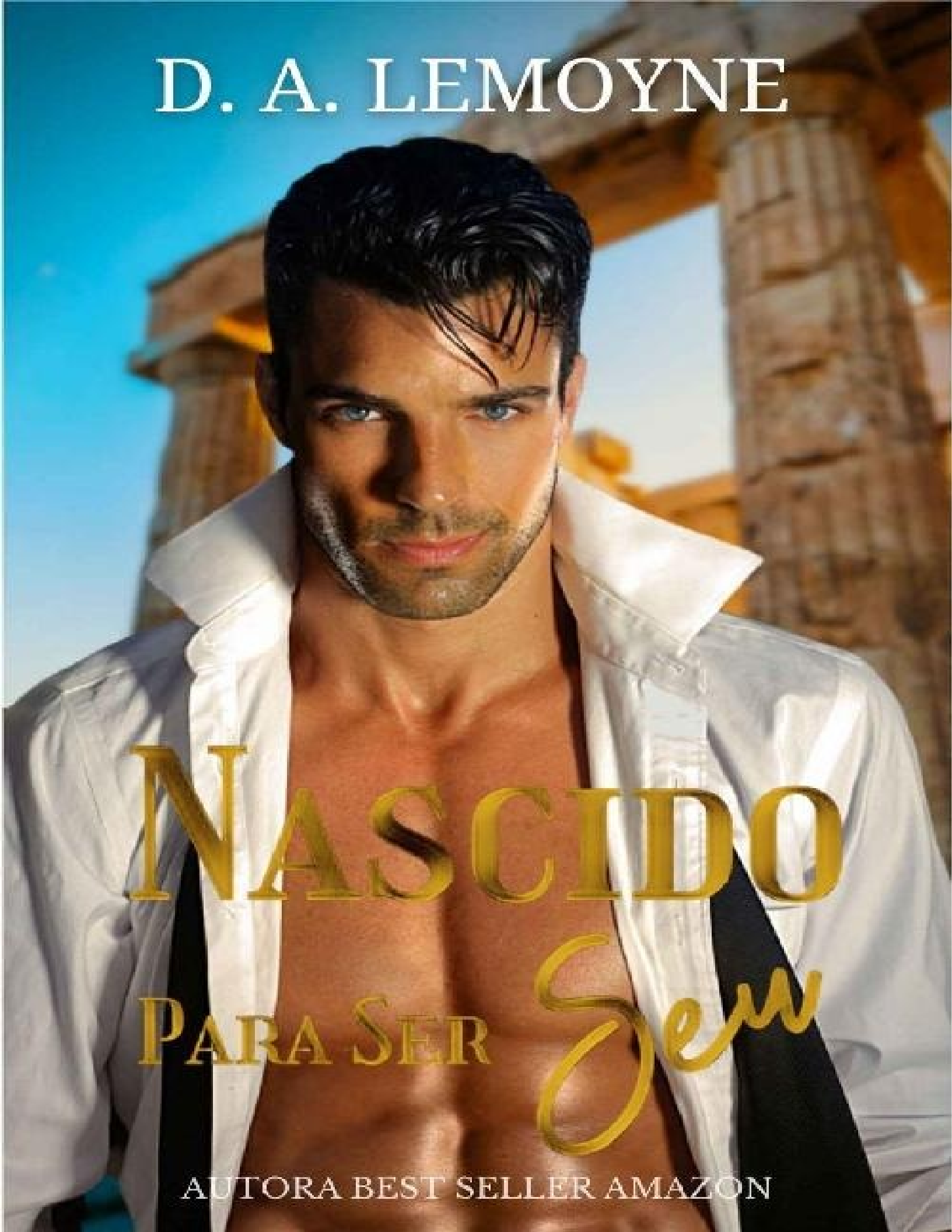
D. A. LEMOYNE
NASCIDO
PARA SER
Seu
AUTORA BEST SELLER AMAZON

NASCIDO PARA SER *Seu*

D. A. LEMOYNE

D. A. LEMOYNE

dalemoynewriter@gmail.com

Copyright © 2020

Título Original: Nascido Para Ser Seu

Primeira Edição 2020

Carolina do Norte - EUA

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida por qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou outros métodos eletrônicos ou mecânicos, sem a prévia autorização por escrito da autora, exceto no caso de breves citações incluídas em revisões críticas e alguns outros usos não-comerciais permitidos pela lei de direitos autorais.

Esse é um trabalho de ficção. Nomes, personagens, lugares, negócios, eventos e incidentes são ou produtos da imaginação da autora ou usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas ou eventos reais é mera coincidência.



Atenção: pode conter gatilhos.

Theo

cresceu ouvindo o quanto era inadequado.
Nunca soube o que é ser querido por seus parentes, mas a traição maior se deu quando seu pai o afastou da única pessoa que o amava.

Blood

tentou ser aquilo que a família esperava dele e mesmo enredado em uma armadilha, mostrou que era honrado e não fugiu as suas responsabilidades.
Apesar de não acreditar que um dia pudesse ser feliz, jamais imaginou que perderia seu bem mais precioso.

Um encontro de almas solitárias.
Corações feridos.
Dois homens com um passado marcado por preconceito, dor e rejeição.

Theo e Blood não esperavam se apaixonar, mas o destino já decidiu por eles, construindo um elo tão forte que maldade alguma será capaz de separar.

Gostaria de dedicar esse livro primeiro a todos aqueles que sofrem preconceitos seja em razão da cor de sua pele, gênero, identidade sexual ou religião.

Depois, outra dedicatória, dessa vez a uma virtude: lealdade.
Pessoas leais são amigos que você deve carregar consigo para o resto da vida.

Carolina do Norte, junho de 2020.

NOTA DA AUTORA

Nascido Para Ser Seu é um livro único, apesar dos personagens principais terem aparecido pela primeira vez em *Fora dos Limites* - Theo é o melhor amigo de Lilly, a protagonista de *Fora dos Limites* e Blood, o braço direito de Amos, namorado de Lilly.

Olhando de fora, eles são o casal mais improvável de se apaixonar.

Theo é um produtor de modas lindo e sofisticado.

Blood, um ex-soldado que há cinco anos vive dentro do inferno.

Nascido Para Ser Seu foi escrito a pedido dos meus leitores, que se apaixonaram pelo Theo no outro livro.

Estou muito feliz por narrar essa linda história de amor homoafetiva.

Espero que você desfrute também.

Caso aprecie o livro, deixe seu comentário no site da **Amazon**.

Sua opinião é muito importante para mim.

Um beijo carinhoso e boa leitura.

D. A. Lemoyne

Prólogo

Theo

Há oito anos

Grécia

“Pare de agir como um maricas, Theodoro. Faça o que estou mandando.”

“Eu não quero pular, pai. Não gosto de altura.”

“Não estou dando-lhe uma opção. Ou você pula ou o empurrarei. Não vou ter um covarde como filho. As pessoas não rirão as minhas custas só porque você não consegue obedecer a porra de uma ordem. Vá.”

“Eu não quero. Por favor.”

Estou tremendo.

Por mais que eu me esforce, não consigo olhar para baixo.

O penhasco cai diretamente no mar e é alto demais. Só de imaginar meu

corpo em queda livre, o coração dispara alucinadamente.

Sei que ficarei doente do estômago a qualquer momento.

Olho para o homem ao meu lado e pergunto-me por que me odeia tanto.

Eu sou o único filho homem de uma família de cinco crianças e, apesar de ser o caçula, deveríamos ser próximos - pelo menos é o que acontece entre meus amigos e seus pais - mas o meu parece não me suportar.

Desde que me lembro, sempre tentei agradá-lo, às vezes até mesmo fazendo coisas que iam contra minha natureza.

Eu não gosto de me impor às pessoas.

Não vejo razão para maltratar alguém somente porque sou de uma classe social privilegiada.

Na verdade, eu adoro os seres humanos de uma maneira geral - todos tão diferentes, cada uma tendo algo a nos ensinar.

Também amo ler e esse é apenas mais um motivo para ele me criticar.

Os homens da família do meu pai sempre se destacaram em esportes e competições, enquanto eu prefiro os livros.

Toda vez que surge a oportunidade, fujo para a praia com um livro e sonho com uma vida diferente da minha, em que as pessoas não me tratarão bem por ser o filho de um bilionário grego, mas porque gostam de mim.

Tanto quanto sei, não há nenhum ponto em ser aceito por obrigação.

Eu tenho tentado diminuir as brigas com meu pai, mas parece que quanto mais velho fico, as coisas entre nós só pioram.

Minha mãe, que é inglesa, assimilou a cultura grega e submete-se totalmente aos seus desmandos. Ela e minhas irmãs o temem e vivem para agradá-lo.

Ninguém tem coragem de contrariar uma ordem sua, nem mesmo eu, mas o fato é que nesse momento, não posso fazer o que ele está mandando.

Tremores percorrem meu corpo ao imaginar a punição que sofrerei. Não será a primeira vez que ele me surrará, mas elas têm ficado piores conforme eu cresço.

Eu tenho um metro e oitenta e três centímetros e os médicos dizem que talvez ainda fique mais alto. Também já estou com alguns músculos, mas nunca

revidei enquanto ele me espancava.

Sei que devo obediência e respeito ao meu pai e à mamãe, mas a violência dos castigos tem aumentado assim como a frequência.

Às vezes, acho que ele fica feliz em me punir, quase torcendo para que eu faça ou diga algo errado.

Não sou burro.

Eu leio muito sobre psicologia - na maioria das vezes, tentando entender o que há de errado comigo - e sei que meu pai é o que se conhece por sádico.

Ele gosta de provocar medo e dor nas pessoas e eu sou seu alvo preferido.

“Chega. Você teve todas as oportunidades.”

Sem fazer ideia do que viria a seguir, o solo desaparece sob meus pés.

A sensação de não ter onde segurar é tão aterrorizante que chego a pensar se não estou morrendo. O ritmo em que o meu coração bate não pode ser normal.

Ouço um grito e só depois realizo que vem de mim.

Os sentimentos enquanto caio são de desamparo.

Quando finalmente meu corpo bate na água, parece que mil agulhas atingem-me de uma só vez.

Meu pulmão está queimando enquanto tento desesperadamente não me afogar.

Tenho certeza de que morrerei. Nunca fui um bom nadador e não há a menor chance de eu conseguir sair daqui vivo.

Estou tonto e quando penso que meus olhos não conseguirão mais manterem-se abertos, sinto alguém me segurando.

“Eu peguei você.”

Ouço a voz de Orien, meu melhor amigo.

Não tenho mais forças e apenas deixo-me levar sabendo que se há alguém capaz de me salvar, é ele.

Orien me ajuda a caminhar e deito-me sobre a areia quente.

Ele me cobre com uma toalha, trazendo-me para junto de si.

De vez em quando me afasto para vomitar, mas ele ainda assim não me solta, dizendo palavras de consolo.

“Vai ficar tudo bem, Theo. Eu estou aqui para você.”

Sei que é verdade e que se for possível, ele cumprirá sua promessa.

Orien sempre me protegeu.

Ele é o filho de um dos nossos jardineiros e somos amigos desde pequenos. Temos a mesma idade e seu apoio foi fundamental para que eu pudesse crescer sentindo-me amado.

Os calafrios percorrem meu corpo e mesmo que eu não queira demonstrar fraqueza, começo a chorar.

De vergonha, de medo e por fim, de raiva de mim mesmo por não ter morrido.

Não é a primeira vez que penso sobre a morte.

Desde quando entendi que não sou bem-vindo em minha família, a ideia de morrer brinca com a minha mente.

Seria melhor para todos e uma vez eu disse isso a Orien.

Ele ficou sem falar comigo por dois dias e foi um dos momentos mais tristes da minha vida.

Quando criei coragem para procurá-lo, ele me fez pedir desculpas pelo que havia dito, assim como prometer que, não importa o que a vida jogasse em cima de mim, eu nunca desistiria.

É somente essa promessa que me faz continuar lutando.

Orien me empresta seus livros e passamos horas debatendo sobre os mais diversos assuntos.

Ele é tão inteligente.

E calmo também.

Nunca perde a paciência. Dá sua opinião sobre qualquer tema sem se alterar.

Para alguém como eu, que foi criado ouvindo que os homens precisam causar medo se quiserem ser respeitados, minha convivência com ele foi um divisor de águas.

No começo, meu pai não dava importância a nossa amizade, no entanto, cada vez mais ele tenta nos separar, humilhando Orien sempre que tem uma chance.

Às vezes, brincamos que quando fizermos dezoito anos, sairemos pelo mundo à procura de aventuras.

Eu ainda não sei qual faculdade quero cursar, mas Orien sonha em ser biólogo. Ele adora qualquer tipo de pesquisa e não curte multidões.

Só que papai disse que quando ele atingir a maioridade, terá que deixar a casa em que sua família mora.

Eu não quero nem pensar que em pouco menos de dois meses, talvez eu perca a única pessoa que tenho certeza que gosta de mim.

“Solte meu filho, seu pervertido.”

Os tremores que estavam acalmando-se, voltam com força total enquanto observo impotente dois homens tirarem Orien de perto de mim.

Olho para ele e não há qualquer sinal de medo em seu rosto.

Ao contrário, apesar de toda a fúria do meu pai, ele ainda parece querer me consolar.

“Papai, ele me salvou.”

“Cale-se. Você não precisava ser salvo. Você é um Argyros. Levem-no para a casa de barcos. Estarei lá em poucos minutos.”

“Não!” - pela primeira vez, não temo o que ele fará comigo porque minha intuição diz que não devo deixar Orien sozinho com ele.

“Theo, vai ficar tudo bem.”

O tapa que meu pai dá no rosto do meu amigo faz com que meu choro recomece.

“Papai, por favor deixe-o ir. Eu serei o que você quer. O mais forte dos filhos. Eu prometo que sentirá orgulho de mim.”

No fundo sei que não adianta implorar, mas eu usarei todas as armas para proteger Orien.

“Tarde demais, garoto. Eu o avisei para ficar longe dele.”

Mesmo com muito medo, eu levanto e o enfrento.

Nunca considerei erguer a mão para o meu pai, mas é a segurança do meu melhor amigo que está em jogo e ainda sem ter certeza do que estou fazendo, olho-o nos olhos, tentando soar firme.

“Eu não vou deixar que você o machuque.”

Não tenho a menor ideia de como o impedirei, mas lutarei até a morte.

Meu pai ri e tarde demais, percebo que ele gesticula para alguém atrás de mim.

Sinto um braço em volta do meu pescoço, apertando em uma *gravata* e as cores do dia ensolarado começam rapidamente a desaparecer, enquanto a escuridão toma conta de tudo ao redor.

A última coisa que vejo antes de desmaiar é o rosto ensanguentado de Orien e seu olhar assustado.

Naquele momento, prestes a perder a consciência, soube que a minha vida mudaria para sempre.

PRÓLOGO 2

Blood

Há cinco anos

Estados Unidos

“Vamos embora, homem. Não há mais nada a ser feito por enquanto.”

Escuto a voz de Amos vindo de muito longe.

É como ser o espectador em uma peça de teatro.

Eu não consigo acreditar que aquele cenário faz parte da minha vida.

Olho a sala pela milésima vez desde que cheguei de viagem.

Já a percorri minuciosamente, assim como todos os outros aposentos e não consegui encontrar nada.

“Blood, nós vamos achá-las. Eu dou minha palavra.”

Encaro meu amigo - o único que tenho além de Ethan. Conheço ambos a maior parte da minha vida, apesar de ser mais próximo a Amos.

Tão próximo quanto possam ser duas pessoas antissociais como somos, em todo o caso.

Nós três servimos juntos nas Forças Especiais do Exército.

“Diga-me o que você está pensando. Não tente fazer nada parecer melhor.

Sem rodeios.” - peço, esforçando-me para manter a voz calma, enquanto por dentro, estou quebrando. Enlouquecido tentando imaginar onde estará minha filhinha de apenas três anos.

Ele passa a mão na cabeça e olha novamente ao redor.

Sei que já tem uma opinião formada.

Amos é um cara que sempre coloca a racionalidade acima de qualquer emoção e em quem eu mais confio no momento para compartilhar o meu desespero.

Antes que ele fale, eu já sei o que pensa.

Nós fomos soldados por anos demais para não compreendermos o que aquela quantidade de sangue significa.

“Alguém provavelmente foi morto aqui.” - ele finalmente fala e sinto meus joelhos quase dobrarem diante das palavras brutais.

Eu já vi centenas de assassinatos - de crianças inclusive - nas missões em que participei, mas sempre procurei manter uma distância emocional de tudo ou não seria capaz de fazer meu trabalho.

Qualquer hesitação em minha área pode significar a perda de dezenas de vidas.

“Se quisermos ter certeza se o sangue é de uma delas ou de ambas, temos que levar uma amostra antes que a polícia chegue e fazer nosso próprio exame para extrair o *DNA*.” - ele diz, trazendo-me de volta - “Deixe-me dar um telefonema. Assim que conseguirmos a amostra, temos que chamar a polícia. A última coisa que você precisa agora, é ser considerado um suspeito.”

Eu não dou a mínima. Minha vida não terá o menor sentido sem Belinda.

Eu preciso salvá-la e também sua mãe.

Stela é boa para Belinda e minha filha precisa dela por perto. Não descansarei enquanto não encontrar as duas.

Ultimamente meu relacionamento com a minha esposa resumia-se a cumprimentos formais. Nos tornamos dois estranhos desde que ela contou, em meio a uma briga, que havia engravidado de propósito porque achava que com o tempo eu a amaria.

Fui honesto desde que começamos a sair.

Eu estava vivendo uma fase confusa sobre minha identidade sexual e sequer namorávamos com exclusividade.

Disse que não queria nada sério e que se ela concordasse com aquilo, poderíamos continuar assim por tanto tempo quanto durasse.

Ela foi firme ao falar que a última coisa que passava em sua cabeça era prender-se a alguém - e eu acreditei.

Eu amo minha filha acima de tudo, mas a descoberta de como Stela traiu minha confiança acabou com qualquer chance de sermos até mesmo amigos.

Apesar disso, farei o que for preciso para garantir que esteja segura.

Se ainda houver tempo - uma voz sussurra em minha mente.

Deus, permita que haja.

Não por mim. Eu sei que não sou merecedor, mas não deixe que machuquem minha filha.

“Você acha que pode ser alguém do nosso meio, um ato de vingança?”

Só de pensar que minha menininha possa ser ferida por minha causa, faz-me querer quebrar tudo em volta.

Ele não responde imediatamente.

Amos nunca age ou argumenta sem raciocinar antes.

“Sabe que sempre há uma possibilidade.” - diz - “Por outro lado, uma vingança só funcionaria se fizessem com que você soubesse de onde partiu. Não faz sentido manter segredo. E a julgar pelo aspecto do sangue aqui, o que quer que tenha acontecido, foi há pelo menos vinte e quatro horas.”

Penso no que ele diz.

Vinte e quatro horas é o tempo exato em que falei com a minha filha ao telefone pela última vez.

Não importa onde eu esteja, sempre que tenho chance, ligo para dar-lhe boa noite e contar sua historia favorita. Stela diz que ela dorme melhor ao ouvir minha voz.

Minha cabeça começa a latejar.

A possibilidade de nunca mais sentir o cheirinho de bebê da minha Belinda,

seus bracinhos em volta do meu pescoço, quase me enlouquece.

Mas eu não posso me dar ao luxo de quebrar agora.

Amos tem razão.

Se foi alguém do nosso meio que as levou, por que não se vangloriar para me destruir de vez?

Eu preciso de respostas e para isso, tenho que organizar minha mente.

Sou conhecido por nunca perder o controle. Por isso ganhei o apelido que na verdade, inicialmente era *Cold Blood* - ou Sangue Frio - porque não importava o quanto assustador fosse o que estivéssemos enfrentando, eu jamais recuava.

Com o tempo, ficou só Blood e agora eu tomo um susto quando alguém me chama pelo meu nome de batismo.

Observo enquanto ele faz a ligação e aproveito para fotografar todo o apartamento.

Preciso analisar rapidamente a cena. Quero ampliar as fotos e ver se deixei algo passar despercebido.

O tempo está contra mim.

A última coisa com que estou preocupado no momento é ser considerado suspeito. Só quero minha filha de volta.

Como se lesse meu pensamentos, ele fala.

“Temos que contatar Andrei. Você precisará de um advogado porque será o primeiro suspeito no desaparecimento delas.”

“Foda-se o que a polícia possa pensar. Eu nunca as machucaria.”

“Eu sei disso. Qualquer um que o conheça sabe, mas a polícia virá para cima de você e se estiver preso, não poderá caçar quem as levou.”

Isso finalmente me desperta.

Preciso acreditar que elas ainda estão vivas.

Enquanto eu não encontrar seus corpos, não desistirei.

E então, quando tiver todas as respostas, irei em busca de quem tirou minha filha de mim.

Capítulo 1

Theo

Dias atuais

Estados Unidos

Deus, eu estou tão cheio desses ataques de estrelismo das *top models* e atrizes.

Conto mentalmente até dez enquanto observo a mais nova queridinha de *Hollywood* bater o pé no chão como uma criança mimada porque alguém não atendeu seu desejo de só ter toalhas brancas no camarim.

Eu normalmente procuro não julgar as pessoas, mas essa garota está me enlouquecendo.

Quando ela faz a camareira chegar às lágrimas, decido intervir.

Apesar de ter mais de um metro e oitenta centímetros, não sou o tipo que intimida, pois meu rosto me denuncia.

Geralmente estou sorrindo ou tentando fazer as pessoas felizes, mas se tem algo que me deixa puto é ver alguém tirar vantagem de sua posição social para humilhar quem o está servindo.

“Já chega, Brittany.”

Eu nunca grito. Minha voz tem um timbre naturalmente alto, de modo que não preciso elevá-la para ser ouvido. Então, assim que falo, ambas viram-se para

me encarar.

Há um pedido de ajuda mudo no olhar de Rebeca, a doce e gentil camareira, enquanto a estrela histérica olha-me com arrogância, como que me desafiando a contradizê-la.

Ela não sabe de nada.

Eu sobrevivi ao meu pai, então precisa muito mais do que uma garotinha mal-educada para me intimidar.

“Ela não seguiu minhas ordens.”

A resposta está na ponta da língua, mas eu nunca ajo por impulso.

Aprendi a controlá-los desde pequeno então, mantenho a expressão em branco, sem deixar que perceba o quanto desprezo seu comportamento.

“Ela provavelmente confundiu as instruções. Qualquer um pode errar.” - começo, tentando contemporizar quando na verdade gostaria de poder tirar Rebeca dali e mandar a garota insuportável se virar sozinha.

Não tenho receio com relação ao contrato que assinei para o filme. Na verdade, o diretor exigiu que fosse eu o figurinista, então o olhar feroz da prima-dona não chega nem perto de me intimidar.

Além disso, as filmagens já foram finalizadas há meses. Eles só estavam gravando umas cenas extras e só estou aqui porque o estúdio pediu que eu desse uma repaginada no guarda-roupas dela, já que os chefões de *Hollywood* pretendem criar uma imagem mais *sexy* para a jovem atriz.

Sou um produtor de moda conhecido e com mais clientes do que posso dar conta, mas não quero que o emprego de Rebeca corra riscos. Ela sonha em ser atriz e com a concorrência acirrada do jeito que é, estar perto de diretores e outros atores pode ser uma oportunidade de ouro.

“Todos nós que trabalhamos com você sabemos o quão compreensiva é.” - minto sem qualquer remorso, porque nos últimos dias de filmagem a produção recebeu diversas reclamações sobre o comportamento do projeto de bruxa. - “Desse modo, você não desejará passar uma impressão errada caso esse episódio vaze para a imprensa, querida. Sabe como eles podem ser cruéis às vezes.”

Não mais do que ela, claro.

Se Brittany continuar nesse ritmo, em pouco tempo ganhará uma reputação péssima.

Pode ser que enquanto for jovem e bonita, as pessoas tolerem sua grosseria, mas com o passar do tempo outras atrizes surgirão e ela rapidamente será esquecida.

De tudo o que eu falei até agora, uma é verdade - a imprensa pode ser uma cadela quando decide acabar com a reputação de alguém. Se a pessoa ainda der oportunidade, eles terão um verdadeiro banquete a frente de si.

Isso parece finalmente acordá-la e eu observo em primeira mão o quão boa atriz é.

“Você está certo, Theo.” - fala e eu quase posso ouvir o suspiro de alívio de Rebeca, ao mesmo tempo que não acredito em uma só palavra do que Brittany está dizendo. - “Possivelmente exagerei, mas essa garota tem que ser mais atenta aos seus deveres.” - finaliza com arrogância, dirigindo-se à camareira como se ela fosse uma criança. O que é absurdo, já que a diferença de idade entre as duas é de apenas dois anos.

Porra, ela acaba de entrar definitivamente para o meu caderninho das pessoas mais detestadas.

“Sim senhora.” - Rebeca responde humildemente e intuo que ela está desesperada para sair daqui então, abro-lhe uma oportunidade.

“Beca, você poderia me trazer uma água com gás e uma rodela de limão?”

“Claro, Theo.” - fala depressa, antes de quase sair correndo porta afora.

Mesmo sem qualquer vontade, volto a olhar para a atriz.

“Agora vamos cuidar desse corpo lindo. Vou fazer as outras chorarem de inveja quando você desfilar pelo tapete vermelho.”

Na verdade o que quero é mandá-la para o inferno, mas eu nunca permito que as emoções interfiram em meu trabalho.

Em segundos, a expressão de superioridade é substituída por um sorriso, mostrando que apesar de todo o comportamento imperdoável, ela não passa de uma menina.

Ainda assim, isso não lhe dá o direito de tratar as pessoas como lixo.

“Você é o melhor, Theo.”

Pena que eu não possa dizer o mesmo, meu bem. - penso, enquanto forço um sorriso.

Sou bom nessa coisa de distribuir sorrisos de mentira.

◆◆◆

“Obrigada, Theo.”

Estou preparando um chá depois de passar uma hora tentando não mandar Brittany escolher a própria roupa, quando ouço duas batidas na porta e a seguir, a bonita figura de Rebeca aparece em minha sala.

Olho para a menina meiga de apenas dezoito anos e penso que se ela não endurecer um pouco, não durará nesse meio.

Rebeca veio de uma cidade pequena do interior em que todos se cumprimentam ao passar na rua.

A gentileza é algo natural para ela - o que está totalmente na contramão do que ocorre no meio artístico.

Normalmente as pessoas nem perdem tempo olhando para o rosto de quem as serve, quanto mais dispensar uma palavra delicada.

Gosto de Rebeca.

Ela ainda não está contaminada com o hábito da bajulação, tão comum entre aspirantes a modelos e atrizes.

É a segunda vez que trabalhamos juntos e eu costumo levar um sanduíche extra para que ela tenha algo para comer no almoço.

“O que aconteceu lá dentro com Brittany?”

Ela baixa a cabeça, parecendo embaraçada.

“Posso falar honestamente?”

“Sempre, amor.”

“Ela não deu quaisquer instruções sobre a cor das toalhas. Sua assistente foi quem falou comigo no início das filmagens e disse que ela gostava de toalhas de

fio egípcio na cor *pink*. Eu apenas segui seu pedido. Ela usou durante meses as toalhas rosa sem reclamar, então hoje, do nada, começou a gritar que eu errei a cor."

Olho-a e meu coração dói de pena.

Rebeca vem de uma família grande, de seis irmãos caubóis e disse que, apesar da loucura que é quando todos estão reunidos, morre de saudade deles.

Eu não sei o que significa ter uma família da qual sente-se saudade. Nunca mais voltei à Grécia desde que fui embora aos dezoito anos e raramente vejo minhas irmãs. Somente quando elas vêm em férias é que nos encontramos em meu apartamento e mesmo assim, as duas mais próximas a minha idade.

Elas nunca dizem que estão vindo me ver escondido, mas eu sei que é. Minhas irmãs e mamãe morrem de medo de Leandros.

Afasto o pensamento deprimente.

Não preciso da presença deles em minha vida.

"Eu sinto muito por isso."

"Não tem problema, Theo."

"Tem sim, Beca. Você não pode demonstrar medo senão as pessoas a jantarão em três garfadas. Faça o seu trabalho, mas mantenha a cabeça erguida."

"Eu tentarei."

"Pode fazer melhor do que tentar." - de repente, uma ideia surge - "Você tem programa para hoje?"

Ela sacode a cabeça.

"Estava pensando em um encontro com um pote de sorvete de *brownie* de chocolate."

"Não, tenho algo mais divertido em mente. Que tal ser minha acompanhante em uma festa recheada de diretores e produtores de filmes, além de roqueiros super *sexies*?"

"Oh meu Deus! Você está falando sério? Vai me levar à apresentação privê da *Six*?" - pergunta e posso ver que está dando pulos mentais ao referir-se à festa da banda de *rock* mais famosa da atualidade.

Sorrio de seu entusiasmo.

“Muito. Desde que fique claro que iremos somente como bons amigos.” - digo, para desestimular qualquer fantasia que por acaso ronde sua mente. Não quero que minha oferta de amizade seja mal interpretada.

Já vivi situações bem complicadas por tentar ajudar alguém, ouvindo inclusive uma atriz relativamente famosa dizer que poderia me curar sobre ser gay. Que bastaria uma noite em sua cama e eu não pensaria mais em homens.

E sabe o que é pior? Tenho certeza de que ela acreditava no que estava dizendo. Como se me sentir atraído por homens fosse uma escolha e não parte de quem sou.

Ela olha-me sorrindo pela primeira vez desde que começou a confusão sobre as toalhas.

“Você está seguro comigo. Não estou à procura de um namorado. Tudo o que desejo é uma chance para iniciar minha carreira.”

“Então temos um acordo, docinho.”

Capítulo 2

Theo

Uma semana depois

Resolvi vir à livraria para pensar.

Parece estranho, mas estar em meio a livros me faz relaxar.

Muita coisa mudou em minha vida desde que fui embora da Grécia, mas continuo absolutamente apaixonado por eles.

Geralmente não me permito desacelerar. Estou sempre às voltas com algum projeto. Faço mil coisas ao mesmo tempo.

Essa foi a maneira que encontrei para não sucumbir à solidão.

Ninguém me conhece realmente.

Eu rio e brinco, mas o fato é que de verdade, não tenho para quem correr quando preciso conversar.

As pessoas julgam-me pelo que veem - um homem jovem, de boa aparência, com uma ótima carreira e sem qualquer preocupação na vida.

Talvez esse seja o único ponto do qual possa me orgulhar - não ter preocupações financeiras. Eu me fiz sozinho.

Poderia ter usufruído do fato de ser filho de Leandros Argyros, mas não quis nada que viesse daquele homem.

Ele não existe para mim.

Sair da Grécia foi assustador. Eu não encaro mudanças com facilidade.

Então, começar a vida adulta na América sem qualquer suporte foi

aterrorizante.

Morei em lugares que a maioria das pessoas teria até medo de passar em frente e senti frio e fome algumas vezes também.

Para um garoto criado em meio ao luxo, não foi fácil me acostumar com toda a privação.

Praticamente ganhava de dia para poder comer à noite.

Eu também frequentava bibliotecas públicas.

Sabia que se quisesse melhorar de vida, precisava adquirir tanto conhecimento quanto possível por minha conta, já que naquele primeiro momento pagar uma faculdade estava fora de questão.

Certa vez, uma conhecida me convidou para ser seu par no casamento da prima.

Eu não estava muito certo sobre ir porque as roupas que trouxe comigo quando saí de casa quase não serviam mais.

Ainda assim, decidi aceitar. Há muito tempo eu não tinha qualquer diversão.

Gosto de observar as pessoas e talvez conversar um pouco tirasse-me a sensação de estar completamente só no mundo.

A primeira coisa que eu notei quando cheguei, foi a roupa das mulheres.

Não me leve à mal, mas se você quiser ver erros no que diz respeito a como se vestir, vá a um casamento.

É raro as pessoas escolherem algo adequado ao seu tipo físico.

Nem sempre o que fica lindo na modelo que pesa quarenta quilos e passa fome boa parte de sua vida para caber em um tamanho de roupa de adolescente, ficará bem em você.

Então, essa foi a primeira coisa que chamou minha atenção.

Tecidos brilhosos, com aplicações e amarrações não são muito adequados mesmo se a pessoa for esquálida, quanto mais em seres humanos normais.

Sempre gostei de moda e de desenhar, mas até ali jamais havia encarado esse meu entusiasmo como uma possibilidade de ganhar a vida.

Recostado a uma parede, com um copo de bebida na mão, peguei-me refazendo mentalmente todas aquelas roupas e deixando-as perfeitas para o

corpo de cada uma das senhoras presentes.

A sensação foi tão forte que pedi a minha amiga uma caneta emprestada e com alguns guardanapos, comecei a pôr no papel as ideias que iam surgindo.

Quando fui embora, sabia com o que gostaria de trabalhar.

Uma vez que a porta foi aberta, tornou-se praticamente uma compulsão.

Eu aproveitava todo o tempo livre para estudar livros de moda e economizava cada centavo para criar minhas produções.

Eu era meu próprio modelo. Nunca descuidava do estilo.

Um dia, estava passeando com alguns cachorros na rua - um dos diversos trabalhos que fazia para poder comer e pagar o aluguel - quando um deles subitamente empolgou-se ao ver um senhor vindo na direção oposta e pulou em suas pernas para brincar, deixando o pobre homem imundo.

Eu me preparei para ouvir desaforos porque nem todos gostam de animais, mas ao invés disso, o homem de aparência impecável, cujo terno certamente daria para pagar meu sustento por uns bons meses, abaixou-se para brincar com o animal e sorriu.

Eu tenho um monte de problemas, mas ninguém pode me acusar de ser tímido então, depois de meia hora de conversa, ele disse que trabalhava com filmes e se eu gostaria de ir até o *set* de filmagem qualquer dia.

Não é como se eu tivesse programas à vontade para escolher, então aceitei o convite.

Uma vez lá, tive certeza que carreira desejava seguir.

E o resto é história.

Consegui uma bolsa de estudos na faculdade de moda e morei três anos em Paris.

Foi uma época difícil.

Eu estava sempre exausto, dividido entre os diversos empregos informais que mantinham-me vivo e o curso, mas cada sacrifício valeu a pena.

Saí da experiência mais confiante em mim mesmo.

Depois de formado, mudei-me novamente para a América.

Comecei como auxiliar de figurinista, mas continuei trabalhando em casa em

meus projetos de moda.

Um dia, o figurinista principal adoeceu e tive que tomar à frente.

Eu estava nervoso, mas uma vez lá, foi tão natural quanto respirar e assim começou minha carreira.

Trabalhar como figurinista, no entanto, não me atrai mais.

Ainda que eventualmente eu aceite um projeto ou outro quando um amigo diretor solicita-me especialmente - como no caso do filme em que Brittany atuou - prefiro ficar com a produção de comerciais e desfiles de moda porque tenho mais liberdade de ação.

Quatro anos já se passaram - quase oito desde que parti da Grécia - e olhando para trás, tenho que admitir que fui além do que imaginava.

Aos vinte e cinco anos, já construí um nome no mundo da moda, trabalhando inclusive para diversas revistas com alcance mundial.

Consegui um *Greencard*, comprei meu apartamento sem precisar da ajuda de ninguém e vivo uma vida extremamente confortável.

Para muitos, praticamente perfeita. Só que ninguém faz ideia de quão vazio é o meu coração.

Estar cercado por uma multidão não significa nada. Na maioria das vezes, as pessoas sequer nos enxergam realmente.

O mundo em que vivemos é superficial.

Todos perguntam como você está, mas ninguém quer saber realmente.

As pessoas vivem a ilusão de que são amadas por terem dois mil amigos no *Facebook* ou mil curtidas no *Instagram*, mas quando precisamos, são aqueles próximos a nós que nos apoiarão - e eu não tenho ninguém.

Procuro combater esses pensamentos, mas às vezes quando estou gripado, sentindo-me miserável e sem qualquer um para dizer que tudo ficará bem, a solidão vem forte.

Nessas horas, prendo-me às memórias que criei com Orien.

Hoje eu tenho coragem de admitir para onde nosso relacionamento caminharia se tivéssemos ficado juntos.

Vejo agora que sempre nos amamos, apesar de nunca termos tido nada além

da amizade.

Aterroriza-me pensar que talvez nunca mais volte a encontrar alguém que me complete como ele fazia.

Lembrar de Orien é a única coisa capaz de arrancar um sorriso verdadeiro de mim.

Já tive uns poucos relacionamentos, mas nada sério ou que fizesse-me considerar assumir um compromisso com alguém.

Ao analisar suas personalidades, a verdade é que ninguém consegue chegar perto da luz que existia nele.

Quando as recordações vêm, eu preciso sair de casa.

Às vezes, tenho ataques de pânico.

Acordo suando frio, com a sensação de que morrerei sozinho, trancado em meu apartamento e ninguém saberá.

Então, saio para correr em plena madrugada e só paro quando meus pulmões estão queimando.

E é por estar nesse estado de espírito que decidi não ficar em casa hoje.

Provavelmente já tenho todos os livros à venda nessa livraria, mas pelo menos posso ouvir as vozes das pessoas, o que de uma maneira louca, é reconfortante.

Acabo de virar um corredor quando deparo-me com uma fada.

Não, eu não tomei qualquer alucinógeno, mas juro por Deus que a garota pequena não pertence a esse mundo.

Estou acostumado a ver mulheres lindas em uma base diária, mas a loira de cabelos quase brancos deixa cada uma delas no chinelo.

Ela é pequena, mas com um corpo proporcionalmente perfeito. Meus olhos são treinados para observar o conjunto e eu gosto do que vejo.

Está vestida com simplicidade, mas sabe o que lhe cai bem. Ela parece absolutamente confortável na própria pele.

Sorrio e quando ela olha procurando alguém atrás de si, gargalho de verdade.

“Eu pensei que não era para mim que você estava sorrindo.” - diz.

Deus, ela é um doce.

“Diga que esse cabelo é tinta ou começarei a odiá-la em cinco segundos.”

Conheço pelo menos uma dúzia de mulheres que venderiam a alma para ter um tom de cabelo daquele.

“Sinto muito, mas é de verdade.”

Ela estende a mão para me cumprimentar, mas eu não sou a pessoa mais convencional do mundo, então ao invés de aceitá-la, beijo suas duas bochechas.

“Theo Argyros.”

“Você é grego.”

“Só metade. Sou filho de um. Minha mãe é inglesa. E você é…”

“Lilly.” - e então, corrige-se - “Lillyana Ross, mas todos me chamam de Lilly.”

“O mesmo aqui. Se algum dia você me chamar de Theodoro, a amizade acaba.”

Gosto da garota.

Para uso externo, sou um cara aberto. Costumo simpatizar com as pessoas, não gostar delas realmente. Com Lilly, sinto uma conexão instantânea.

“E o que você está fazendo perdida aqui, Lilly? Já são quase oito e meia. Seus pais não estão preocupados?”

Falo meio brincando, meio sério porque ela parece muito nova. Talvez recém saída do ensino médio.

Ela revira os olhos e eu sorrio.

A garota é fofa mesmo quando tenta ser malvada.

“Já sou grandinha. Estava procurando livros para o meu curso.”

“Você faz moda?”

“Sim, estou indo para o quinto semestre. Estudei os dois primeiros anos em Paris.”

De maneira alguma isso me espanta. Ela exala estilo por todos os poros.

“Paris? Eu me formei em moda lá.”

“Você é estilista?”

“Produtor.”

“Incrível.” - sorri, entusiasmada - “Theo, eu não tenho pais me esperando, mas realmente preciso ir ou meu irmão ficará louco. Acabo de perceber que a bateria do meu celular descarregou.”

Não queria que ela fosse ainda e mesmo correndo o risco de parecer um esquisitão, peço.

“Espera, pode me dar seu telefone? Prometo que não sou um pervertido e nem nada do tipo.”

Ela me olha e sei que está decidindo se pode confiar em mim, mas finalmente concede.

Capítulo 3

Blood

Presente - semanas depois do encontro entre Lilly e Theo

Ouço Amos andar de um lado para o outro na sala ao lado.

Vê-lo ansioso deixa-me inquieto também porque ele costuma ser tão frio quanto eu mesmo.

Ele está vivendo seu próprio inferno pessoal tentando proteger a mulher que ama, ao mesmo tempo em que caça os doentes que querem feri-la.

Trabalhamos como loucos nos últimos dias para conseguir proteger Lilly e as crianças resgatadas de um grupo de criminosos que as explorava sexualmente. O problema é que o nosso inimigo sabe como apagar seu rastro.

Descobrimos que algumas pessoas famosas estão envolvidas, mas não temos ideia de quem ou quantos são exatamente.

A única certeza é de que os chefões em nosso país são Jonathan e Maria, os ex-pais adotivos de Amos.

Ambos são como serpentes escorregadias, fugindo quando nos aproximamos.

Amos pediu-me para cuidar pessoalmente da segurança de Lilly e pretendo dar minha vida para cumprir a promessa que fiz.

Todos esses anos após o desaparecimento de Stela e Belinda, ele nunca deixou de procurá-las.

O mais frustrante é que estamos tão próximos de descobrir algo quanto no

primeiro dia, como se tivessem desaparecido em pleno ar.

Sou um cara racional, então, por mais que doa para caralho, já considerei a possibilidade da minha filha e Stela não estarem mais vivas, principalmente por causa do cenário com que me deparei em minha casa, mas o fato é que eu deveria ao menos ser capaz de encontrar seus corpos.

O resultado do *DNA* mostrou que o sangue pertencia à Stela e isso, apesar de talvez me dar a garantia de que minha filha está viva, não traz qualquer conforto. Minha menina pode estar nas mãos de algum depravado.

Deus, eu não posso pensar nisso ou enlouquecerei!

Tenho que manter o foco em trazê-las de volta, porque se há uma certeza em mim, é de que nunca desistirei.

Fecho o *laptop* frustrado para cacete enquanto tento lidar com a decepção de mais uma vez me deparar com uma porta fechada.

Estávamos seguindo uma pista promissora.

Fiz retratos progressivos com um especialista forense sobre como elas se pareceriam com o passar dos anos e um dos meus homens recebeu a informação de que uma criança que batia com a descrição de Belinda havia sido avistada em uma ilha no sul da Itália, mas quando ele chegou até lá, a menina, assim como quem cuidava dela, já havia desaparecido.

Começo a guardar minhas coisas porque quero chegar em casa mais cedo hoje.

Finalizei e distribuí o material da operação que desmascarará Ramon - o padrasto de Lilly e Ethan - e que agora sabemos, possui uma rede de estabelecimentos que vende serviços sexuais de menores. Bordeis de luxo para pervertidos que pagam por meninas com um quarto de suas idades.

A correria no momento é mais do que bem-vinda.

Entre manter Lilly protegida e destruir a imagem de Ramon na sociedade, não me sobrará muito tempo para pensar que mais uma vez, volto de uma pista sobre a minha filha com as mãos vazias.

Fui interrogado exaustivamente pela polícia durante mais de um ano após o desaparecimento delas e, apesar de na maioria das vezes ter vontade de quebrar

tudo a minha volta porque o tempo que eles estavam perdendo comigo poderia ser usado para tentar achar minha filha, procurei cooperar.

Não levei para o lado pessoal quando eles tentaram me responsabilizar pelo sequestro delas. Quando algo assim ocorre, geralmente parte de alguém próximo.

Em menos de cinco por cento dos casos de crimes envolvendo crianças, o perpetrador é alguém desconhecido.

No entanto, tenho meu limite e quando percebi que o caminho que estávamos percorrendo não nos levaria a lugar algum, resolvi tomar uma atitude e finalmente aceitei a sugestão de Amos.

Chamei Andrei, o advogado que trabalha conosco quando uma de nossas operações entra em, digamos, conflito com a lei.

Pensei que assim, os detetives finalmente tentariam buscar outras possibilidades, além de ficarem inutilmente me perseguindo, mas não houve qualquer progresso quanto à investigação.

Já estou entrando no carro, quando recebo uma mensagem no celular.

Amos: *"Lilly estava voltando para casa com um amigo e alguém bateu no carro deles. Onde estão nossos homens?"*

"Deveriam estar logo atrás. Dei ordens para que a seguissem o tempo todo."

Amos: *"Verifique isso e depois vá encontrá-la. Estou saindo daqui também."*

"Certo."

Amos: *"Blood? Eu não confio em outra pessoa além de nós dois e Ethan para protegê-la."*

Desligo sem responder porque sei por experiência própria o quão aterrorizante é o sentimento de não conseguir cuidar daqueles que amamos.

Não acredito em promessas. Nunca peço e nunca as faço.

Atitudes são as únicas coisas capazes de me impressionar.

Capítulo 4

Belinda

Presente - aos oito anos e meio

Sicília - Itália

Eu não gosto de sair com essas pessoas que trabalham para o *Homem*.

Eles cuidam de mim e me levam para comprar roupas, mas sempre querem andar de mãos dadas comigo e eu não posso me afastar nem um pouquinho sequer para olhar as vitrines senão eles ficam nervosos.

Também fico chateada porque eles me chamam de Giulia e eu sei que meu nome é Belinda.

Eu lembro de pouca coisa da minha vida antes de vir morar aqui, mas não esqueci do meu nome verdadeiro.

Um dia eu perguntei à mamãe por que eles me chamavam por outro nome e ela me fez prometer que nunca mais falaria sobre isso com ninguém. Que Belinda era um nome secreto e que eu deveria responder quando me chamassem de Giulia.

Eu não entendi, mas como ela pediu, obedeci.

Hoje saímos de barco porque à noite vai ter uma festa na casa e eles disseram que preciso estar muito bonita, mas eu não ligo para isso.

Para que tantos vestidos se não tenho amigos? A única criança com quem já brinquei foi a neta do mordomo.

Também não vou à escola. Eu tenho professoras que me ensinam em casa.

O *Homem* falou que eu sou muito especial para ficar perto das outras crianças.

Sim, eu sei como ele se chama, mas eu não quero mais ser sua amiga, então prefiro pensar nele como alguém sem nome.

Às vezes vem um médico me ver. Ele fica perguntando coisas, mas eu nunca respondo.

Eu nem sei mais como é a minha voz. Não sinto vontade de falar.

Fora a cozinheira, que faz biscoitos deliciosos e é sempre boazinha, ninguém parece prestar atenção em mim a não ser o *Homem* que *diz* que é meu pai.

Ele não é.

Eu não lembro muito bem do rosto do meu pai, mas ainda ouço sua voz em minha cabeça e esse *Homem*, que muda de ideia muito rápido sobre estar zangado ou feliz, não fala igual a ele.

Também não conhece nada sobre meu livro favorito.

Eu adoro ler e apesar da maioria dos livros que eu tenho serem em italiano, eu guardo o livro que o meu pai verdadeiro me deu como se fosse um tesouro.

Eles me ensinaram a ler em três línguas diferentes, então posso falar a língua do meu pai, que eu sei que é inglês por causa do livro, italiano e também francês.

A professora disse que eu tenho facilidade para aprender línguas e eu espero que isso seja uma boa coisa.

Adoro o som das palavras, apesar de não gostar de falar.

Um dia o *Homem* chegou em casa e eu estava segurando o meu livro-tesouro.

Ele o tirou das minhas mãos e tentou dizer algumas falas dos personagens, mas não conseguiu imitar a maneira engraçada como eu lembro que o meu pai fazia.

O *Homem* não é nem um pouco engraçado.

Ele grita com os empregados, apesar de nunca ter brigado comigo.

Acho que as pessoas sentem medo dele.

Eu também sinto.

Toda vez que chega de viagem, traz presentes e diz que sou a pessoa mais importante da sua vida, mas eu não gosto dele.

Ele machucou a minha mãe.

As lembranças do último dia em que vi mamãe são confusas, mas sei que nós duas estávamos com medo.

Meu coração batia muito depressa e quando olhei no rosto dela, ela parecia sentir dor.

Eu quis ajudar, mas assim que entrei no escritório da casa, *o Homem* mandou que um dos seguranças me levasse embora.

Depois disso, nunca mais a vi. Isso foi no ano passado.

Ele contou que ela foi viajar, mas nenhuma viagem pode durar tanto tempo.

Fico triste ao pensar que ela me deixará aqui para sempre.

Não quero esquecer seu rosto como esqueci o do meu pai.

Eu tinha muitas fotografias de nós duas no meu quarto, mas depois que a mamãe foi embora, elas sumiram.

Sinto falta da minha casa antiga e da voz do meu pai dizendo que me ama.

Eu não sei quanto tempo tem que não o vejo, mas lembro que eu ainda não sabia ler.

Agora que já sei, escrevo cartas escondidas dizendo como sinto saudade.

Quando morávamos eu, a mamãe e o papai, eu não ouvia gritos, mas depois que viemos para cá, ela e o *Homem* brigavam todos os dias.

À noite, eu rezo antes de dormir e peço ao meu anjo da guarda para que meus pais venham me buscar.

Eu não ligo se essa casa tem uma piscina muito legal ou se da janela do meu quarto eu posso ver o mar.

Não preciso dos computadores que ele comprou e nem dos brinquedos ou as roupas bonitas.

Eu só quero a minha família.

Capítulo 5

Theo

Já passaram-se algumas semanas desde que conheci Lilly. Nos falamos todos os dias, várias vezes por dia.

Não consigo acreditar que finalmente tenho uma amiga verdadeira.

É quase como ganhar na loteria.

Ela é incrivelmente doce e apesar de só ter vinte anos, forte e determinada.

Ela está apaixonada pelo melhor amigo do seu irmão e acho que nenhum dos dois percebeu ainda que é recíproco.

Outro dia, fomos a um museu e ele veio em seu encalço.

Juro por Deus que o homem parecia prestes a me matar. Não ficou qualquer dúvida em mim que Amos é louco por ela.

Lilly não parece enxergar, mas então ela ainda é muito inexperiente. Não há como esperar que após ter vivido a vida toda em um colégio interno, seja a pessoa mais confiante do mundo.

Ela resolveu alugar um apartamento para si e ir embora da casa do irmão.

Fiquei admirado com sua coragem.

Lilly não teme sair de sua zona de conforto e esse é o primeiro passo se você quer crescer.

Sei que algo aconteceu entre ela e Amos, porque ela quis se mudar rapidamente, mas como não pareceu afim de falar a respeito, não insisti.

Não existe nada pior do que ser forçado a fazer confissões quando se está sofrendo.

Às vezes, a dor é tão grande que até mesmo compartilhar com outra pessoa machuca.

É assim sobre Orien.

Tenho na lembrança a maior parte das nossas conversas. Sua risada tímida e o jeito como movia a cabeça de um lado para o outro quando eu fazia alguma palhaçada. Era como se ele estivesse relutante em rir de mim, até finalmente desistir e gargalhar.

Eu adorava vê-lo sorrir porque era um sorriso desarmado, sincero. Tudo em Orien era verdadeiro, principalmente seu amor por mim e acho que talvez seja por isso que ele tenha ido embora. Porque ele não conseguiria fingir me amar e talvez não fosse mais capaz disso depois de provavelmente ter sido surrado pelos guarda-costas do meu pai.

Chega, Theo. Não vá por esse caminho.

Forço-me a focar no presente.

Ontem fomos a uma festa de gala na casa dos pais de Lilly.

Quero dizer, da mãe e do padrasto.

Gostaria de ter algo positivo para falar deles, mas não consigo.

A mãe é uma *socialite* cujo o maior interesse na vida é manter a aparência de família perfeita, quando na verdade, baseado nas conversas com Lilly, nunca deu a mínima para os filhos.

O padrasto - esse é um capítulo à parte.

Nora, a mãe, é fútil e vazia, mas Ramon é ruim.

Estou familiarizado com o conceito de sociopatia - ele encaixa-se como uma luva em meu pai - e, depois de anos convivendo com alguém que não dá qualquer importância a nada que não sejam os próprios desejos, posso facilmente reconhecer a maldade quando a vejo.

Tem algo muito errado com Ramon.

Apesar de tudo, a festa foi incrível.

Quase tão luxuosa quanto as recepções da entrega do Oscar.

Passei boa parte dela conversando com um famoso diretor de teatro. Eu conheço e admiro seu trabalho.

Ontem, bastaria um movimento meu e poderíamos ter ido para casa juntos, mas apesar de nunca ter tido um relacionamento sério, tampouco faço sexo

casual. Eu preciso estar envolvido com a pessoa para me entregar.

A sensação de usar e ser usado não me agrada e quanto mais velho fico, mais perco a esperança de encontrar minha outra metade.

Talvez você já a tenha achado - uma voz volta a falar no fundo da minha mente, mas eu a calo depressa.

Não quero pensar mais nisso.

Amos chegou inesperadamente na festa ontem e vi quando Lilly e ele foram embora.

Então hoje à tarde ela ligou e pediu que eu comprasse alguns brinquedos para uma criança pequena.

Apesar de não ter entendido nada, providenciei e estou indo apanhá-la agora. Talvez possamos jantar juntos, se ela não tiver planos com Amos.

Quando ela ligou, deu o endereço de um clínica e disse que passaria o dia lá.

Mandei-lhe mensagem mais cedo para saber a que horas sairia e como contou que Amos não estava com ela, resolvi vir buscá-la.

Estaciono em frente à clínica e olho ao redor.

Sou muito atento ao mundo. Gosto de estudar as pessoas e é assim que reparo em um veículo com três caras em volta.

Pense em um grupo fora de lugar. Eles destoam totalmente da paisagem.

Todos estão vestidos de preto e parecem enormes, recostados em uma *SUV* à cerca de dez metros do meu carro.

Eles observam-me e retribuo o favor.

Quando se vive sozinho, você aprende a desconfiar das pessoas, principalmente pelo fato de eu ser *gay*.

Apesar do meu tamanho, alguns caras já pensaram que poderiam crescer para cima de mim. O que nenhum deles fazia ideia, é que sou um sobrevivente.

Depois que saí de casa, só pude contar comigo mesmo, então investi em defesa pessoal.

Não sou de entrar em brigas, mas após o dia em que fui facilmente desacordado pelos seguranças do meu pai, decidi que precisava aprender a cuidar de mim mesmo.

Sou faixa azul de *jiu-jítsu* e apesar da improbabilidade de que um dia seja eu a começar uma briga, se for forçado a uma, não sairei dela morto tampouco.

Vejo Lilly deixar a clínica e o instinto me faz olhar para os caras do carro ao lado. Ela passa por eles totalmente alheia ao fato de que está sendo observada.

Deus, a menina é inocente demais para esse mundo.

“Oi, coisa doce. E então, nosso menino curtiu os presentes?”

Ela me dá um sorriso digno de comercial de pasta de dentes e a seguir, me abraça.

“Ele adorou. Muito obrigada.”

“Sempre à disposição, princesa. Vamos para sua casa?”

“Sim. Amos disse que me encontrará lá mais tarde. Você não precisava ter vindo me buscar. Deve estar cansado por causa da festa.”

Olho para ela e ergo uma sobrancelha.

“Desconfio que nós dois estamos. Você não me engana, garotinha.”

Suas bochechas ficam da cor de um tomate.

“É, acho que podemos dizer que a noite foi bem ativa.”

Gargalho com gosto.

“Lilly você é uma contradição. A freira mais quente da história.”

“Se me chamar de freira outra vez eu vou bater em você.”

Estamos já há algum tempo na estrada e quero perguntar se os caras no outro carro têm alguma relação com Amos.

Desconfio que sim porque não senti qualquer vibração negativa vindo deles.

Será que o namorado colocou seguranças atrás dela? E nesse caso, por quê?

Penso em uma maneira de tocar no assunto sem parecer intrometido quando noto, pelo espelho retrovisor, um carro aproximar-se rapidamente.

Lilly está ao telefone e eu tento acelerar porque, por mais louco que seja, parece que o veículo está vindo diretamente para cima de nós - o que não faz o menor sentido, já que a estrada está vazia.

Que porra está acontecendo?

Para meu absoluto terror, quanto mais velocidade eu imprimo, mais o motorista de trás acelera.

Posso ver que é um homem e faço o possível para não assustá-la, mas a verdade é que eu mesmo já estou começando a entrar em pânico.

Rezo para conseguir me esquivar da colisão, mas o louco parece estar em uma missão e não consigo evitar a batida.

Tento me manter na estrada, mas meu carro esporte não é páreo para a *pick-up* enorme dele.

Assim que nos atinge, começamos a girar perigosamente.

Agora estou apavorado de verdade.

Se houvesse um automóvel vindo na direção contrária, estaríamos mortos.

Segurando o volante com firmeza, piso no freio e após rodar mais uma vez, caímos em uma vala.

Quando confiro que nós dois estamos bem, saio do carro um pouco louco.

Não sou um cara violento, mas sinto vontade de acertar o cretino.

Capítulo 6

Theo

Os acontecimentos seguintes parecem fazer parte de um pesadelo.

Um homem de cabelo alaranjado anda em minha direção. Deve ter por volta de cinquenta anos e mesmo antes que chegue perto o suficiente, sei que cometi um erro ao sair do carro.

Seu rosto é vazio de qualquer emoção e levo poucos segundos para perceber que ele não está aqui para se desculpar.

Ele quer nos fazer mal.

Olho rapidamente para conferir se Lilly ainda está no carro e quando torno a me virar, o ruivo tem uma arma apontada para o meu peito.

Estranhamente, meu nervosismo estabiliza-se.

Minha única preocupação é proteger minha amiga. Algo me diz que ele está aqui por ela.

Esse homem não nos encontrou aleatoriamente. Ele sabia o que estava fazendo.

E como se as coisas não pudessem ficar piores, ouço a porta abrir e sei que Lilly saiu.

Ela vem para o meu lado e Amos grita ao telefone, mas não consigo entender o que diz.

“Eu sinto muito.” - desculpo-me com ela, sem desviar o olhar do cara.

O homem aponta a arma para Lilly agora, enquanto com a outra mão pede o celular.

“Você é mais bonita pessoalmente, amorzinho.” - diz e minhas suspeitas são

confirmadas.

“Lillyana, fale comigo. Quem está aí?” - Amos torna a gritar.

“Amos…”

Posso sentir o medo em Lilly e quando ela faz o que ele pede, a pergunta seguinte do homem me choca para caralho.

“Olá, filhinho. Estava com saudade do papai?”

Esse doente é sogro dela?

Não, há algo errado.

Amos é moreno, de cabelos negros. Não existe combinação genética que seja capaz de gerar uma descendência tão diferente.

Estou confuso, mas sei que preciso agir.

Nunca lidei com armas de fogo e tento adivinhar se poderei ser rápido o bastante para tirá-la dele antes que nos fira, mas não tenho certeza.

Um passo em falso e ambos morreremos.

Só que a decisão sai das minhas mãos no segundo seguinte, quando ouço a arma ser destravada.

Não deixarei que ele a machuque. Ela tem uma vida inteira para viver. Já a minha, não vale muita coisa.

Jogo-me na frente do seu corpo para protegê-la e mesmo que devesse esperar por isso, tomo um susto quando sinto calor se espalhar pelo meu braço. A seguir, uma dor aguda desponta no ombro.

Ainda assim, continuo entre ela e o criminoso.

Sei que ele vai atirar novamente, mas eu não me importo com o que aconteça comigo desde que Lilly esteja segura.

Então, um gigante loiro aproxima-se por trás do ruivo.

Ele é muito alto, pelos menos uns dez centímetros a mais do que eu, mas apesar do seu físico, é inacreditavelmente silencioso e mesmo que também tenha uma arma, não a usa.

Como se aquilo fosse tão fácil quanto respirar, imobiliza e desarma o ruivo, ao mesmo tempo que sinto um líquido quente escorrer pelo meu braço.

Quando olho, há uma mancha vermelha espalhando-se rapidamente pela

camisa.

A adrenalina finalmente começa a baixar e sinto-me pesado.

Viro para Lilly e ela está chorando.

Quero dizer que tudo ficará bem, mas não consigo manter os olhos abertos.

◆◆◆

Não sei quanto tempo se passou.

Minutos, horas ou dias.

Recupero e perco a consciência diversas vezes.

Ouço o choro dela.

Em um outro momento, quando abro os olhos, Amos conversa com médicos.

O gigante aparece em meu campo de visão todas as vezes.

Há vozes e tumulto em volta. Também escuto sirenes de polícia.

Eu só quero dormir.

◆◆◆

Quando acordo, a primeira sensação a me atingir é frio.

Olho ao redor e tudo em volta é branco.

Sei que não estou em casa. Eu odeio lugares assim.

Meu apartamento é cheio de cores. Gosto da sensação de calor que elas passam.

Cada canto também é preenchido com memórias de viagens que fiz.

Talvez ele não ganhe um concurso de *design*, já que há uma mistura louca de estilos, mas é o lugar no mundo em que mais amo estar.

Eu poderia ter contratado alguém para decorá-lo, mas preferi fazer eu

mesmo. Aquele é o meu universo, onde sinto-me seguro.

De repente, uma onda de pavor me atinge.

Eu morri?

Tento levantar, mas meu corpo não responde.

Um suor gelado brota em minha testa devido ao esforço. Minha boca boca está seca e a cabeça dói.

“Não se mexa.”

A voz é grave e percebo que vem de alguém acostumado a ser obedecido.

Em pouco tempo, o gigante loiro surge.

Não há qualquer traço de simpatia em seu rosto. Ao contrário, o maxilar está trincado, como se estivesse tenso.

Apesar disso, ele não me causa medo.

“Lilly?” - pergunto.

“Ela está bem. Foi para casa com Amos.”

“E o homem?”

“Morto.”

Ele responde como se não fosse grande coisa. Como se estivesse satisfeito com o resultado e eu não posso evitar um estremecimento.

“Eu quero ir para casa.”

Não sei quem é esse cara e não tenho certeza se desejo saber. Só quero minha vida de volta.

“Não hoje.”

“Por que?”

Ele suspira irritado e eu desvio o olhar. Tenho a sensação de que o último lugar em que ele gostaria de estar é aqui.

“Porque alguém precisa cuidar de você, já que não parece ser capaz de fazê-lo.”

Capítulo 7

Theo

Quando acordo novamente, ele está ao lado da cama, observando-me.

Além de muito alto, o homem é forte também.

Não é aquele tipo de musculatura construída em academia. Dá para perceber que todo ele é sólido.

Apesar do rosto fechado, pode ser considerado bonito, ainda que de uma maneira um tanto áspera.

O cabelo loiro é quase raspado, deixando mais que se adivinhe do que confirme a cor.

O maxilar é quadrado e os olhos são de um azul tão claro que nem parecem de verdade.

Ele tem uma cicatriz na bochecha esquerda que, se não estou enganado, parece ter sido feito à faca, mas nem ela consegue estragar o conjunto.

Ele é muito atraente, mas parece totalmente alheio sobre como chama a atenção.

Não sei se é porque foi pego de surpresa, mas seu rosto não demonstra mais tanta animosidade. Apesar disso, sinto-me intimidado.

A despeito do que mostro para o mundo, não sou extrovertido. Gosto de gente, mas nem sempre quero interagir.

Combato em uma base diária dentro de mim a necessidade de ser aceito. Minha terapeuta disse que é por isso que estou sempre tentando fazer as pessoas sorrirem. Porque quero que elas gostem de estar ao meu redor.

Só que na maior parte das vezes, eu não estou feliz realmente.

Não consigo segurar seu olhar por muito tempo e focando na janela,

pergunto.

“Por que está aqui comigo?”

Ele demora tanto a responder que volto a encará-lo.

“Amos me pediu para ficar de olho em você.”

“Ah, sim.” - bom, parte do mistério está explicado - “Obrigado por nos salvar.”

Ele rapidamente afasta-se, como se minhas palavras o incomodassem.

“Eu estava fazendo o meu trabalho.”

“Certo.”

Deus, esse tem que ser um dos momentos mais constrangedores da minha vida e isso não é pouca coisa se você considerar que fui criado por um homem que me lembrava a cada dia o quão inadequado eu era.

“Quanto tempo terei que ficar internado?”

Opto por um assunto neutro já que ele não parece disposto a me dar qualquer tipo de explicação sobre o que aconteceu. Assim que eu estiver melhor, tentarei falar com Lilly.

Se ele disse a verdade, pelo menos ela está segura.

Isso é o suficiente no momento.

“Você não deveria ter se jogado na frente da arma.”

Pela primeira vez desde que começamos a conversar, não há gelo em sua voz.

“Eu não deixaria que ela fosse machucada.”

Ele aproxima-se novamente, parecendo zangado.

“E quanto a você?”

“Ela tem muito o que viver ainda.”

“E você não?”

Não entendo o porquê de tantas perguntas. Que diferença faz para ele eu estar vivo ou morto? Nós não nos conhecemos.

“Quantos anos você tem?” - ele continua empurrando.

“Por que isso é importante?”

“Responda.”

“Idade suficiente para cuidar de mim mesmo.” - não quero soar como uma criança mimada, mas ele está pressionando e eu não reajo bem quando sou acuado.

Depois de um tempo, suspiro irritado.

“Quase vinte e seis.”

“Você parece mais jovem.”

Não respondo.

Ao invés, ergo uma sobrancelha esperando que ele explique-se, mas é óbvio que não faz.

“Quem é você?”

“Eu trabalho com Amos.”

Não faço a menor ideia do que isso significa, mas não sou o tipo de pessoa que fica xeretando a vida alheia, tampouco.

“E você tem um nome?”

“Todo mundo tem um, Theodoro.”

Incrivelmente, ouvi-lo chamar meu nome completo não me irrita como sempre ocorre.

“Blood.” - diz.

“Blood? Isso não é um nome. Você é uma espécie de agente que precisa de um codinome ou algo assim?”

A ideia é absurda a princípio, mas quando volto a observá-lo, fico em dúvida.

Ele poderia perfeitamente ser um.

“É um apelido que meus companheiros me deram.”

Mais uma vez não compreendo o significado de sua declaração, então decido forçar um pouco mais a barra.

“Que tipo de companheiros?”

“Soldados.”

Finalmente as peças começam a se encaixar.

Lilly não falou nada sobre a profissão de Amos e eu também nunca perguntei, mas agora consigo ter uma noção.

A velocidade com que o gigante chegou até nós e a eficiência com que desarmou o homem ruivo.

Sua postura tensa e desconfiada e os modos um tanto rudes.

A força que ele emana.

Um soldado.

“E o que você está fazendo em um quarto de hospital, soldado?” - pergunto, recusando-me a usar seu apelido.

“Não tive opção.”

Eu sei que ele provavelmente está apenas sendo honesto, mas não lido bem com o sentimento de rejeição e sua última resposta encerra definidamente nossa conversa.

“Sinto muito por isso.”

Volto a olhar a janela, concentrando toda a minha energia para não deixa transparecer qualquer emoção.

Ele não faz ideia de como suas palavras me feriram.

Tirando Lilly, as pessoas só ficam ao meu redor porque tem que fazê-lo, por um motivo ou outro.

Talvez seja o fato de estar internado, porque é a primeira vez que eu lembre que sinto minhas paredes protetoras ruírem.

A solidão bate quase como uma dor física.

Quando acho que não estou mais me expondo, que ele não perceberá que tocou em meu ponto fraco, fecho os olhos e finjo que adormeci.

Sou um especialista em não permitir que enxerguem o que sinto.

Capítulo 8

Blood

Eu não sou um cara que costuma ficar parado por muito tempo. Minha cabeça está sempre planejando, pensando dois passos à frente.

Dito isso, tento entender o porquê de estar tão bem só observando Theodoro dormir no quarto de hospital.

Não é algo que eu já tenha feito - temos dezenas de homens que poderiam estar aqui vigiando-o, mas desde que os resgatei, não consigo me afastar. Em algum nível, sinto-me responsável por ele.

Eu já lidei muito mais vezes com a morte do que gostaria.

Sendo um ex-combatente, tenho diversas delas em minhas costas e vi homens aparentemente corajosos chorarem como crianças quando postos à prova, então me chocou para caralho ver como Theodoro sequer hesitou antes de entrar na linha de tiro.

O garoto é um tanto suicida e agora, eu quero entender o motivo.

Então, o que eu falei sobre não estar aqui por escolha é mentira.

Fiquei porque ele me intriga.

Eu já havia pesquisado-o mesmo antes do atentado contra suas vidas.

Quando Amos me pediu para cuidar da segurança de Lilly pessoalmente, a primeira coisa que fiz foi vasculhar todos em volta dela e, pelo que descobri, ele é seu amigo mais próximo atualmente.

Ao ler os arquivos, formei um retrato mental que aos poucos está se desmanchando.

Theodoro é filho de um bilionário grego conhecido por não ser, digamos assim, muito ético em suas transações comerciais.

Ao juntar sua riqueza familiar, a beleza digna de um modelo à juventude, formou-se a imagem de um *playboy* vazio e talvez um pouco estúpido.

Sim, eu o julguei antes de conhecê-lo.

Não tenho muita fé na natureza humana, para ser franco.

Só que a nossa última conversa me fez ver que talvez haja uma razão para Lilly adorá-lo.

Eu sou um solitário. Sempre fui, mesmo durante os poucos meses em que tentei fazer meu casamento funcionar. Meu mundo está dentro da minha cabeça. Não compartilho informações e tampouco mostro às pessoas o que sinto.

Desse modo, é fácil para mim reconhecer um igual.

Independente da vida glamourosa que leva, de quão famosos sejam seus conhecidos, Theodoro é muito mais parecido comigo do que eu poderia supor.

Só que eu tenho a casca grossa e ele deixa-se atingir facilmente.

Sou observador.

Analisar pessoas não é sou meu trabalho, mas parte da minha natureza então, sua tentativa de fingir indiferença não me enganou.

Normalmente não me deixo levar por qualquer emoção, mas hoje cedo fiquei irritado com a pouca importância que ele dá a si mesmo.

Talvez os sete anos de diferença entre nós pareçam pouco, mas perto do que já vivi, da quantidade de doentes que cacei e eliminei tanto na época em que era soldado, quanto depois que passei a trabalhar na empresa de segurança de Amos e Ethan, ele não passa de um bebê.

Tirando Lilly, Theodoro não tem qualquer amigo e, apesar de não ter me aprofundado na pesquisa sobre sua família, o fato de nunca visitarem-no me diz que não há uma boa convivência.

Ele é filho de um grego orgulhoso, então tenho um palpite que esse afastamento talvez se dê por conta de sua identidade sexual.

Ainda hoje é difícil para as pessoas entenderem que não é uma escolha. Não há como se obrigar a sentir atração por uma mulher. Eu tentei durante algum tempo para satisfazer meus pais.

Sou filho de um general do exército e de uma mãe extremamente religiosa,

então você talvez consiga criar um quadro do que foi crescer com dúvidas sobre minha sexualidade.

Não, isso é mentira. Nunca houve qualquer dúvida, somente a tentativa de me adequar, de ser o que eles esperavam de mim.

Jamais senti vontade de me vestir como uma mulher ou imitar seus trejeitos, no entanto.

Nasci homem e não tenho problema com isso. Somente não sinto tesão por pessoas do sexo oposto.

Não tenho nojo, horror ou qualquer coisa do tipo.

Eu poderia fingir uma vida inteira se quisesse, mas mesmo que as brigas com meu pai ainda me assombrem, sei que seria infeliz para sempre se continuasse insistindo em me relacionar com mulheres.

Apesar de ter sido sincero desde o início, jamais deveria ter me envolvido com Stela.

O sexo não era nada mais do que satisfatório. Uma necessidade fisiológica a ser saciada. Não havia uma conexão entre nós porque eu nunca a amei.

Na verdade, olhando para trás, sequer a admirei como pessoa.

Ela era divertida. Talvez tenha sido isso o que chamou minha atenção a princípio, já que sou muito fechado.

No entanto, depois de apenas dois meses nos vendo casualmente, sabia que precisava pôr um fim naquilo. Não era justo forçar uma relação que não nos levaria a lugar algum.

Na noite em que fui vê-la para encerrar nossos encontros, ela falou que estava grávida e mesmo apavorado, fiz o que considerei ser o certo.

Nunca vou me arrepender por ser pai da minha filha, mas não deveríamos ter nos casado.

Olho para o leito do hospital.

Ele fingiu dormir por um tempo e eu, que acreditava.

Agora está recostado aos travesseiros, ignorando-me deliberadamente.

Infelizmente, não consigo fazer o mesmo - estou atento a cada respiração sua.

Há uma fragilidade em Theodoro que mexe comigo.

Ele deve estar se sentindo só, mas não sou o tipo que consola, então sinto um alívio fodido quando vejo a namorada de Amos entrar no quarto.

Ela é uma coisinha pequena e sorridente, lembrando-me a fada Sininho.

O contraste com Amos não poderia ser maior.

Sei que meu amigo está apaixonado pela irmã de Ethan. Vi o desespero em seu rosto ontem, enquanto conferia se ela estava realmente inteira.

“Bom dia.” - ela fala olhando para mim e faço um aceno com a cabeça.

Tudo bem, eu não ganharia um concurso de simpatia.

“*Hey*, soube que estava rolando uma festa por aqui.” - diz e eu acompanho a troca entre os dois.

“Você não é engraçada, boneca.”

Pela primeira vez desde que acordou, ele sorri.

“Eu sou incrivelmente hilária.”

“Vem aqui, doce. Preciso ter certeza de que está bem.”

Observo o carinho entre eles e como Theodoro muda perto dela. Parece um garotinho necessitado de amor.

“Nunca mais faça uma merda dessas.”

“Você acabou de xingar, irmã? Freiras estão autorizadas a falar palavrão?”

“Eu só não vou mostrar quem é a freira porque não bato em homens indefesos. Não arrisque-se novamente por minha causa. Eu nunca me perdoaria se alguma coisa acontecesse a você.”

Graças a Deus a garota tem bom senso. Quem sabe consiga colocar um pouco de juízo na cabeça dele.

“Eu não podia deixar que aquele homem a machucasse.” - ele repete o que me disse.

Só consigo ouvir parcialmente o que conversam agora, porque estão cochichando, mas aposto minha bunda que é de mim.

Tenho certeza de que não causei uma boa impressão.

“*Huh…* ele não é muito de falar, de modo que também optei pelo silêncio.” - Theodoro responde ao que quer que ela tenha perguntado, confirmando minhas

suspeitas.

“Eles disseram quando você será liberado?”

“Amanhã, ao que tudo indica.”

“Quer ir lá para casa?”

Ele olha rapidamente para mim.

“Eu não sei. Acho que prefiro estar sozinho um pouco.” - e depois de uma pausa, pergunta - “Você leu o jornal hoje?”

“Não, obrigada. Sempre pego um resumo dos acontecimentos no fim da tarde. Começar a manhã com um monte de notícias ruins não está entre as minhas três coisas favoritas.”

“Lilly…”

Ao invés de mandar que Theodoro explique-se, ela olha para mim parecendo assustada.

“Meu irmão?”

Sacudo a cabeça, negando.

“Seu padrasto.”

“O que há de errado com Ramon?”

“Ele foi preso.”

“Preso? Por que?”

Theodoro responde em meu lugar.

“Acho melhor você perguntar isso ao seu namorado. Tenho a sensação de que ele sabe muito mais a respeito do que qualquer outra pessoa.”

Ele não faz ideia de como está certo.

Capítulo 9

Blood

Estamos entrando na casa dele depois dos meus homens terem verificado o apartamento.

Não acredito que a organização criminosa venha atrás de Theodoro. Ele não era o alvo, mas Lilly.

Eles sabem agora sua importância na vida de Amos.

Apesar disso, estou sempre contando com o pior.

Você nunca conseguirá adivinhar realmente o que se passa em uma mente perversa, então opto por considerar várias situações diferentes.

Estranhei quando ele não quis ficar com a amiga. Pensei que não hesitaria, já que parece que Lilly é a pessoa com quem ele mais gosta de estar.

Theodoro é uma contradição.

Ao mesmo tempo que posso quase tocar sua necessidade de contato físico, ele é autossuficiente - o que me diz que acostumou-se à solidão.

Isso não deveria despertar nada em mim, mas faz.

Meu universo tem estado suspenso desde o desaparecimento da minha filha. Eu não consigo vivenciar emoções - minhas ou das pessoas ao redor.

No entanto, a partir do momento em que o socorri, estou atento a tudo ao seu respeito.

Ele ainda está pálido e um pouco abatido, mas assim mesmo é de longe o homem mais bonito que já vi.

Está vestindo um moletom fechado com zíper por causa do curativo no ombro e mesmo em roupas casuais, ainda lembra uma celebridade.

Antes de abrir a porta, ele surpreende-me perguntando.

“Você vai ficar?”

Eu não havia pensado sobre isso.

Amos mandou vigiá-lo, mas poderíamos fazê-lo do lado de fora do seu prédio, como será a segurança de Lilly, só que agora que me vejo obrigado a tomar uma decisão, percebo que não quero ir para longe.

Ainda assim, opto por uma resposta indireta.

“Não é seguro deixá-lo sozinho por agora.”

Ele vira-se para me olhar e tenho quase certeza que há mais perguntas a serem feitas, mas parece desistir no meio do caminho, apenas acenando com a cabeça.

“Certo.”

Seguro a porta para ele passar e quando entramos, fico surpreso com o que vejo.

Theodoro parece um garoto sofisticado, por tudo que pude descobrir ao seu respeito, mas entrar em seu apartamento é como ser apresentado a sua alma.

Você não precisa ser a pessoa mais observadora do mundo para entender que ele escolheu cuidadosamente cada item do lugar.

Não é nada como aquele tipo de apartamento super arrumado que aparece em revistas de arquitetura.

Isso aqui é um verdadeiro lar.

Almofadas coloridas estão espalhadas em um sofá que convida a sentarmos nele após um dia de trabalho. Também há uma manta sobre uma poltrona que, pela quantidade de coisas em volta, adivinho ser a sua favorita.

Mas o que me surpreende mesmo são os livros.

Além de preencherem boa parte de uma estante, você pode encontrá-los por todos os lugares.

Sobre a mesinha no centro da sala, assim como também nas mesas laterais.

Em um console na sala de jantar e na bancada da cozinha.

Volto-me para olhá-lo.

Ele está parado, recostado à porta, observando-me também.

Foco no rosto de traços perfeitos e vejo-me obrigado a reconhecer que há muito mais conteúdo no rapaz do que eu havia prejulgado inicialmente.

“Eu gosto daqui.” - falo, antes que possa me parar.

Em resposta à declaração, ele sorri.

É a primeira vez que seu sorriso é para mim.

Sua beleza é fodidamente impactante, mas é o mistério no rosto jovem o que realmente me prende.

Ele já sofreu.

Aqui, em sua casa, ele parece relaxado e talvez sem notar, deixou vir à superfície o que esconde do mundo.

Eu não tive mais qualquer envolvimento desde que me casei.

Apesar da farsa que foi nossa união e de que eu e Stela não tínhamos mais contato físico muito antes de Belinda nascer, ainda considero-me casado.

Eu nunca traí.

Não é da minha natureza trapacear e eu estava bem com isso até agora, mas é difícil ignorar a atração que sinto por ele.

“Você pode ficar... se achar necessário.” - ele faz isso soar de maneira casual, como se tanto fizesse a decisão que eu tomasse, mas não compro seu blefe.

Ele não quer que eu vá.

Não costumo prestar atenção às necessidades das pessoas, mas percebo a tristeza em seu olhar.

“É o melhor a ser feito no momento.” - devolvo, tentando manter o rosto impassível.

“Tudo bem. Eu tenho três quartos aqui, mas além do meu, o outro é um escritório. Então acho que não há muita opção. Só resta um para hóspedes.”

“Eu não me importo. Não estou de férias.”

Ele olha-me em silêncio e depois completa.

“Mas também não está em um campo de batalha, soldado. Prometo não contar a ninguém que você desfrutará de um pouco de conforto. Sua imagem de durão não será afetada.”

Deus, ele é impertinente.

Não sou dado a brincadeiras e nunca relaxo, mas não consigo deixar de sorrir depois do que ele diz.

Capítulo 10

Theo

Nunca imaginei que fosse tão difícil tomar banho com um braço só.

Tento fazer malabarismos para não molhar a atadura que cobre os pontos e digamos que estou tendo oitenta por cento de sucesso.

Não ajuda o fato de que não posso me concentrar.

Eu nunca trouxe um homem aqui.

Tudo bem. Não é como se o soldado lá fora fosse um encontro, mas se eu não estiver louco, há uma energia fluindo entre nós.

Em um primeiro momento, achei que ele fosse totalmente hétero, mas depois que o peguei olhando-me algumas vezes, já não tenho certeza.

Apesar disso, não houve qualquer interesse obscuro quando perguntei se ele iria ficar, eu apenas quis me preparar.

Essa foi a maneira que encontrei para controlar meu mundo. Antecipando ações alheias.

Nem sempre funciona, mas preciso ter um mínimo de segurança sobre onde estou pisando.

Ele saiu por cerca de uma hora, mas avisou que havia alguém na portaria vigiando-me.

Ainda não conversamos sobre a tentativa de sequestro que eu e Lilly sofremos, mas pretendo tocar no assunto após o jantar.

Sabe o que é estranho? À exceção de Lilly, eu não gosto de pessoas em minha casa, mas estou absolutamente confortável com ele.

Nós somos tão diferentes quanto duas pessoas podem ser. Ele parece estar sempre tenso.

Analisou cada pedaço da meu apartamento assim que entrou.

Caminhou por cada canto sem esperar convite e sei que, em parte, é porque seu trabalho consiste em encontrar falhas de segurança ou qualquer coisa que possa deixar-me exposto a um criminoso, mas notei também que estava curioso.

Determinou, sem me dar qualquer oportunidade de retrucar, que trocaria as fechaduras da sala e cozinha por um sistema mais sofisticado.

Normalmente esse tipo de afirmação me irritaria.

Demorei muito para conquistar a independência e ser dono do meu próprio nariz, então não é fácil ceder o controle da minha vida a alguém, mesmo sobre algo tão simples quanto a troca de uma fechadura, mas com ele, parece natural.

Quando voltou da rua, trazia uma mochila.

Não sei quanto tempo pretende ficar, mas não imagino-me indo para qualquer lugar por mais de um dia com uma simples mochila. Faço o tipo que peca pelo excesso de bagagem.

Olho no espelho sentindo-me quase humano novamente.

Apesar do rosto ainda estar abatido por conta da estada forçada no hospital, o banho fez maravilhas pela minha autoestima.

Sei que ele também usou o chuveiro.

Ouvi barulhos no banheiro de hóspedes e tento me lembrar se o preenchi com o que era necessário para receber alguém.

Nunca tive visitantes para passar a noite - à exceção de uma vez que Lilly dormiu aqui depois de brigar com Amos - então, não sei ao certo como ser um bom anfitrião.

Opto por vestir *jeans* e outro casaco de moletom com zíper. É o mais prático até que possa fazer uso novamente dos dois braços.

Depois de secar o cabelo com uma toalha, saio do quarto pensando se há alguma comida pré-pronta no *freezer*. Ainda sinto-me um pouco fraco e sem vontade de cozinhar.

Caminho pelo corredor, quando a porta do banheiro de hóspedes abre-se subitamente.

Eu deveria continuar andando, mas o cheiro de sabonete domina meus

sentidos e olho para trás.

Ele está parado, de calça, mas sem camisa.

Ele não tem pelos e é todo grande.

Nunca me senti atraído por um cara com seu tipo físico. Geralmente são os *nerds* que chamam a minha atenção.

Existe tanta força exalando dele que chega a ser quase brutal. Não há um grama de gordura extra em seu corpo e ele parece absolutamente confortável com pouca roupa.

“Eu vou preparar o jantar.” - obrigo-me a dizer.

Não posso ficar admirando-o como um idiota, apesar da ideia ser tentadora.

Ele não responde.

Sua economia de palavras me intimida.

“Não sei do que você gosta, mas acho que tenho uma massa congelada.”

O silêncio deixa-me inquieto e preciso fazer um esforço sobre-humano para não mudar de uma perna de apoio para outra.

“Não está com fome?” - tento mais uma vez.

Meu cérebro entra em curto quando ele se aproxima.

Estamos agora à cerca de meio metro de distância e talvez, invadindo o espaço pessoal um do outro.

“Sim.”

“Eu tenho um monte de refeições congeladas. Acho que será mais do que suficiente para nós dois.”

“Conseguiu tomar banho sem problema?” - ele muda totalmente de assunto.

“Si-sim…" - gaguejo - “quero dizer, precisei fazer algumas manobras, mas no fim deu tudo certo.”

“Trocou o curativo?”

“Ainda não. Pretendia fazer isso antes de dormir.”

“Deixe-me dar uma olhada.”

Estou tremendo e tenho medo que ele perceba.

Se eu fosse inteligente, me afastaria.

Há praticamente um letreiro luminoso sobre sua cabeça dizendo que irei me

machucar se nos envolvermos, mas a atração é forte demais para que eu recue.

Volto a entrar em meu quarto sem olhar para ver se ele me segue.

Lá dentro, abro o moletom e fico parado esperando o que fará a seguir.

“Sente-se.” - comanda - “Onde está o material para refazer o curativo?”

Aponto para uma sacola em cima da poltrona e ao invés de ir até lá, ele entra no banheiro da suíte.

Posso ouvir a água correndo e sei que deve estar lavando as mãos.

Ele pega o material e chega tão perto que posso sentir seu calor.

Seus movimentos são confiantes e ao primeiro contato dos dedos grandes e ásperos em minha pele, eu estremeço.

“Dói?”

Olho para os meus pés, envergonhado.

Se eu disser que não, entregarei que foi o seu toque que derreteu meu corpo, então opto por uma meia verdade e dou de ombros.

“Posso suportar.”

“Claro que pode. Você é forte, Theodoro.”

Eu o encaro.

“Não sou.”

Ele tira o curativo e começa a limpar o local.

Não tenho coragem de olhar.

Sempre tive problemas em ver ferimentos ou sangue. Fico tonto quase ao ponto de desmaiar.

“É sim. E corajoso também.”

Suas palavras remetem-me diretamente para o dia em que meu pai levou Orien para longe de mim.

“Você está enganado. Não sou nenhuma das duas coisas.”

Capítulo 11

Blood

Ele está calado desde que fiz o curativo.

Não sou exatamente o tipo de cara que relaxa, mas hoje gostaria de abrir um vinho e deixar a mente desligar por algumas horas. Experimentar, depois de anos, uma vida normal.

Eu o observo sem disfarçar enquanto ele come.

O jantar está gostoso, mas meu foco é totalmente nele.

Theodoro é um homem naturalmente refinado e mostra isso em cada pequeno gesto. Parece um nobre até mesmo na forma que se movimenta. A sensação é de que não pertence ao tempo presente. Como um príncipe de uma época distante.

Bonito, educado e incrivelmente charmoso.

Ele nunca sorri de rosto inteiro.

É sempre a sombra de um sorriso - alguma coisa entre a ironia e autodepreciação, como se não se levasse a sério.

Também não age naturalmente comigo como fez com Lilly no hospital. Lá, ele não pareceu preocupado em medir as palavras, mas quando nós dois conversamos, noto que pensa antes de dar cada resposta.

Será que também percebe a vibração entre nós?

Desde que me dei conta de que sentia atração por homens, claro que chamava minha atenção quando via um cara bonito, afinal é nisso que baseia-se a atração física basicamente - na beleza.

E sobre beleza, Theodoro faz com que a palavra seja insuficiente. Ele é lindo para caralho.

Bonito e rico seria uma combinação quase perfeita para fazer dele alguém arrogante e autocentrado, mas do que vi até agora, ele coloca o bem-estar daqueles que ama à frente do seu.

“Fale-me sobre você.” - tentei manter as coisas em um plano impessoal porque achei que seria o melhor para nós dois, mas nunca fui um covarde e não vou ignorar o que ele me faz sentir.

“Não há muito a contar.” - responde, antes de me encarar - “Além do mais, você disse que trabalha com Amos. Eu não sei o que vocês fazem, mas se eu tomar por base o modo como ele vigia Lilly e o que você disse sobre ser um soldado, é algo ligado à segurança. Assim, tenho certeza de que os dois sabem mais da minha vida do que eu mesmo.”

Ele não diz isso de uma maneira acusatória, mas apenas como que atestando o óbvio.

“Você está certo, mas eu quero ouvir a parte que não está nos arquivos.”

Ele olha sem me deixar adivinhar o que se passa em sua mente e por um momento, acho que não responderá, mas então dá de ombros.

“Por que isso seria importante?”

Foco no rosto bonito e vejo a insegurança por trás da fachada de indiferença.

“Conte-me.”

Ele descansa os talheres no prato e me olha.

“Eu sou filho de um grego com uma inglesa. Tenho quatro irmãs e nenhum dos meus avós está vivo.” - começa - “Saí de casa aos dezoito anos e vim morar aqui. Estudei moda por três anos em Paris e depois de formado, voltei para a América.”

“Por que?”

“Eu não senti vontade de ficar definitivamente na Europa.”

“Não. Por que você saiu de casa aos dezoito anos?”

Ele põe-se imediatamente tenso e algo me diz que aí está o ponto central da questão.

“Eu não costumo falar sobre isso.”

Não respondo.

Não o empurrarei se ele não quiser contar, mas espero que o faça.

“Tudo bem.” - suspira - “Eu não tenho um bom relacionamento com meu pai.”

“E o que mais?”

“Como assim?”

“Você veio para cá por que?”

“Para manter a maior distância possível entre nós.”

“Você o odeia?”

Intuo que há mais do que o pai simplesmente não aceitar sua identidade sexual.

Eu cresci sabendo que jamais conseguiria ser o que meu pai desejava e tirando o gosto por armas, nós nunca tivemos nada em comum.

Gosto de música clássica e não sou de socializar.

Tenho minhas opiniões, mas não sinto vontade de forçá-las nos outros - o que é exatamente o oposto do meu pai e nossas interações podiam rapidamente escalar para ofensas sérias de sua parte.

Eu nunca o confrontei, apesar disso. Procurava manter a calma e respeitá-lo. Não importava o quanto ele tentasse se impor, eu nunca disse como considerava sua mentalidade engessada. No fim de tudo, ele ainda era meu pai.

Eu não o admiro - longe disso - mas não o detesto tampouco.

No entanto, Theodoro parece ter uma história bem mais pesada por trás.

“Sim.” - ele finalmente responde - “Eu acho que o odeio.”

“Por não aceitá-lo?” - sei que estou entrando sem qualquer sutileza em seu espaço privado, mas não consigo me parar.

“Não por isso. Eu sempre fui diferente dos outros rapazes e pensava haver algo de errado comigo. Tentei mudar, mas falhei.” - porra, isso é muito doído de se ouvir. É quase como a minha própria história - “Eu o odeio por machucar as pessoas até que elas encaixem-se no modo doentio com que ele enxerga a vida.”

“Ele machucou você?” - somente a ideia me deixa louco.

“Fez pior. Machucou a única pessoa que me amava e com isso, meu amigo foi embora para sempre.“

Capítulo 12

Theo

Ele não para por um só minuto. É como observar um leão enjaulado.

Após a conversa reveladora de anteontem, tenho procurado evitar contato. Não tive a intenção de falar tanto sobre mim. Não sou dado a confidências e é assustador como me abrir com ele é natural.

Sequer sei seu nome verdadeiro.

Sentado em minha poltrona favorita, pergunto-me por que ele optou por ficar comigo, ao invés de designar outra pessoa. Eu não sairia de casa de qualquer forma. Não estou com a menor vontade de conversar.

Mandei que meu assistente assumisse diversos compromissos enquanto monitoro-o à distância.

Nunca tirei férias, então acho que tenho mais do que direito de ficar fora por uns dias.

Volto a observar o homem sentado no sofá.

Ele não assiste televisão e parece estar sempre trabalhando, com o *laptop* constantemente aberto.

Tirando as horas em que fazemos as refeições, passamos a maior parte do tempo em uma distância civilizada - por minha escolha, diga-se de passagem, porque sei que vez ou outra ele olha para mim.

Meu celular toca e suspiro um pouco cansado quando vejo quem está chamando - Elina, minha irmã mais velha.

Não tenho vontade de atender, mas ela não desistirá.

Não sinto qualquer prazer em falar com ela. Elina é uma mistura de caraterísticas desagradáveis de ambos os meus pais.

Levanto e começo a andar porque não quero que ele ouça o que provavelmente será uma conversa difícil, mas então lembro de sua recomendação para que eu não fosse à varanda pois me transformaria em um alvo no caso de alguém estar de tocaia.

Irritado, desvio para o escritório.

Sei que ela está ligando porque descobriu sobre a tentativa de sequestro. Ainda que não tenhamos contato, de algum modo ela sempre sabe da minha vida.

“No que foi que você se meteu dessa vez?”

O carinho familiar não é uma coisa linda?

Nem sequer um - *Você está inteiro? Como está reagindo ao fato de quase ter sido morto?*

Não, a única coisa que importa para eles é se as minhas ações comprometerão o bom nome da família.

“O que você quer?”

Não sou um cara grosseiro.

Não é comum para mim ser rude com as pessoas, mas Elina sempre conseguiu empurrar todo o meu temperamento.

“Que você pare de nos envergonhar.”

Mesmo sem um pingo de humor, deixo escapar uma risada.

“Gostaria de saber como pode ser engraçado você estar envolvido com a polícia.”

Deus, ela jamais mudará.

“Eu não estou envolvido com a polícia como você já deve saber, irmã mais velha, mas apesar disso, não tenho que lhe dar qualquer satisfação, então diga-me sem enrolação o motivo de estar ligando ou me deixe em paz.”

“Você é tão vulgar, Theo. Papai desperdiçou dinheiro com sua educação para nada. Você não passa de um ingrato.”

“Eu vou dar um minuto para que fale o que diabos deseja antes que eu desligue.”

“Tirando minha pergunta não respondida de como você foi se envolver em

uma tentativa de sequestro e consequente suicídio, o pai de Orien está morrendo.”

Primeiro, acho que não ouvi direito.

Ela fala aquilo como se não fosse nada demais.

Como se estivesse anunciando o cardápio para o almoço e não pela primeira vez, questiono-me como posso ter qualquer laço sanguíneo com aquelas pessoas.

“Pensei que você gostaria de saber que a vida do pai do seu ex-melhor amigo está próxima do fim.”

Ela é inacreditável.

Como pode ser tão fria e falar sobre a morte do pai de Orien como se não significasse nada?

“Onde ele está?”

“Internado. Provavelmente papai com sua generosidade está custeando as despesas.”

Generosidade minha bunda.

Aristeu trabalhou como um escravo a vida inteira em troca de um lugar para criar o casal de filhos e comida em seus pratos. Fora isso, recebia um salário ridículo.

“O que há de errado com ele?”

“Câncer ósseo em estado terminal. Ele está doente há dois anos, mas há cerca de uma semana, piorou.” - responde, parecendo entediada - “Bom, era só isso. Veja se consegue manter-se longe de confusão.”

E a seguir, desliga sem se despedir.

Já estou acostumado ao modo como sou tratado pela minha família, então minha preocupação agora é outra.

Procurando na agenda no celular, encontro o número que preciso.

Odin.

O primo do meu melhor amigo.

Capítulo 13

Theo

Torço para que o número do seu celular continue o mesmo. Não procuro ninguém da Grécia desde que fui embora. Também não tenho a menor ideia se Odin vai querer falar comigo.

Ele é um cara fechado, o exato oposto do primo.

Cristo, mesmo após todos esses anos, pensar em Orien traz uma dor enorme.

Depois daquele dia em que meu pai o levou, nunca mais o vi.

Procurei desesperadamente.

Pedi e implorei a Aristeu que me dissesse seu paradeiro, mas só me deparei com portas fechadas. A única informação que ele me deu foi que o filho havia partido.

Eu me culpei por ter sido a razão dele abandonar o mundo que conhecia. Provavelmente, Orien passou a me odiar.

Meu pai finalmente conseguiu. Destruiu a única coisa boa em minha vida.

Senti vergonha por não ter podido protegê-lo.

Não sei o que aconteceu naquela noite, mas foi sério o suficiente para que ele fosse embora sem se despedir.

O que me fez sair da Grécia - além da razão óbvia de não poder mais conviver com meu pai depois dele ter batido em Orien na minha frente e consequentemente provocado sua partida - foi Aristeu ter dito, na última vez em que conversamos, que o filho não desejava mais proximidade comigo.

Nesse dia, eu finalmente me obriguei a parar.

Assim que completei dezoito anos, fui embora, mas mesmo depois de tanto tempo, eu queria ter a chance de pedir perdão a Orien.

Expulso as recordações e foco no que Elina contou.

Não acredito na suposta generosidade do meu pai para custear a saúde do empregado de maneira adequada. Vou verificar por mim mesmo.

Completo a ligação e espero impaciente.

Nada.

Deixo uma mensagem e torço para que ele não a ignore. Se Odin é como ainda lembro, nossa conversa não será fácil.

Dez anos mais velho do que eu e Orien, sua rudeza era visível desde cedo. Um homem de poucas palavras e que não parecia ter qualquer vontade de interagir.

Ele já não morava na ilha há muitos anos.

Quando saiu para cursar faculdade aqui na América, graças a uma bolsa de estudos por se destacar no basquete, eu e Orien ainda éramos crianças.

Depois de aguardar a resposta por alguns minutos, volto à sala pensando em um plano *b* caso ele decida que não quer falar comigo.

Se for assim, não haverá alternativa a não ser ir à Grécia.

Farei de tudo para que os últimos dias do pai do meu primeiro amigo verdadeiro sejam os mais confortáveis possíveis.

◆◆◆

Ele continua trabalhando quando estou quase chegando na sala e resolvo que entre ser ignorado e dormir, ficarei com a segunda opção.

“O que há de errado?”

Ele levanta e começa a andar comigo para o quarto como se isso fosse a coisa mais natural do mundo.

Parece ter assumido como sua a tarefa de trocar meu curativo e não sei se é muito inteligente da minha parte permitir que se aproxime tanto, mas o idiota

sedento de contato humano em mim é incapaz de dizer não.

“Por que acha que há algo errado?”

Ao invés de responder, ele ergue uma sobrancelha.

Olho para meus pés enquanto ele sai para pegar o material para o curativo.

Estou distraído e apenas quando estranho o silêncio é que percebo que ele está parado a minha frente.

“Tire a camisa.”

Eu não tenho qualquer problema com o meu corpo, mas também não faço o estilo *stripper* e somando isso a atração física que ele me desperta, uma inesperada timidez toma conta de mim.

Começo a abrir os botões, mas estou um pouco nervoso e me atrapalho, errando três vezes na tentativa de abrir um único.

Poderia dizer que é o fato de estar fazendo-o com uma mão só, mas a verdade é que ele me deixa encabulado.

Ele abaixa-se e afastando minha mão, começa a abri-la.

Por mais que eu tente me manter impassível, cada vez que ele livra um botão da casa, um arrepio atravessa meu corpo.

Não é pela proximidade somente, mas pela maneira como ele toma o controle da situação.

Para alguém sozinho como eu, isso é tão irresistível quanto o canto de uma sereia.

Olho seus dedos enquanto ele parece totalmente concentrado no que está fazendo.

As mãos são grandes.

Eu sempre gostei de mãos.

Acho que a beleza da mão é proporcionalmente oposta a feiúra dos pés.

Todos os pés são horrorosos - o meu inclusive.

As dele são lindas e seu toque é leve - o que é estranho se você considerar que é um gigante.

Quando ergo o olhar, ele está próximo e eu engulo em seco.

Nunca me envolvi apenas por sexo. Eu preciso conhecer bem a pessoa antes

de pensar em qualquer intimidade, mas nossa atração é explosiva.

“Conte-me o que aconteceu.”

É loucura que apesar de estarmos convivendo há tão pouco tempo eu tenha a sensação de que ele realmente se importa?

Tentando escapar da teia sensual, opto por caminhar para um terreno neutro, apesar de odiar falar da minha família.

“Minha irmã telefonou - a mais velha delas.”

“Elina.”

Não me causa espanto que saiba o nome dela - como já disse antes, tenho certeza de que ele e Amos descobriram muito sobre mim, então só dou de ombros.

“O que ela queria?” - pergunta, como se fosse seu direito questionar a minha vida privada.

“Qual é o seu nome?” - ele me olha confuso pela mudança de assunto - “Se vamos trocar confidências, preciso pelo menos saber seu nome verdadeiro.”

Estou meio brincando, meio falando sério.

Recuso-me a chamá-lo de Blood em voz alta. O apelido faz com que ele não pareça humano.

“Derek, mas ninguém me chama assim.”

“Ninguém me chama de Theodoro também, Derek.”

Ele me encara por um momento, mas alguns segundos depois a sombra de um sorriso aparece.

“Bom ponto.”

“Eu talvez tenha que ir à Grécia.”

“Não é uma boa hora. Uma coisa é garantirmos sua segurança aqui, outra é fazer isso em um país no qual não temos como montar uma operação adequada para vigiá-lo.”

Suspiro, cansado de todo aquele mistério.

“O que está acontecendo?”

“Lilly não contou?”

“Lilly sabe?” - devolvo a pergunta.

Ele começa a recolher os curativos sujos.

“Essas pessoas que tentaram feri-los são apenas uma célula criminosa em nosso país, mas eles estão espalhados pelo mundo todo. Eu não acredito realmente que virão atrás de você, mas não podemos nos arriscar.”

“Olha, eu não faço o tipo rebelde sem causa, okay? Acredite, não tenho a menor vontade de voltar à Grécia, nem agora e nem nos próximos cem anos, mas as chances de que eu tenha que fazê-lo são grandes.”

“Por que?”

“Alguém que já foi muito importante para mim está morrendo.” - ele fica em silêncio e eu completo - “Lembra quando eu falei sobre a pessoa que meu pai afastou de mim? O nome dele é Orien e ele era meu único amigo. Agora, seu pai está com câncer terminal e eu preciso ter certeza de que será bem cuidado.”

“E quanto ao filho?”

“O que?”

“O cara que foi seu melhor amigo? Não seria esperado que ele mesmo cuidasse do pai?”

“Pelo que Elina deu a entender, ele não está com Aristeu. Na verdade, eu nem sei se ele ainda mora na Grécia. De qualquer modo, não estou fazendo isso somente por ele. Aristeu sempre foi mais um pai para mim do que o meu próprio.”

Ele volta a se aproximar, mas não senta.

Parece tão imponente e seguro de si parado ali, olhando-me.

“Quando você precisaria ir?”

“Eu não tenho certeza. Necessito de algumas informações antes, mas provavelmente o mais rápido possível. Dois ou três dias no máximo. Pelo que a minha irmã falou, ele não tem muito tempo de vida.”

“Eu irei com você.”

“O que?”

“Alguém precisa cuidar de sua segurança, então é natural que seja eu.”

Ele acaba de explodir minha mente.

Por mais estranho que seja o arranjo de Derek morar aqui comigo, não chega

nem perto dele se oferecer para me acompanhar à Grécia.

“A última palavra que eu usaria para definir você ter que cuidar de mim é natural.”

“Por que?”

“Porque eu não sou sua responsabilidade e não entendo o motivo de, desde que isso não implique qualquer risco para Lilly, minha segurança ser tão importante. “

Ele olha-me por um tempo e quando começa a caminhar para fora do quarto, penso que ficarei sem resposta, até que ouço-o dizer.

“Eu não deixarei que nada aconteça a você.”

Antes que eu tenha chance de perguntar o que aquilo significa, ele sai.

Capítulo 14

Blood

Estou embaixo do chuveiro em uma tentativa não muito bem sucedida de que a água limpe minha mente confusa.

Apesar de ter sido fiel à Stela, eu não estava morto, então é claro que me senti atraído por caras bonitos. Só que nunca passou disso - olhares.

Sendo assim, não posso fingir que não percebi desde o começo as faíscas entre mim e Theodoro.

Só que o momento para nos envolvermos não poderia ser pior.

Eu vivo uma obsessão há cinco anos - encontrar a minha filha. Enquanto eu não alcançar meu objetivo, não poderei me entregar cem por cento a nada.

Penso no que ele contou.

Eu sabia que tinha quatro irmãs, mas não fazia ideia de que não se relacionava bem com elas também. Até então, assumi que o problema fosse os pais - o pai para ser mais específico - mas não preciso ser um adivinho para perceber que Elina, a irmã com quem ele falou hoje, não está entre suas pessoas favoritas no mundo.

Saio do banho pensando que amanhã terei que conversar com Amos. Avisar que Theo pretende sair do país e que irei junto.

Mais uma vez, eu poderia designar alguém em meu lugar, mas somente a possibilidade de que algo aconteça a ele sem que eu possa fazer nada para impedir, deixa-me doente.

No momento minha preocupação não é apenas com a organização criminosa que quase matou ele e Lilly, mas também o seu pai.

Aquilo que Theo disse sobre o homem ter afastado seu melhor amigo não me sai da cabeça.

E nem sua expressão ao falar do tal Orien.

Ele tem sentimentos pelo cara e por mais que eu diga a mim mesmo que isso não é da minha conta, me incomodou para caralho.

Pode existir alguma porra no inferno mais louca do que isso?

Sei que não faz sentido. Nós não somos nada um do outro e além do mais, pelo que ele deu a entender, Orien faz parte do passado.

Chega! Não quero mais pensar a respeito.

Tenho que organizar a viagem à Grécia, somente para o caso de que ela passe de uma possibilidade a algo real.

Precisarei contatar algumas pessoas lá porque não há como sair do meu país ou entrar no dele com armas e não irei para um lugar desconhecido sem proteção.

Mas antes disso, quero pesquisar Leandros Argyros mais a fundo.

E também o tal Orien.

Que tipo de pessoa sabe que o pai está morrendo e não vai para o seu lado?

◆◆◆

Eu não sabia ao certo o que estava procurando quando comecei a escavar a vida do pai de Theo, mas certamente nada me preparou para o que encontrei.

Sim, eu o verifiquei por alto no passado, quando fui designado para proteger Lilly e não precisei de mais do que algumas horas para achar vários buracos na maneira como enriqueceu.

Ele passou de filho de comerciantes de classe média para bilionário dono de uma ilha, assim como uma frota de navios com operações de exportação e importação em menos de dez anos, muito antes de Theodoro nascer.

Isso por si só já levantaria suspeitas do mais crédulo dos mortais, mas o que

eu acabo de descobrir vai muito além de um homem inescrupuloso que desrespeita leis em benefício próprio.

Leandros é um criminoso.

Ou melhor, é o cabeça de um grupo criminoso. Não só na ilha da qual é dono, mas também nas vizinhas e até mesmo em Atenas.

Ele atua como uma espécie de chefe de uma poderosa milícia, intimidando comerciantes para que paguem-lhe mensalidades em troca de proteção.

Só que esses comerciantes não estariam sob qualquer ameaça se não fosse o próprio Leandros.

Tornando curta uma história longa, se o pai de Theodoro vivesse na Itália, ele seria classificado como um mafioso.

Agora quero saber que tipo de exportação seus navios fazem, mas para isso, precisarei de Yan, nosso especialista em tecnologia.

Leandros é um homem ardiloso, tão mau como muitos com quem cruzei ao longo da vida e começo a ter dúvidas a respeito dele simplesmente ter ordenado ao amigo de Theodoro que partisse.

Fiz uma pesquisa rápida e é como se o rapaz, que tinha somente dezessete anos na época em que supostamente deixou a ilha, tivesse desaparecido no ar.

Temos detetives trabalhando para nós na Grécia e acabo de mandar uma mensagem para que descubram a verdade por trás dessa história, apesar da minha intuição dizer que ela não será boa.

No momento, o pai de Theodoro está vivendo uma espécie de inferno astral, com várias investigações de fraudes financeiras e sonegação de impostos em suas costas, além de desaparecimentos suspeitos de pessoas ligadas a ele.

Apesar de não ter certeza se Leandros seria capaz de fazer mal ao próprio filho, não darei nada por garantido. Irei com ele para ter certeza de que sua viagem seja breve e segura.

Eu acabo de abrir uma porta da minha vida e sei que não há mais como voltar atrás.

A partir desse momento, Theo é meu para proteger.

Capítulo 15

Theo

Estou recolhendo os pratos do almoço e frustrado para cacete por não ter até agora recebido qualquer resposta de Odin.

Talvez aquele número nem seja mais dele.

De qualquer modo, não ficarei esperando para sempre. Não sei quanto tempo ainda resta a Aristeu.

Derek observa-me recostado à ilha da cozinha com os braços cruzados na altura do peito e tento me manter ocupado para não ceder à tentação de ir até lá e sentir se seus músculos são tão sólidos quanto parecem.

Alguma coisa mudou entre nós.

Eu não sei se ele se dá conta, mas todas as vezes que chego em uma parte da casa em que está, ele fica meio que orbitando ao meu redor.

Recosto à pia, espelhando sua postura.

“Acho que terei mesmo que ir à Grécia, Derek.”

“Desistiu de me chamar de soldado?”

Ele está flertando comigo?

“Eu gosto do seu nome.” - devolvo, com cautela.

“Eu sou mais soldado do que tudo no fim das contas, então talvez Blood seja mais adequado.”

“Ser soldado é o que você faz, não o que você é.”

“Em alguns momentos, isso pode tornar-se confuso. Saber onde termina o soldado e começa a pessoa.”

“Eu quero conhecer os dois.”

Jesus, eu tive coragem de dizer isso?

Nunca me expus tanto para um cara, mas nada sobre ele seguiu um roteiro normal, então decido manter a prudência trancada no armário por hora.

“Por que?”

Não tenho uma resposta simples para dar.

Eu poderia dizer que é porque ele me atrai, mas não é só isso.

Opto por uma versão suave da verdade.

“Geralmente não deixo as pessoas chegarem tão perto. Sou mais de manter minha vida privada trancada à sete chaves, mas gosto de ficar com você.”

“Você não teve escolha sobre me deixar entrar em sua vida.”

“Acredite, eu sempre terei uma escolha. Ninguém jamais me obrigará a fazer o que eu não quero, soldado.”

A energia entre nós é tão densa que me deixa um pouco tonto.

“Isso é uma retaliação por eu não chamá-lo de Theo? Porque eu prefiro Theodoro. Gosto de como seu nome soa.”

“Eu gosto de ouvi-lo me chamar assim.” - confesso, mesmo que um pouco embaraçado.

“Gosta?”

Eu aceno com a cabeça, incapaz de formar uma sentença coerente.

Sinto um arrepio percorrer minha coluna quando ele começa a caminhar para mim.

Evito até mesmo respirar para não estragar a atmosfera de magia.

Ele está agora a poucos passos de distância.

A necessidade de tocá-lo é quase dolorosa, mas não faço o tipo que comanda, então aguardo para ver o que fará a seguir.

Ele pousa as duas mãos no balcão em cada lado do meu corpo.

“Responda.”

Estou perdido no movimento dos seus lábios.

Eles são cheios e estão úmidos.

“Sim.”

“Sim o que?”

“Sim, eu gosto de ouvi-lo dizer meu nome.”

Posso sentir o calor de sua respiração e meu coração bate muito forte.

Ele aproxima-se ainda mais e os lábios roçam minha orelha.

“Theodoro.” - repete.

A química entre nós é como o encontro de dois fios desencapados.

“Derek…”

A expectativa é tanta que me deixa trêmulo.

Ele finalmente desce os lábios nos meus, roçando, testando e não consigo mais ficar parado.

Passo os braços pelo seu pescoço, trazendo-o para perto.

“Eu estava com tanta vontade de você, Theodoro.”

Sua boca é como ele - um tanto áspera, com um quê bruto, mas não há nada de apressado em seu toque.

É uma sedução lenta. Ele persuade-me a deixá-lo me invadir.

Eu nunca fui beijado desse jeito.

Desejo louco misturado com carinho.

Eu consigo sentir em cada célula do meu corpo o quanto ele me quer, mas ao mesmo tempo, é como se pretendesse tirar tudo o que pode do nosso beijo.

Estou entregue, incendiando em seus braços.

Ansioso pelo resto da noite.

Então, parece um pesadelo quando meu celular toca.

Aperto os olhos tentando ignorar o aparelho, mas ele continua e continua a chamar.

Derek afasta-se um pouquinho.

Vejo que está debatendo-se sobre manter nossa conexão ou voltar ao mundo real e o medo de ser rejeitado leva a melhor.

Apesar de ser a última coisa que desejo, falo.

“Preciso atender.”

Não acredito quando o nome de Odin aparece na tela.

“Alô.”

“Se você quer se despedir do meu tio, venha depressa.”

◆◆◆

Tivemos menos do que três horas entre organizar passagens, pegar passaportes e fazer as malas - a minha no caso, porque Derek pediu que um dos homens que trabalham para ele passasse em sua casa para pegar uma já pronta.

Quem deixa uma mala constantemente pronta?

Ele, aparentemente.

Além disso, achei esquisito quando deu o endereço de um *apart hotel*. Será que mora lá? Gostaria de saber mais sobre sua vida, principalmente se nosso relacionamento tornar-se mais íntimo, mas não quero parecer indiscreto.

Tive que ligar para o meu médico também para saber se haveria quaisquer riscos em voar, já que ainda estou com os pontos no ombro. Ele recomendou que não fizesse movimentos bruscos ou pegasse peso, mas fora isso, não viu qualquer problema em que eu viajasse.

Estou ansioso como sempre acontece quando entro em um avião.

A pior parte para mim ainda está por vir.

Estamos sentados na primeira classe. O avião está taxiando e meu estômago, embrulhado.

Eu odeio voar.

Não existe nada que me faça perder o medo de altura e nunca será natural para mim estar dentro de uma caixa feita de um material mais leve do que o alumínio.

Tento duro me concentrar no fato de que verei meu país depois de tantos anos. A paisagem linda que só a Grécia tem, mas mesmo com o coração cheio de saudade, isso não está funcionando e fecho os olhos contando as respirações, enquanto aperto os braços da poltrona.

“Theodoro.” - a voz de Derek vem de muito longe - “Theo, o que está acontecendo?”

Não sei o que me surpreende mais - ele me chamar pelo apelido ou sentir sua

mão em meu braço.

Desde que fomos interrompidos na cozinha, tenho estado um pouco mais cuidadoso em relação a ele.

Fiquei assustado com a intensidade da nossa atração e procurei me conter ou pelo menos desacelerar, mas não é uma tarefa fácil.

“Eu não gosto de altura.”

Superei muitas coisas desde que passei a viver sozinho, mas o pavor de altura que já existia mesmo antes daquele dia fatídico no penhasco só piorou com o passar dos anos.

“Olhe para mim.”

“Eu não posso abrir os olhos. Se o fizer, passarei mal de verdade.”

Sinto as mãos úmidas e uma camada de suor gelado sobre a testa.

“Pode sim.”

“Você não entende.”

“Theo.” - muito mais do que seu chamado, o tom com que ele fala, me faz obedecê-lo - “Não vai acontecer nada. Nós estamos seguros.”

“Eu não consigo racionalizar sobre isso.”

Não gosto de mostrar fraqueza. Sei que algumas pessoas aproveitam-se dela para nos ferir.

“Todo medo tem uma origem. A melhor forma de combatê-lo é saber a causa.”

“Olha, eu sei que você está tentando me ajudar e eu aprecio isso, mas não vai funcionar. Eu costumo tomar um comprimido para dormir receitado pelo meu médico algumas horas antes de voar, mas com a correria da viagem inesperada acabei esquecendo.”

“Por que você tem medo de altura?”

Como que respondendo por mim, o avião inicia a decolagem, balançando um pouco e sem pensar, aperto a mão dele.

Envergonhado, tento retirá-la.

Nunca tomei a iniciativa de tocar um cara, principalmente em público.

“Sinto muito.” - mas antes que consiga me afastar, ele entrelaça nossos

dedos.

Olho para as mãos unidas sem coragem de encará-lo.

Seu aperto é firme, sem hesitação e eu me acalmo um pouco, como se estivesse sob um cobertor quente.

Ele não fala nada e a seguir seu dedo polegar começa a correr por cima do meu em uma carícia lenta, mas constante.

“Conte-me sobre seu medo, Theodoro.”

Respiro fundo tentando clarear os pensamentos.

“Eu não gosto de altura de uma maneira geral, mas acho que sobre aviões, o pior é a sensação da perda de controle. De que não poderei fazer nada em caso de falha mecânica ou mesmo se o piloto tiver um mal súbito.”

“Você tem razão quanto a isso.” - ele fala, pegando-me desprevenido. As poucas pessoas com quem já compartilhei minha fobia tentaram me consolar, dizendo que tudo ficaria bem - “Mas uma vez que estamos aqui e que o avião já decolou, não há nada a ser feito. Algumas coisas simplesmente não podem ser controladas.”

Por que tenho a sensação de que ele não está falando apenas sobre voos?

“Não é tão simples assim.” - ainda tento escapar.

“Eu não disse que era, mas pense em uma coisa. Se o avião sofresse uma pane, seu medo não mudaria o cenário. É desse modo que gostaria de passar seus últimos segundos na Terra? Com medo?”

Suas palavras me fazem pensar que essa seria uma descrição de quem eu sou.

“Eu tenho medo de quase tudo, Derek.”

“Não há nada de errado em sentir medo, desde que ele não nos impeça de seguir em frente. Quer ouvir um segredo? Eu odeio decolagens e pousos. Não tenho problemas com o vôo em si, mas fico muito tenso na partida e na chegada. Só que adivinha? Essa sensação não muda nada.”

“E o que você faz para se acalmar?”

“Vivo apenas. Um segundo por vez.”

“Você parece o tipo que antecipa, planeja tudo.”

“Eu faço, mas já há muito tempo aprendi a aceitar que algumas coisas simplesmente seguem seu rumo natural.”

Olho em seus olhos e é a minha vez de apertar nossas mãos.

“E se tudo der errado?”

“Então você descobrirá que é mais forte do que imagina.”

Capítulo 16

Blood

Eu não sei se agradeço ou amaldiçoo por termos sido interrompidos.

Não tenho qualquer dúvida em minha mente de que se o telefone dele não tivesse tocado, a essa hora provavelmente estaríamos na cama.

Eu nunca me senti assim.

Ficar ao lado de Theo é como estar preso em um campo magnético.

Eu já havia me rendido a nossa atração mesmo antes da cena na cozinha. Não consigo lutar contra.

Ele finalmente adormeceu, mas sua mão ainda está fortemente ligada a minha.

A sensação é boa demais.

Quando notei seu medo, assim que fechamos os cintos de segurança, quis dizer que ficaria tudo bem - o que é estranho vindo de mim.

Tirando minha filha, jamais fui tão protetor em relação a alguém.

Não sei como, mas ele encontrou um atalho para o meu coração bloqueado e agora, enquanto observo seu rosto relaxado e a cabeça levemente reclinada em meu ombro, pergunto-me o que devo fazer com nós dois.

Sei que não é um bom momento para iniciarmos um relacionamento, mas eu não quero afastá-lo.

Cada nuance de sua personalidade me fascina e como um homem morrendo de sede, quanto mais ele abre espaço para mim em sua vida, mais eu quero ficar.

Mas como posso mergulhar completamente no que quer que esteja começando entre nós, enquanto não descobrir o paradeiro da minha filha e de Stela?

E esse é outro ponto que precisamos esclarecer.

Decidi que assim que voltarmos da Grécia, revelarei a ele tudo sobre o meu passado.

Agora não é uma boa hora porque Theo tem os próprios problemas para lidar, mas não quero que comecemos com mentiras.

Apesar de dentro do meu coração não me sentir casado mesmo antes delas desaparecerem, preciso que ele saiba que aos olhos da lei, ainda estou.

Depois de organizar a parte de segurança para nossa estada na Grécia, acionei todos os funcionários a minha disposição em Atenas para descobrirem o que puderem sobre Orien.

Também pesquisei o tal Odin.

Theo contou que foi esse homem, o primo do seu amigo, quem ligou para seu celular naquela hora e como o obcecado que sou, não demorei a desvendar tudo.

Fiquei impressionado - por mais de uma razão.

A primeira é que, a despeito de sua origem humilde - ele era sobrinho do jardineiro de Leandros - pode-se dizer que suas dificuldades financeiras ficaram para trás.

Tudo bem, isso seria simplificar as coisas.

O cara tornou-se um gigante na área de tecnologia da informação e sua fortuna pessoal é mais do que o dobro da do pai de Theo.

Inacreditavelmente, ao menos na superfície, não há nada de errado com seus negócios.

Quero dizer, nada de errado do ponto de vista legal, porque ele já quebrou diversas empresas menores ao incorporá-las a sua companhia. Isso, no entanto, apesar de não ser muito humanitário, não desrespeita quaisquer leis. Diferentemente de Leandros, cujas operações financeiras despertariam a desconfiança até mesmo do mais crédulo dos mortais.

Será que Theo sabe ao encontro de quem ele está indo? Que Odin tornou-se um empresário implacável?

Há alguma coisa errada nessa história.

Ele afirmou que queria voltar à Grécia para garantir que o pai de Orien tivesse o cuidado que necessita em seus últimos dias, mas o sobrinho tem mais do que condições de arcar com isso, o que me faz chegar à conclusão de que ou Theo sequer desconfia que Odin não é mais um garoto humilde ou ele está dando a si mesmo uma desculpa para voltar ao seu país.

Talvez seja uma combinação dos dois e a ideia de que a razão maior da viagem seja a esperança de reencontrar o rapaz por quem, agora desconfio, foi apaixonado, me incomoda demais.

Apesar disso, tenho a forte sensação de que algo aconteceu ao garoto e que o pai de Theo é responsável. Por tudo que andei investigando, ele não foi embora, mas desapareceu.

Eu já conheço o suficiente da natureza humana para saber que as pessoas podem fazer coisas inimagináveis em nome de uma suposta honra e talvez Leandros tenha percebido, antes mesmos que eles se dessem conta, da forte ligação entre os dois.

Sei que será um choque para Theo se minha desconfiança for verdadeira.

Como se ouvisse meus pensamentos, ele move-se e a cabeça que já estava a meio caminho desde o início da viagem, repousa de vez em meu ombro. Viro-me um pouco para que ele acomode-se melhor.

Eu nunca me permiti - ou quis, para ser honesto - demonstrar tanta intimidade com um homem em público.

Na verdade, tive apenas dois namorados antes de iniciar meu relacionamento desastroso com Stela.

E então, mais ninguém.

Mesmo assim, os caras com quem saí foram meio que escapadas porque meu pai enlouqueceria se me visse com um homem e eu era jovem demais para ter coragem de enfrentá-lo.

Aqui com Theodoro, as coisas simplesmente aconteceram.

Não tenho vergonha ou estou preocupado com quem esteja olhando. Tudo o que me importa é que ele saiba que está seguro.

◆◆◆

Grécia

Desde que acordou no avião, ele mal trocou meia dúzia de palavras comigo e gostaria de entender o que se passa em sua mente. Mas apesar de não gostar do seu silêncio, entendo que não deve ser fácil voltar ao seu país depois de tantos anos.

Ele olha pela janela, enquanto a paisagem vai se descortinando a nossa frente.

O lugar é lindo ao ponto de não parecer real.

A cor do mar, o céu azul sem uma nuvem e as construções brancas em aclive tão típicas das ilhas gregas, parecem ter saído diretamente de uma mistura de conto de fadas com *photoshop.*

Pergunto-me como deve ser para ele, depois de ter nascido e sido criado nesse pedaço de paraíso, ter que enfrentar a cidade grande e cinzenta em que moramos.

“Eu reservei quartos no mesmo andar.” - finalmente fala.

“Tudo bem.” - o que ele não sabe, é que eu já havia verificado isso. Sem chance dele ficar longe dos meus olhos. Não confio nem em seu pai e nem em Odin.

Na verdade, no momento Odin desperta-me mais desconfiança do que o próprio Leandros.

A urgência dele em querer que Theo viesse ainda não faz qualquer sentido para mim.

Eles não são amigos.

O cara nunca mais esteve em sua vida desde que ele partiu da Grécia e nem precisa do dinheiro de Theo para custear as despesas médicas do tio, então ainda estou tentando fechar em minha mente o que ele quer.

“Recebi uma mensagem de Odin.”- diz, como que ecoando meus pensamentos - “Ele quer que eu vá vê-lo. Há uma recepção em sua casa hoje à noite. Não entendi como ele pode dar uma festa com o tio à beira da morte, mas ele disse que só permitirá minha entrada para ver Aristeu se eu for encontrá-lo antes. Também avisou que há roupas nos esperando no hotel.”

“Não.” - respondo no automático, ao mesmo tempo que confirmo que as intenções do grego não são boas.

Como diabos ele sabe que Theo não veio sozinho ou que tamanho de roupa eu visto?

“Não? O que isso significa?”

“Que você não veio para encontrá-lo, mas para se despedir do pai do seu melhor amigo.”

Ele me encara e percebo que não está comprando minha explicação.

“Derek, o que você não está me contando?”

Estamos chegando no hotel e sinto-me inquieto.

Não é a minha coisa caminhar pelo desconhecido. Eu sou aquele que planeja.

A sensação de estar em um lugar com dois potenciais inimigos deixa-me um pouco insano.

“Você teve contato com Odin depois que saiu da Grécia?” - começo - “Já parou para pensar que talvez não o conheça mais?”

“Nunca fomos próximos realmente, mesmo quando ele morava aqui. Ele era bem mais velho do que nós e não muito de falar. “

“Ao contrário de você e Orien.”

Ele sorri e meu coração contrai.

“Ah sim, totalmente diferente. Eu e Orien éramos inseparáveis.“ - a seguir, sua expressão cai - “Quero dizer, eu pensei que éramos.”

Não falo nada, tanto porque, por mais egoísta que seja, não me faz bem a adoração em sua voz, como porque também minha intuição diz que as coisas não se passaram como ele imagina.

Theo é bom e não consegue enxergar o desaparecimento do amigo como um fato anormal.

Isso é algo que já reparei sobre os seres humanos. Pensamentos bondosos ou maldosos geralmente vêm de pessoas boas ou más, respectivamente. Se você é bom, muitas vezes não consegue realizar quanta podridão existe no mundo.

“O que quis dizer com eu não conhecer mais Odin?”

“Ele é agora um bilionário da área de tecnologia com mais dinheiro que o seu pai.”

“O que? Por que ele me disse para vir então? Isso não faz sentido. Apesar de agora responder a minha dúvida de como ele poderia bancar uma festa de gala.”

Encaro-o e ergo uma sobrancelha. Ele finalmente parece estar juntando as peças.

“Eu ainda não sei o motivo dele querer você aqui, mas descobrirei em breve. Ele disse a razão da festa?”

“Não. Apenas que devemos ir de *black-tie*. Você já usou um *smoking*, soldado? - pergunta, pegando-me de surpresa, ao mesmo tempo que deixa os olhos percorrerem meu corpo.

Eu, que até agora estava focado em sua segurança, sinto a temperatura no carro subir.

“Não preciso de um.”

“Todo mundo precisa de um, mais cedo ou mais tarde.”

“Eu não.” - insisto teimoso e ele sorri.

Deus, esse sorriso...

“Há um alfaiate na ilha. Ele poderá fazer qualquer ajuste que seja necessário em seu traje. Isso claro, assumindo que você vá me acompanhar.”

Ele fala isso meio brincando, mas eu sei que há um pedido mudo para que eu esteja ao seu lado.

Eu jamais o deixaria encontrar com seu pai ou o primo do amigo sozinho.

Até que me provem o contrário, nenhum deles é digno de confiança.

“Pode apostar nisso.” - ele tenta disfarçar o fantasma de um sorriso, mas não é rápido o suficiente para que eu não o capte. - “Você pretende ver sua família?”

“Não.” - a resposta sai na velocidade de uma bala e é a confirmação que eu precisava de que Theo não tem problemas apenas com o pai.

“Certo.” - mudo o tema porque sei que ele não quer mais falar - “Se deseja mesmo ir à tal recepção, preciso que me passe a mensagem de Odin para que eu possa cuidar da nossa segurança. Tenho que estudar o local onde será a festa.”

“Por causa de sua obsessão por controle?” - ele diz e sorri.

“Esse é um dos motivos.”

“E o outro?”

“Você ainda não está pronto para saber, mas guarde a ideia de que posso lidar com mais de uma obsessão por vez.” - respondo, enquanto entramos no hotel.

Capítulo 17

Theo

Grécia

É estranho estar de volta ao meu país e mais ainda, a minha ilha.

Quando saí daqui, há muitos anos, não tinha qualquer intenção de regressar um dia.

Nunca me senti como pertencendo a minha família e guardo poucas lembranças boas da infância e adolescência.

Em todas elas, Orien estava.

Então, depois que ele partiu, não havia nada mais para mim aqui.

Só que no momento em que desembarquei, meu coração foi preenchido de carinho novamente pela Grécia.

Ela sempre será o meu lar.

Não posso permitir que meu pai contamine meu amor pelo lugar que nasci.

Estou deitado no quarto do hotel pensando em minha vida nessas últimas semanas.

Eu sou assim. Analiso o passado para tentar entender o que está acontecendo no presente.

E no momento, meu presente significa Derek.

Eu me apego a ele a cada dia e isso tanto é assustador quanto delicioso.

Em um primeiro momento, o que chamou minha atenção foi, além de sua sensualidade inconsciente, o jeito taciturno.

Eu sou ansioso.

Não daquele tipo de ansioso *normal*.

Muito ansioso e com uma necessidade patológica de agradar.

Então, conviver com alguém que parece não dar a mínima para o que os outros pensam é libertador.

Certo, estou um pouco embaraçado pela cena no avião.

Aprendi a segurar meus medos porque as pessoas tendem a julgar fobias como fraqueza e eu não me considero fraco de jeito nenhum.

Ninguém faz a menor ideia do que já atravessei para chegar onde estou.

Isso dito, ainda assim é difícil para mim mostrar meu eu verdadeiro.

No entanto, consigo ser real com Derek.

É quase da mesma forma como eu me sentia com Orien, mas não totalmente.

Claro que eu o amava - eu agora já admito isso - mas era um tipo de amor infantil, uma espécie de fuga da minha realidade na época.

Acredito que se tivéssemos ficado juntos, esse amor poderia evoluir para algo muito além da amizade, mas como amizade foi tudo o que tivemos, eu só posso especular sobre o que poderia ter sido, sem qualquer certeza.

Quem pode afirmar que, ao sairmos da segurança da ilha, cada um de nós não seguiria por caminhos diferentes?

Minha psicóloga bate muito nessa tecla.

Sobre aceitar o passado, mas não viver dentro dele.

Então, levando isso em consideração, mesmo que eu esteja aqui e que haja a possibilidade de reencontrá-lo caso ele tenha vindo visitar o pai, não entendo como uma chance de retomarmos de onde paramos.

Por muitos anos eu sonhei revê-lo para fechar essa porta do passado.

Eu gostaria que ele me perdoasse. Nada além disso.

Ele nunca me procurou.

Eu não sou um desconhecido.

Já saí em diversas revistas de celebridades por conta do meu trabalho e seria fácil para ele entrar em contato comigo.

Então, com o passar dos anos, cheguei à conclusão que ele não quis mesmo

me ver como Aristeu disse e finalmente, resolvi deixá-lo ir em minha mente, mesmo que não pudesse fazê-lo totalmente em meu coração.

Orien sempre terá um lugar só dele lá, mas eu não sou mais o garoto que era quando vivia aqui.

Na verdade, tenho poucas coisas em comum com aquele garoto. Acho que o que sobrou foi o gosto pela leitura e a mágoa contra meu pai.

Sobre esse segundo, eu gostaria de me libertar.

Não porque eu acho que ele merece perdão, mas para não permitir que Leandros tenha qualquer espaço em mim.

Custei a entender que a benção maior do que o perdão é o esquecimento. Porque às vezes mesmo perdoando, você ainda se lembra daquele momento em que foi ferido. No entanto, se você consegue apagar totalmente aquela pessoa de sua vida, essa é a verdadeira liberdade.

Eu tenho esperança de que um dia eu sinta-me assim com relação ao meu pai. Que chegue o momento em que eu não pense mais nele.

Eu já quase consigo, mas desde que a possibilidade de ter que voltar aqui tornou-se real, ele tem invadido meus pensamentos.

O estranho é que, a despeito do que eu disse para Derek, eu não o odeio mais.

Eu não sinto nada por ele.

Hoje eu sei que ele nunca gostou de mim porque sabia que eu era gay antes mesmo que eu descobrisse isso.

Ele me desprezava e fez com que eu me sentisse fraco e errado simplesmente por ser diferente. E, mesmo que o motivo para eu ter me libertado dele me assombre para sempre - eu não ter conseguido impedi-lo de machucar Orien naquele dia - foi o começo da construção de quem sou hoje.

Tenho um monte de problemas não resolvidos na minha cabeça - os traumas pelo preconceito que sofri com meu pai ainda não desapareceram - e na hora em que Derek entrelaçou nossas mãos à vista de todos no avião, fiquei esperando que alguém fizesse um comentário sobre dois homens estarem em uma situação íntima.

Não era medo por mim, mas sobre o que Derek sentiria caso isso ocorresse.

Não sei sobre seu passado ou mesmo se já esteve em um relacionamento com outro homem, então não quis constrangê-lo. Só que para minha surpresa, ele parecia totalmente à vontade. Isso aos poucos, me fez relaxar também.

É uma especie de ironia voltar a minha terra natal acompanhado por um cara por quem estou interessado, apesar de eu não ter planejado nada.

Por falar em planejar, outra coisa que me atrai demais nele é sua capacidade de estar sempre dois passos à frente. Eu sou muito crédulo e isso já me colocou em algumas situações de risco.

Veja o caso de Odin.

Eu não fazia ideia de que ele havia enriquecido e nem desconfiei do motivo de ter aceitado tão prontamente que eu viesse. Pensando por esse ângulo, a situação é realmente estranha. Também foi esquisito ele não ter tocado no nome de Orien.

Se o seu primo não queria mais me ver como Aristeu falou, por que Odin permitiu que eu viesse quando há uma possibilidade grande que nos reencontremos?

Olho para a entrega feita pelo alfaiate da ilha.

O smoking serviu-me perfeitamente, assim como o de Derek - sim, eu mandei uma mensagem para saber.

Estou louco para ver como ele ficará vestido em um traje de gala.

Vou até a sacada do quarto mantendo uma certa distância do balcão.

Ao longe consigo ver o mar Egeu e alguns veleiros.

Na mesma proporção que eu não gosto de altura, eu amo o mar.

Sei que não faz muito sentido porque continuo sendo um péssimo nadador e também por conta do episódio traumatizante no penhasco, mas adoro ouvir o barulho das ondas.

Gostaria de poder manter uma casa aqui para férias.

Morar em definitivo seria inviável já que a maior parte dos meus contratos são na América - alguns eventualmente no eixo Paris-Milão - mas seria incrível poder ter um refúgio quando a vida na cidade grande ficasse demais.

De repente, tenho necessidade de sair.

Quero andar um pouco pelas ruas e rever meus lugares favoritos.

Mando uma mensagem para Derek, avisando que vou dar uma volta. Gostaria de chamá-lo para ir comigo, mas não quero parecer bobo e carente.

Abro a porta do quarto e damos um esbarrão.

Não se passaram nem dois minutos desde que mandei a mensagem.

Ele está levando a sério essa coisa de me proteger.

“Você não vai sozinho.”

“Derek, você está exagerando. Eu cresci aqui.”

“Não.” - ele parece adorar essa palavra - “Vim para garantir que nada acontecerá a você.“

Encaro-o, tentando manter minha vontade, mas de verdade não gosto de brigar. Além do mais, eu queria mesmo que ele viesse comigo.

“Tudo bem, mandão. Vamos fazer assim: que tal dar uma pausa em sua rotina de super-herói e apenas relaxar um pouco? Podemos tomar um café e depois voltamos para nos aprontar para a festa. Como isso soa?”

Ele me olha e sei que está indeciso.

Eu me pergunto se alguma vez ele já curtiu a vida. Tipo deitar em uma praia e olhar a paisagem sem estar preocupado que alguém vá emboscá-lo.

Estou totalmente esperando um não, mas ele sacode a cabeça, sorrindo.

“Isso soa como loucura, já que ainda não consegui analisar todos os riscos, mas dessa vez vou seguir seu comando.”

Não resisto em provocá-lo.

“Você está seguro comigo.”

Ao invés de responder, ele me encara.

Sinto as pernas virarem gelatina, mas mantenho seu olhar.

“Talvez você é que não esteja seguro comigo.” - diz.

Capítulo 18

Blood

Grécia

Estamos caminhando pela praia e posso ver que as pessoas nos observam.

Sei que em lugares pequenos, estranhos viram atração e mesmo Theo tendo nascido aqui, qualquer um pode perceber que ele não pertence mais à ilha.

Tento relaxar e aproveitar um pouco, mas não consigo afastar a sensação de que somos observados desde que chegamos e isso me mantém em alerta.

Ele, no entanto, parece estar aproveitando o calor do sol e o cheiro do mar.

Como deve ser poder simplesmente curtir? Ter a mente livre de preocupações?

Desde que a minha filha desapareceu, eu não consigo sequer ter uma noite inteira de sono.

Passo boa parte do tempo tentando descobrir onde estou falhando para encontrá-las, o que estou deixando passar.

Na minha área de trabalho você conhece todo tipo de gente. Pessoas que atuam ao lado da lei e outros que vivem em áreas cinzentas, deslizando por uma linha tênue entre a legalidade e o crime. Não me envergonho de dizer que para procurar Belinda, busquei ajuda em ambos os campos.

E até agora nada.

Olho para as velas dos barcos, empurrando a melancolia para o fundo da mente.

Eu preciso me concentrar no que estou fazendo no momento ou não conseguirei protegê-lo. Há algo aproximando-se e apesar de não poder identificar ao certo ainda, sei que não é bom.

“O que você gosta de fazer?” - ele pergunta, depois de andarmos por cerca

de uns quinze minutos.

Essa é uma coisa que eu adoro nele.

Theo não fala sem parar ou tenta arrancar coisas de mim. Eu sou um cara naturalmente fechado e ele parece perceber isso.

“Trabalhar.”

Ele senta em uma pedra à sombra e tira os óculos de sol para me encarar.

Veste jeans dobrados nas pernas, camisa aberta e segura os sapatos nas mãos.

“Não. Estou falando sobre diversão, soldado.”

Penso um pouco, mas não tenho qualquer resposta para dar. Eu não sei me divertir.

Sento ao seu lado e foco no mar.

“Eu gosto de correr.”

“Eu também. E o que mais?”

É estranho falar sobre mim. Nem Stela já me perguntou algo do tipo.

Certo, talvez eu não seja muito amigável também, mas a verdade é que essa foi a maneira que encontrei para que não me julgassem.

Eu nunca pude ser eu mesmo.

Viver com meu pai até entrar para o exército foi uma verdadeira lição de vida. Ele jamais disse abertamente que sabia que eu era *gay*, mas estou certo que desconfiava.

Não tive namoradas e nem andei atrás de garotas como meus amigos faziam.

Depois que me alistei no exército, apesar de profissionalmente fazer parte de um time, não me sentia um igual.

Os caras estavam sempre em busca de mulheres e faziam piadas homofóbicas ao menor sinal do que consideravam fraqueza de um de nós, então, ainda com resquícios do que passei com minha família, eu me fechei.

Amos e Ethan eram os únicos com quem eu me sentia à vontade e considero ambos como irmãos.

Aos poucos fui construindo novas amizades, como Yan - nosso especialista em segurança da informação ou *hacker*, como alguns preferem chamá-lo - mas sei que ainda assim, não sou o tipo de cara que convida as pessoas a uma

aproximação. Isso dito, é surpreendente que Theo pareça tão confortável comigo.

E sabe o que é estranho? Somente agora que começamos a conviver foi que percebi como sentia falta disso.

“Gosto de assistir filmes antigos. Em preto e branco. Sonho em montar um sala de cinema em casa com projetor e tudo.” - enfim, respondo.

“Mesmo?” - ele parece interessado e me dou conta de como é bom ter uma conversa que não envolva mortes ou riscos. - “E por que não montou ainda?”

“Por várias razões.” - digo, sem explicar que nunca me permitirei aproveitar a vida enquanto não trouxer minha filha de volta. - “Mas uma das principais é falta de espaço. Eu moro em um *apart hotel*.”

Eu não sei nem se Amos, que é a pessoa mais próxima a mim, sabe disso e agora vejo-me dando informações facilmente para um cara que conheço há pouco mais de uma semana.

“Por que?”

“Porque eu não preciso de um lar no momento.”

“E o que você precisa, Derek?”

“Por que você insiste em me chamar de Derek?” - falo, tentando fugir da pergunta, mas também um pouco curioso.

“Não é o seu nome?”

Sorrio.

Eu gosto do seu jeito atrevido. Ele definitivamente bagunça meu mundo ordenado.

“Eu não preciso de *coisas*. Nada material.” - explico, sem revelar realmente.

Como posso dizer a ele que não faz sentido para mim montar uma casa se Belinda não está comigo? Se sequer tenho certeza de que ela está bem, fazendo todas as refeições e tendo quem a proteja?

“Eu entendo isso.” - diz, surpreendendo-me. - “O mais importante na vida não pode ser comprado.”

Aceno com a cabeça.

Eu pagaria qualquer preço para ter minha filha de volta. Morreria mil mortes

se isso garantisse seu bem-estar.

“E você? O que gosta de fazer?” - devolvo.

“Ler, como já deve ter percebido.” - responde com um sorriso torto e lindo para caralho - “Criar roupas, observar as pessoas.”

“Observar, não interagir?”

“Não sempre. Eu gosto de conversar, mas não o tempo todo e nem com todo mundo.”

“Você conversa comigo.”

Ele baixa a cabeça.

“Sim. Porque você não me julga.”

Passa-se o mesmo comigo, mas não consigo colocar isso em voz alta.

Um pouco sem jeito, tento mudar seu foco.

“E sobre o tal café que falou?”

“Está com fome, soldado?”

“Estou sempre com fome.”

Ele gargalha e eu fico pensando em como jamais encontrei alguém tão completamente bonito. Theo é encantador por dentro e por fora.

Queria poder fazê-lo rir mais vezes.

“Certo. Venha comigo então. Vou alimentá-lo.” - diz, levantando e estendendo a mão.

Capítulo 19

Blood

Grécia

Depois de comer, voltamos ao hotel.

Amos telefonou mais cedo, atualizando-me sobre o problema com a organização criminosa de pedófilos. Enfim, meu amigo poderá respirar aliviado, ainda que a situação não tenha sido resolvida como ele esperava.

E agora posso focar apenas em proteger Theo de Odin e do próprio pai.

Depois de tomar banho, penso no dia de hoje.

Pela primeira vez em anos, fiz algo que não fosse trabalho e minha mente sempre sobrecarregada apreciou o descanso.

É tão bom estar com ele.

Como encontrar um oásis após uma longa caminhada.

O que faremos quando voltarmos para casa?

Eu gostaria de tentar.

Nunca senti nada parecido. A atração por Theo é uma chama que não diminui - constante, queimando lentamente.

Cada vez mais parecemos certos juntos.

Por isso, acho que chegou o momento de falar sobre o meu passado. De abrir sobre Stela e Belinda.

Se quero fazer com que as coisas entre nós evoluam - e eu quero - preciso contar sobre o meu casamento.

Olho-me no espelho verificando se a arma que me foi entregue no hotel será visível por baixo do smoking, embora eu realmente não me importe. Não há

chance de irmos encontrar Odin sem ela. Minha intuição diz que devo ficar alerta e ela raramente falha.

Sinto-me um tanto estranho com o traje de gala e após algumas tentativas de dar o nó na gravata borboleta, finalmente desisto e vou até o quarto de Theo.

Bato na porta apenas duas vezes antes que ele a abra e… quase me dê um *AVC*.

Já está com a calça preta do smoking, a camisa branca aberta e o cabelo penteado para trás. A gravata displicentemente solta sobre a camisa.

Parece inalcançável em sua beleza.

Fico parado, apenas admirando-o.

Ele não pisca ou recua, como que preso no mesmo feitiço.

“Eu não sei colocar isso.” - forço-me a falar, mostrando a gravata.

Ainda leva um tempo até que ele finalmente note o acessório e a seguir, fique de lado para que eu entre.

Só que ele não se afasta realmente.

É como se tentasse me obrigar a passar tão perto de si quanto possível e tenho que me conter para não tocá-lo.

Eu não consigo ou quero ir para longe. Nem agora e nem em um futuro próximo.

Como se estivesse ciente da confusão dentro de mim, ele fecha a porta e pega a gravata da minha mão.

Olho em volta tentando distrair a mente.

Há algumas roupas e objetos espalhados.

Theo é um bagunceiro a considerar o estado do quarto e sorrio pensando que essa é uma coisa em que somos opostos.

Eu sou super organizado.

Os anos no exército pagaram seu preço e eu não consigo sair de casa sem deixar a cama arrumada ou qualquer louça suja na pia.

Os lençóis dele estão embolados, como se tivesse estado ali há pouco tempo, o que acaba fazendo com que minha temperatura suba alguns - ou muitos - graus.

Ele se aproxima e eu espero.

Estou ansioso pelo seu contato. Quero suas mãos em mim.

Sei que ele também pode sentir a atmosfera carregada de tensão sexual. Suas mãos estão um pouco trêmulas enquanto levanta a gola da minha camisa.

“Você está muito bonito.” - diz.

Não sou um cara vaidoso. Faço mais o estilo ogro e nunca dei a mínima para aparência, mas fico feliz que ele goste do que vê.

“Essa roupa não combina comigo.” - ainda reluto em ceder.

“Eu discordo.” - os movimentos ao fazer o nó da gravata são eficientes e pela primeira vez penso em sua profissão. Gostaria de saber mais sobre seu trabalho. Não. Eu quero saber tudo sobre ele. Cada pequena coisa. - “Você fica bem com ambas as fantasias. Tanto a de super-herói quanto a de homem sofisticado.”

“Fantasias?“

“Sim. Roupas ou profissões não nos definem, mas o que você é aqui” - ele coloca os dedos na minha testa - “e aqui.” - pousa a mão sobre o meu coração.

“E de qual das versões você gosta mais, Theo?”

Ele finaliza o nó da gravata.

“Eu gosto de você sendo herói ou apenas um cara com quem eu esbarraria na rua. Com *smoking* ou vestido como um mendigo.”

“E sem qualquer roupa?”

Há muito tempo eu não flerto, mas a maneira sutil com que ele está conduzindo nosso relacionamento está fazendo meu sangue ferver.

O desejo há muito tempo adormecido, foi totalmente desperto.

Ele para com as mãos em meus ombros. Suas bochechas estão coradas e a respiração, errática.

“Sem qualquer roupa parece perfeito.”

A despeito da ousadia das palavras, seu rubor aumenta e a súbita timidez desperta o caçador em mim.

Dando um passo para frente, aproximo-mo ao ponto de sentir o calor de sua respiração.

Eu queria pegar leve, ir devagar, mas não resisto a ter um gosto dele.

“Eu quero beijar você.”

Uma das minhas mãos está em seu rosto enquanto a outra o traz para mim.

“Eu quero que você me beije.”

“Quer?”

“Sim.”

“Peça, então.”

Ele fecha os olhos.

“Não assim, Theo. Olhe para mim. Tenha certeza do que deseja.”

“Eu sei o que eu quero. Beije-me, Derek. Prove-me.”

O pedido e a sua postura entregue aumentam o incêndio dos corpos e deixo nossos lábios tocarem-se.

Os dele são suaves e por um tempo permito-me apenas ficar parado, sentindo-o.

Ele surpreende-me ao mordiscar minha boca e o contato incialmente inocente leva poucos segundos para explodir o desejo até agora reprimido.

Eu morro de fome por ele.

Ainda assim, mesmo sendo a última coisa que quero fazer, obrigo-me a parar porque não vou fazer um amor corrido.

Esperei muito tempo até encontrar alguém que me mostrasse que ainda tenho uma alma e farei com que tudo entre nós seja especial. Theo merece mais do que uma transa rápida.

Afasto-me um pouquinho para olhá-lo.

“Mais tarde.”

Ele parece relutante em voltar para o mundo real e ao invés de responder, um som rouco escapa de sua garganta. Uma espécie de protesto sem palavras e eu sorrio.

“Não sou bom nessa coisa de esperar.” - diz.

“Eu prometo que valerá a pena. Não quero que nada entre nós seja apressado.”

Ele me dá um último beijo.

“Tudo bem.“

Capítulo 20

Theo

Grécia

Meu coração ainda está disparado enquanto Derek dirige o carro que alugamos para irmos à recepção.

Ele não quis chamar um táxi e insistiu que tivéssemos uma maneira própria de sair da festa caso o encontro com Odin apresentasse alguma ameaça - seja lá o que isso signifique.

Acho que ele sabe mais do que está dizendo sobre nosso anfitrião, mas ao invés de pressioná-lo, prefiro aguardar para ver o que acontecerá.

Eu não lido bem com situações que abalam a minha rotina e agora há um monte delas acontecendo todas ao mesmo tempo.

Só que nesse instante, minha mente ainda está presa à cena no quarto.

Eu já beijei outros caras.

Mais do que alguns, para ser franco.

Apesar de só ter ido até o fim com três, já flertei e troquei beijos com tantos outros para ver se a atração física levaria a algo mais.

Geralmente não levava.

Com Derek, não foi somente o caso de me sentir interessado por um homem sexy.

A química entre nós é inegável, claro, mas é a ligação que está sendo construída que me deixa ansioso para descobrir para onde estamos caminhando.

Eu não acho que qualquer um que me conheça depois que me tornei adulto, tenha dúvidas sobre minha identidade sexual. No meio em que trabalho, a

homossexualidade é encarada com naturalidade, mas regressar à Grécia trouxe algumas inseguranças novamente à tona.

Talvez por ter pensado que jamais voltaria aqui, não havia considerado como poderia ser assustador confrontar o meu passado permeado de preconceito e até a hora em que estava me vestindo, fiquei tenso.

Depois do que vivemos há pouco, no entanto, cheguei à conclusão que não devo me sentir culpado por não conseguir satisfazer as expectativas dos outros. Eu sou quem eu sou e não me envergonharei disso.

Estou totalmente desligado do caminho que ele marcou no *GPS* e somente quando noto as figueiras na lateral da estrada é que me dou conta de para onde estamos indo.

Eu passei a infância atravessando essa estrada de bicicleta.

“Qual é o endereço que você digitou?”

“Pelo que vi no mapa do aplicativo parece uma vila. Por que?”

“Por que esse é o caminho para a vila da minha família.”

“O que?”

“Apesar de quase toda a ilha pertencer ao meu pai, essa parte para onde estamos indo é especificamente considerada propriedade privada. Mesmo o terreno sendo enorme, não é permitida qualquer construção, além da casa onde mora minha família, que não seja residência dos empregados. Não faz sentido que a festa de Odin seja lá também.”

“Explique-se melhor.”

“É como se tivéssemos uma pequena ilha dentro da ilha. Nossa praia é particular e o local vigiado por seguranças armados, como uma fortaleza. Ou pelo menos era assim até eu ir embora.”

“Você nunca mais teve notícias daqui?”

“Eu nunca quis saber. Mesmo quando minhas irmãs me visitam - o que é raro - a condição é de que não me contem nada sobre o que se passa aqui.”

“Nunca teve curiosidade?”

Dou de ombros.

“Eles sempre tiveram vergonha de mim, Derek. Nas festas que meus pais

organizavam, ninguém conversava comigo - parentes ou não - e eu aprendi a ficar no meu canto.”

“Devia ser muito solitário.”

“Era sim, mas eu tinha Orien. Nossa amizade sempre existiu, desde que nos vimos pela primeira vez, então isso aplacava um pouco o buraco familiar.”

“Não de todo?”

“Não. Seria impossível. Mesmo que ele fosse o amigo mais presente que pudesse existir, eu sentia falta do carinho dos meus pais. Acho que talvez não tivesse sido tão ruim se pelo menos eu e minha mãe fôssemos próximos, mas acho que ela sentia medo de Leandros e optou por não me enxergar.”

“Optou?”

“Sim. Eu não lembro de ter recebido um abraço ou elogio de qualquer um dos dois da mesma forma que faziam com minhas irmãs. Era mais como se eu fosse um incômodo que eles tivessem que alimentar e cuidar. Sempre tive a impressão de que seria melhor para todos se eu não tivesse nascido. E juro que estou falando isso sem qualquer drama. É apenas uma conclusão a que cheguei depois de anos de terapia.”

“Não fale uma merda dessas. Nunca mais repita que você é um incômodo.”

Seu protesto remete-me a uma conversa muito parecida que tive com Orien há vários anos.

“Você é perfeito, Theo. Se eles não conseguem enxergar isso, a perda é deles.”

Dou um sorriso triste, mas ao mesmo tempo com o coração aquecido por vê-lo vir em minha defesa.

“Eu não me importo mais com o que eles pensam.”

“Não é verdade.”

“Por que você acha isso?”

“Porque eu também cresci sabendo que jamais poderia atender as expectativas dos meus pais e sei que por mais que eu tente me convencer de que o amor deles não me faz falta, faz. Mesmo eles não me aceitando, eu não os odeio e sinto saudade.”

“Eles não o procuram?”

“Só através de telefonemas. Eu ligo ou eles o fazem uma vez por mês e esse é todo o contato que temos.”

“Eu gostaria de ouvir mais a respeito disso.”

“Não sou de falar sobre mim, mas se for importante para você, um dia eu contarei tudo. No entanto, hoje preciso focar em mantê-lo em segurança. Haveria alguma chance da festa de Odin ser na casa dos seus pais?”

Não preciso pensar nem meio segundo antes de responder.

“Não. Leandros jamais aceitaria misturar sua família com um parente de empregados, não importa o quão rico ele tornou-se. E também não permitiria que chegasse perto das minhas irmãs.” - lembranças do passado começam a voltar - “Apesar de que isso não seria nada difícil. Minhas irmãs sempre acharam que faziam parte da elite da humanidade e Elina principalmente, tinha uma implicância especial contra Odin. Lembro dela humilhando-o todas as vezes em que se encontraram. Acho que posso até dizer que eles se odiavam.”

“Então preciso descobrir o que diabos está acontecendo.”

Assim que paramos no portão, seguranças aproximam-se do carro, pedindo identificação e a situação passa de esquisita à bizarra.

Por que os seguranças da vila estariam preocupados com uma recepção de Odin?

Assim que olha meu nome na identidade, ele passa para seu companheiro, que imediatamente liga para alguém.

Ao invés de prestar atenção ao homem, no entanto, observo Derek, que acompanha todo o desenrolar. Posso sentir sua tensão enquanto tenta montar o quebra-cabeças.

Após alguns minutos de espera, eles finalmente nos autorizam a entrar.

Derek coloca o carro outra vez em movimento, mas vira-se para me olhar.

“Haja o que houver, não saia de perto de mim. Há algo errado com essa festa.”

“Tudo bem.” - tranquilizo-o - “Também estou achando a situação anormal.”

Não sinto medo. Por mais louco que seja, estou na propriedade dos meus

pais e eles não permitiriam que algo me acontecesse aqui dentro.

“Theo, se eu disser para você ir embora, você irá.”

“E deixá-lo sozinho aqui? Sem chance.”

“Theodoro isso não é um jogo. Eu não sei o que está nos esperando lá dentro, então eu preciso que você me obedeça.”

“E eu preciso que você escute: não há maneira de que eu vá deixá-lo sozinho com Odin ou meu pai. O que quer que aconteça, enfrentaremos juntos.”

“Não seja teimoso.”

“Eu não estou sendo, mas nunca mais deixarei que machuquem alguém importante para mim.”

Vejo seus dedos apertarem o volante, enquanto sacode a cabeça.

“Ao menos prometa-me que não sairá do meu lado.”

“Isso eu posso fazer. Não há mais ninguém que eu queira estar perto.”

Sua fisionomia relaxa instantaneamente. A seguir, ele surpreende-me ao pegar minha mão e beijá-la.

“Ninguém irá machucá-lo. Dou minha palavra.”

“Eu sei. E eu também cuidarei de você. Ficarei ao seu lado haja o que houver.”

Capítulo 21

Theo

Grécia

Somente quando vou dizer a Derek que desligue o *GPS* porque daqui por diante sei o caminho, ele faz uma curva à esquerda, afastando-se da estrada para a casa dos meus pais e tomando a direção onde ficava a de Aristeu.

O mistério só aumenta, mas então em pouco tempo um cenário se descortina e eu não consigo acreditar.

Onde ficava a humilde moradia em que o chefe dos jardineiros vivia com o casal de filhos e o sobrinho transformou-se em um casa infinitamente mais luxuosa do que a da minha família.

Agora há uma pequena, embora não muito lógica, explicação do porquê a festa de Odin acontecer no terreno dos meus pais. Se não estou louco, ele tornou-se proprietário de uma parte de nossa ilha. Essa seria a única maneira que Leandros permitiria que ele construísse aqui.

Por que Elina ou as minhas irmãs não disseram nada a respeito? Estou cada vez mais confuso.

“Essa casa não existia quando eu morava aqui.”

“Como assim não existia?”

“Esse era o local onde ficava a residência da família de Orien.”

“Isso significa que seus pais não moram mais nessa vila?”

“Não acredito. Meus bisavós já possuíam essa parte da ilha muito antes de Leandros ficar milionário. Ele não abriria mão do terreno. Isso seria um enorme

golpe em seu orgulho.”

“Então você sabe que sua família nem sempre foi rica?”

“Claro. Meu pai fez questão de dizer aos quatro cantos como mudou a própria história. Ele sente muito orgulho pela maneira com que se destacou depois de vir de uma família de classe média.”

Derek fica em silêncio e eu volto-me para encará-lo.

Agora tenho certeza de que ele realmente sabe mais do que está dizendo.

Há uma fila de manobristas esperando para estacionar os carros e assim que paramos, quatro seguranças nos cercam.

Parece que somos os primeiros convidados a chegar e esse é apenas um outro enigma a ser desvendado.

“Theodoro Argyros?”

“Sou eu.” - respondo ao homem que obviamente faz parte da equipe de segurança.

“Acompanha-me por favor. O doutor Odin o espera.”

Derek dá um passo à frente e o homem faz menção de pará-lo.

“Apenas ele.”

“De jeito nenhum.”

A negativa é simples, mas tão fria como gelo e faz com que todos imediatamente voltem-se para olhá-lo.

Pela primeira vez, eu o enxergo como alguém a se temer.

Apesar de no começo ele ter sido áspero e até mesmo rude em algumas ocasiões, eu nunca o vi em seu modo soldado.

Toda sua postura mudou. Seu maxilar está rígido e os ombros tensos. Ele parece um felino prestes a atacar.

“Você não está convidado a entrar.” - o homem que falou comigo ainda insiste e então, faz a pior coisa que poderia: movimenta-se para mais perto de mim, ensaindo colocar a mão no meu ombro.

A cena toda transcorre em uma fração de segundos.

Em um momento, o homem está invadindo meu espaço pessoal. A seguir, Derek o tem imobilizado e com a arma apontada para sua cabeça.

“Não seja estúpido. Você não sairá daqui vivo.” - o idiota ainda fala.

“Talvez não, mas essa será a única maneira que você me impedirá de acompanhá-lo.”

Todos os outros seguranças apontam as armas para nós agora, mas eu só consigo pensar em Derek arriscando-se por minha causa.

Não temo por mim. Só tento pensar em uma maneira de tirá-lo daqui inteiro.

“Eu irei com eles.”

“Não.”

Quando vou começar a argumentar, alguém sai de dentro da casa.

“Já chega.”

Olho para alto das escadas e sei que é Odin, apesar do homem vestido com um terno que custou não menos do que cinco dígitos pouco lembrar o rapaz de cabelos compridos do passado.

Ele sempre foi alto, mas agora eu chutaria que tem por volta de dois metros e quase cem quilos. Ele e Derek tem o físico bem parecido inclusive, apesar dos músculos do meu soldado serem mais aparentes por ele ser um pouco mais baixo.

Analiso rapidamente a postura do homem que acaba de chegar e apesar da frieza em seu olhar, não sinto-me ameaçado.

Derek, ainda com o segurança imobilizado, dá mais um passo para perto de mim, mas eu ainda estou concentrado em Odin. A única coisa que me faz ter certeza de que é ele mesmo é a frieza em seu olhar.

Ele sempre foi assim. Encarava as pessoas como se pudesse ver suas almas e o rosto, mesmo quando mais jovem, era isento de qualquer emoção.

Tanto quanto me lembro, meu pai assustava todo mundo, mas Odin jamais baixou a cabeça para ele.

Sempre pareceu ser muito mais velho do que sua idade biológica apontava.

“Abaixem as armas.”

A voz ainda é como eu lembrava.

Baixa e indiferente, com um tom de comando inato.

“O que está acontecendo aqui, Odin?” - falo sem cumprimentá-lo. A

recepção bizarra jogou para o lado qualquer chance de polidez.

“Seu amigo pode entrar também, Theo.”

“Não haveria alternativa.” - Derek responde.

“Pode baixar sua arma. Dou minha palavra de que estarão seguros.”

Olho para o rosto do homem que a cada dia torna-se mais importante em minha vida, ansioso para saber o que ele fará.

A única certeza que tenho é de que morrerei antes de permitir que o machuquem. Eu não carregarei outra vez a culpa por não proteger alguém que está me defendendo.

Ele encara nosso interlocutor e sei que está avaliando se é confiável. É incrível que eu já o conheça tanto em tão pouco tempo.

Para meu alívio, ele solta o segurança, mas não guarda a arma.

“Sigam-me, senhores.” - Odin fala - “Precisamos conversar antes que o resto dos convidados cheguem.”

Capítulo 22

Blood

Grécia

Odin vira-se para entrar na casa como se não tivesse qualquer preocupação no mundo, mas eu não compro o seu blefe.

Lidei com o ódio por tempo demais para não reconhecê-lo. Cada célula do corpo dele transpira rancor.

O lugar é enorme e apesar de eu não entender de decoração, não se parece nada como eu imaginava que seria uma vila na Grécia, mas sim com as mansões em Los Angeles.

O luxo não é disfarçado, o que só confirma o que descobri sobre sua fortuna.

Entramos em uma biblioteca e vejo uma mudança no rosto de Theo. Ele ama livros e tudo o que eu gostaria agora é de levá-lo de volta para a segurança do seu apartamento.

Eu poderia lidar com Odin sozinho, mas intuo que talvez Theodoro precise de respostas que eu não serei capaz de dar. Um encerramento.

Eu mais do que ninguém entendo isso.

“Sentem-se.”

Olho ao redor e espero que Theo acomode-se. Assim que ele escolhe uma poltrona, vou para o seu lado.

“O que está acontecendo Odin?” - ele repete a pergunta que havia feito lá fora.

“Eu preciso de respostas.” - diz com arrogância, como se aquilo fosse toda a

explicação necessária.

“A festa era uma mentira então?”

“De forma alguma. Ela acontecerá.”

“Não me leve a mal, eu não vim aqui para confraternizar, mas para visitar Aristeu.”

Theo não se altera em nenhum momento - o que é inacreditável dada a forma pouco amistosa com que fomos recepcionados.

“Eu sei.” - o homem acena com a cabeça. - “Você não vai me apresentar ao seu amigo?” - pergunta, olhando para mim.

“Você sabe quem sou e também que eu viria. O que ainda não faz ideia, é de que se há algum pensamento seu sobre manter Theo aqui, isso não irá acontecer. Ele voltará comigo assim que você acabar de dizer o que precisa.”

“Você sempre teve defensores, não é Theo?”

Pela primeira vez, vejo Theodoro oscilar.

Eu não sei como se deu o desaparecimento de Orien, mas agora intuo que nossa vinda tem a ver com isso.

Ao invés de ceder à provocação, ele pergunta.

“Orien está aqui?”

Vejo a mudança nas feições do homem moreno.

Ele é bom em disfarçar as emoções, mas eu sou melhor em ler pessoas e agora acabo de ter certeza de que ele também não sabe onde o primo está.

“Por que o súbito interesse quando você nunca o procurou?”

Theo não titubeia.

“Você não sabe do que está falando.”

“Conte-me então.”

Ele apoia os dois cotovelos nos joelhos e entrelaça as mãos.

“Eu não sei o que espera obter trazendo-me até aqui, mas qualquer coisa que eu contar, poderia ser melhor explicada pelo seu primo.”

“Digamos que talvez ele não possa falar a respeito.”

Estou tenso. Sinto que a hora em que tudo será revelado se aproxima e não sei como Theo reagirá.

“Fale-me sobre a última vez em que se encontraram.”

“Por que isso é importante depois de tantos anos, Odin?”

Foco a atenção no outro homem e é como me olhar no espelho. Eu sei o que significa precisar de respostas e não consegui-las.

“Eu preciso saber, Theo.”

“Por que não falar diretamente com Orien?”

“Ele não pode me contar.”

Porque você não sabe onde ele está.

“Tudo bem, mas primeiro quero que me explique como conseguiu construir essa casa no terreno de Leandros.”

“Eu comprei toda a ilha.”

“O que? Isso é impossível.”

O outro homem parece entediado.

“É apenas um fato. Seu pai vem vivendo de aparências há anos. Ele está falido e digamos que eu incorporei todo o seu patrimônio.”

“Eles terão que ir embora daqui?”

Odin dá de ombros.

“No futuro, sim.”

Theo levanta e começa a andar de um lado para o outro.

“E quanto à Elina e mamãe?”

Ele é inacreditável. Depois de tudo, ainda está preocupado com as pessoas que o negligenciaram a vida toda.

Sei que fora Elina, as outras irmãs são casadas e vivem em países da Europa.

“Eu tenho algo em mente.” - fala e eu desconfio que não há somente *algo em sua mente*, mas um plano completo por trás daquilo.

Pessoas como Odin nunca ameaçam. Geralmente suas ações são tão rápidas e letais que ninguém as vê se aproximando.

“O que você quer saber exatamente?”

“Fale sobre o último dia em que você viu Orien.”

Theo anda até uma das janelas e de costas para nós, coloca as mãos nos bolsos das calças.

“Leandros estava tentando fazer com que eu mergulhasse da Rocha Azul. Eu não queria e ele não aceitou um *não*. Disse que aquele era uma espécie de rito de passagem para todos os homens da nossa família.” - eu posso sentir seu desconforto - “Jamais dei a mínima para as tradições. Nunca sonhei em ser como ele, mas poderia tê-lo obedecido para que me deixasse em paz, como fiz tantas outras vezes. Só que a minha fobia por altura me impediu de agir e ele me empurrou.”

Porra! Que tipo de psicopata faz uma merda dessas com o filho adolescente?

“Orien me salvou.” - a voz de Theo falha e eu sei que ele se culpa pelo que quer que tenha acontecido depois. - “E meu pai não gostou que eu demonstrasse fraqueza na frente dos seguranças. Acho que ele sentiu-se humilhado por eu ter sido salvo por um amigo.”

Posso vê-lo quebrando. A dor emergindo como se estivesse vivendo tudo novamente.

“Eu não sabia nadar direito e acho que entrei em pânico. Provavelmente teria me afogado se Orien não tivesse tirado-me da água.”

Sinto dor atrás dos olhos ao ouvir o relato.

Como alguém pode se intitular pai depois de uma atitude dessas? E onde no inferno estava a mãe dele que não o protegeu do maldito doente?

“Eles o levaram.” - ele faz uma força enorme para controlar as emoções e aquilo me atinge profundamente. - “Eu tentei impedi-los, mas um dos seguranças do meu pai me desacordou. Quando recuperei os sentidos, estava em meu quarto e naquela mesma noite corri até aqui. Quero dizer, à casa de Aristeu, mas ele disse que Orien havia partido. Eu nunca mais soube do seu primo desde então.”

Ele volta-se para nós.

“Sei que você exigiu que conversássemos antes que eu pudesse ver seu tio, mas eu não posso ficar. Eu vim com a melhor das intenções. Elina disse que Leandros estava custeando as despesas médicas dele e eu não acreditei. No entanto, isso não parece mais fazer qualquer sentido. É óbvio que você pode cuidar de Aristeu sozinho, então tudo o que peço é que me dê a chance de me

despedir. Eu prometo que não demorarei por lá.”

“Quem estava com vocês naquele dia no penhasco, além de seu pai?”

Theo sacode a cabeça.

“Não lembro do nome de todos. Sempre foram muitos e trocados com frequência, mas sei quem estava imobilizando Orien - “Ciro, o chefe dos seguranças da nossa vila.”

Capítulo 23

Theo

Grécia

Estamos circulando na festa, depois da conversa tensa com Odin.

Não tenho qualquer vontade de ficar. Ele trouxe à tona o pior momento da minha vida, mas ele pediu que eu não fosse embora porque teria um anúncio a fazer.

O que me fez continuar na casa, no entanto, foi um sentimento de dever com ele. Agora tenho certeza de que tanto quanto eu, Odin nunca mais viu o primo.

Um bolo forma-se na boca do meu estômago ao imaginar que meu pai possa ter feito mais do que surrar Orien. Que algo sério se passou naquela noite e todos ocultaram de mim.

Não, ele não chegaria tão longe.

Arquivo o pensamento por enquanto, mas pedirei a Derek para que ele me ajude a descobrir a verdade.

Olho em volta do salão e sei que nenhuma das pessoas aqui é grega.

A maior parte parece ser composta de homens de negócios e estou mais perdido do que nunca.

Derek mantém-se ao meu lado o tempo todo.

Ele não parece se importar que as pessoas saibam que estamos juntos.

Não estamos de mãos dadas e nem nada do tipo, mas até o mais distraído dos mortais perceberia que somos um casal.

Ele continua tenso. Posso notar seu desconforto. Provavelmente está louco por não saber o que acontecerá até o fim da noite.

“Seu pai está aqui.”

A frase simples tem o poder de trazer bile a minha garganta.

Apesar de estar dentro do seu terreno, jamais imaginei que Odin o convidaria e muito menos que Leandros aceitaria.

Quando viro a cabeça, vejo meus pais e Elina entrando.

De repente, tudo torna-se demais e preciso me afastar por um instante.

“Eu vou ao banheiro.”

“Está tudo bem?”

“Tão bem quanto seria possível reencontrar todo o meu passado em um só dia.”

Não todo. Orien não está aqui e talvez a pessoa responsável pelo seu desaparecimento seja eu mesmo.

Ele surpreende-me, passando o nó dos dedos em meu rosto e eu nunca precisei tanto de contato humano como agora.

“Você não está mais sozinho.”

Olho o homem grande e para muitos, assustador e sinto-me mais calmo.

“Por mais louco que seja, eu sei que você está sendo sincero.”

Coloco minha mão por cima da dele porque não quero perder seu toque, mas quando pego um movimento em minha visão periférica e percebo que alguém se aproxima, digo.

“Eu preciso jogar água no rosto para tentar me acalmar. Já volto.”

Ele acena com a cabeça enquanto eu penso que não posso desperdiçar anos de terapia permitindo que Leandros tenha qualquer poder sobre mim.

Caminho olhando para o chão, evitando fazer contato visual com quaisquer dos presentes, quando alguém intercepta meu caminho.

“Theo.”

Ouço a voz que muito raramente fala comigo ao telefone.

Não preciso erguer o rosto para saber que é a minha irmã mais velha e quando a encaro, dou um passo para trás. Não desejo qualquer aproximação com

ela.

“Elina.” - devolvo como se não fizesse quase oito anos que não a vejo.

Olho para a mulher tão parecida com a minha mãe fisicamente.

Nós cinco formamos um grupo estranho.

Eu tenho a pele clara, cabelos negros e olhos azuis. Minhas irmãs são morenas como meu pai e de olhos castanhos. Já Elina é muito mais inglesa do que grega - pelo menos na aparência.

Ela é um pouco menos branca do que eu, mas tem o cabelo loiro como o de mamãe. É alta e magra também, ao contrário das outras garotas da família que tem quadris largos e fazem mais o tipo *mignon*. Para mim, todas são lindas, cada uma a seu modo, mas Elina é perfeita.

Apesar da beleza externa, no entanto, ela é fria e crítica.

As lembranças que tenho do nosso relacionamento no passado, quando eu era muito pequeno, são dela cuidando de mim. Até mesmo mais do que minha própria mãe.

Lembro de construirmos castelos de areia juntos na praia e também que às vezes saíamos de mãos dadas para passear.

Ela é quase seis anos mais velha - somos os dois extremos da família: a primogênita e o caçula - mas apesar disso, eu sempre quis ficar mais com ela do que com as outras irmãs.

No entanto, nosso relacionamento mudou assim que ela entrou na adolescência. Eu ainda era um garotinho, mas sempre fui sensível e vi o distanciamento aumentando conforme crescíamos.

Ela se fechou para mim. Tornou-se inacessível, ignorando-me a maior parte do tempo.

O desprezo dela doeu até mais do que o dos meus pais, porque eu não entendi o que havia feito de errado para que ela deixasse de me amar.

Empurrando a memória, obrigo-me a enfrentá-la.

Apesar de tudo, fiquei preocupado com o que Odin disse sobre eles terem que deixar a ilha. Minhas outras irmãs estão casadas, mas o que será de minha mãe e Elina?

Mamãe é extremamente dependente do meu pai e minha irmã atua como uma espécie de relações públicas da família, organizando recepções na ilha. Ela nunca saiu da Grécia. Até mesmo em Atenas ela só esteve poucas vezes.

Também não teve um relacionamento amoroso, que eu saiba.

Então, de repente ter que sair do lugar em que nasceu e foi criada, aos trinta anos, será um choque.

“Você não deveria ter vindo.”

As palavras atuam imediatamente como ácido em meu coração.

Apesar de saber que deveria esperar algo do tipo, nunca vou conseguir me preparar para agressões gratuitas.

Eles me odeiem somente por eu existir?

Chega, não posso continuar aqui.

Vou molhar o rosto e partir com Derek.

O que quer que Odin decida sobre me deixar ver seu tio, eu ficar na festa não influenciará.

“Eu não vim por sua causa.” - falo, ao mesmo tempo em que dou um passo para o lado, já me afastando.

“Theo, espera. Não foi o que eu quis dizer.”

Seu tom está diferente e volto para olhá-la.

“Já estou de saída, Elina. Vocês me querem por perto tanto quanto eu quero vê-los.”

Minto parcialmente, porque é uma coisa muito fodida não ter um parente com quem eu possa compartilhar a minha vida.

Ela desvia o olhar e não parece mais a mulher confiante que falou comigo ao telefone há alguns dias.

“Você veio com um amigo…”

“*Tchau*, Elina.” - volto a andar porque sei que não reagirei bem se ela começar a falar merdas sobre Derek ou minha identidade sexual.

“Foi uma boa coisa você tê-lo trazido. Eu admiro sua coragem.”

Paro novamente.

“Que tipo de jogo você está fazendo agora? Desde quando a palavra admirar

e eu em uma mesma frase existiu em seu mundo?” - suspiro, em parte irritado, em parte esgotado de tantos confrontos em um único dia - “Olha, vocês já deixaram claro que eu não existo e há muito tempo fiz as pazes com isso, então não precisa fingir polidez ou se achar na obrigação de me cumprimentar. Algumas coisas simplesmente são o que são. Para o desgosto de vocês, um erro genético fez com que eu nascesse nessa família, mas acredite, eu nunca me senti como parte dela e nem pretendo qualquer reaproximação, então fique tranquila. Eu faço malabarismos para que a imprensa não me relacione a vocês. Agora se me der licença, eu preciso ir.”

Ela olha como se quisesse dizer algo mais, no entanto, permanece calada somente encarando-me e depois de um momento, sigo o meu caminho.

◆◆◆

Entro no banheiro tentando manter o rosto impassível, quando por dentro tenho vontade de sair correndo.

Foi um erro ter aceitado vir a essa festa.

Se Odin planeja algo contra Leandros, isso não me diz respeito. Derek estava certo. Eu só vim para ver Aristeu.

Eu não me importo com o que acontecerá a meu pai. Posso não saber tudo sobre sua vida ou negócios, mas cresci vendo o suficiente para entender que, mais cedo ou mais tarde, a vida cobraria sua dívida.

Apesar disso, estarei a postos para ajudar mamãe e Elina se elas precisarem, caso o que Odin falou sobre meu pai estar falido seja verdade.

Estou criando coragem para voltar, quando Derek entra.

Meu coração acalma na hora.

Eu sabia que não queria vir sozinho à Grécia, mas ainda não tinha realizado a importância de tê-lo comigo. Olhando-o agora, não posso me imaginar enfrentando isso sem seu apoio.

“Theo…"

Ele vem direto para mim e olho-o pelo espelho.

“Eu vi você com Elina. Está tudo bem?”

“Eu não deveria ter vindo.”

“Eu sei, mas talvez fosse o que você precisava.”

“O que isso significa?”

“Que às vezes é necessário confrontar o que nos assusta para conseguirmos virar a página.”

Olho para o homem que parece ser indestrutível.

“Há algo que assusta você? Eu não consigo imaginá-lo sentindo medo de nada.”

“Você não faz ideia.”

“Conte-me.”

“Eu vou contar. Quando voltarmos para a América, precisamos conversar sobre o meu passado.”

Meu estômago dá nós.

Não gosto de conversas sérias porque geralmente significam mudanças e eu não lido muito bem com elas.

“Tudo bem.” - respondo, sem ter certeza do que dizer.

“Você está incomodado com o seu pai? Por ele nos ver juntos?”

Penso um pouco.

“Não.” - falo com sinceridade - “Há muito tempo fiz as pazes com o fato de que ele me odeia. Isso já teve importância em minha vida enquanto eu estava crescendo. Agora não mais.”

“Tem certeza?”

“Sim. Eu não sei para onde estamos indo a partir daqui, mas não fingirei ser uma pessoa diferente do que sou. Sei que nos conhecemos há pouco tempo e não sabemos nada um do outro.” - dou uma risada e corrijo-me rapidamente - “Quero dizer, eu não sei sobre você, porque tenho certeza que sabe minha história do avesso. Ainda assim, manterei a aposta em nós dois, se você também estiver disposto.”

“Eu não conheço o que realmente importa.”

“*Hein*?”

“O que eu precisei descobrir sobre você, não é o que realmente importa. Eu quero conhecer tudo.”

“Certo.”

“Certo? Só isso? Não vai me chamar de maníaco por controle?”

Sorrio pela primeira vez desde que chegamos a aquela casa.

“Eu não tenho problemas com suas manias.”

Ele dá um passo para frente e meu pulso acelera.

Puxa-me para os seus braços e cola nossas testas.

“Você disse que não sabe nada sobre mim e é verdade, mas há algo que quero que grave: eu não estou brincando com você, Theo. Não estou atrás de uma transa de uma noite. Quero conhecê-lo. Saber do que gosta e de seus medos. Vê-lo sorrir mais vezes porque seu sorriso é fodidamente lindo.”

Meu coração está em uma corrida louca.

“Por outro lado, entendo que você passou a vida toda sendo julgado e se não estiver bem com irmos lá para fora juntos, não vou ficar chateado.”

“Não entendi.”

“Estou tentando dizer que não precisamos ficar juntos aqui se você não quiser.”

Olho para o seu rosto para ter certeza de que está falando sério.

“Você quer dizer, juntos como um casal?”

Ele me dá um beijo suave nos lábios, mas que dura menos do que eu precisava.

“Sim.”

Eu o abraço de volta e deitando a cabeça em seu ombro, trazendo-o mais para mim.

“Eu não quero mais me esconder, Derek. Nós não seremos um segredo. Eu não devo nada a ninguém.”

A porta do banheiro abre-se de repente e o protagonista de todos os meus sonhos ruins surge.

“Como ousa, Theodoro?”

Eu imaginei por muito tempo como seria esse reencontro, mas agora que Leandros finalmente está a minha frente, eu não sinto nada.

Nem mesmo desprezo.

Observo o homem de cabelos grisalhos, com o mesmo olhar cruel que eu me lembrava e não tenho mais medo.

Em meus pesadelos, ele era muito maior e capaz de me esmagar como a um inseto, mas encarando-o agora só enxergo alguém mesquinho e com uma alma podre que, mesmo após ficar uma década sem ver o filho, preocupa-se somente em manter as aparências.

“Como ouso o que, Leandros?”

Posso ver a surpresa em seu rosto. Eu nunca o chamei pelo nome.

Derek está tenso ao meu lado e entrelaça nossos dedos como que para me mostrar que está aqui comigo.

“Vocês dois são anomalias.”

Ele ameaça dar um passo à frente, mas Derek se interpõe entre nós.

“Não se aproxime.”

“Saia da minha frente, seu doente. Não ouse tentar me impedir de falar com meu filho.”

“Eu não sou seu filho. Cinco minutos de contribuição genética não faz de alguém um pai. Pare de fingimento. Nós dois sabemos o que sempre signifiquei para você.”

Ele me encara e então sorri.

Se a maldade tivesse um rosto, certamente seria o de Leandros.

“Você está certo. Sempre foi um incômodo, como um tumor. Um câncer do qual não conseguia me livrar. Nem mesmo me fazer um favor morrendo você conseguiu.” - ele dá outra risada fria e eu seguro o estremecimento que atravessa meu corpo. - “Eu tive esperança, você sabe? Naquele dia no penhasco, eu torci para que a merda do seu coração parasse de bater quando o empurrei, mas então aquele garoto idiota tinha que salvar o seu dia.”

“Você queria que eu morresse.” - digo, no automático.

Apesar de ter crescido sabendo que ele não me amava, nunca imaginei que me odiasse tanto assim.

Ele não fala nada, mas seu silêncio é resposta mais do suficiente.

“Vamos embora,Theo. Não perca seu tempo.”

Derek começa a me puxar para a saída, mas eu volto-me mais uma vez.

“Onde ele está? O que você fez com Orien?”

“Eu não sei do que você está falando.”

Não acredito nele por um segundo sequer.

“Claro que sabe e eu descobrirei, Leandros. Não importa quanto tempo leve. Se você o machucou, eu o farei pagar.”

Ele desvia o olhar.

É a primeira vez que toma a iniciativa de quebrar o contato visual.

E então eu vejo.

Odin tinha razão. Há algo de sinistro por trás da partida do meu amigo.

No entanto, antes que qualquer um de nós diga algo, um dos seguranças entra no banheiro.

“Doutor Odin está chamando todos no salão principal. Ele fará um anúncio.”

“Vamos.” - Derek puxa-me novamente pela mão e dessa vez, deixo-me guiar.

Antes de sair, lanço um último olhar ao homem que passei anos temendo.

Agora, ele só consegue me despertar nojo.

Capítulo 24

Odin

Grécia

Finalmente.

Depois de esperar por mais de vinte anos, chegou o dia de dar início a minha vingança.

Eu deveria estar acelerado, mas sinto-me vazio como nunca.

Minha conversa com Theo, infelizmente, foi o que eu imaginava.

Apesar de ter certeza de que ele estava com Orien na última vez em que ele foi visto, jamais acreditei que Theo tivesse qualquer culpa no desaparecimento do meu primo.

Eu sei quem é Leandros Argyros. Conheci ainda muito jovem sua psicopatia e crueldade.

O mundo está cheio de doentes, mas Leandros localiza-se no topo da cadeia alimentar quando trata-se de crimes.

Além de tudo o que já fez contra o próprio povo, o velho grego, que era até pouco tempo um dos dez homens mais ricos do nosso país, ocultou de todos a verdadeira origem de sua fortuna.

Ele é um traficante de armas.

Um senhor da guerra - como esses fascínoras são comumente chamados.

Levei um bom tempo para rastrear e combater suas ações.

Ele fornece armas principalmente para países subdesenvolvidos na África, os

quais vivem em meio a conflitos civis - o que significa que lucra com a morte de inocentes, muitas vezes incitando guerrilhas.

Obtive informações de que ele chegou a ordenar atentados contra líderes políticos para dar início a disputas e assim fornecer seu armamento.

Custou-me uma parcela da minha fortuna afundar vários de seus navios, mas foi para isso que me empenhei tanto em ficar rico: para fazê-lo pagar.

Eu espero desde os doze anos de idade pelo meu acerto de contas.

Ninguém sabe o que presenciei. Nem mesmo meu tio imagina os pesadelos que ainda me assombram.

O cheiro de sangue que parece me seguir para onde quer que eu vá. Os gritos da minha família. Minha irmãzinha implorando por misericórdia.

E principalmente, a culpa por ter sobrevivido.

Foi um trabalho meticuloso e demorado destruí-lo e hoje será o dia em que ele começará a pagar por seus pecados.

E como se não bastasse, há também Orien.

Com as informações que Theo me deu, já tenho alguém à caça de Ciro, o chefe dos seguranças de Leandros.

Será uma questão de tempo até que eu obtenha a confirmação do que eles fizeram com o meu primo.

Não que eu precise de uma - Orien jamais abandonaria a família desse jeito, por certo, mas principalmente, ele nunca abriria mão de Theo.

Ninguém precisava ser um grande observador para perceber que eles estavam apaixonados. Acho que somente os dois não enxergavam, talvez por serem muito jovens.

Eu os via cada vez mais próximos e sabia que aquilo não acabaria bem. Não imaginei que Leandros poderia ferir o melhor amigo do filho ou teria dado um jeito de tirar o garoto daqui.

Agora, sinto-me mal por não ter enxergado mais longe. Fui tolo ao pensar que ele não cometeria um crime no mesmo terreno em que a família morava. Orien pagou pelo meu erro.

Eu nunca achei que Leandros seria estúpido ao ponto de machucar alguém

dentro da própria ilha, mas aparentemente, o ódio pela identidade sexual do filho se sobrepôs à razão.

Meu tio vivia aqui dentro da vila, o que significa que o desaparecimento de Orien invariavelmente chamaria a atenção da polícia para Leandros.

Só que o maldito orquestrou seu plano de uma maneira que mesmo Aristeu acreditou que o filho havia ido embora, inclusive recebendo correspondências dele esporadicamente.

Eu tracei essas cartas e o endereço do remetente é uma caixa postal. Qualquer um poderia enviá-las. As mensagens de celular, vem de uma linha pré-paga. Não há nada que comprove que Orien as enviou.

Agora, depois do que Theo revelou, eu sei que Orien não saiu vivo daqui.

Embora eu ainda não tenha como provar isso, essa noite darei uma amostra a Leandros do que o aguarda em um futuro próximo.

Quero assisti-lo contorcendo-se em agonia ao ver seu mundo ruir. Olhar em seus olhos quando eu lhe tirar tudo o que ele tem de mais precioso.

Aconteceu algo inesperado, no entanto, que fez com que meus planos mudassem.

Meu inimigo está tentando encontrar sua saída para sua derrocada financeira e para isso, negociou a própria filha.

Elina. A dama de gelo.

Será que ela está sabendo dos planos do pai?

Não posso ter certeza, mas farei o que for necessário para impedi-lo.

Capítulo 25

Blood

Grécia

Apesar de ter sido um soldado a minha vida inteira, matar não é algo que eu faça sem piscar.

Convivi com muitos homens que fariam isso sem perder cinco minutos de sono à noite.

Ethan, o sócio de Amos, é um caso clássico.

Ele é uma das melhores pessoas que você pode ter como amigo, mas certamente a pior para se ter como inimigo. Principalmente se você for um criminoso.

Ele não hesita antes de puxar o gatilho e depois, somente segue com a sua vida como se aquilo fosse nada.

Infelizmente, talvez eu tenha uma consciência um tanto sobrecarregada e não esqueço de sequer uma vida que ceifei, mas se você me perguntasse agora, eu poderia matar Leandros Argyros sem que isso me trouxesse qualquer culpa.

Depois das minhas pesquisas sobre ele - desde que fui incumbido da proteção de Lilly e então quando me aprofundei sobre suas atividades antes de vir para Grécia com Theo - eu soube que o homem mais velho era um ser desprezível. Um criminoso frio. No entanto, assistir em primeira mão sua interação com Theodoro colocou-o em uma lista muito seleta de monstros para mim.

Como alguém pode dizer o que ele disse ao próprio filho - sobre desejar sua

morte - está além da minha compreensão.

Eu convivo com a escória humana em decorrência do meu trabalho. Já vi todos os tipos de crimes e criminosos que você puder imaginar, mas poucas vezes encontrei alguém sem alma.

Leandros Argyros é um desses.

Pegue um assassino em série, pegue o pior dos pedófilos ou até mesmo um dos distorcidos líderes de guerrilhas, que tiram vidas como se fosse nada.

Até mesmo para esses homens existe algo de sagrado. Seja uma mãe doente, filhos, uma esposa que o ama apesar de seus crimes.

Certamente você encontrará alguém em sua trajetória que o fará sentir-se envergonhado quando finalmente for apanhado e julgado.

No entanto, eu acabo de ter a confirmação de que a única pessoa que conta na vida de Leandros Argyros é ele mesmo.

Ele desejou mesmo a morte do filho só por ele ser *gay*?

Como pai, sinto-me enjoado em ouvir algo assim.

Estamos a caminho do salão principal e eu tenho a mão de Theo presa a minha. Os dedos, entrelaçados.

Ele foi muito forte, mas percebi o quanto o abalou o confronto com o pai.

Sua mão está gelada. Ele teve muito em um só dia.

Odin está no meio do salão com umas cem pessoas ao seu redor.

Posso reconhecer alguns rostos dos jornais.

São empresários famosos e banqueiros que sempre destacam-se nas notícias por conta de seus ganhos financeiros.

Você pode respirar dinheiro para cada lugar que olhe aqui dentro.

“Obrigado por me tirar de lá.”

“Você não está mais sozinho.” - repito o que falei há pouco, sem saber o que fazer para diminuir a dor que vejo em seu rosto.

Ele vira-se para me olhar e eu quero abraçá-lo.

Não consigo encontrar dentro de mim o momento em que a atração física transformou-se em algo mais.

Chegou lentamente.

A admiração por sua bondade, o encantamento pela mistura de vulnerabilidade e força toda embrulhada em um pacote bonito para caralho e finalmente, algo que ainda não me atrevo a dar um nome.

“Eu não quero mais ficar sozinho, mas não serve qualquer um. Só você.” - diz, fazendo meu sangue bombear ferozmente por todo o sistema.

Theo consegue despertar um lado passional que eu nem desconfiava que tinha.

“Bom que pense desse jeito, porque eu não deixarei que se afaste.”

Sim, não fui muito sutil, mas ele precisa saber exatamente onde está se metendo.

Eu não faço o tipo que dá voltas para dizer o que quero.

Ele sorri aquele sorriso torto que a cada maldita vez faz meu coração disparar.

“Eu posso lidar com um perseguidor.”

“Um perseguidor muito determinado.”

Não sei se inconscientemente, seu corpo se aproxima mais um pouco.

Ombros alinhados, mãos dadas, emoções em sintonia.

“Leve-me embora assim que ele acabar de falar?”

“Não há nada que eu queira mais.”

Como que adivinhando nosso desejo, a voz de Odin se faz o ouvir.

Ele não usa um microfone, mas apesar disso, as pessoas parecem ter parado de respirar dentro do salão.

“Boa noite a todos e obrigado por aceitarem o convite para conhecerem a minha ilha.”

As primeiras palavras soam geladas e cortam tão precisamente quanto uma navalha faria.

Há um silêncio tão denso que acho que se uma pluma caísse no chão, escutaríamos.

Olho para a família Argyros - os três membros presentes - posicionada em nossa diagonal.

O rosto de Elina está pálido, mas ela não deixa transparecer nada além disso.

A mãe, Cinthya, tão bonita e parecida com a filha, parece prestes a sair correndo, mas quem prende mesmo a minha atenção é o patriarca.

Ele não desvia os olhos de Odin. É como se houvesse somente os dois aqui dentro.

Pode-se quase tocar o ódio entre eles.

“Vocês foram chamados para aproveitarem o fim de semana, claro.” - continua e intuo que aquela é sua tentativa de soar leve - no que ele é mal-sucedido. Não há nada de suave no homem - “Mas principalmente, para que conversemos sobre mudanças que ocorrerão a curto prazo.”

“Vamos embora.” - Theo fala quase no segundo seguinte em que Odin finaliza. - “Não posso mais continuar aqui.”

“Tudo bem, mas não gostaria de falar com sua irmã e mãe antes?” - eu já o conheço o suficiente para ter certeza de que ele está preocupado com o futuro das duas porque é assim que é o meu Theo. Incapaz de virar as costas a quem precisa de ajuda, independente do merecimento.

“Não. Tratarei com elas depois. Estarei pronto a apoiá-las se precisarem, mas não me importo com o destino daquele homem. Talvez tenha chegado o momento dele receber de volta o que vem plantando a vida toda.”

Dou de ombros, enquanto começo a nos encaminhar para fora.

“Ele não teria tempo de vida suficiente.”

“O que?”

“Seu pai. Ele teria que reencarnar muitas vezes para começar a pagar todo o mal que já fez.”

“Isso não me diz mais respeito.”

Aguardamos o manobrista trazer o carro e eu me viro para ele.

“E o que é importante para você agora, Theo?”

“Você.”

Capítulo 26

O Homem

Sicília

“Giulia, você deve sorrir para as pessoas quando elas se aproximarem de nós. É isso o que as meninas bem-educadas fazem. Você não quer me envergonhar, não é mesmo?”

Claro que não estou esperando uma resposta de fato.

Ou melhor, ficaria satisfeito com uma, mas sei que não obterei.

Desde que me livrei da vagabunda da mãe dela, a menina nunca mais falou.

A única coisa de que me arrependo, é de não tê-lo feito antes. Não deveria ter sido sentimental e permitido que Stela viesse morar conosco, para início de conversa.

Ela nunca me interessou.

Quero dizer, não me interessou além do que todas as mulheres o fazem. Para um foda dura, pura satisfação de um instinto animalesco.

Lembro perfeitamente do dia em que nos conhecemos.

Ela estava em um *shopping center*, mas poderia perfeitamente ser em um puteiro.

Era meio da tarde, mas a mulher vestia-se como alguém procurando sexo. Você podia sentir a vulgaridade nela à milhas de distância.

Confesso que sempre tive um fraco por morenas magras e peitudas e se há algo que não se pode negar sobre aquela puta é que ela tinha um corpo de parar o trânsito.

Só que eu não precisei de mais do que duas noites para saber que já havia tido o suficiente. Ela era tão irritante que não havia bom sexo que compensasse aquilo.

Claro que percebi que era casada, o que, apesar de me causar uma certa repulsa, não me impediu de tê-la em minha cama.

Pobre bastardo do cara que desposou aquela prostituta. Ela nem disfarçava que era uma caçadora de dinheiro.

A mulher não tinha qualquer noção do perigo e tornou-se inconveniente, telefonando, mandando mensagens e eu que nunca lidei muito bem com perseguidoras, resolvi pôr um fim em tudo.

Em nome de sua juventude, resolvi lhe dar um único aviso de que ela deveria desaparecer. Eu já estava de saco cheio de sua voz de gralha e suas cobranças para nos encontrarmos, então decidi fazer-lhe uma visita e dizer que ou ela seguia em frente ou eu encurtaria sua estada nesse fodido planeta.

E foi assim que a vi pela primeira vez.

Minha Giulia.

Claro, naquela época ela se chamava Belinda, mas isso não tem mais qualquer importância.

Lembro de tocar a campanhia e um anjo vir abrir a porta.

Eu não tenho família ou irmãos, então jamais percebi como mini-adultos podem ser interessantes.

Acho que o que me ganhou primeiro foi sua inocência.

Estou acostumado a ser temido - e é claro que existem bons motivos para isso.

A quem estou querendo enganar? Eu mesmo me temeria se fosse outra pessoa.

Então, o fato daquela menina linda me tratar com carinho despertou minha curiosidade.

Logo, o que era para ser uma despedida, transformou-se em visitas cada vez mais frequentes.

Eu queria conhecer a criança.

A pequena estava sempre feliz e era engraçada também.

Como Stela foi capaz de produzir algo tão perfeito, eu não conseguia entender.

Depois de duas semanas indo vê-la, eu já estava viciado nas atenções da garotinha. No meu mundo cercado de bastardos - a começar por mim mesmo - e mortes, Giulia era luz em meio a tanto feiúra.

Comecei a coletar informações sobre a outra parte do triângulo familiar. O pai.

Apesar de ter quatro anos incompletos na época, a criança era excepcionalmente esperta e contou-me praticamente tudo o que eu precisava saber.

Foi então que eu percebi o quanto ela o amava. O pai era um herói para ela.

E eu quis aquele amor para mim.

Decidi que aquele doce de criança estaria muito melhor comigo, sendo criada como minha filha.

Sondei Stela e ela contou que o marido não ficava muito tempo em casa, que vivia viajando, o que facilitaria em muito meus planos de trazer Giulia para a Itália.

Eu estava absolutamente certo de que em pouco tempo ela esqueceria sua antiga vida.

Uma criança tão perfeita merecia crescer em meio ao luxo e não em uma bairro de classe média.

Eu a faria minha herdeira sem a inconveniência de uma mãe de brinde.

Um bom plano - na teoria.

O problema é que a menina era muito apegada à cadela e até mesmo alguém sem qualquer compaixão como eu, entendi que seriam muitas mudanças de uma só vez e resolvi que levaria as duas.

Pelo menos temporariamente, é claro. Porque não havia chance de eu conseguir conviver com Stela para o resto dos meus dias.

Eu preferia a morte por tortura - que seria uma espécie de justiça poética, se formos considerar quantos já morreram em minhas mãos exatamente assim.

Não me custou mais do que meia hora para convencer a prostituta a deixar sua patética vida e vir embora comigo.

Ela estava ansiosa por luxo e eu, disposto a lhe conceder isso, se o resultado fosse ter a criança que eu queria para filha morando comigo.

Foi um pouco frustrante esperar algumas semanas até que as rodas do meu plano começassem a girar. Estou acostumados a ter minhas vontades atendidas imediatamente e sem qualquer questionamento.

Nossa primeira briga foi sobre a necessidade de ambas mudarem seus nomes.

Precisei persuadi-la de que não podíamos mais chamar a menina de Belinda e que ela, Stela, seria Laura.

Pelo que ela falou do marido, ele trabalhava como segurança ou algo parecido - ao menos é o que eu pensava na época.

Eu deveria ter escavado mais fundo.

No princípio, considerei pôr fim à vida dele, mas eu não podia me dar ao luxo de atrair atenção.

Eu tenho uma bagagem enorme em minhas costas e muitas contas a acertar, então fazer uma família inteira desaparecer nos Estados Unidos não seria inteligente.

Resolvi que as levaria para a Itália, mas sabia que precisava agir com cuidado. Não queria o *FBI* atrás de mim.

Foram semanas coletando sangue de Stela até termos o suficiente para montarmos a cena que precisava.

Graças a Deus a cadela só pesava cinquenta quilos, o que fez com que necessitássemos de uma quantidade menor.

Tínhamos que convencer o pobre coitado de que a vadia estava morta e a criança havia sido sequestrada.

Eu estava certo de que depois de algumas buscas, um mero segurança acabaria desistindo, afinal ele não era páreo para minha fortuna e certamente jamais conseguiria empreender uma caçada internacional.

Ele que fizesse outro filho com uma nova esposa.

Foi muito fácil partir do plano para a ação, mas nada ocorreu como eu esperava.

Primeiro, Giulia nunca parou de falar no fodido do seu pai e não importava quanto tempo passasse e eu tentasse convencê-la de que *eu* era seu pai, podia ver em seu olhar que ela não acreditava.

Ela tornou-se cada vez mais fechada para mim e eu passei todos os malditos dias desde então tentando recriar a maneira doce com que ela me tratou quando me conheceu.

Eu achava que podia trazer aquilo de volta, apesar de até agora não ter sido bem-sucedido.

A frustração de ter me arriscado e não conseguir meu prêmio aos poucos foi piorando meu comportamento - que nunca foi um exemplo, para começo de conversa.

Alie a isso a minha descoberta de que a vagabunda da Stela me ocultou uma informação crucial.

O marido não era um simples empregado da área de segurança, mas um fodido especialista em matar.

Derek Gunnar.

O homem de quem venho - e fico doente por ter que admitir - escondendo-me há cinco anos.

O cretino simplesmente não desiste.

É como se ele e Giulia tivessem uma ligação que nada do que eu faça possa apagar.

Quando descobri que precisaríamos nos esconder, foi a primeira das muitas vezes em que surrei Stela.

Fiquei tão descontrolado que quase a matei e me arrependi de não te-lo feito na ocasião.

Custou-me quatro anos para entender que ela tinha que sair de cena. Se eu tivesse feito isso antes, as coisas poderiam ter seguido um caminho mais fácil.

Há um ano mais ou menos eu cheguei ao meu limite.

Nem mesmo por Giulia eu poderia manter a vagabunda da mãe dela viva e

quando, em meio a uma das brigas diárias, ela ameaçou ir embora levando a menina, selou o próprio destino.

O problema é que eu não sabia que a criança estava conosco na sala.

Ela viu tudo e desde então, nunca mais emitiu qualquer som.

Eu já trouxe diversos médicos e nenhum conseguiu detectar o que há de errado com ela.

Disseram que talvez um trauma tenha causado aquilo já que não encontram qualquer problema físico.

Juntando as peças, eu acho que o que ela viu talvez a tenha deixado muda, mas jamais admitirei isso para alguém.

Não posso permitir que desconfiem de sua verdadeira identidade e é por isso que ela não frequenta uma escola regular.

Sequestro é um crime sério e não passarei o resto dos meus dias apodrecendo em uma cadeia nos Estados Unidos.

Em seus primeiros anos aqui, as professoras que a ensinavam com exclusividade chamaram minha atenção para a facilidade que a criança tinha de aprender e depois de muito insistirem, eu trouxe especialistas para testá-la.

Eles disseram que a menina tinha um *QI* de cento e sessenta e dois. O que significava que ela era um gênio.

No entanto, depois de tantos anos em silêncio, começo a duvidar disso. Talvez eles tenham feito a merda do teste errado.

Olho de novo para a criança ao meu lado, com um certo desgosto agora.

Cada vez mais minha conexão com ela diminui.

Até pouco tempo, eu não concebia a possibilidade de não tê-la em minha vida, mas após um ano de silêncio e a necessidade de fugir do maldito obstinado que é seu pai, a situação toda já está me irritando.

Não enxergo mais sua perfeição e sim vejo-a como algo defeituoso.

Sua mudez tirou parcialmente meu encantamento por ela e tenho pensado há semanas no que fazer para resolver esse inconveniente.

Não estou mais com vontade de me esconder.

Talvez tenha chegado o momento de tornar as coisas mais fáceis em minha

vida.

Capítulo 27

Theo

Grécia

Há uma festa muito louca dentro do meu estômago nesse exato momento.

É como se um zoológico tivesse sido aberto e os animais se revezassem em acrobacias espetaculares.

Olho para o homem ao meu lado, absorvendo seus traços fortes, as mãos poderosas no volante e não acredito no que está prestes a acontecer.

Minha necessidade por contato sempre me fez enxergar mais nas pessoas do que elas eram realmente, mas o que sinto por Derek é diferente.

“Eu gosto de você. Muito.” - falo antes que possa me parar.

Certo, nos manuais de sedução pelo mundo afora, talvez minhas palavras sejam listadas como as piores possíveis para se dizer a um cara com quem se está prestes a ir para a cama pela primeira vez.

Sentimentos costumam espantar as pessoas.

A coisa é que rever minha família fez brotar a necessidade de ser honesto com o mundo, mas principalmente, comigo mesmo.

“Bom.” - ele responde, entrelaçando nossas mãos. - “Porque eu não tenho a intenção de deixá-lo escapar.”

Palavra de honra que eu estou tentando não cair tão rápido, mas é muito difícil controlar o calor que se espalha em mim cada vez que ele insinua que o que temos não é passageiro.

Estamos no elevador agora e ele recosta a uma das paredes, observando-me.

Seu olhar está diferente. Ele não esconde mais o desejo.

Ao mesmo tempo que estou ansioso, quero levar as coisas tão lentas quanto possível.

Não tenho pressa.

Quero saboreá-lo.

Como se pudesse ler o que estou pensando, ele vem para mim, colocando as duas mãos na parede.

“Você gosta de me prender.” - digo, sorrindo.

Não é a primeira vez que ele faz isso. É como se pensasse que eu vou fugir - o que não há a menor possibilidade de acontecer.

“Talvez.” - ele sorri um sorriso de canto de boca que faz minhas pernas perderem a força - “Ou talvez eu não consiga ficar longe por muito tempo.”

Seus dedos percorrem a linha do meu maxilar e a seguir os lábios fazem o mesmo caminho.

Fecho os olhos para poder aproveitar cada sensação, mas não consigo me manter parado e seguro seus quadris, colando nossos corpos.

“Eu quero você.” - ele diz.

A porta do elevador abre e entramos na suíte do hotel.

A luz indireta do abajur traz uma intimidade bem-vinda, prendendo-nos em nosso mundo particular.

Nenhum de nós fala e há uma distância mínima entre os corpos. Não precisamos nos tocar para sentirmos o desejo fluindo.

Eu nunca quis alguém inteiramente.

Corpo, coração e alma.

Os breves encontros que tive até agora foram puramente físicos. Não havia encontrado quem trouxesse à tona a necessidade por algo mais.

Meus sentimentos por ele me pegaram desprevenido, para dizer a verdade.

Quando acordei no hospital, claro que o achei bonito.

Mas foi sua segurança, como se não devesse nenhuma satisfação ao mundo, o que me enredou de vez.

Sim, a atração física sempre esteve presente. Seria impossível vê-lo e não

desejá-lo. Ele é sexy e tão intenso.

É bonito, de um jeito fechado, quase indiferente, o que contraditoriamente, acaba por aumentar seu fascínio.

Em um mundo em que as pessoas esforçam-se para chamar a atenção, ele parece não ter consciência do próprio poder de fogo.

Atração avassaladora não é comum para mim. Eu sou mais do tipo que dá um passo por vez.

Não que tenha muitos relacionamentos para comparar, mas até agora meu ideal era algo próximo ao que eu tive com Orien.

Eu achava que quando encontrasse alguém seria assim.

Uma amizade transformando-se em amor.

Com Derek, há uma mistura deliciosa dos dois.

Nossa química é tão forte que ele transforma meu cérebro em gelatina em tempo recorde a cada vez que se aproxima, mas ao mesmo tempo, é também carinhoso e protetor.

Nos olhamos e há tanto sendo dito sem que precisemos falar.

Relembro toda a noite e como ele não hesitou em ficar ao meu lado por nenhum momento.

Por ter crescido em meio ao preconceito, eu sempre fui inseguro quanto a ser aceito. Não que eu esconda a minha identidade sexual, mas nunca estive com um namorado em público. No entanto, ele não vacilou ao mostrar a todos que estávamos juntos.

Em minha ilha, no meio de uma sociedade que vê o homossexualismo como uma doença, ele provou que podemos ser reais se quisermos.

“Eu não tenho relações casuais.” - diz, pegando-me de surpresa.

“Por que isso agora?”

“Porque eu quero que você saiba que não estou brincando aqui.”

“Eu não estou pedindo por um compromisso.”

“Eu estou oferecendo, Theo. Eu quero você. Eu o quis desde o momento em que o vi. Talvez antes disso, mas não sou um cara de uma noite só.”

O significado oculto de suas palavras me deixa um pouco ansioso, então

apego-me a parte neutra do que ele disse.

“Antes?”

“Sim. Quando o pesquisei.” - ele sorri e balança a cabeça, dando um passo à frente.

“Meu perseguidor oculto nas sombras.”

Ele não deixa passar a provocação.

“Seu.” - fica apenas com um pedaço do que falei. - “Gosto de como isso soa.”

Ele me puxa para um beijo e eu esqueço do mundo a nossa volta.

Os beijos com Derek são um capítulo à parte.

São beijos cheios de tesão, mas também profundos, com promessas de uma intimidade que nunca achei que alcançaria.

“O que temos eu jamais encontrei em alguém, Theo.”

“Eu tenho medo do que estou sentindo.”

Ele me dá um beijo suave dessa vez.

“Não tenha. Estou cem por cento com você.”

“Mostre-me então.”

Ele morde meu pescoço e suga o local a seguir.

Minha pele está arrepiada.

Todos os meus sentidos, ligados nele.

“Eu preciso de você,Theodoro.”

Sem pedir permissão, ele começa a desmanchar o nó da minha gravata.

Apesar do seu tamanho, seus movimentos são leves, quase imperceptíveis.

Eu adoro a forma como tudo está acontecendo entre nós.

Eu não estava sabendo trabalhar o que ele me faz sentir, mas Derek age como se tivéssemos todo o tempo do mundo e, aos poucos, vou conseguindo me soltar.

Ele tira a parte de cima do meu smoking e agora minha camisa está aberta.

Eu mal respiro.

Cada contato dos seus dedos ásperos em minha pele, causa um incêndio.

Sinto suas mãos em meu peito.

Elas testam mais do que impõe-se e isso só faz com que minha urgência por ele aumente.

“Toque-me. Eu preciso de você.”

Ele cola nossos corpos, o aperto das mãos tornando-se mais necessitado.

“Eu quero tudo, Theo. Entregue-se.”

“Sim. Pegue-me para você.”

Capítulo 28

Blood

Grécia

Posso ver a tensão em cada célula do seu corpo e uso o máximo do meu autocontrole para ir devagar.

Tarefa mais difícil do mundo.

Estou tão louco por ele.

Enquanto o livro de suas roupas, meus olhos vão bebendo cada novo pedaço de pele.

É como desembrulhar um presente feito especialmente para mim.

Mesmo antes de estarmos mais íntimos, eu já sabia que com Theo seria diferente.

Ele me desperta paixão, mas também a vontade de cuidar.

O que eu falei antes talvez o tenha assustado, mas não foi nada além da verdade.

Eu não estou jogando. Quero muito mais do que uma noite ao seu lado.

Nenhuma peça de roupa nos separa agora e nosso desejo é evidente.

Seu olhar em mim está me matando, mas faço um pacto interno de que tomaremos nosso tempo.

Trago-o para mais um beijo - para vários beijos - porque não posso parar de tocá-lo e aos poucos ele desmancha-se em meus braços.

Está entregue e confiante.

Apaixonado, doce.

Meu Theo.

“Eu esperei por você. Eu procurei você por todos os lugares, Theo.”

“Estou bem aqui.”

“Eu quero você em mim. Todo você em mim. Não tenha receio. Podemos ir tão lento quanto precisar.”

“Eu não estou com medo de você. Só um pouco ansioso.”

“Somos somente nós dois aqui. Nada pode ser errado entre nós.”

Ele põe as mãos em meu rosto e fecho os olhos, absorvendo o contato dos dedos quentes.

Theo desperta partes que eu pensei estarem mortas.

Ele toma a iniciativa do beijo dessa vez e eu aguardo, deixando que nos guie até sentir-se confiante.

Então, somente após poucos segundos, os corpos encontram o próprio caminho.

Trêmulos, vibrantes de vontade.

Nossos gemidos confundem-se, nossas peles misturam-se. Mãos e bocas dando e recebendo prazer.

Não estamos somente fazendo amor, mas aprendendo um sobre o outro.

Cada pequena descoberta é mais um passo para que eu me torne um especialista no homem por quem estou apaixonado.

“Olhe para mim.”

“Eu não fecho os olhos de propósito. É que você me faz sentir tanto.”

Eu pego sua mão e coloco em meu coração enquanto rompemos a última barreira que faltava para nos unirmos.

“Eu sou louco por você, Theo.”

Estou tremendo pela força da emoção que o nosso ato me arrasta.

Sobrecarregado com a mistura de sensações que só ele até hoje me fez sentir.

“Eu não quero que seja temporário também.” - diz, enquanto me traz para mais perto - “Você falou que não vive relacionamentos casuais. Eu também não, mas não é essa a razão. Eu quero mais do que uma noite com você. Ame-me,

Derek.”

Olho o rosto lindo. O corpo queimando de paixão em meus braços e sei que me afastar não é mais uma possibilidade.

“Eu sou seu, Theo. Não importa o que aconteça. Nunca duvide de nós dois.”

Nossa dança ganha uma urgência quase insuportável. Os corpos exigindo satisfação.

Imersos um no outro, nos deixamos adentrar por um mundo onde só existimos nós dois.

Onde todos os medos e preocupações estão trancados do lado de fora.

Quando finalmente o prazer alcança seu ápice, tenho certeza de que se levantasse as mãos poderia tocar as estrelas.

Eu tenho meu paraíso aqui comigo.

Encontrei a outra parte da minha alma.

Theo não me conquistou somente. Ele tomou posse do que sempre lhe pertenceu.

Mesmo sem saber, eu estava a sua procura.

“Eu adoro você.”

Ele abre os olhos e sorri.

“Foi perfeito.” - diz.

“Você é perfeito.”

“Não. Nós somos perfeitos juntos.”

Capítulo 29

Theo

Grécia

É a primeira vez que o vejo completamente relaxado. A respiração tranquila.

Dormindo, longe das preocupações que constantemente o mantém em alerta, Derek parece mais jovem do que os trinta e três anos que tem.

Passo a mão pela cabeça quase raspada, ele sorri em seu sono e algo se contrai em meu coração.

Quando você existe sozinho, a vida são dias em sequência e tudo o que precisa é continuar respirando, sem qualquer tipo de responsabilidade sobre outra pessoa.

Olhando para ele agora, eu tenho certeza de que não é mais isso o que eu quero.

Talvez seja um pouco cedo para assumir qualquer coisa, mas depois de ontem, pela primeira vez considero manter alguém em uma base permanente.

O que vivemos não pode ser descrito em palavras.

Não estou falando sobre a perfeição de nossa conexão sexual somente. Como nossos corpos pareciam ter sido programados para saber exatamente o que o outro precisava, mas de uma ligação mais profunda.

Um encontro de almas.

O que aconteceu, ao menos para mim, eleva o sexo a um nível muito acima da satisfação física.

Não houve uma corrida louca por prazer como geralmente se passa entre

duas pessoas fortemente atraídas uma pela outra como somos, mas um estudo meticuloso sobre os corpos, como se cada um de nós quisesse formar-se com honras.

Nenhum pedaço de um ou do outro foi negligenciado, nenhuma palavra de carinho esquecida, nenhuma sensação ignorada.

Eu nunca me senti conectado a alguém assim.

E mesmo agora, depois de acordar, ainda tenho-o sob minha pele.

Tudo isso me causa um pavor imenso de perdê-lo. Eu já vivi o suficiente para saber que uma experiência como a que tivemos não é algo ordinário, que você encontra em um dia de sol.

Bom sexo pode ser relativamente fácil de se achar, basta que as pessoas desejem-se o suficiente.

Mas o depois, esse sentimento de estar completo, isso é inédito.

Claro, é também assustador.

É como nadar em meio a tempestade.

Eu não faço ideia do que nos aguarda no futuro ou até mesmo quando ele despertar, mas não tenho vontade de fugir.

“Você acordou cedo demais.”

Eu estava tão distraído tentado catalogar minhas emoções que não percebi que aquelas duas jóias azul-céu que são seus olhos, observavam-me.

“Eu precisei.”

“Por que?”

“Porque queria ter certeza de que não foi um sonho.”

Ele sorri.

“Não foi. Nós acontecemos e eu não quero que acabe.”

Gostaria de poder manter uma mínima porção que fosse do meu coração resguardado, mas eu não começarei nosso relacionamento com jogos, então, decido mandar para o alto qualquer tentativa de me proteger e aconchego-me em seus braços.

“Eu também não.” - começo, tentado devolver um pouco do que ele acaba de me dar - “Eu quero ver até onde iremos.”

“Não acho que haja um limite.”

“O que?”

“Você disse que quer ver até onde iremos. Não acho que haja um limite para o que podemos ser.” - ele pausa parecendo um pouco frustrado consigo mesmo - “Não, deixa eu colocar isso melhor. Não quero que haja um limite para nós dois. Eu quero você para mim.”

Quero muito acreditar no que ele diz.

Que a nossa ligação é real.

“Ela é.”

Merda, eu falei em voz alta.

“Eu não vou abrir mão de você, Theodoro.”

Ele me dá um beijo.

“Não costumo cobrar promessas das pessoas, mas quero pedir-lhe uma única coisa. Preciso falar sobre o meu passado, mas não trarei nada à tona nesse momento que não sejamos nós dois, no entanto, quando a hora de falarmos chegar, dê-me sua palavra de que me ouvirá até o fim.”

“O que está acontecendo?” - um arrepio de medo atravessa meu corpo - “Você está correndo riscos?”

“Não da maneira que você imagina. Meu único medo é perder você.”

Olho-o tentando decifrar o enigma, mas estou cansado de racionalizar o tempo todo, então apenas aceno com a cabeça.

“Haja o que houver, eu ouvirei o que você tem a dizer.”

“Obrigado. Eu não o decepcionarei.”

Não respondo.

Ao invés disso, beijo-o torcendo para que seja verdade.

◆◆◆

Tento aparentar calma enquanto entramos de mãos dadas no hospital em

Atenas.

Somente hoje pela manhã Odin me deixou saber que Aristeu estava, na verdade, internado na capital e não em nossa ilha, como eu pensei a princípio.

Antes de fazer o *check-out* no hotel, tentei falar com Elina, mas a governanta da casa disse que ela ainda estava dormindo.

Não sei se era verdade ou se foi somente uma desculpa. Eu só queria ajudar. Dizer que podiam contar comigo se precisassem, já que não faço a menor ideia de a quantas andam as finanças de Leandros.

Odin disse que eles têm uma semana para irem embora da ilha e apesar de não poder acreditar que meu pai não tenha reservado nem que seja uma pequena parte de seu dinheiro para uma emergência, não tenho certeza.

Quando voltar aos Estados Unidos, pretendo entrar em contato com as outras para deixá-las avisadas de que podem me procurar a qualquer momento caso Elina e mamãe necessitem de apoio financeiro.

“O que está pondo-o tão preocupado?” - Derek interrompe nosso passo e pergunta.

“Além de reencontrar um homem que foi como um pai para mim às vésperas de sua morte?”

Ele suspira e aperta minha mão.

“Theo, eu vou dizer algo que talvez não seja muito agradável de se ouvir, mas às vezes precisamos deixar as pessoas partirem.” - ele me recosta na parede e segura meu rosto - “O câncer é um doença fodida. Um tio meu morreu de câncer no intestino. Foram anos de agonia, entre cirurgias e quimioterapia até ele finalmente perder a luta. Pelo que Odin falou, Aristeu está cansado e não quer mais continuar com o tratamento. Se ele ainda está capacitado para tomar decisões, tem o direito de escolher não continuar com a quimio.”

Aperto os olhos para não chorar.

Eu sei que ele tem razão e não há nada que eu possa fazer, mas ainda assim é doloroso.

“Eu não estou querendo ser egoísta, é só que todos estão partindo. Todos aqueles a quem um dia eu amei. Você viu que minha mãe sequer quis falar

comigo hoje? Eu tenho medo que chegue a hora em que não sobrará ninguém.”

Ele me abraça, puxando minha cabeça para o seu ombro.

Posso ver que algumas pessoas nos observam com curiosidade, mas eu não dou a mínima.

“Isso não acontecerá.”

“Não faça promessas.”

“Tem razão, então deixa eu colocar de uma maneira diferente: você só ficará sozinho daqui por diante por escolha, Theo. Eu não tenho qualquer intenção de me afastar.”

Eu estreito nosso abraço.

“Não diga isso se não for o que você realmente estiver sentindo.”

“Eu quero dizer cada palavra, Theo. Não posso obrigá-lo a ficar comigo, mas aqui dentro” - ele coloca minha mão sobre o próprio coração - “você já é meu.”

◆◆◆

Derek se ofereceu para entrar comigo, mas eu sabia que precisava fazer isso sozinho.

Não é justo que ele enfrente o meu passado. Tenho que conseguir lidar com as dores eu mesmo.

Apesar da decisão, ainda estou um pouco angustiado enquanto caminho para perto do leito.

O quarto tem um tom pastel, com móveis menos impessoais do que costumam ser os de um hospital e se não fosse pelo cheiro típico de produtos higienizantes, você quase poderia jurar que está em um hotel de luxo.

Fico satisfeito em saber que ao menos ele está sendo bem cuidado. Odin proporcionou-lhe conforto em seus últimos momentos.

Obrigo-me a continuar andando apesar da minha mente implorar para dar meia volta.

Gostaria de poder manter na memória a imagem do homem forte que ele foi um dia.

Sem falar do coração.

Olhar Aristeu no passado era como antever como Orien seria. Ambos sempre foram almas tranquilas.

“Quem está aí?” - ele pergunta com os olhos fechados e tento adivinhar se está sentindo dor.

Há vários equipamentos ligados a ele e um aparelho endovenoso com um líquido claro como soro está preso em seu braço esquerdo. Imagino que seja alguma medicação.

“Theo.” - tento falar, mas minha voz não passa de um sussurro - “Theodoro.”

O rosto encovado, com a pele curtida pelo sol abre-se em um sorriso lento.

“Você nunca gostou que o chamassem assim. O que mudou?”

“*Huh*... nada.” - respondo um pouco mais relaxado - “Continuo não gostando.” - mas então penso em Derek e em como ele sempre diz meu nome inteiro e chego à conclusão de que a maneira como ele me chama é irrelevante diante do que sentimos.

“Venha aqui.”

Dou mais uns passos incertos e tento manter o rosto impassível enquanto observo o homem que eu pensei ser um super-herói, transformado em uma sombra do que foi um dia.

O Aristeu que eu me lembrava pesava por volta de noventa quilos, era forte e cheio de músculos apesar de não muito alto, mas o idoso deitado a minha frente não pode ter mais do que uns cinquenta.

Lembro do que Derek disse há pouco sobre o câncer.

Você morre em vida. Não é justo.

“Eu senti saudade, filho.”

De repente toda a dor que represei por anos vem à tona descontroladamente.

“Eu achei que você não queria mais me ver. Também senti muita saudade.”

“Theo…" - sua voz está fraca, mas ele parece lúcido - “Eu precisei afastá-lo. Eu não poderia perder vocês dois.”

“Do que você está falando?”

“Você, Orien e Odin. Meus três meninos preciosos.” - ele estende a mão e eu retenho os dedos frágeis - “Odin estava seguro, estudando fora, mas a ilha não era um bom lugar para você e meu filho ficarem.”

“Onde ele está?” - pergunto, antes que possa me parar. - “Eu só quero pedir perdão. Não vou incomodá-lo.”

“Você não tem do que ser perdoado. Ele sempre o amou e sempre o amará onde quer que esteja.”

“Então por que ele me deixou?” - a pergunta escapa e sinto-me culpado. Não é o momento de lidar com minhas inseguranças. Estou aqui para oferecer conforto a um amigo - “Eu sinto muito. Esqueça o que eu falei. Não foi para isso que vim, mas para agradecer.” - respiro fundo, tentando dizer o que preciso. - “Você... sua família, vocês foram muito importantes para que eu crescesse com uma noção de amor e aceitação. Eu não sei o que teria sido de mim se vocês não existissem.”

“Bobagem. Você é muito mais forte do que pensa. Além disso, amar você não é nenhum sacrifício. Ao contrário, é impossível não amá-lo, Theo.”

“Perdoe-me.” - estou chorando muito agora - “Perdoe-me por ter sido responsável por afastar seu filho de você.”

“Não teve nada a ver com você, Theo. Aconteceria de qualquer maneira.”

“Eu não estou entendendo.”

Ele fecha os olhos e vira o rosto para o lado.

“Não quero ter essa conversa agora. Odin descobrirá como tudo se passou. Ele me fez uma promessa.” - há uma camada de suor em sua testa - “Não me resta muito tempo. Conte-me sobre você. Deixe-me morrer com a certeza de que tem uma boa vida.”

Eu quero falar algo para consolá-lo, mas não posso.

Ele é tão forte em sua dor. Não seria justo mentir e dizer que tudo ficará bem. Nós dois sabemos que ele está partindo. Então, ao invés de desonrá-lo com palavras inúteis, arrasto uma cadeira para perto da cama e faço o que ele me pediu.

Conto sobre a minha vida desde que saí da ilha até a noite de ontem, sem omitir minha história com Derek.

Ele ouve tudo atentamente, de vez em quando assentindo com a cabeça.

Quando eu saio de lá, a pressão no meu peito diminuiu consideravelmente e tenho a sensação de que finalmente estou deixando o passado para trás.

Capítulo 30

Blood

“Jante comigo hoje.” - peço.

Ele sorri e aperta minha mão.

Sei que está nervoso porque sua palma está suada.

Assim que nos acomodamos no avião, entrelacei nossos dedos porque ainda tenho vivo na memória o medo que ele sentiu na vinda.

Estou aliviado de estarmos deixando a Grécia, mas acho que foi uma espécie de catarse para Theo. Ele precisava fechar essa porta, apesar de ainda não termos uma resposta sobre o que aconteceu a Orien.

“Eu pensei que isso já fosse uma certeza, soldado. Você não voltará para a minha casa?” - ele provoca - “Ou agora que estamos juntos passará a responsabilidade pela minha segurança para outra pessoa?”

Penso no que diz.

Seria o ideal. Misturar sentimentos com trabalho não dá muito certo porque em uma situação de perigo, talvez eu não consiga agir com a frieza necessária para protegê-lo, mas apesar disso, não terei sossego se deixar outra pessoa cuidando dele.

Ainda que o problema de Amos e Lilly esteja resolvido e que Odin não seja mais uma ameaça, ainda existe Leandros.

Theo é uma testemunha de que Orien foi visto pela última vez com os seguranças do pai e depois do que o bastardo disse na festa, não acho que haja limite para o que ele faria para se livrar da cadeia.

Pode ser uma boa ideia colocar mais um segurança na entrada do prédio.

“Sem chance de que eu abra mão de você em qualquer sentido.” - seu sorriso aumenta depois que digo isso - “Mas eu estava falando em sair para jantar.

Lembra do que combinamos sobre esclarecer o meu passado? Chegou o momento de você conhecer minha história e decidir se me quer ao seu lado.”

“Você está me assustando.”

“Não é essa a minha intenção, Theo. No entanto, quero tudo às claras entre nós. Jante comigo e assim conversaremos com calma.” - tentando relaxá-lo, mudo de assunto. - “Quando você pretende voltar a trabalhar?”

“Na verdade, eu queria falar sobre isso com você. Terei que ir a Tóquio daqui a alguns dias. Recebi uma mensagem do meu assistente essa manhã. Com a correria, havia esquecido desse compromisso. Você tem visto válido para o Japão?”

“Cidadãos americanos são isentos de visto para lá. Por que?”

“Porque se você tiver disponibilidade, poderíamos visitar Tóquio juntos. Eu tenho um desfile que me tomará um par de dias, mas depois disso, sou seu.”

“Você já é meu, com ou sem desfile.” - penso um pouco. Qual foi a última vez que saí de férias? Acho que nunca o fiz. Mesmo agora na Grécia, eu estava tenso o tempo todo. - “Quando você teria que ir?”

“Depois de amanhã.”

“Eu vou ver como anda tudo assim que chegarmos e respondo. Só que nós precisamos esclarecer algumas coisas antes.”

Ele me olha em dúvida, mas acena com a cabeça.

“Tudo bem. Eu esperarei então.”

Capítulo 31

Theo

Saímos do micro-ônibus que nos deixou no estacionamento do aeroporto. Quando viemos, Derek optou por vir de carro ao invés de chamar um táxi.

Ele destranca o automóvel e pega minha bagagem para guardar.

Sorrio um pouco sem jeito, estranhando ter alguém para fazer isso por mim.

Acostumei-me a ser sozinho por tanto tempo que mesmo um simples gesto surpreende-me.

Depois de vinte minutos dirigindo, já estamos quase em casa, compartilhando um silêncio cúmplice, quando o som do seu celular interrompe meus pensamentos.

A chamada automaticamente entra no viva voz do carro e pela maneira como o interlocutor o cumprimenta, sei que é relacionado a trabalho.

Ele o chama de Blood.

Retenho um sorriso satisfeito por saber que sou o único a tratá-lo por Derek, assim como ele faz comigo, raramente chamando-me de Theo.

Recosto a cabeça no assento e fecho os olhos, tentando não prestar atenção à conversa, mas as próximas palavras do chamador despertam meu interesse.

“Acho que nós a encontramos. Precisamos partir imediatamente para a Itália.”

A visível ansiedade na voz do homem me faz ficar atento.

Derek não responde e isso, muito mais do que a possibilidade de que ele não vá comigo para o Japão, faz com que eu o olhe.

Seus dedos apertam o volante com força, enquanto manobra para entrar na garagem do meu edifício e mesmo sabendo que estou observando-o, ele não me

olha de volta.

Segundos depois, eu descubro o porquê.

“Você ainda está aí, Blood? Ouviu o que eu disse? Não podemos perder tempo. Há noventa e nove por cento de chance de termos encontrado sua filha. Não avistamos sua esposa, no entanto.”

Uma pausa prolongada e então ele responde.

“Obrigado. Vou organizar a viagem. Posso chegar lá amanhã.”

Ele toca o desligar no celular sem me olhar ainda e é como se gelo espalhasse dentro de mim.

Tem que ter havido um engano. Não devo ter entendido direito.

“Você é casado?”

A pergunta não passa de um sussurro.

“Theo…”

Ele deita a cabeça no volante e eu não reconheço o homem autoconfiante por quem me apaixonei.

Não sou de fazer cenas, mas sinto como se meu peito estivesse sendo rasgado em dois.

“Responda.”

“Era por isso que eu disse que precisávamos conversar.”

Eu saio do carro e pego minha mala.

Sem olhar para trás, ando até o elevador.

“Theodoro, espera. Você disse que me ouviria. Pode me odiar depois, mas me dê ao menos a oportunidade de explicar.”

Solto a bagagem no chão e coloco as mãos nos bolsos da calça, mirando meus pés.

Não vou me expor mais do que já fiz e sei que se encará-lo, ele vai ver o que estou sentindo.

Tento manter um ar impassível, mas por dentro, estou esfacelando.

Tudo o que vivemos nos últimos dias foi uma ilusão? Ele mentiu para mim o tempo todo?

“Eu não quero falar aqui, desse jeito, mas não tenho tempo para explicar

tudo agora. Só peço que você me dê uma chance. As coisas não são o que parecem.”

“O que aquele homem falou era mentira? Você não é casado?”

As palavras saem arranhando minha garganta e somente imaginar que interferi em um relacionamento, que além de tudo gerou uma criança, me traz mal-estar físico.

“Sou.” - ele responde baixinho e sei que preciso me afastar.

A decepção de ter sido enganado é mais do que posso suportar depois de tantos altos e baixos nos últimos dias.

Forço-me a levantar o rosto e ele não parece muito melhor do que eu estou, mas não chega a ser um consolo, apenas mostra que ainda tem alguma consciência.

“Então, do modo que vejo, não há engano algum.” - falo.

“Não podemos conversar aqui.”

“Eu não quero que você suba.”

“Certo. De qualquer forma, eu preciso partir para a Itália imediatamente.”

“Boa noite.”

Viro as costas para entrar no elevador.

“Você prometeu me ouvir.” - por mais que eu deseje, não posso ignorar a dor em sua voz - “Por favor, escute o que eu tenho a dizer. Deixe-me vir vê-lo quando eu voltar.”

“Eu não sei se posso fazer isso.”

“Theo, eu nunca brincaria com você. Eu só estou pedindo uma conversa e depois aceitarei o que quer que você decida.”

“Vou pensar.”

Não tenho como dar qualquer resposta agora. Estou confuso e não quero me comprometer com algo que talvez não seja capaz de cumprir.

“Dois dos meus homens ficarão na portaria. Não saia de casa sozinho. Amos disse que a organização foi desmantelada, mas não quero correr riscos ainda.”

Não respondo.

“Ouviu o que eu falei?” - aceno com a cabeça sem encará-lo - “Theodoro…”

“Sim, Blood. Eu ouvi.”

Capítulo 32

Blood

Eu não queria tê-lo deixado do jeito que fiz, mas não tive opção. Belinda está a minha espera.

Enquanto tento focar no que preciso fazer, meu peito dói ao lembrar do sofrimento no rosto de Theo.

É como se a vida estivesse brincando comigo.

Ao mesmo tempo em que me acena com a possiblidade de ter minha filha de volta, tira-me a única pessoa que tocou meu coração além de Belinda.

Yan está no viva-voz do carro e enquanto dirijo novamente para o aeroporto, ele explica que trata-se realmente de Belinda e que talvez ela esteja correndo risco de vida no momento.

Deus, permita que eu chegue a tempo.

Não faça isso comigo, Pai. Não me deixe chegar tão perto só para perdê-la a seguir.

A criança que já havia sido avistada na Sardenha, uma ilha no mar Mediterrâneo, apareceu novamente quase na fronteira com a França, perto de Nice, há alguns dias.

Eles estão em seu rastro desde então.

Meu coração bate como um louco.

Sou essencialmente racional, tento encontrar um significado lógico em quase tudo, mas diferentemente das missões em que trabalho, quando diz respeito à Belinda, minha mente entra em curto.

Depois de alguma espera e a adrenalina a mil, consigo passagem para um voo duas horas depois.

Convoquei dois dos nossos homens que já estavam em uma missão na Alemanha e eles me encontrarão em Roma.

É uma boa ideia ter alguém que possa analisar a situação com frieza, sem ter emoções misturadas à equação.

Quando finalmente entro no avião, não consigo relaxar.

Eu deveria tentar dormir um pouco porque preciso estar alerta, mas o espaço parece pequeno demais para toda a eletricidade em meu sistema.

Não costumo deixar minha mente percorrer o caminho do desespero.

Nesses cinco anos de busca incessante, tentei sempre manter o foco em encontrá-las.

Nunca me concedi o direito de duvidar que as acharia, apesar de que, baseado nos fatos, a chance de Stela estar viva são muito pequenas.

Analisamos todas as possibilidades, inclusive a de Belinda ter sido sequestrada por um anel de pedofilia, mas com o que aprendi sobre a organização criminosa que Amos combateu, eles não agem desse modo.

Minha filha e Stela seriam uma escolha arriscada. Existem crianças com um perfil mais adequado para os fodidos monstros.

Nada do que eles fazem é aleatório.

Escolhem suas presas entre crianças que não chamarão muita atenção - órfãos ou vindas de famílias extremamente pobres.

Casos de invasões em uma residência de classe média alta são raros e, a não ser que o alvo não seja a criança, não faz sentido levar mãe e filha.

Quanto mais reféns, maior o risco de serem apanhados.

Outra coisa que não bate é não termos achado um corpo.

Independente da polícia, fiz minha própria investigação.

Amostras de sangue, assim como fotografias da cena do crime foram entregues a nossos peritos e todos eles chegaram a mesma conclusão que Amos - devido a grande quantidade de sangue no local, era improvável que uma pessoa sobrevivesse ao ataque.

Mas então, se a ideia era matar Stela e sequestrar Belinda, onde está seu corpo? E por que a minha família foi alvejada?

Eu sempre mantive o trabalho afastado delas. Pouquíssimas pessoas sabiam sequer que eu tinha esposa e filha. Tentei protegê-las de quaisquer riscos.

Isso me faz lembrar da ausência de câmeras na casa.

Mais uma vez pergunto-me por que diabos dei ouvidos à Stela e seu desejo por privacidade.

Apesar de termos um sistema de alarme sofisticado, ela nunca aceitou que eu instalasse câmeras de vigilância.

Argumentou que não fazia sentido, já que era ela quem tomava conta de Belinda o dia todo.

Se eu tivesse seguido o protocolo de segurança, teria ao menos uma pista do que aconteceu.

Eu não tenho nada.

As câmeras das casas ao redor não puderam registrar qualquer coisa além de um carro estilo *SUV* passando pela nossa rua às duas e quarenta e cinco da manhã.

A imagem está extremamente desfocada e nem sequer conseguimos determinar o modelo com exatidão.

Ninguém ouviu gritos ou algo que lembrasse uma briga.

A incerteza é um veneno paralisante, porque a seguir, o medo começa a pedir espaço e não posso fraquejar.

Nunca desistirei de encontrar Belinda, não importa quanto tempo leve.

Uma mensagem acende em meu celular.

Yan: *"De acordo com as imagens progressivas de sua filha, assim como da última fotografia que você nos forneceu, há uma margem de erro de apenas meio por cento de que a criança não seja ela."*

A mensagem técnica tem o poder imediato de me deixar tonto.

É a primeira vez que ele me joga dados tão precisos.

Yan não é o tipo de cara que dá informações em vão.

Não mostra emoções e já lidou com os piores crimes sem se abalar.

Então, ele parecer otimista me faz acreditar que talvez estejamos finalmente

no caminho certo.

Pego o telefone e completo a ligação porque as portas do avião ainda estão abertas.

“Noventa e nove ponto cinco por cento de certeza de que é ela?”

“Estou trabalhando com uma empresa japonesa. O reconhecimento biométrico deles é de alta precisão. Sinto-me seguro para afirmar que temos uma combinação praticamente perfeita entre a sua filha e a garotinha avistada perto de Nice.”

“E quanto a pessoa que a levava?”

“Pareciam seguranças, o que não é mal em tudo. Pedófilos não costumam desfilar com suas vítimas à luz do dia. Talvez ela tenha sido apenas vendida a uma família rica. Até você pousar, terei um relatório sobre quem a pegou. Já conseguimos um informante. Depois, basta planejar como recuperá-la.”

Apesar da ideia de minha filha ser negociada como mercadoria me deixar doente, ainda é uma melhor opção do que ela estar na mão de pedófilos.

“E quanto à Stela?”

“Nenhum sinal. Honestamente Blood, não há muita chance de que ela esteja viva.”

Yan não está falando aquilo para me chatear. Ele é assim. Lida com dados e estatísticas e talvez por isso, seja tão bom no que faz.

“Estou a caminho. Não deixe que a percam de vista, mas não façam nada antes que eu chegue. A prioridade é mantê-la segura.”

“Ela estará.”

Antes de desligar, mando uma mensagem para Theo, rezando para que em breve meu mundo possa estar completo.

Quero minha filha e também o homem por quem estou apaixonado.

Não abrirei mão de nenhum dos dois.

Capítulo 33

Theo

Tive uma noite horrível.

Depois que cheguei em casa, fui direto para o chuveiro, antes de sequer desfazer a mala.

Eu sempre fui bom em superar as porradas que eu levo da vida. Até hoje, tive mais coisas ruins do que boas para lidar, mas dessa vez sinto-me completamente sem chão.

Apesar de não ser dado a confissões, vou mandar uma mensagem para Lilly convidando-a para almoçar amanhã. Preciso falar com alguém ou surtarei.

Acho que ela não terá problema em me encontrar, já que Derek disse que não corremos mais riscos.

Finalmente a organização criminosa foi destruída.

Ele mandou uma mensagem - que eu já li e reli dezenas de vezes.

Pego o celular novamente.

Derek: *"Nada do que eu possa dizer agora vai esclarecer as coisas, mas você precisa acreditar que tudo o que aconteceu entre nós foi real. Cada beijo, cada vez que o abracei, não havia outro lugar em que eu quisesse estar. Espero que me dê uma chance de explicar. Não sou um canalha e jamais brincaria sobre nós dois. Eu sou seu, Theo."*

Solto o telefone em cima da cama e passo a mão pelo rosto.

Estou tão confuso.

As coisas em minha vida sempre foram relativamente descomplicadas no que diz respeito a envolvimentos afetivos, mas isso talvez porque eu não tenha

tido alguém até agora que realmente mexesse com a minha cabeça.

Resolvo desligar o celular e tentar descansar.

Não me permiti chorar.

Eu nunca mais chorei depois que fui embora da ilha sem saber se veria Orien novamente.

Naquele dia, chorei lágrimas de uma vida inteira, mas de lá para cá, não importa quão duro a vida me bata, eu nunca concedo-me ceder à depressão.

Apesar disso, a dor que estou sentindo não pode ser explicada em palavras. É como se uma faca retorcesse em meu coração.

A ideia dele pertencer a outra pessoa beira o insuportável.

Desligo o abajur e sei que não conseguirei dormir. Ao menos tentarei esvaziar a mente. Preciso organizar a viagem para o Japão porque se antes eu não estava nem um pouco animado em partir, nesse exato momento não há nada que eu queira mais do que me afastar.

◆◆◆

Mandei uma mensagem para Odin assim que levantei.

Ainda estou aguardando a resposta.

Aristeu disse que ele descobriria o que aconteceu a Orien e eu preciso de respostas.

Depois, saí para almoçar com Lilly. A intenção era desabafar, mas quando nos encontramos não consegui.

Além do fato de que falar sobre sentimentos para mim é algo quase impossível, é a primeira vez desde que nos conhecemos que ela está vivendo uma fase de paz e não quis entristecê-la com meus problemas.

Alie a isso minha dificuldade em compartilhar e o resultado é que voltei para casa tão infeliz quanto quando saí, apesar de ter me feito bem somente abraçá-la.

Antecipei o voo para o Japão para hoje à noite.

Não faria qualquer diferença esperar um dia a mais ou a menos e talvez partir de uma vez tire essa sensação de que estou sufocando de dentro do meu peito.

Mesmo que Derek tenha ficado pouco tempo aqui, eu o sinto em todos os ambientes e não estou pronto para lidar com as lembranças ainda.

Faço a mala e pego o remédio para dormir que costumo usar antes dos voos - que serão dois.

Um daqui até Houston, no Texas e de lá para o aeroporto de Narita, em Tóquio.

Não preciso do nervoso que me acomete sempre que viajo para aumentar ainda mais a minha ansiedade.

◆◆◆

Tóquio - Japão

Como todas as vezes em que piso nessa cidade, a primeira coisa que me chama a atenção é a educação do povo japonês.

É como entrar em uma realidade paralela.

As pessoas nunca alteram a voz e estão sempre prontas a ajudar.

Ainda que boa parte da população - tirando aqueles que trabalham diretamente com turistas, como hotéis e restaurantes - não fale inglês, eles são gentis o suficiente para tentar se comunicar.

Chego ao saguão do *Ana Intercontinental* no bairro de *Akasaka*, que é o hotel que fico desde que vim pela primeira vez.

A localização é perfeita, com diversos bons restaurantes no entorno e o metrô, a apenas uma curta caminhada de distância.

Dirigir em Tóquio é impossível para mim. Não me sinto seguro guiando na mão contrária da rua.

Se for sair à trabalho, peço um táxi, mas se tiver com tempo, prefiro usar o metrô. Eles são super organizados e você pode ir para quase todos os lugares em Tóquio usando esse meio de transporte.

Os táxis são um capítulo à parte.

Os taxistas usam terno, gravata, quepe e luvas brancas.

Você se sente uma celebridade sendo recebido por um motorista tão bem arrumado.

É tão contrastante com a informalidade dos Estados Unidos.

Chego no quarto e observo as luzes da cidade.

As coisas poderiam ser piores. Se eu estivesse em casa, provavelmente sentiria-me ainda mais triste.

Os homens que Derek designou para minha segurança seguiram-me até o aeroporto e mesmo sem ter muita certeza do que estava fazendo, mandei uma mensagem para ele avisando que estava embarcando.

Tanto quanto ainda não estou pronto para conversar sobre nós dois, não quero ser motivo de mais uma preocupação.

Depois de uma noite inquieta e quase insone, tentei analisar o que aconteceu sob outro ângulo.

Eu não sou um bebê ingênuo e aprendi a confiar em meus instintos para sobreviver. Isso dito, não posso realmente acreditar que Derek seja um canalha.

Eu já convivi com toda a espécie de pessoas para saber diferenciar as honestas das desonestas e tudo em mim diz que ele faz parte do primeiro grupo.

Mesmo assim, não sei o que farei quando eu voltar.

Não quero pensar nisso no momento.

Então, ao invés de alimentar a angústia procurando por respostas que não tenho como obter agora, desfaço as malas, tomo um banho e arrisco a sorte pedindo ao *concierge* uma reserva para o restaurante *Teppaniyaki Akasaka*, no último piso do hotel.

Não sinto fome realmente, mas há muito tempo não venho aqui e esse é um

dos meus restaurantes favoritos.

A perspectiva de observar enquanto o *chef* prepara minha refeição anima-me um pouco e talvez distraia minha mente de todas as dúvidas que a sobrecarregam.

Capítulo 34

Blood

Roma - Itália

Assim que ligo o telefone quando saio do avião em Roma, vejo a mensagem de Theo. Ele avisa que viajou para o Japão e isso me dá um pouco de esperança de não ter fodido com tudo entre nós.

Talvez seja um sinal de que me ouvirá.

“Obrigado. Você não sabe o quanto significa saber que está seguro. Sinto sua falta. Não desista de mim.”

Toco no botão enviar ao mesmo tempo em que sou pego de surpresa ao ver Yan me esperando no desembarque.

Até onde eu sabia, ele estava em uma operação na Malásia desde a semana passada.

“Precisamos agir mais depressa do que eu pensava a princípio.” - fala, sem qualquer explicação do porquê estar aqui.

“O que aconteceu?”

Nós não somos pessoas normais.

Eu e meus homens, assim como Amos e Ethan, passamos dias sem nos ver ou falar e quando finalmente fazemos contato, raramente perdemos tempo com cumprimentos. Apesar disso, daríamos a vida uns pelos outros.

“Vamos sair daqui. Não quero correr o risco de que nos ouçam.”

Há um motorista nos esperando do lado de fora e não tenho qualquer dúvida de que ele trabalha para nossa empresa. Yan é um tanto paranóico e nunca anda em táxis ou *Uber*.

Não conversamos até que ele estacione perto do *Parco degli Acquedotti*, meia hora depois. Se ele quis vir para tão longe, o que tem a dizer é sério.

Está relativamente vazio a essa hora da manhã e depois de andarmos um pouco, ele tira uma pasta de dentro da mochila.

“Você precisa ver isso.”

Pego o material, mas antes de abrir, pergunto.

“Confirmou que é ela?”

“Calma, eu chegarei lá. Além do reconhecimento facial, temos mais algumas pistas. Você já ouviu falar de um livro infantil chamado Rapunzel?” - ele tira o celular do bolso e mostra a foto de uma edição gasta do livro que eu costumava ler para Belinda. Ela adorava contos de fadas de maneira geral, mas era particularmente apaixonada por esse.

Eu nunca esqueceria a história que contei para minha menina todas as noites.

“O que há com o livro?”

Apesar da ansiedade, eu preciso da confirmação.

“A criança o carrega o tempo todo.”

Aperto os olhos com força para reter as lágrimas.

“É ela.”

“Eu sei. Nunca o traria aqui se não tivesse certeza.”

“Tudo bem. Continue.”

“Leia primeiro.”

Em poucos minutos, pego a informação principal.

Há um nome ali que faz meu sangue gelar.

Namazio - *A Sombra* - Zanni.

Não consigo entender como aquele lixo humano pode ter alguma ligação com a minha filha.

Namazio, que agora dever ter por volta de cinquenta anos, ganhou a alcunha de *A Sombra* no submundo do crime por seus inimigos nunca saberem quando

ele estava a sua caça. Ele é o capo - ou chefe, se preferir - de uma das mais importantes famílias da máfia siciliana. É também o maior covarde que já ouvi falar.

Ele não tem qualquer traço de humanidade.

Sua história é lendária.

Depois de ser adotado por uma família mafiosa tradicional, cuja esposa do patriarca apaixonou-se pelo garotinho desnutrido que ela viu um dia na saída da igreja, ele pagou a generosidade matando a todos, pais e irmãos, quando ainda era um adolescente e tomando o poder para si.

Qualquer atividade ilegal que você possa pensar ele está envolvido.

Drogas, prostituição, lavagem de dinheiro para políticos, assassinatos, sequestros.

“Qual a relação dele com a minha filha?”

“Ele está com ela.”

“Como?”

“Leia o relatório. Depois eu explicarei meu plano de trazer sua Belinda para casa.”

Apesar de estar nervoso para caralho, sua confiança me acalma o suficiente para voltar a me concentrar na leitura.

◆◆◆

“Stela está morta, mas não morreu na época em que desapareceram.” - ele fala, assim que fecho a pasta.

“Ele a matou há um ano somente.” - digo, relembrando as informações.

Ele acena com a cabeça e explica que a fonte é segura.

Foi tudo uma armação, um plano. O sangue, a casa revirada.

Nosso informante acompanhou todo o processo de levá-las para a Sicília.

Passo a mão no rosto e penso na mulher que deu e tirou meu maior presente.

Uma jovem que destruiu nossas vidas ao fazer as piores escolhas.

Tento forte não odiá-la, mas não consigo.

Stela misturou-se com monstros por opção e com isso expôs minha filha à ralé humana.

“Por que ela concordou com um plano tão vil?”

“Meu palpite é que estava atrás de dinheiro, mas acho que não fazia a menor ideia de com quem estava se metendo.”

O relatório não deixa qualquer dúvida sobre a insatisfação dela com a vida que levava.

Porra, eu quis liberá-la.

Disse que continuaria mantendo-a mesmo se estivéssemos separados desde que ela não se opusesse à guarda compartilhada, mas ela sequer aceitou discutir o assunto.

Falou que não seria uma divorciada e que estava bem com um casamento de aparências.

Eu acreditei.

Já estava conformado com o arranjo e feito as pazes com o fato de que eu nunca seria feliz.

E agora, pelo relatório, tomei ciência de que ele não foi o primeiro homem com quem ela me traiu.

Para seu azar, foi o último.

Essa parte não me incomoda.

Apesar de nunca tê-la traído, jamais esperei o mesmo.

“Porque matá-la depois de tantos anos?”

Ele dá de ombros.

“Ele nunca a quis. Segundo nosso informante, foi tudo armado para que ele ficasse com a menina.”

“Como ela pôde?”

“Você sabe como os seres humanos são egoístas. Ela achou que teria uma vida de luxo. Nunca imaginou que seria surrada em uma base quase diária ou viveria com medo.”

Por mais que eu a despreze mesmo depois de morta, não consigo conter o sentimento de revolta ao saber que o filho da puta a machucou por anos.

Será que Belinda presenciou aquilo?

Deus!

“O que o levou a matá-la? O informante contou?”

“Ela estava pensando em ir embora.”

“Como minha filha encaixa-se nessa história? Por que Namazio a queria? Ele arriscou muito.”

“Ele se apaixonou pela criança. A menina esteve segura até pouco tempo. O informante nos disse que ela era bem tratada, apesar de nunca conversar com eles.” - ele pausa para que absorva a informação - “Também falou que Namazio a vigiava obsessivamente, mas que há cerca de um mês começou a relaxar. É quase como se a estivesse negligenciando.”

Sinto os pelos da nuca arrepiarem.

“Por que a mudança?”

“Ele não sabe ao certo, mas acredita que tem a ver com o fato de que agora que ela está crescendo, torna-se cada vez mais difícil escondê-la do mundo. Acredito que quando as levou, não pensou a longo prazo. Ele quis um brinquedo e o pegou para si.”

Não fico com raiva pelo que ele disse. Sei que não está desmerecendo minha filha, mas somente esclarecendo o que acredita ser o ponto de vista do fodido monstro.

“Como vamos tirá-la de lá?”

Ele prende o cabelo longo em um elástico e percebo que já há um plano. Convivemos por tempo demais e sei que esse é tipo um cacoete dele para quando tem uma estratégia montada.

“Eu não coloquei tudo o que sei aí.”

O sangue começa a bombear rápido em minhas veias e eu sei o que isso significa.

A sensação de pavor de que algo acontecesse à Belinda me acompanhou desde sempre, mas ao saber com quem ela está, isso aumentou muito.

“Fale.”

“Há uma cozinheira na casa que adora sua filha. Já entramos em contato com ela através do informante. Ela é de confiança e ouviu uma conversa na semana passada quando foi conferir o menu do jantar com o secretário do *capo*.”

“Que tipo de conversa?”

“Namazio não quer mais a menina. Ele estava discutindo uma maneira de fazê-la *desaparecer*.”

“Foda-se!” - urro, desesperado. - “O que você tem em mente? Eu não quero esperar.”

“Esperar não seria uma opção de qualquer modo, mas vamos tirá-la de lá ainda hoje. Para nossa sorte, a cozinheira já tinha um plano para proteger sua filha. Ela havia pensado em levar a menina para fora da ilha com uma família de pescadores e depois de um tempo ir ao seu encontro. Ela se afeiçoou à criança e estava certa de que Namazio pensava em matá-la.”

“E agora?”

“Nós garantimos a ela que a menina voltará para sua família verdadeira e ela concordou em nos ajudar, mas depois precisamos tirar a mulher e seu marido da Sicília ou ela pagará pela traição.”

Olho para o relógio.

“Vamos. Não posso mais ficar parado.”

Começo a voltar para o carro.

“Blood?”

“Sim?” - pergunto sem me virar.

“Nós a levaremos para casa.”

“Eu sei. Eu a tirarei de lá. Então, quando tiver certeza de que está segura, voltarei para um acerto de contas. Ele vai pagar por todos os anos em que manteve minha Belinda longe de mim.”

Capítulo 35

Belinda

Sicília

O Homem não tem mais vindo me ver como fazia antes.

Ele sempre passava para dar boa noite quando não estava viajando, mas agora mesmo se estiver em casa, ele só almoça comigo.

Eu não ligo que ele tenha deixado de vir, mas ele está esquisito e de vez em quando parece com raiva quando me olha.

Não sei o que eu fiz, mas não me lembro de ter deixado bagunça no meu quarto e nem nada.

Eu até sorri como ele mandou, na última festa.

O médico parou de me visitar também e eu não entendo porque *o Homem* não tenta mais me forçar a falar como antes. Parece que ele não gosta mais de mim.

Já pensei em fugir, mas para onde?

Olhei na internet e descobri que preciso de um avião ou barco para ir embora daqui da Sicília e eu nem mesmo sei onde eu morava antes.

Por que será que me trouxeram para cá?

Às vezes, acho que minha mãe foi encontrar o meu pai verdadeiro para que juntos venham me buscar.

Outras, sinto uma coisa ruim no coração porque sei que não vou vê-la de novo, mas não gosto de pensar nisso.

Eu não fico chateada que as pessoas não tentem mais falar comigo. Eu

prefiro ficar com meus livros.

Hoje estou lendo um chamado *Breve História de Quase Tudo*. Eu adoro aprender e esse livro já me ensinou um monte de coisas novas.

O *Homem* criou uma conta para mim na *Amazon* e eu posso comprar todos os livros que eu quiser, então eu já me acostumei a ficar sozinha.

Quando eu parei de falar, foi porque eu estava com muita raiva dele por machucar minha mãe. Depois, a raiva virou medo.

Agora é um pouco de cada.

Acho que as pessoas ficam zangadas por eu não responder suas perguntas.

A única que não parece se cansar de mim é vovó Sandra, a cozinheira. Ela tem passado cada vez mais tempo comigo e mesmo que eu não fale, ela nunca me manda sorrir como *o Homem* faz.

Ontem vovó Sandra me perguntou se eu queria participar de um jogo. Só que ela falou que ninguém poderia saber.

Ela me pediu até mesmo para fazer um trato juntando nossos dedos mindinhos.

Vovó ficou muito tempo explicando como funcionaria a brincadeira e disse que teríamos que sair da casa.

Eu não sei para onde ela quer me levar e tenho medo que *o Homem* fique com mais raiva ainda se descobrir nosso segredo.

Entro na cozinha para ver se tenho sorte da fornada de biscoitos já estar pronta. Estou com fome e ainda faltam muitas horas para o jantar.

“Giulia, lembra do que conversamos?” - vovó Sandra fala, depois de colocar um prato com biscoitos e um copo de leite na minha frente.

Balanço a cabeça dizendo que sim.

“Hoje à noite, depois que todos forem dormir, venha até aqui. Eu vou levá-la para um passeio.”

Ela não está sorrindo quando diz isso.

“Tem algo que queira levar com você?”

Aponto para o meu livro-tesouro que está perto de mim na mesa. Eu o carrego o tempo todo.

“Traga-o então, mas só ele.”

Eu acho isso esquisito, mas ela é boazinha comigo, então concordo novamente.

“Você não pode contar a ninguém.”

Ela disse isso um monte de vezes já e quase reviro os olhos, mas sei que seria falta de educação. Minha professora falou que nunca devemos fazer isso.

“Eu vou esperá-la. Depois que todos dormirem, começará nossa aventura. O que você acha disso?”

Eu sorrio pensando se serão aventuras como as das histórias dos livros. Aqui é tudo tão chato. Qualquer brincadeira será melhor do que ficar sozinha.

Será que vamos sair escondidas? Por isso ela falou que era segredo?

Isso sim seria uma aventura.

O Homem nunca me deixa passear com outras pessoas que não sejam os seguranças.

Acabo de comer meus biscoitos, vou até ela e a abraço.

Depois coloco um dos dedos sobre minha boca, prometendo guardar segredo.

◆◆◆

Estou com um pouquinho de medo porque vovó Sandra me colocou dentro de uma caixa de papelão e depois, na mala de um carro.

Ela disse que seria só por alguns minutos, mas eu não gosto de lugares escuros e meu coração está disparado.

Tento chamar seu nome, mas minha voz não sai alta o suficiente.

Acho que eu não sei mais falar.

Estou com vontade de chorar porque tenho medo de que ela me esqueça aqui dentro e eu nem posso pedir ajuda.

Quero ser corajosa, mas acho que não estou gostando desse passeio. A aventura não está sendo como eu esperava.

As lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto.

Pelo menos na casa eu não estava trancada no escuro e tinha meus livros.

Quando acho que vou ficar aqui para sempre, o carro para e ela abre o porta-malas.

Eu pulo em seus braços.

“Oh, meu amor. Eu sinto muito. Não conseguiríamos sair de lá de outra maneira.”

Eu não estou com raiva dela, apenas odeio escuridão e lugares apertados.

Aos poucos, com seu abraço, meu coração vai batendo mais devagar.

“Não podemos ficar aqui.” - um homem fala e eu engulo o choro.

Acho que ele não é um dos seguranças da casa.

Vovó Sandra não disse nada que viriam mais pessoas em nossa aventura.

“Giulia, agora o jogo será em outro lugar, como nos videogames. Você passou para outra fase, entende? Precisa ir com o ele.”

Eu abraço seu pescoço com força para que ela saiba que quero que ela venha comigo.

Não gosto de estranhos.

“O nome dela não é Giulia. É Belinda.”

Viro para trás para ver quem falou aquilo.

Tem um homem na escuridão e eu não consigo ver seu rosto, só sei que veste uma roupa preta e é tão grande quanto um super-herói.

Ele é a primeira pessoa que fala meu nome verdadeiro além da mamãe, então quem sabe não conheça meu pai também.

De repente, não sinto mais tanto medo, só um pouquinho.

Olho para a vovó Sandra de novo.

“Você está segura, meu amor. Confie na vovó. Tudo ficará bem.”

Passo as mãos em seu rosto.

“Você pode ir, Giu… Belinda. Eu prometo que tudo será melhor agora.”

Dou um beijo em seu rosto e gostaria que ela fosse comigo para a próxima

fase do jogo, mas apesar de adorar a vovó Sandra, quero muito saber se a aventura me levará até os meus pais.

Abraço seu pescoço novamente e dou mais um beijo.

Coloco a mão sobre meu coração.

“Eu também te amo, minha menina linda. Deus estará com você.”

Aponto para o porta-malas do carro e ela franze a testa.

“Ah claro, seu livro. Só um segundo.”

Depois que ela pega o livro, me beija e anda até onde o homem está, no escuro.

Ele vem para perto e estica os braços para mim.

O homem está sério, mas sua cara não é zangada e não parece assustador.

Acho que ele é mesmo um super-herói.

Ele lembra o Capitão América do filme dos Vingadores.

“Vamos para casa, Belinda.”

Eu não sei se ele sabe mesmo onde é a minha casa, mas já li muitas histórias de super-heróis e eles só fazem coisas boas. Prendem os bandidos e resgatam as pessoas em perigo, então eu vou para o seu colo.

Ele me abraça apertado e meu medo passa.

Descanso a cabeça em seu ombro.

Estou pronta para minha nova aventura.

Capítulo 36

Blood

Sicília

Partirmos com destino a uma pista de decolagem clandestina e eu tive que fazer um esforço supremo para colocar Belinda em seu assento no avião.

Após tantos anos de ausência, eu não quero soltar minha filhinha.

O voo nos levará a Milão.

Já utilizamos essa aeronave - que pertence a um também ex-soldado - em outros trabalhos realizados na Europa. Ele sabe como manter-se fora do radar.

Olho para minha menina e tenho medo de estar sonhando.

Uma sensação de urgência aliado a um pavor como nunca senti antes mistura-se em meu sistema.

Claro, eu tenho tudo planejado, mas só ficarei relativamente em paz quando estivermos de volta aos Estados Unidos.

De Milão, seguiremos por terra até a Suíça, para a embaixada americana em Berna.

Amos usou todas as suas conexões para que cheguemos lá em segurança. Depois disso, terei a ajuda dos representantes do meu país para levar Belinda para casa.

Os sequestradores dela são procurados não apenas dentro dos Estados Unidos, mas também pela *Interpol* e no momento não quero ficar um segundo a mais do que o necessário na Europa.

Ela dorme agora, agarrada ao livro.

Não disse uma palavra desde que a peguei no colo, mas não chorou tampouco.

Belinda não é mais um bebê. Já está uma mocinha e já consigo reconhecer em seus traços características minhas e de Stela em uma mistura harmoniosa.

Ela me encarou até adormecer, mas apesar de eu ter feito muitas perguntas, não respondeu diretamente, apenas sacudindo a cabeça em assentimento ou negação.

Sei que nada poderá preencher o tempo que passamos separados, mas farei o impossível para que ela sinta-se segura e quem sabe um dia, possa me aceitar como seu pai.

Isso me faz voltar a pensar no miserável que a tirou de mim.

Por mais que eu queira esquecer tudo, não posso.

Conheço o bastante sobre aquele doente. Ele não aceita perder e, ainda que o que a cozinheira falou seja verdade - que ele não quisesse mais Belinda - não tenho dúvida de que tentará se vingar.

Eu não passarei o resto da vida olhando por cima do ombro. Assim que tiver certeza de que ela está segura, irei atrás dele.

Já providenciei para que Sandra seja removida da Sicília por via marítima ainda essa noite. Não há alternativa, se ela deseja continuar viva.

◆◆◆

Quatro dias depois

Finalmente estamos em uma avião - fretado por Amos - a caminho de casa.

Eu nunca perdi a esperança de encontrá-la, então a qualquer lugar que fosse, tinha comigo uma cópia autenticada de sua certidão de nascimento. Isso agilizou a documentação que eu precisava para levá-la de volta aos Estados Unidos.

Também fizemos um exame de *DNA*, que demorou apenas vinte e quatro horas até ficar pronto, para confirmar que ela era realmente a minha filha - para

eles confirmarem, porque no momento em que meus olhos a viram, não tive qualquer dúvida.

Ela agora já tem passaporte com seu nome real e não parece estranhar quando a chamo de Belinda. Às vezes, até mesmo penso ver a sombra de um sorriso.

Minha cabeça ferve. Não estou certo sobre como agir.

Tenho que voltar à Sicília, mas não quero deixar minha menina.

As opções são escassas.

Apesar de relutar, tentei entrar em contato com meus pais.

Não há muitas pessoas com quem eu ficaria tranquilo em deixá-la. Além disso, eles podem não ter sido bons pais, mas sempre foram avós presentes.

O problema é que saíram em um cruzeiro para comemorar o aniversário de casamento e as chamadas para o celular só caem na caixa postal. Provavelmente ficarão incomunicáveis por muitos dias e eu não posso esperar.

Preciso agir rápido e por mais que eu relute por saber que não seria justo, não vejo outra maneira de fazer isso.

Pedirei ajuda a Theo.

Não é uma decisão fácil para mim.

A maneira como nos separamos, sem qualquer explicação e com ele achando que eu sou um traidor, faz com que eu me sinta muito mal.

Eu não tinha intenção de sobrecarregá-lo com o meu passado, mas não vejo outro caminho.

O tempo está contra mim e descobrimos que Namazio já está a nossa procura.

Sandra e o marido escaparam por um tris e provavelmente terão que se mudar da Itália. O fodido covarde gosta de mostrar ao mundo como lida com traidores. Sua crueldade é lendária.

Sei que Theo já voltou do Japão. Monitorei-o por mensagens todos os dias e apesar das respostas serem curtas, ele nunca me ignorou.

Tenho esperança de que não me odeie e possa me ajudar.

Capturo um movimento pela minha visão periférica.

Ela acordou.

Instalei joguinhos no *Ipad* para que se distraísse já que não parece disposta a conversar, mas ela não se interessou.

Para minha surpresa, leu e releu o livro, concentrada.

Mas então, quando me ouvia conversar com Yan, levantava os olhos e franzia a testa.

“Você está com fome?” - pergunto, como tenho feito todos os dias.

Estou indo devagar. Não sei como me aproximar. Eu a amo tanto, mas estou apavorado com a ideia de que ela sinta medo de mim.

Em todos esses anos em que estivemos longe, minha cabeça louca criou a fantasia de que Belinda não teria me esquecido, mas pelo seu olhar, acho que não se lembra.

Ela demora a responder.

Está muito diferente da garotinha que foi. Minha filha era vibrante como a mãe. Sorria muito também.

A criança comigo agora parece muito mais velha do que os oito anos e meio que eu sei que tem.

Finalmente aproxima os dois dedinhos - o polegar e o indicador - sinalizando que sim, sente um pouco de fome.

“Acho que em algum lugar por aqui temos uvas.”

Tento fazer isso soar natural, mas por dentro estou acelerado.

Belinda amava uvas verdes sem caroço quando era pequena. Uma das lembranças mais fortes é dela com um potinho cheio de uvas, comendo-as enquanto assistia desenhos animados pela manhã.

Evito encará-la enquanto vou até a cozinha do avião.

Eu providenciei tudo o que eu lembrava que ela gostava.

Quando volto, ao invés de aceitar imediatamente, ela olha de mim para o alimento, a testa outra vez franzida.

Pego uma das uvas e faço um som de apreciação depois de prová-la.

Seu semblante desanuvia e ela estica a mão.

É isso aí, bebê. São suas.

Lute por elas.

Sei que é uma pequena vitória, mas comemorarei cada avanço no caminho para reconquistar o amor da minha filha.

“Você me deixaria dar uma olhada nesse livro?”

Ela para de comer e me encara.

Hesitante, entrega-o para mim.

“Obrigado. Vamos ver o que temos aqui.” - finjo tranquilidade - “Ah sim, Rapunzel. Um dos meus contos de fadas favoritos.”

Noto que ela está atenta.

“Podemos lê-lo juntos se você não se importar.”

Ela para o movimento de levar uma uva à boca e novamente olha-me parecendo em dúvida, mas a seguir acena com a cabeça.

Sorrio por dentro.

Começo a ler a história em voz alta e tento não observar seu rostinho enquanto o faço, mas falho miseravelmente.

Ela não olha para o livro, mas para mim, parecendo surpresa.

Será que é possível? Ela lembra?

Empenho-me ainda mais, imitando as falas dos personagens como eu fazia antigamente e percebo que Yan me encara da poltrona ao nosso lado.

Eu não dou a mínima. Não tenho qualquer vergonha de estar parecendo ridículo para os meus homens se isso significar fazer minha filha feliz.

Quando comecei a ler, ela estava sentada ereta, mas agora seu corpo já está bem próximo.

Depois de um tempo, nossos braços estão colados.

Paro a leitura por um instante.

Nos encaramos e sinto meu peito tão repleto de amor que é difícil respirar.

Eu nunca poderei ser grato o suficiente a Deus por essa segunda chance.

E então, ela me espanta ao erguer a mão e tocar meu rosto. A seguir, sorri e volta a apontar para o livro. Quando recomeço a leitura, sua cabeça repousa em meu braço e eu faço um juramento que nada e nem ninguém nos separará novamente.

Capítulo 37

Theo

Estados Unidos

Finalmente estou de volta em casa.

Depois de dois voos de um total de dezesseis horas cada em apenas cinco dias, sinto-me exausto.

No entanto, a viagem foi essencial para que eu pudesse pesar as coisas.

Quando saí daqui, estava magoado e com a sensação de ter sido usado, mas depois das primeiras vinte e quatro horas, tentei pôr tudo em perspectiva.

Não sou mais uma garotinho e não vou fugir.

Eu lutei a minha vida toda contra o julgamento dos outros, então não acho justo condenar Derek sem sequer ouvi-lo.

De tudo o que conheci dele até agora, é um homem honrado.

Vou segurar por enquanto o benefício da dúvida e não condená-lo sem dar-lhe a oportunidade de se explicar.

Dois seguranças esperavam-me no desembarque e eu sei que isso partiu dele e não mais de uma ordem de Amos.

São esses detalhes que não me permitem virar as costas ao que temos.

Ele tem mandado mensagens a cada dia e eu estou morrendo de saudade.

Não quero parecer iludido, mas Derek não tem o perfil do cara que trai.

Homens assim geralmente sabem dizer o que você *precisa* ouvir.

Uma amiga brinca que sempre devemos tomar cuidado com os caras que tem um bom *papo de ouvido*. Aquele tipo de conversa que de tão perfeita só pode ser

ensaiada.

E normalmente é.

Homens não são muito abertos sobre sentimentos, então quando encontra-se um assim, há uma chance de que ou ele seja uma exceção - o que é raro - ou sua conversa flua tão fácil simplesmente porque ele faz aquilo o tempo todo.

Pela minha experiência até agora, a maioria faz parte do segundo grupo.

Derek não poderia estar mais distante desse perfil.

Ele não veio para cima de mim com tudo. Ao contrário, parecia reticente desde o começo, apesar da atração entre nós.

Agora penso que talvez a razão fosse o segredo que ele estava guardando.

Uma parte de mim - a covarde - quer virar as costas a tudo. No entanto, existe uma outra que me diz que eu cometerei um erro enorme se fizer isso, então, contrariando minha natureza, vou correr o risco.

Ele enviou uma mensagem perguntando se podia me ver e eu ainda não respondi.

Preciso de um banho antes de tomar uma decisão.

◆◆◆

O ferimento em meu ombro já está totalmente curado, percebo, enquanto acabo de vestir a camiseta.

Deus, parece que o atentado contra nossas vidas foi há séculos, quando na verdade passaram-se apenas algumas semanas.

Respirando fundo, crio coragem para fazer o que preciso. Só que ao invés de mandar uma mensagem, arrisco telefonar. Da última vez que ele me escreveu, disse que já estava no avião voltando para casa, então calculo que tenha chegado a essa altura.

O celular chama apenas duas vezes antes que ele atenda.

“Theo.”

“Derek.”

A última vez em que nos vimos, eu o chamei de Blood.

Eu estava tão ferido.

Não tenho vergonha de dizer que quis machucá-lo também e pela expressão do seu rosto naquela hora, sei que o objetivo foi atingido.

“Você disse que queria conversar. Tudo bem. Pode vir.”

Minha natureza me faz fugir de qualquer coisa que possa causar dor, mas eu prometi que o ouviria.

“Eu não estou sozinho.”

“Como assim?”

“Minha filha está comigo. Não posso dizer por telefone. Eu explicarei quando chegar aí. Ela está cansada da viagem. Deixe-me ir.”

“E a mãe dela?”

“Eu vou contar tudo, Theo.”

“Tudo bem. Venha.”

Capítulo 38

Belinda

Ele está roncando.

O super-herói que os outros homens aqui no avião chamam de Blood, mas que no escritório que nós fomos, que ele disse que era uma Embaixada, chamaram de Derek Gunnar.

Eu acho que ele é o meu pai.

Não. Eu sei que ele é, mesmo que ele não tenha dito ainda.

Eu lembrei de sua voz e ele também sabia que eu gosto de uvas.

Como poderia saber que eu gosto das verdes se não fosse meu pai?

Derek e Stela. Meus pais verdadeiros e não *o Homem*.

Belinda Gunnar, não Giulia Zanni.

Até o senhor que tentou conversar comigo na Embaixada me chamou de Belinda.

Quando ele começou a fazer perguntas, Derek - eu ainda não sabia que ele era o meu pai - disse que eu não gostava muito de falar.

Não é isso.

Eu acho que não consigo mais. Mesmo quando tento sozinha, as palavras não saem. Só um som estranho.

Eu vou continuar tentando.

Não preciso mais ficar em silêncio.

O homem da Embaixada pareceu chateado e eu apontei para um bloquinho e um lápis em cima da mesa dele.

Assim, eu respondi o que ele perguntou.

Eu não escrevi muita coisa, além de que não vejo minha mãe desde o ano

passado e que eles me chamavam de Giulia.

Ele também perguntou se eu sabia o nome do *Homem*.

Eu sabia, claro.

O senhor mandou meu pai sair da sala enquanto eu escrevia. Ele não queria ir, mas depois de um tempo concordou.

Agora estamos voando de novo. Foram dois aviões já e estou começando a ficar cansada.

Meu pai trouxe umas roupas estranhas para eu usar.

Muito, muito feias, mas escrevi *obrigada* em um pedaço de papel porque não quero que ele fique triste.

Eu esperei por tanto tempo que ele fosse me buscar que não vou fazer nada de errado. Não quero que ele mude de ideia.

Não, ele não vai mudar.

Ele me disse isso mais de uma vez já. Falou que nós ficaremos juntos agora.

Super-heróis não mentem e sei que meu pai é um.

Ele conseguiu me salvar.

Chego mais perto do seu braço, mas não muito porque não quero acordá-lo. Eu fico chateada quando me acordam de um soninho.

Tem um homem sentado do lado meu pai com um computador aberto e me encarando.

Ele não falou comigo nem uma vez, mas ficou com a gente desde que fomos embora da Sicília.

Por que ele está me olhando tanto?

“Você quer jogar, Belinda?”

Eu estou sem sono, então dou de ombros.

“Aqui.” - ele diz, me dando seu celular.

Olho para a tela e sorrio.

Já joguei aquilo milhares de vezes. São sobre fórmulas matemáticas.

Antes de começar, levanto o polegar em um sinal de legal para agradecer.

As professoras diziam que uma mocinha não deveria fazer isso, mas quero que ele saiba que fiquei feliz.

Ele sorri para mim.

“De nada.”

Capítulo 39

Blood

Finjo continuar dormindo enquanto observo Yan entregar seu celular a minha filha.

Assim que senti um movimento ao meu lado, despertei. Sou um pai e um soldado, uma combinação que faz de mim alguém constantemente tenso.

Acho que nunca mais darei por garantido que Belinda esteja em segurança.

Olho para ele e ergo uma sobrancelha.

“Vamos até a cozinha.” - diz.

“Você quer alguma coisa?” - pergunto a minha menina, mas tenho que esperar uns bons segundos até que ela finalmente pare com o que quer que esteja fazendo no telefone e me encare.

Ela sorri e balança a cabeça de um lado para o outro.

Como sempre, meu coração derrete e esquecido de minha intenção de ir devagar, deixo um beijo em seu cabelo antes de segui-lo.

Eu tenho procurado controlar a vontade de apertá-la em meus braços a cada cinco segundos porque não quero que sinta-se sufocada.

Desde que a resgatei, tenho pensado na melhor forma de readaptá-la após tudo o que passou.

Sei que precisarei de ajuda especializada.

Não estou acostumado a pedir socorro, mas nem mesmo em meus momentos mais otimistas imagino que ela simplesmente passará uma borracha em tudo o que aconteceu.

“O que foi aquilo lá?” - pergunto, assim que entramos na minúscula cozinha do avião.

Eu quase preciso me dobrar para caber no espaço.

“Eu tenho que contar algumas coisas sobre ela que você desconhece.”

Imediatamente fico em alerta.

Esse é um ponto sensível para mim.

Há muito sobre Belinda que não sei atualmente e incomoda-me para cacete que um estranho conheça mais a seu respeito do que eu.

“Há algo errado com sua saúde?”

“Não, longe disso. Pelo que descobri com Sandra, só havia um médico que a visitava semanalmente, mas não por qualquer problema de saúde e sim pelo seu silêncio.”

“O que?”

“Pelo amor de Deus, você deve ter percebido que a menina não abriu a boca desde que a trouxemos da Itália.”

“Eu pensei que ela estivesse arredia comigo somente. Belinda sempre teve algumas manias engraçadas.” - sorrio, perdendo-me no passado por alguns instantes - “Uma vez ela mancou o dia todo. Eu e Stela ficamos apavorados. Telefonamos para o pediatra e marcamos uma consulta para o dia seguinte. Quando ela acordou pela manhã, estava andando normalmente e eu perguntei se a sua perna havia melhorado. Ela me olhou, bateu a mãozinha na testa e disse: *Ih, eu si esqueci* e recomeçou a mancar de novo. Ela tinha somente três anos recém completados.”

Yan sorri e posso ver que sua cabeça está resolvendo algum tipo de equação.

“Ela parou de falar há cerca de um ano, segundo nosso informante.”

Demoro um nada até ligar os pontos.

“Você acha que ela viu...?”

A ideia é tão revoltante que não consigo completá-la em voz alta.

Ele sacode a cabeça, passando as duas mãos no rosto.

“Há uma chance sim. Pelo que pude descobrir, a época em que parou de falar coincide com o desaparecimento de sua ex-mulher.”

“Foda-me.”

Bato a cabeça na parede para não gritar.

Jesus Cristo, se isso for verdade, o problema é muito maior do que eu pensava.

“Ela não pode mais falar então? É algum tipo de trauma?”

“Não foi isso que eu disse.”

“Explique-se.”

“Sua filha tem o *QI* de um gênio, você sabia disso? Aliás, somente um pouco acima do seu.”

Fico constrangido.

Eu já fui testado quando criança e tenho o *QI* muito acima da média. Certo. Um pouco mais do que muito, mas nunca tentei usar isso para autopromoção. Sempre considerei mais como uma habilidade extraordinária.

Cada pessoa é boa em algo. Eu sou bom em antecipar situações. Planejamento. Conseguir antever o próximo passo do inimigo.

Ainda assim, não estava preparado para a traição arquitetada por Stela.

Talvez porque nunca concebi algo do tipo.

Mesmo que nosso casamento estivesse todo errado, ela sempre soube o quanto eu e Belinda nos amávamos e jamais passou pela minha mente que ela tramaria para nos separar.

“Tudo bem, ela tem um *QI* alto. O que você está tentando me dizer?”

“Que talvez seu silêncio seja uma escolha.”

“Como? Ela não fala de propósito?”

“Não entendo muito de crianças normais, mas já estudei sobre superdotados. Sua filha pode ter criado um mundo próprio para se proteger. “

“Eu pensei que ela simplesmente não quisesse falar ainda.”

“Pode haver uma chance grande de ser isso. De que ela só falará quando sentir-se segura, mas também pode ser que ficar em silêncio por tanto tempo tenha passado realmente de uma escolha a um problema real.”

“Você está tentando me dizer que ela desaprendeu a se comunicar?”

“Estou dizendo que ela precisa ser verificada por um profissional.”

“Eu já estava pensando em algo do tipo.”

“Eu conheço alguns se você precisar.”

“Não quero que ela sinta-se como uma cobaia em um laboratório.”

“Olha cara, eu só estou tentando ajudar aqui. Por mais que eu ache fascinante ter um pequeno gênio sentado a poucos metros de mim, no momento minha preocupação é que ela se readapte. Não tenho conhecimento suficiente do quanto sua inteligência elevada pode ajudar ou atrapalhar isso.”

Olho para ele sei que está sendo sincero.

Yan não é o tipo de homem que interfere na vida alheia.

“Certo. Obrigado por me contar.” - concedo por fim. - “Eu agradeceria se você pudesse me indicar esses... especialistas.”

Ele acena com a cabeça e começa a voltar para o seu lugar.

“O que foi aquilo de você emprestar-lhe o celular?”

Yan é a pessoa mais paranóica do nosso time e não é nada comum vê-lo abrir mão de algo que lhe pertence. Ainda mais um dispositivo eletrônico.

“Foi um teste.”

“Teste?”

“Eu dei-lhe um jogo avançado até mesmo para superdotados. Ela nem piscou. Ela já o havia jogado antes, tenho certeza.”

◆◆◆

Um dos nossos motoristas nos esperava na saída do aeroporto e após me despedir rapidamente de Yan, estamos a caminho da casa de Theo.

Meu coração está sobrecarregado.

Há tanto a ser feito - cuidar da readaptação da minha filha, construir um lar de verdade para nós, tentar consertar meu relacionamento com ele.

Tento catalogar cada item porque não posso trabalhar tudo ao mesmo tempo.

“Nós estamos indo para a casa de um amigo meu, tudo bem?”

Ela olha pela janela, mas assim que ouve minha voz, vira para mim e acena com a cabeça.

“Você está feliz?”

Ao invés de responder, ela segura minha mão e aperta, olhando em meus olhos.

Penso em tudo o que Yan disse.

“Belinda, eu quero que preste atenção em algo. Você só precisa falar quando estiver pronta para isso. Não faça nada que não sinta vontade, okay?”

Seu sorriso amplia e assim como fez com Yan no avião, ela ergue o polegar em um sinal de legal e volta a olhar para a rua.

O motorista finalmente estaciona em frente ao prédio de Theo e preparo-me para unir meu passado e futuro.

Capítulo 40

Theo

O porteiro acaba de anunciar que eles chegaram e meu coração lembra as batidas de um tambor.

O que devo fazer?

Não lidei com crianças antes. Minhas irmãs nunca trouxeram meus sobrinhos para me visitar. Elas jamais me convidaram para aniversários ou quaisquer comemorações.

Desde que ele ligou, fico me perguntando onde estará a mãe da menina.

Quantos anos será que tem a garotinha?

Antes que possa analisar mais profundamente, a campainha toca e mesmo não estando pronto, vou recebê-los.

Seguro a maçaneta sentindo a palma das mãos úmidas e quando finalmente abro-a, dou de cara com o dono do meu coração e uma miniatura dele encarando-me.

“Oi.” - obrigo-me a falar para ambos.

A menina olha sem piscar e posso ver o pai todinho nela.

Sei que estou passando por um *raio-x* em sua mente.

Ela é linda.

Tão bonita quanto Derek. Os mesmos olhos, mas com cabelos de um tom de marrom claro com mechas aloiradas.

Estico a mão para cumprimentá-la.

“Oi. Sou Theodoro Argyros.”

Depois de hesitar por um instante, ela sorri e aceita-a, mas não diz seu nome.

Finalmente, olho para Derek e ele faz um movimento imperceptível de *não*

com a cabeça e a seguir, completa.

“O nome dela é Belinda Gunnar.”

O sorriso da menina amplia e não sei porque, mas acho que ela gostou de ouvir o próprio nome.

“Entrem.”

Sei que os olhos dele estão em mim, mas ainda não devolvo-o.

Sinto-me fragilizado.

Temos muito o que esclarecer.

“Vocês estão com fome? Eu estou morrendo e ia jantar agora mesmo.” - digo, tentando soar natural quando na verdade estou agitado para cacete. - “O que acha de uma lasanha, Belinda?”

Ela concorda com a cabeça, mas percebo que está distraída observando os livros.

Eu me abaixo para ficar da sua altura.

“Você pode olhá-los se quiser. Qualquer um. Fique à vontade.”

Ela sorri novamente e solta a mão do pai.

Passeia pela sala como se estivesse em uma loja de doces, sem saber o que escolher, mas para minha surpresa, depois de pegar alguns e olhar a parte de trás, ela senta-se no sofá com um exemplar de *O Universo Numa Casca de Noz*, de *Stephen Hawking*.

Ela é muito nova para um livro daqueles e não consigo esconder o assombro.

Belinda parece absolutamente concentrada, então seguimos para a cozinha.

Antes da sair, porém, Derek fala.

“Quer vir conosco?”

Ela ergue o olhar por uma fração de segundos, aponta para o livro e sorrio por dentro.

A menina já esqueceu do mundo ao redor.

Eu sei porque acontece o mesmo comigo quando pego um livro que me interessa.

“Se quiser tirar os sapatos e deitar no sofá, faça. Eu não sei você, mas adoro ler deitado.”

Ela olha para Derek, que acena com a cabeça.

Então, ela retira o tênis em movimentos lentos, contidos.

Um por vez.

Dá para perceber que ela foi bem - ou rigidamente - educada, dependendo do ponto de vista.

É como assistir uma pequena dama em ação.

E tanto quanto é fascinante, não é muito espontâneo também. Como se ela tivesse sido condicionada a manter-se sob controle.

Confuso, saio da sala.

“Theo…” - ele diz quando entramos na cozinha - “Eu... sei que talvez você não queira ouvir isso, mas eu sinto muito. Não planejei nada entre nós, eu não sou um traidor.”

Continuo movimentando-me, tirando as porções de lasanha do freezer e pondo-as para descongelar.

Só de falar novamente sobre aquilo me faz desejar fugir. Não quero pensar que posso ter interferido no casamento de alguém, principalmente agora que conheço Belinda.

Opto por uma saída estratégica.

“Mais tarde conversaremos sobre isso. Agora, conte-me sobre sua filha. Por que ela mesma não disse seu nome? Não gosta de estranhos?”

“Ela não fala.”

“O que?”

“Ela falava.... antes.”

“Antes de que?”

“Antes que a roubassem de mim.”

Agora ele conseguiu minha total atenção.

Paro o que estou fazendo e o encaro.

“O que está acontecendo aqui, Derek?”

“Eu já explico, mas preciso fazer algo primeiro.”

Ele se aproxima e seguro a vontade de dar um passo para trás.

Sei que ambos estamos machucados e vejo uma vulnerabilidade em seu

rosto como não havia enxergado até hoje.

Ele está sofrendo e parece confuso também. Por mais que meu instinto de autopreservação esteja gritando para me afastar, eu não consigo ignorá-lo.

Ele não tenta me abraçar, mas estamos perto ao ponto de sentirmos a respiração um do outro.

“Eu não estou jogando, Theo. Tudo o que falei antes está valendo. Nós não somos temporários.”

Respiro fundo querendo negar o que ele está dizendo, mas não posso.

“Depois. Comece explicando sobre ela.”

Bastaria que eu levantasse a cabeça para beijá-lo, mas não farei isso antes de saber da história completa.

Parecendo entender meu dilema, ele senta-se em um banco na ilha da cozinha.

“Ela foi sequestrada há cinco anos. Estivemos esse tempo todo separados.”

Jesus Cristo!

Mesmo querendo manter distância emocional, não consigo me impedir de perguntar.

“Onde está a mãe dela?”

Ele esfrega as mãos no rosto.

“Morta.”

Era a última coisa que eu esperava ouvir e recosto na pia porque minhas pernas parecem incertas agora.

“Conte-me. Eu preciso entender.”

“Tudo bem.”

◆◆◆

Coloco pequenas porções de lasanha na boca, enquanto tento processar tudo o que ele disse.

Que tipo de pessoa seria capaz de tirar a vida de uma mãe na frente de sua filha?

O mesmo monstro que privou-a do convívio com o pai.

Isso me faz lembrar da mulher.

Stela.

Foi um alívio saber que não havia mais uma relação entre os dois quando ficamos juntos, mas apesar disso, Derek não tinha certeza de que ela estava morta, o que faz com que, em algum nível, termos ficado juntos na Grécia pareça um erro.

Estou tão confuso.

Ele contou que caiu em uma armadilha.

Tudo bem, eu posso entender. Mesmo que eu nunca tenha estado com mulheres, sei como é difícil crescer precisando aparentar algo que você não é. Ele era jovem e estava inseguro em se assumir.

Ela usou a gravidez para conseguir amarrá-lo e depois, quando o acordo não saiu como esperava, descartou-o como se fosse nada.

Então, ainda que uma parte minha sinta-se culpada, não posso deixar de desprezar sua ex-esposa.

Ela poderia ter ido embora e deixado a menina com ele se o arranjo entre os dois não a satisfazia mais. No entanto, escolheu tirar-lhe tudo.

Deus, não admira que a pobrezinha da criança não fale.

Derek está certo. Será necessário consultar um especialista.

Não há como saber as memórias que Belinda tem guardadas.

Se o que o amigo dele disse for verdade e a menina é um gênio - o que, pelo tipo de livro que escolheu, eu acredito que seja - talvez ficar calada tenha sido uma fuga da realidade.

Eu sei bem o que é querer apagar uma cena de horror da sua mente e não conseguir.

Afasto a imagem, mas faço uma anotação mental para ligar para Odin novamente amanhã. Tenho tentado falar com ele desde que voltei da Grécia, mas sem sucesso.

Volto a atenção para os meus dois convidados.

Belinda encara o pai enquanto come, como se tivesse medo de que ele fosse desaparecer.

Derek olha de mim para ela e parece não saber o que dizer, então decido que serei eu a quebrar o gelo.

“Belinda, a lasanha está gostosa?”

Ela começa a erguer o polegar, mas parece mudar de ideia.

Olha para o prato, descansa os talheres como um adulto faria e depois, assente com a cabeça.

"Eu adoro massas também. E queijo. Qualquer coisa com queijo. Acho até que não descendo dos macacos, mas dos ratos.”

Ela para de comer e inclina a cabeça para o lado como já vi seu pai fazer tantas vezes. Depois de um tempo, sacode-a de um lado para o outro e começar a rir.

Não sorrir, rir mesmo.

E o som de sua risada pega a mim e Derek de surpresa.

Rapidamente olhamos um para o outro, mas eu procuro disfarçar.

“Vi que você tem um livro da Rapunzel. Gosto dela também, apesar de que cuidar daquele cabelo deve dar um trabalho danado.”

Outra risada.

Uma criança que lê *Stephen Hawking* e também adora os *Irmãos Grimm* - quem imaginaria algo assim?

“Você sabe o que é um produtor de modas?”

Ela balança a mão como quem diz *mais ou menos*.

“Eu sou um produtor de modas. Basicamente decido as roupas que as modelos e atrizes usam em desfiles e comerciais.” - simplifico.

Ela observa a própria camiseta - que é horrenda por sinal - depois olha para o pai e finalmente para mim.

Suas bochechas ficam vermelhas e trocamos um olhar cúmplice.

Acho que preciso conversar com Derek sobre as próximas compras de roupas para ela.

“Como eu ia dizendo, trabalho entre outras coisas, com musicais da *Broadway*, que é um lugar na cidade de Nova Iorque onde existem vários teatros em que são apresentados esses espetáculos. No próximo outono, farei a produção de *Rapunzel*.”

Sua boca abre e eu seguro um sorriso.

“Quem sabe você não poderia me ajudar com algumas ideias e talvez… assistirmos juntos aos ensaios.”

Estou muito acelerado porque tenho consciência do que implica o que acabei de falar.

Futuro.

Derek em minha vida.

Posso ver que ele também parou de comer e me observa atentamente.

Ela faz um gesto como quem vai bater palmas, mas novamente refreia-se e olha para o pai.

Ele não perde tempo.

“Até eu vou querer assistir esses ensaios. E também podemos ir à estreia, claro.”

Ela sorri e abre a boca como se fosse falar.

Nenhum som sai.

Posso ver que está se esforçando e finalmente algo parecido com *obrigada* escapa, mas é muito baixo.

Sinto os olhos encherem de lágrimas.

Ela então levanta-se e dá a volta na mesa para abraçar Derek.

Ele emocionou-se na cozinha quando contou dos anos em que ficaram separados. De como nunca desistiu de procurá-la ou se permitiu perder a esperança de trazê-la de volta.

Ele está de olhos fechados, segurando-a forte.

Depois de um tempo, a criança solta-se, vem até mim e me dá um beijo na bochecha.

Parecendo mais confiante, finalmente ergue o polegar.

Capítulo 41

Blood

“Você sabe quem eu sou?” - ela acabou de escovar os dentes e está embaixo das cobertas.

Theo nos convidou para ficar aqui.

Se eu já não fosse louco por ele, apaixonaria-me hoje.

Além de ter feito tudo ao seu alcance para deixar minha filha à vontade, ele disse que não seria bom para ela ir para um hotel, dada a quantidade de mudanças em sua vida em poucos dias.

Foi um alívio ver a interação entre os dois porque precisarei partir amanhã. Não posso permitir que Namazio prepara-se para o contra-ataque.

Observo-a, deitada na cama enorme.

Minha Belinda é muito especial. Sentou-se como uma pequena *lady* lendo *O Universo Numa Casaca de Noz* - um livro que muitos adultos, se tivessem escolha, nunca chegariam perto - e agora agarra-se a um exemplar gasto de um conto de fadas.

Ficou eufórica como a garotinha que é quando Theo disse que a levaria para o ensaio do musical, mas às vezes pego-a olhando para o vazio como se lembrasse de algo que ainda a assusta.

É desse modo que tenho certeza de que ela sabe.

Ela não perguntou ainda pela mãe e nem por que eu fui buscá-la na Itália, então cada vez mais acredito que o que Yan falou é verdade. Belinda tem um inteligência acima da média e ela lembra do que aconteceu à Stela.

Foi difícil segurar as lágrimas vendo seu esforço para falar.

Enche-me de ódio que minha filha tenha sido submetida à brutalidade de ver a mãe ser morta por aquele doente.

Ele vai pagar. Namazio ainda não sabe, mas seus dias estão contados.

Ela ajoelha na cama e nossos rostos estão próximos.

A mão pequena vem para minha face, contornando o desenho das sobrancelhas e queixo.

Ela olha para o livro, aponta para mim e depois para a própria testa. A seguir, acena com a cabeça.

Toda a emoção que venho controlando desde nosso reencontro rompe-se.

Sei que eu deveria ser forte, mas não consigo.

Minha criança linda, meu coração, aquela por quem passei noites em claro imaginando se estava viva, sendo cuidada, está começando a recordar.

Talvez não lembre de mim exatamente, mas sabe que eu contava-lhe histórias.

Pequenas partes do nosso passado.

As lágrimas caem incontroláveis e ela faz que não com a cabeça e depois toca meus olhos.

“Eu te amo, filha. Eu nunca parei de procurar por você. Eu nunca pararia. Papai está chorando de felicidade.”

Abro os braços e ela não hesita, agarrando-se ao meu pescoço.

“Nós vamos ficar juntos agora. Ninguém jamais nos separará.” - acaricio seu cabelo e estou começando a me acalmar quando sinto seu corpo pequeno começar a tremer.

Não, Deus!

Eu venho me preparando para isso. Sabia que esse momento chegaria, mas nunca imaginei o tamanho da dor que sentiria ao ver minha filha sofrendo.

“*Shhhh*…. o papai está aqui para você. Sempre estarei aqui para você, Belinda. Nós vamos ficar bem.”

Ela afasta-se para me olhar, a face banhada de lágrimas e sinto um punhal retorcendo meu coração.

“Eu preciso falar algo e quero que preste muita atenção.” - digo, enquanto seco seus olhos - “Você lembra do homem com quem você morava?”

Ela para de chorar e parece assustada. Então, faz sinal positivo com a

cabeça.

“Aquele é um homem mau porque ele a levou para longe de mim.”

Ela abre a boca como fez na mesa, mas tudo o que sai é um *mã*.

Meu coração dispara.

Eu sei o que ela está tentando dizer e não queria ter essa conversa antes de falar com um especialista, mas não mentirei para ela.

“Sim. Aquele homem machucou sua mãe.”

Gostaria de poder fechar os olhos para não ver sua dor, mas prefiro morrer mil mortes à falhar com minha filha.

Seu choro já não é mais convulsivo como antes, mas sentido.

“E é por isso que eu preciso ir até lá, prendê-lo e entregá-lo para a polícia. Ele tem que ser punido pelas maldades que cometeu. Não posso permitir que ele tente tirar você de mim novamente.”

Eu não tenho qualquer intenção de entregá-lo à polícia. Acabarei com sua maldita existência nesse planeta.

“Preciso que seja forte. Só mais um pouquinho, tudo bem?” - ela só olha para mim - “Eu quero que você fique com o Theo. Ele é um amigo do papai. Um amigo muito querido e você estará segura com ele.” - ela agarra-se ao meu pescoço novamente.

“Serão poucos dias. Só até o papai prender aquele homem e então vamos começar nossas vidas sem precisar sentir medo.”

Ela encara-me outra vez.

“Você ficará com ele? Eu prometo que voltarei muito rápido.”

Ao invés de responder, ela oferece-me o dedo mínimo e eu o entrelaço com o meu.

Pela primeira vez desde que começamos a conversa terrível, eu consigo respirar.

“Sim, nós temos um pacto. Eu vou voltar.”

◆◆◆

Paro para observá-lo antes que ele me veja.

Theo está sentado em sua poltrona favorita, os cotovelos apoiados nos joelhos e o rosto lindo marcado pela preocupação.

Tanto quanto sinto-me culpado por trazer-lhe parte do meu passado, é bom ter alguém com quem dividir.

Não, não alguém. Só serviria ele.

Não me imagino compartilhando a convivência com a minha filha com outra pessoa.

Hoje quando nos reunimos para jantar, tudo pareceu em harmonia.

Passado e presente coexistindo.

Eu me senti inteiro.

Não é uma sensação familiar.

Na verdade, assusta-me mais do que tudo porque já vivi a perda antes.

Eu não acho que um dia conseguirei superar os anos em que fui privado de conviver com Belinda.

Hoje eu e ela demos o primeiro passo para vencermos o pesadelo, mas não me engano nem por um instante sobre o longo caminho que ainda teremos que percorrer.

“Derek…”

Estava alheio em meio aos pensamentos e não notei que ele me observava de volta.

Caminho até onde está e abaixo-me entre suas pernas.

Theo não tem ideia do que ele é para mim, mas faço uma promessa interna de que, se me der a oportunidade, mostrarei como podemos ser perfeitos juntos.

Percebo o tremor de suas mãos.

Ele está assustado?

Estou jogando mais do que pode segurar?

Em muitos aspectos, Theo é somente um garoto.

“Obrigado por tudo.”

“Eu não fiz nada.”

Passo os dedos pelo rosto bonito.

“Fez sim. Você fez mais do que as pessoas mais próximas jamais fizeram. Acolheu a mim e a minha filha mesmo depois de eu tê-lo decepcionado.”

“Você me magoou. Eu nunca senti... as coisas nunca aconteceram como foi entre nós. Não sou de me entregar fácil.”

“Eu sei. Posso não conhecê-lo há muito tempo, Theo, mas eu vejo você. Eu presto atenção em tudo sobre você e eu não tive a intenção de feri-lo.”

“Então por que fez?”

“Porque eu não consegui ficar longe de você. Eu ainda não consigo.”

Eu gostaria de ser um homem melhor e deixá-lo seguir em frente com alguém menos complicado, mas não posso. Em algum lugar dentro de mim, sei que jamais encontrarei o que temos em outra pessoa.

Então, ao invés de libertá-lo, abraço-o, matando a saudade que estava fazendo meu coração sangrar desde o momento em que fui para a Itália.

Capítulo 42

Theo

Quando convidei-os para ficar, estava determinado a manter tudo de uma maneira que eu pudesse resguardar meus sentimentos.

Ou pelo menos tentar fazê-lo até que eu conseguisse processar o que aconteceu entre nós desde o primeiro dia que nos vimos até sua chegada com Belinda hoje.

Aparentemente meu coração tinha outros planos.

Assim que notei seus olhos inchados pelo choro quando ele voltou do quarto, algo dentro de mim quebrou.

Não consigo agir como se seu sofrimento não significasse nada.

Passei muito tempo com medo de arriscar, vivendo dentro de um mundo protegido e talvez tenha chegado o momento de dar um passo além.

Não que tenha sido difícil até aqui manter-me seguro.

Até então, eu não havia encontrado alguém que despertasse qualquer desejo de mudar.

Não tenho certeza do que me espera e sei que se escolher ficar com Derek, teremos muito o que trabalhar em nosso relacionamento. No entanto, apesar do medo de não estar pronto para o que pressinto que virá em nosso caminho, se eu desistisse agora, poderia estar jogando fora um amor verdadeiro.

Já me sinto ligado à criança também.

A cena na mesa quase me matou.

Depois que eles saíram da sala, fiquei imaginando o que a pobrezinha não presenciou para deixá-la aterrorizada ao ponto de não querer mais falar.

Pretendo pesquisar tudo o que puder a respeito de traumas.

Não o deixarei sozinho.

Aqui, perdido em seus braços, sei que a decisão já está tomada.

Talvez seja uma péssima decisão no fim de tudo e que, em algum momento no futuro, eu possa até me arrepender, mas eu apostarei todas as fichas.

“Você não tem ideia do que o seu apoio significa para mim.”

“Eu estou com medo, não negarei, mas se... me quiser por perto, ficarei ao seu lado.”

“Eu não quero somente você *por perto*, eu quero você em minha vida, Theo. Eu sinto muito não ter contado antes sobre meu casamento, mas você precisa acreditar quando eu digo que não houve traição antes de você. E, olhando nós dois agora, posso dizer que também não sinto como se tivesse traído Stela, mesmo se ela não estivesse morta. Eu e ela nunca fomos reais. Passamos algum tempo juntos em uma tentativa minha de ser normal segundo a concepção do meu pai, mas eu sempre fui sincero com ela. Ela mentiu sobre tomar a pílula e mentiu novamente ao dizer que estaria satisfeita com um arranjo como o que tínhamos.”

“O que ela esperava ganhar mantendo a farsa?”

Ele dá de ombros.

“Só ela poderia responder isso.” - estamos no sofá, abraçados e ele acaricia meus cabelos - “Eu seria capaz de esquecer sua desonestidade, sabe? Não me importo com as traições. Mas acho que nunca a perdoarei pelo que fez a nossa filha. Ela roubou parte da infância de Belinda e o meu direito de conviver com ela, de ser seu pai. Stela foi por escolha morar com um monstro e expôs nossa garotinha à crueldade. Colocou-a em risco sem um segundo pensamento, somente para satisfazer o próprio desejo por uma vida de luxo.”

“Não posso nem começar a entender a dor que deve ser ter um filho levado para longe, mas quer saber algo que aprendi? O perdão tem muito mais a ver com nós mesmos do que com o outro. Ela foi uma cadela, que Deus a tenha em um bom lugar, mas também pagou caro por isso. Você precisa seguir em frente.”

“Ainda não.”

“Como assim?”

“Eu tenho que voltar à Itália.”

“O que ?”

Viro para ele, para ter certeza de que está falando sério, mas pelo seu olhar, sei que está.

“Não.” - eu não faço o estilo controlador, mas estou apavorado - “Não.” - repito com o coração disparado - “Você mesmo disse que o homem é um assassino. Ele poderia matá-lo.”

“Theo, ele não irá.”

Levanto e começo a andar de um lado para o outro.

“Você não pode afirmar isso.”

“Theo, vem aqui.”

Eu não quero.

Estou com muito medo por ele. Na verdade, se fosse obedecer minha mente louca, trancaria-o dentro de casa até dissuadi-lo da ideia absurda.

Só que o que minha cabeça comanda e o que meu coração determina são caminhos opostos, então, mesmo contrariado, acabo voltando aos seus braços.

“Theo, isso é o que eu faço desde sempre. Caçar monstros é algo rotineiro para mim.” - ele beija minha bochecha e eu só queria poder ficar assim, com a certeza de que está seguro - “Eu não posso correr o risco de que ele venha atrás de nós.”

“Não é só por isso que você voltará lá.”

Não é uma pergunta, então fico em silêncio.

“Você quer vingança.”

Não respondo diretamente.

“Nada acontecerá comigo.”

“Eu não posso perder você.”

“Você não irá, amor. Eu nunca abriria mão da oportunidade de criar minha filha e de viver nossa história.”

“Jure. Dê sua palavra de que nada acontecerá com você.”

“Olhe para mim. Nada e nem ninguém me impedirá de voltar para vocês.”

“E ela?”

Ele baixa a cabeça.

“Eu gostaria que tomasse conta de Belinda para mim. Não confio em outra pessoa além de você e meus pais e eles estão fora do país.”

“Eu nunca cuidei de uma criança.”

“Eu sei e sinto muito por pedir tanto, mas não posso deixar para lá o que aquele fodido fez, Theo. Ele é um homem cruel e não tenho qualquer dúvidas de que tentará uma retaliação.”

“E quando a nós dois? O que você dirá a ela?”

“Ela já sabe que a mãe foi... que sua mãe não está mais entre nós, mas não faço ideia de como contar sobre a nossa relação. Pensei em procurar a ajuda de um psicólogo. Isso precisaria ser feito de qualquer maneira porque ela passou por muita coisa.”

“Você quer que todos saibam?”

“Que estamos juntos? Theo, tenha um pouco de fé em mim. Lembra o que eu falei? Nós não somos um caso passageiro. Eu nem considero a possibilidade de esconder nosso relacionamento dela. Belinda já teve muitas mentiras em sua curta vida. No entanto, preciso saber a melhor maneira de fazer com que ela entenda que eu o amo e que somos um casal.”

“Eu posso... *huh*... se você não se importar… eu poderia encontrar um psicólogo e um fonoaudiólogo.”

“Você faria isso por nós?”

“Vocês dois são uma dupla difícil de não se amar.”

Capítulo 43

Theo

Abro os olhos e quando viro o rosto, vejo a marca da cabeça dele no travesseiro.

A primeira vez que fizemos amor na Grécia, um mundo que eu jamais havia visitado abriu-se diante de mim.

Uma experiência que me fez entender porque até então eu não havia sentido nada além de uma ligação física com os relacionamentos anteriores.

Ontem, foi como voltar para casa.

Por todo o tempo, tive a certeza de que estava com quem pertenço.

Quando eu o conheci, a primeira impressão foi de que Derek era um ogro. Um cara alheio a qualquer sentimento mais profundo.

A maneira como ele age comigo desde que passamos a nos conhecer melhor e a seguir, vê-lo ontem com Belinda, mostrou o quanto eu estava errado.

Ele é apaixonado e leal.

Intenso e dedicado a aqueles que ama.

Depois de finalmente satisfazermos a fome um pelo outro, ficamos abraçados apenas nos sentindo.

Eu me acostumei a caminhar sozinho, mas não quero mais seguir assim. Eu o amo. Com todos os riscos que a nossa relação traz, eu adoro o que temos e vou viver nossa história.

Não espero que seja fácil. Derek tem uma bagagem e não estou falando da filha, mas de seu passado com a ex-mulher morta e os pais dele.

Por ela, ele foi enganado. Pelos pais, rejeitado.

Aqueles que deveriam ser, junto com Belinda, seu apoio, o traíram em algum

nível.

Claro, criar uma criança é algo que me assusta. Não pela responsabilidade, mas pelo medo de falhar.

Fazer com que Belinda se readapte talvez leve tempo e será desafiador.

Eu não sei nem por onde começar.

Mas apesar de intuir que será uma caminhada longa, pressinto força na garotinha e acho que ela será capaz de superar quaisquer obstáculos.

Ela sobreviveu durante um ano inteiro sozinha com um psicopata.

A menina é feita de aço.

Fecho os olhos tentando apagar da mente o que a menina já teve que presenciar em sua curta existência.

Não dá para aquilatar a extensão do trauma ao qual a submeteram.

Enquanto Derek foi colocá-la para dormir ontem, eu dei uma pesquisada rápida no celular sobre mutismo. No caso dela, chama-se mutismo adquirido - que é como os especialistas referem-se a incapacidade de falar que não nasce com a criança - e descobri que existem dois tipos: o seletivo e o temporário.

Pelo que pude entender, ambos têm origens psicológicas, mas somente um médico poderá nos orientar de fato.

Minha mente está fervendo.

Temo pela segurança dele, se estarei à altura para o papel que me designou - tomar conta de sua filha - e se Belinda ficará bem sozinha comigo.

Daqui a umas poucas horas ele irá embora, à caça de um monstro e por mais que eu acredite no que falou sobre voltar, não posso afastar totalmente o medo do meu coração.

Às vezes, penso que existem mais doentes do que pessoas boas no mundo.

Que tipo de mãe, em nome do dinheiro, joga com a vida de sua menina desse jeito?

Consigo entender quando ele diz que não sabe se poderá perdoá-la. Em seu lugar, talvez eu também não pudesse. Sou mais fácil para perdoar quando as pessoas ferem a mim do que a aqueles que amo.

Ainda assim, não trará benefício algum para ambos se Belinda perceber que

o pai odeia a mãe, de modo que essa é uma das coisas que quero conversar com a psicóloga.

Talvez tentar manter viva a memória de Stela de uma forma positiva, para que a última coisa que Belinda se lembre não seja a cena de violência contra a mãe, a qual presumimos que testemunhou.

Uma coisa que me surpreendeu ontem, foi ele dizer que quer contar à filha sobre nós dois.

Eu o admiro ainda mais por não querer nos esconder nem mesmo da pessoa mais importante de sua vida.

Não acho que criar uma criança sem deixá-la saber verdadeiramente quem você é seja saudável.

Espero que a psicóloga possa nos guiar sobre isso.

Enquanto levanto para ir ao banheiro, sinto o cheiro de bacon frito e meu estômago quase bate palmas em resposta.

Estou morrendo de fome.

Tomo um banho rápido e depois de vestir um jeans e pulôver branco, vou para a cozinha.

“Você deve obedecer o Theo como obedeceria ao papai, certo? E precisa prometer que nunca sairá de perto dele. Pode fazer isso, filha?”

Ela está sentada em uma banqueta e o pai, de costas, enquanto prepara o que eu imagino que seja o café da manhã no fogão.

Ele vira para ela, provavelmente lembrando que a menina não responderá com palavras e na mesma hora ela balança a cabeça, concordando com o pai.

Não queria interromper o momento dos dois, mas assim que Derek me vê, sorri e eu me sinto bem-vindo.

“Bom dia.” - digo, tentando disfarçar a emoção que a cena que eles protagonizam traz.

Calor.

Conforto.

Família.

Algo que eu nunca tive.

“Não, na verdade, é um ótimo dia. Qualquer dia fica melhor quando começa com o cheiro de bacon frito.” - corrijo, brincando e forçando-me a manter os pés no chão e não criar uma fantasia em minha cabeça.

Belinda gira no banco, sorrindo e estico a mão para tocar o cabelo de seda.

“Bom dia, princesa.”

O sorriso aumenta e ela vem até mim, surpreendendo-me ao me abraçar pela cintura.

Ajoelho-me.

“Você dormiu bem?“

Ela assente e pegando minha mão, leva-me até a varanda.

Aponta para o céu.

“Sim, está um lindo dia de sol. Talvez possamos fazer algo hoje, como ir a um parque e almoçar em um shopping.” - dou uma piscadinha cúmplice porque vi por sua reação ontem como ela odiou a roupa que o pai comprou.

Meninas serão sempre meninas. A maioria já nasce com um senso crítico sobre moda.

Ela concorda e aponta o polegar para cima, em um gesto já tão familiar.

“Agora vamos comer ou minha barriga começará a fazer sons constrangedores.”

O ronco de sua risada escapa como ontem e meu coração enche-se de esperança.

Ela voltará a falar. Tenho fé nisso.

Decidi que vou tirar ao menos duas semanas de férias para ficar com ela. Não há qualquer projeto que obrigue-me a viajar no momento e posso fazer os mais urgentes aqui de casa.

Ela precisa de atenção.

“Você quer me ajuda a colocar a mesa para o nosso café da manhã?”

Ela faz que sim, enquanto entramos no apartamento novamente.

“Belinda, aquele livro meu que você leu ontem, você já o conhecia?”

Ela assente.

Depois, puxando-me pela mão, mostra os livros na minha estante.

“Ah, você tinha uma biblioteca?”

Dá de ombros e eu não sei o que aquilo significa.

“Podemos ir também a uma livraria hoje, o que acha? Livrarias são meus lugares favoritos no mundo.”

Sou presenteado com um sorriso de rosto inteiro.

Dessa vez no entanto, ela parece procurar algo antes de responder.

Assim que vê o bloco de papel e caneta que deixo em cima da bancada, vai até ele e escreve.

Obrigada, Theo. Eu sei o que é uma livraria, mas nunca fui a uma. Eles compravam meus livros na internet.

Deus, ele a privou até mesmo das coisas mais simples.

Derek disse que o bastardo é rico, mas pelo visto a tratava como uma princesa presa em um castelo luxuoso.

“Pois nós temos diversas aqui na cidade e podemos visitar uma a cada semana.”

Tentando disfarçar a emoção, começo a ajeitar os guardanapos na mesa.

Capítulo 44

Blood

Todas as vezes em que saí para missões no passado, fui cuidadoso.

Não por mim, mas por minha filha principalmente.

Depois que Belinda foi levada para longe, eu obriguei-me a continuar a sê-lo.

Nunca me permiti desistir de encontrá-la, então mesmo nos momentos de maior desesperança, eu agia com toda a cautela para não ser morto porque eu tinha um objetivo em mente: trazer minha filha em segurança para casa.

Hoje, olhando enquanto ela e Theo comem e conversam - do jeito dela, que optou agora por substituir os acenos de cabeça por um bloquinho de papel e caneta - tenho a certeza de que nada me manterá longe dos dois.

Para ser honesto e correndo o risco de parecer pretensioso, não estou com medo.

Namazio não será nem de longe o pior criminoso que já enfrentei.

Estou antecipando o movimento ao ir a sua caça porque, além da razão óbvia de querer fazê-lo pagar pelo que fez, temo que ele nos pegue de supresa. É esse o seu modo de agir.

Ele é um fraco.

Sua crueldade é exercida por meio dos seus seguranças, perseguindo e matando indiscriminadamente tanto inocentes ou lixo como ele próprio.

Ele e Leandro Argyros são um par de covardes, arremedos de seres humanos que usam de violência e medo para submeter às pessoas.

“Eu e Belinda podemos ir ao parque mais tarde?” - Theo pergunta com uma sobrancelha erguida.

Ele parece tentar adivinhar o que estou pensando, mas não quero que saiba

dos detalhes do que farei na Itália.

Quanto menos eu envolvê-lo, mais protegido estará.

“Não acho que seja uma boa ideia por enquanto.”

Sinto-me um merda quando vejo a expressão de ambos cair, mas não posso concordar que se exponham em um parque.

Mesmo com a confirmação de que a organização criminosa que estava à caça de Amos e Lilly foi neutralizada aqui no país, ainda existe o italiano.

Não pagarei para ver.

Há uma quantidade razoável de membros da máfia siciliana em Nova Iorque e talvez um deles queira fazer um favor ao *Sombra*.

Parques são os piores lugares possíveis para se proteger alguém. Na verdade, espaços abertos de maneira geral.

É para não precisar olhar por cima do ombro para o resto da vida que, mesmo sendo a última coisa que desejo, deixarei os dois agora. Tenho que acabar com qualquer chance de que eles sejam feridos.

Passar um breve período afastado para garantir uma vida de paz não é um preço tão alto a pagar.

“Quando eu voltar, nós três podemos tirar uma semana para irmos à *Yellowstone*, o que acham?”

Ao mesmo tempo que tento confortá-los depois de estragar seus planos, minha cabeça ferve com o tanto que precisa ser decidido.

Além de cuidar de Namazio, há uma vida a ser organizada quando eu retornar.

A psicóloga e a fonoaudióloga que Theo buscará será um incrível adianto, mas tenho que ver escola e uma casa descente para eu e minha filha.

Não posso presumir que ficaremos aqui. Não vou nos impor em sua rotina, ainda que a ideia de ficarmos os três juntos agrade-me demais.

Formar um lar para nós é tentador, mas não quero que ele sinta-se forçado a isso.

Além do aspecto prático das coisas, precisarei também contatar Andrei, nosso advogado, antes de partir.

Há uma investigação em curso sobre o desaparecimento da minha filha e a *Interpol*, assim como o *FBI*, terão que ser informados sobre seu resgate, mesmo que eu não vá permitir que os detalhes cruciais venham à tona.

“Tudo bem. Posso levá-la para ver Lilly e Bruno então?” - ele pergunta, soando inseguro e odeio saber que fui eu quem causou aquilo, mas a proteção de ambos vem em primeiro lugar.

“Lilly ligou ontem. Ela sairá com Bruno para almoçar e me chamou para ir também. Pensei que seria bom para Belinda estar com outra criança.”

Ele diz a última parte baixinho, mas minha filha está atenta e balança a cabeça entusiasmada.

Não tenho coração para dizer *não*.

“Certo, mas vocês dois têm que me prometer que não se distanciarão dos seguranças.” - olho para ela e falo sério - “Você lembra o que conversamos ontem? Hoje à noite, vou para a Itália para prender aquele homem, Bel.” - o apelido com o qual eu a chamava no passado escapole da minha boca mais rápido do que posso dar conta e ela olha espantada.

Minha expressão relaxa na hora.

“Você se lembra? Eu costumava chamá-la assim.”

Ela assente.

Obrigo-me a focar novamente nas recomendações.

“Então, posso confiar em suas promessas de que ficarão o tempo todo com os guarda-costas?”

Estou quase esperando que ambos revirem os olhos, mas ao invés disso, Theo sorri e oferece o punho fechado a minha filha para selarem um acordo.

Ela olha para mão dele por um segundo e depois, imitando seu gesto, toca punho com punho.

“Sim, chefe.” - ele fala, fingindo seriedade, batendo continência e Belinda gargalha.

O que eu vou fazer com esses dois?

Tenho a sensação de que haverá um complô formando-se em um futuro próximo.

Meu coração é tão cheio de amor por ambos.

Balançando a cabeça, sorrio também.

“Tudo bem. Fico feliz de vê-los rindo, mesmo que seja de mim.”

◆◆◆

É uma merda ter que me despedir deles.

Eu gostaria de poder esquecer do maldito psicopata e apenas aproveitar meu tempo com a minha família.

Família.

É o que somos?

Talvez ainda não, mas torço para que em um futuro próximo nos transformemos em uma.

Nós três juntos.

Se eu puder opinar, para sempre.

Apesar de estar angustiado para caralho por deixá-los, pelo menos tenho a certeza de que ficarão bem.

Designei quatro dos meus melhores homens para vigiá-los. Amos e Yan também prometeram ficar de olho.

Aliás, Amos tem nos monitorado todos os dias desde que soube que fui ao resgate de Belinda e pediu que eu enviasse o mapa da localização da casa de Namazio na ilha para que pudesse estudar o momento de atacarmos.

Não há ninguém melhor do que ele para esse tipo de estratégia. Amos nunca deixa pontas soltas. Pediu que nos assegurássemos de que não houvesse inocentes em volta quando o *Sombra* for morto.

Eu não sou um torturador.

Trabalhei com homens que ficavam felizes em fazer os criminosos sofrerem, mas para mim, sempre bastou eliminá-los. No entanto, se você me perguntasse agora, eu gostaria de ter meu tempo - uns bons dois dias - fazendo com que o

Sombra se arrependa de cada um de seus pecados na Terra.

Mas sei que não posso.

Quanto mais eu ficar na Sicília, o risco de ser capturado aumentará.

Apesar de ser um pouco frustrante, terei que lidar com ele como fiz com tantos outros - um trabalho limpo e sem rastros.

Ainda assim, ele saberá quem o está matando e o porquê.

Depois de me despedir de Belinda com muitos beijos, Theo vem comigo até o elevador.

Nosso abraço diz muito.

“Volte para mim, soldado. Para nós.”

“Não há outra alternativa, Theo. Vocês são meus.”

Por mais que eu não queira pressioná-lo, não é da minha natureza dar voltas. Theo precisa saber como sou louco por ele.

Capítulo 45

Theo

“O que você quer fazer primeiro: ir ao shopping ver algumas roupas antes de encontrarmos Lilly e Bruno ou prefere almoçar antes?”

Derek já partiu há algumas horas e qualquer receio que eu pudesse ter de que ela ficaria desconfortável comigo se foi.

Nós temos conversado, na medida do possível, desde então.

Belinda está se esforçando para falar e de vez em quando emite um som ou outro.

Após minha pergunta, ela olha para baixo, para a própria camiseta e quando me encara, as bochechas estão vermelhas.

“Sho...” - diz, meio sorrindo, meio envergonhada.

A camiseta nem seria tão feia assim... se ela tivesse cinco anos de idade.

Eu já trabalhei com atrizes e modelos infantis de ambos os sexos e enquanto os meninos não dão a mínima para o que estão vestindo, as garotas de oito anos, às vezes até mais novas, já se preocupam com a própria imagem.

“Eu sei, doce. Precisamos dar umas lições de moda para o seu papai.”

O som rouco da risada que já estou começando a amar repete-se.

Tenho certeza de que ela não teve muitos motivos para rir ou sorrir nos últimos anos.

“Combinado então. Vamos ao shopping e depois almoçar com Lilly.”

“Lil...” - dessa vez a palavra sai quase completa, ainda que muito baixa.

“Sim, é uma amiga minha. Ela tem um garotinho chamado Bruno e ele irá também, okay?”

Ela acena com a cabeça.

“Certo. Eu vou dar um telefonema e sairemos a seguir.”

Ela concorda e pega o livro da Rapunzel novamente.

Já reparei que ela segura-o como um escudo protetor.

Belinda reveza-se entre nuances de adulto - talvez por ter precisado amadurecer rápido por conta da situação em que esteve até pouco tempo - como também tem atitudes de uma garotinha bem menor do que sua idade biológica.

Eu preciso conversar com a psicóloga sobre esses contrastes.

Na busca por mim mesmo, já li bastante sobre psicologia e comportamento e sei que inteligência e maturidade emocional são coisas completamente distintas.

“Bel?” - começo, usando o mesmo apelido que Derek a chamou - “Quando você morava na Itália... você brincava com outras crianças?”

Ela sacode a cabeça de um lado para o outro.

“Nem na escola?”

“Não…esco…”

“Você não estudava?”

Há uma fina camada de suor em sua testa e temo estar forçando-a demais a falar.

“Pode pegar o bloco e o lápis se quiser.”

Ela concorda e começa a escrever.

Eu tinha professoras em casa. Três.

“*Hum*... então nenhuma criança?”

Ela nega.

Jesus Cristo, o miserável isolou-a.

“Aqui será diferente. Você irá à escola com outras crianças, tudo bem?”

Deus, o sorriso que ela dá é de partir o coração.

A menina não teve só sua vida roubada. Ela foi alienada do convívio com pessoas de sua idade.

Talvez o problema seja bem maior do que imaginei a princípio.

“Que tal nos arrumarmos para nosso passeio?”

Ela levanta, corre para o quarto e eu sorrio.

Gênios ou não, crianças serão sempre crianças.

◆◆◆

Telefonei para Lilly antes de sair de casa.

Precisávamos conversar sobre coisas que não poderiam ser ditas na frente das crianças.

Eu queria contar a ela sobre Belinda e minha situação atual com Derek. Ela já sabia que estávamos juntos, mas eu só havia comentado rapidamente.

Depois, quando fomos almoçar, antes da minha ida para o Japão, pedi para não tocarmos no assunto.

Eu estava muito magoado até mesmo para desabafar.

Ela também me atualizou sobre seu relacionamento com Amos e sua determinação em adotar Bruno.

Lillyana Ross é maravilhosa. Um dos melhores seres humanos que eu conheço.

Quando ela envolveu-se com Amos, temi que pudesse sair machucada da relação, mas a garota que passou boa parte da vida em um colégio de freiras é uma fortaleza.

No fim de tudo, talvez seja ela quem irá ensiná-lo a viver e não o contrário.

Belinda aparece na sala com o cabelo solto e escovado e eu posso ver a beleza que se tornará no futuro.

Seu pai enlouquecerá quando ela entrar na adolescência. Posso estar enganado, mas acho que a menina ficará deslumbrante.

“Pronta?”

Ela levanta o polegar e eu sorrio de volta.

“Vamos, então. Temos um monte de roupas e livros para comprar. Como um dia pode ser melhor do que isso?”

Capítulo 46

Bruno

Dias Atuais - Aos cinco anos de idade

Anjo-Lilly veio me buscar para passear de novo.

Eu adoro quando ela vem.

Amos também. Adoro os dois.

Eu fiquei com raiva dele uma vezinha só porque ele não veio me ver, mas ele pediu desculpa e disse que estava caçando as pessoas que me machucaram.

As moças que tomam conta de mim aqui são legais, mas elas não são o Amos e a Lilly.

Eu queria ir morar com eles, mas tenho medo deles dizerem não.

Desde que eu vim para essa casa, eu nunca mais fiquei com a barriga doendo de fome e minhas roupas agora são cheirosas. Ninguém me machucou de novo também, mas eu preferia ficar com meu anjo e meu amigo.

Lilly me ensinou a rezar e disse que Deus sempre ouve as crianças, então eu peço todas as noites para ir morar com ela.

Eu assisti um desenho uma vez em que um gênio de uma lâmpada mágica aparecia e você podia pedir três desejos. Se um dia ele aparecer para mim, eu já tenho os três para pedir: nunca mais sentir dor, poder comer todos os dias e ir morar com Amos e Lilly.

“Bruno amor, hoje nós vamos almoçar com o Theo, você lembra dele?”

Eu lembro.

Theo é o homem que sempre sorri.

Ele também trouxe brinquedos para mim quando veio me ver.

“Eu sei quem é o Theo.”

“Você gosta dele?”

“Sim.”

“Ele trará uma outra criança, filha de um amigo dele, tudo bem? O nome dela é Belinda.”

“Ela é do meu tamanho?”

Não tem muitas crianças do meu tamanho lá no centro. Quase todas são mais velhas.

“Não. Ela é um pouco maior.”

Eu não gosto muito de meninas.

Garotas são chatas. Elas falam muito e eu não gosto de barulho.

Dou de ombros.

“Ela pode vir.”

Ela sorri para mim pelo espelho do carro.

Antes quando a Lilly me levava para passear, tinha um homem dirigindo para ela e ela sentava aqui atrás comigo, mas agora Lilly dirige sozinha.

Eu queria dirigir um carro também.

“Você é o meu menino lindo. Eu sei que será bonzinho para Belinda.”

“Só se ela não for chata.”

“Esse é um bom ponto, mas nós só saberemos depois que a encontrarmos.”

◆◆◆

Lilly me solta da minha cadeira de criança na parte de trás do carro e eu fico feliz por não estar mais preso.

Eu já sou grande e não preciso sentar naquilo, mas anjo-Lilly disse que se eu não ficasse ali, o policial ia brigar com ela e eu não quero ninguém brigando com a minha Lilly.

Ela me dá um beijo na bochecha e me pega pela mão.

Antes eu não gostava de beijos porque logo depois que as pessoas me

beijavam, elas me machucavam, mas de Lilly eu não sinto medo.

A gente entra no restaurante. Eu agora sei o que é um restaurante porque Lilly já me levou em um montão.

Ela também sempre me dá sorvete depois que eu como minha comida toda. Um bem grande.

A comida que eu mais gosto é sorvete.

"A gente vai tomar um *sundiei* hoje?"

Ela bagunça meu cabelo.

"Ah, sim. Hoje é nosso dia de comer um *sundae* gigante."

O restaurante é escuro e frio. Não gosto de escuro e nem de frio porque eu lembro da casa das pessoas ruins. Era a minha casa antes do meu amigo Amos me salvar.

Uma moça leva a gente até uma mesa e pergunta a Lilly se eu preciso de uma cadeira de bebê.

Será que ela não vê que eu já sou grande?

Lilly diz *obrigada* e fala que *não*.

Ufa!

"Quer um suco de laranja?"

"Não. Água."

Eu não gosto de sucos. São muito doces e refrigerante me faz arrotar. Minha barriga fica cheia igual um balão.

"Eles já devem estar chegando. Ah, olha lá o Theo. A garotinha com ele deve ser a Belinda."

Lilly levanta.

Eu não.

Só olho a menina de mão dada com o Theo.

Eu nunca vi uma menina tão linda.

Mais linda do que todas as princesas dos desenhos da *Disney*.

Mais do que o *sundiei* de chocolate que Lilly me dá toda semana.

Mais linda do que Lilly.

Acho que eu quero ser amigo dela.

Ela não deve ser tão chata assim.

Capítulo 47

Belinda

Theo é tão legal.

Quando papai foi embora hoje, eu quase fiquei triste, mas Theo conversou comigo, assistimos desenhos e a saudade do meu pai diminuiu um pouco.

Ele disse que vai voltar. Prometeu e eu acredito, mas estou com medo que o *Homem* machuque ele.

Eu escrevi isso no bloquinho para o Theo e ele me disse que de jeito nenhum. Que papai voltaria para ficar com a gente, mas que só por garantia, essa noite antes de dormir, vamos rezar para Deus proteger meu pai.

Eu fico feliz que Theo goste tanto do papai que reze por ele.

Eu acho que eu adoro o Theo.

Ele é engraçado e conta histórias sobre as atrizes.

Eu não sei quase nada sobre atrizes, mas gosto das suas histórias.

Ele também comprou roupas para mim e perguntou minha cor favorita.

Roxo, é claro.

Então agora eu tenho uma porção de coisas em roxo.

Vestidos, saias e calças. Eu até tenho um tênis roxo, mas ele me disse para experimentar roupas de outras cores e eu descobri que também gosto de verde.

Nós ficamos muito tempo dentro da loja vendo roupas e ele disse que por causa disso teríamos que deixar a livraria para depois do almoço porque sua amiga Lilly já estava nos esperando.

Nós chegamos no restaurante e tinha um menino sentado com uma moça loira.

Ele era uma coisa fofa e estava olhando para mim.

Theo disse que ele se chama Bruno e eu achei engraçado quando ele desceu

da cadeira e apertou minha mão como os adultos fazem, mas eu não ri.

Lembrei do que as professoras falaram.

Não se deve rir das pessoas.

Apesar de que não era dele que eu estava rindo na minha cabeça, mas de como ele fez igual ao príncipe da Bela Adormecida.

Ou da Rapunzel.

Ele não sorriu, mas não fiquei chateada.

Esse menino é a segunda criança que eu conheço e eu gostaria de poder falar para conversar com ele.

Acho que ele não deve saber ler ainda. Eu aprendi a ler com cinco anos. Eu não lembro da idade, mas minha professora sempre dizia isso.

Que maravilha, Giulia. Seu pai disse que você aprendeu a ler aos cinco anos.

Argh!

Não gosto de lembrar de quando me chamavam de Giulia.

Olho para o garoto.

Eu não posso falar e ele não sabe ler. Como vamos ser amigos?

Eu queria tanto.

A mulher que está com ele, que Theo disse que se chama Lilly, é linda e muito boazinha.

Ela me abraçou apertado quando Theo disse meu nome. Tão apertado quanto vovó Sandra fazia.

Eu gosto de abraços.

Eu acho que não ganhei muitos antes de vir morar com meu pai outra vez, mas desde que ele me trouxe da Itália, já ganhei pelo menos uns vinte.

Espero ganhar mais.

“Bruno, você está pronto para a sobremesa?”

Eu olho para ele e ele está me olhando também.

Eu gosto de sobremesas e espero que ele diga que sim.

Sem pensar, balanço a cabeça concordando mesmo que Lilly não tenha feito a pergunta para mim.

O menino sorri.

Ele é muito bonito sorrindo.

Seus olhos não são como os meus ou os do Theo e do papai.

São pretos muito escuro.

“Sim, Lilly. E eu posso dar um pouco do meu *sun-sundiei* para Be… para Linda.”

“Um sundae, então.”

Mesmo com um pouco de vergonha, sorrio para ele.

Um *sundae* é um sorvete especial. Vovó Sandra já fez um para mim na Itália.

“É isso mesmo, Belinda? Você também gosta de sorvete?” - Lilly pergunta e eu concordo com a cabeça.

“*Hum*, então parece que Bruno encontrou sua alma gêmea.”

◆◆◆

Eu não sei qual eu escolho. Theo disse quando entramos na livraria que eu poderia escolher cinco.

Uma livraria de verdade!

Eu queria comprar todos os livros do mundo.

Acho que vou trabalhar para ficar rica e poder comprar todos eles.

Eu queria morar aqui dentro da livraria.

Theo me deixou andar sem dar a mão, se eu prometesse não ir para longe dele e eu ofereci meu mindinho para fazer um acordo.

Fui até uma pilha de livros com fotos de cidades.

Li a capa.

Tudo o que você precisar saber sobre Paris.

Hum. Não.

Mais um passo e outra pilha de livros.

Como fazer bolos.

Eu não sei cozinhar, então continuo andando.

Os Contos de Grimm.

É esse.

São várias histórias dos *Irmãos Grimm*, os escritores de Rapunzel.

Deve ser bom.

Ponho a mão no livro e olho para Theo.

“Você que dar uma olhada nesse?”

Concordo com a cabeça.

“Tem umas poltronas ali se você quiser sentar.”

Sorrio e pego o livro.

Bruno pergunta a Lilly se pode ir comigo e ela fala que sim.

“Eu não sei ler.” - ele diz, depois que sentamos - “Lilly disse que vai me ensinar antes de eu ir *pra* escola. Ler é legal?”

Olho para ele e sorrio. Depois aceno com a cabeça.

Ele está com a testa franzida.

“Você não quer ser minha amiga? Você não falou comigo ainda.”

“E...”

A palavra não sai.

Queria contar que não consigo falar. Eu tenho tentado.

Hoje quando estava tomando banho, falei uns pedacinhos de palavras, mas é muito difícil falar uma completa.

E ele não sabe ler. Não posso escrever bilhetes como faço com Theo.

“E.. u… nã...” - começo a suar e fico chateada porque tenho todas as palavras do mundo em minha cabeça, mas elas não saem pela boca.

Fecho o livro e sinto vontade de chorar.

“Sua garganta está doendo? Eu já fiquei com dor de garganta uma vez e também não conseguia falar.”

Levanto a cabeça e olho para ele. Tento mais uma vez.

“Nã…o… fa...”

Ele me olha com os olhos arregalados.

“Você não sabe falar?” - sacudo a cabeça, muito triste.

“Eu não ligo, Be… eu vou chamar você de Linda, tá? Seu nome é muito grande. Eu não ligo se você não falar comigo. Vou ficar aqui quietinho. Você pode ler e eu olho as figuras.”

Capítulo 48

Theo

Quatro dias depois

Tento fingir calma enquanto abro a porta do carro para Belinda sair.

Fingir é uma excelente palavra porque por dentro, estou inseguro para cacete.

Hoje será a primeira consulta dela com uma psicóloga brasileira altamente recomendada.

Ela trabalha especificamente com casos de readaptação familiar após eventos traumáticos.

Eu pesquisei a seu respeito e depois pedi a opinião de Lilly. Ambos chegamos à conclusão de que Fabiane Ribeiro é o nome certo para o que precisamos.

Claro que falei com Derek também.

Não posso errar na escolha da profissional para ajudar nossa menina. Preciso de alguém que venha somar e não piorar o problema.

Foi um alívio quando ele concordou conosco.

Por ter vivido sozinho muito tempo, acostumei-me a tomar minhas próprias decisões, mas nesse caso especificamente, há muito em jogo.

Belinda tem se empenhado em falar, principalmente quando ouve a voz do pai ao telefone.

Já reparei que nas horas seguintes em que Derek conversa com ela, seu esforço para se comunicar redobra.

Ele tem telefonado todos os dias e tanto quanto eu adoro ouvir sua voz, gostaria que dissesse que já está voltando para casa.

Eu e Belinda rezamos juntos todas as noites.

Quando a ponho para dormir, ela geralmente faz perguntas sobre o pai no bloquinho de papel e fica mais calma depois das orações.

Estou apavorado de que algo aconteça a ele, mas não me permito por nem um segundo sequer duvidar que voltará.

Belinda ontem me perguntou se nós moraríamos juntos para sempre e eu fiquei sem saber o que responder.

Então, inverti a questão.

Perguntei se ela gostaria disso.

Ela me abraçou e disse que sim.

Depois escreveu *eu adoro você, Theo* e eu tive que fazer um esforço danado para não chorar.

Belinda e Derek conseguiram em pouco tempo retirar uma a uma as peças da armadura que eu usava para me blindar de sentimentos mais profundos.

É como se os dois soubessem a coisa certa a ser dita para fazer com que eu os ame cada vez mais.

Eu nunca havia pensado sobre ter filhos.

Quero dizer, claro que eu desejava uma família no futuro, mas então seria necessário encontrar alguém para compartilhar minha vida e até pouco tempo, isso parecia uma possibilidade remota.

Quando Lilly disse há algumas semanas que queria adotar Bruno, honestamente eu achei que ela talvez estivesse agindo por impulso.

Uma menina de vinte anos com uma criança?

Lembro perfeitamente da nossa conversa na ocasião e de como expus minhas dúvidas.

Sua resposta foi que não havia nada que ela pudesse fazer. Seu coração já escolhera o garotinho.

Quando eu olho para Belinda agora, posso entender isso.

Claro, nós nos encontramos por causa do meu envolvimento com o pai dela,

mas depois de passarmos quase uma semana sozinhos, já posso afirmar que mesmo se eu e Derek não formos a lugar algum a partir daqui, gostaria de mantê-la em minha vida.

A menina é encantadora e isso não tem a ver com o fato de ser superdotada.

Sim, ela é excepcionalmente inteligente e algumas de suas perguntas, através dos bilhetes, deixam-me boquiaberto. Mas esse é só um lado. Ela tem muitos outros.

Eu torço para que ela se readapte e tenha uma vida normal. Claro que nunca devolveremos o tempo que lhe foi roubado ou apagaremos o horror que viveu ao ver o monstro pôr fim à vida de sua mãe, mas gostaria de fazer com que ela aprendesse a se relacionar com outras crianças.

Depois de esperarmos por alguns minutos na recepção do consultório, a secretária abre a porta para que entremos na outra sala e uma morena bonita vem ao nosso encontro.

Ela deve ter cerca de trinta anos e medir um metro e sessenta mais ou menos.

Cabelo solto, escovado, na altura do ombro. Vestido azul, que lhe cai bem.

Elegante e profissional.

Amo mulheres que se cuidam.

O sorriso que me dá é lindo e sua simpatia me relaxa instantaneamente.

Só de olhar para ela já fico mais calmo.

Não sei porque, desde que marquei a consulta, imaginei-a como uma diretora de escola: expressão fechada e que tentaria desvendar nossos segredos, mas a mulher tem um rosto tão amigável que me desarma de imediato.

“Oi, eu sou Theodoro Argyros. E essa é Belinda Gunnar.” - apresento-nos.

“Prazer em conhecê-lo, Theodoro.” - ela estende a mão - “Tudo bem com você, Belinda?”

Sua voz também é algo especial. Tem um tom gostoso que convida à conversa.

Minha menina sacode a cabeça, fazendo que sim.

Eu estava com receio de que Belinda se fechasse ao tratamento, apesar de termos conversado longamente antes que eu marcasse a consulta.

Expliquei que procuraríamos ajuda para que ela reaprendesse a se comunicar e estava ansioso por sua reação, mas ela me surpreendeu totalmente ao escrever simplesmente *tudo bem* no bloquinho.

E agora, minha intuição diz que acertamos em cheio na escolha da psicóloga.

“Theo, se você não se importa, gostaria de ficar a sós com Belinda por alguns momentos e depois com você separadamente, pode ser?”

Confesso que estou relutante em deixá-la, mas preciso acreditar que Dra. Fabiane sabe o que está fazendo.

“Certo. Eu aguardarei.”

◆◆◆

Belinda está na sala ao lado vendo desenhos no celular, enquanto sento-me em frente à psicóloga.

Elas passaram cerca de cinquenta minutos juntas e estou quase tendo um infarto tentando adivinhar qual é o diagnóstico.

Bato o pé no chão porque não consigo controlar a ansiedade.

“Você está nervoso, Theo?”

“Dá para perceber?”

Ao invés de responder ela ergue uma sobrancelha e eu sorrio sem jeito.

“Muito.” - desisto de tentar fingir calma.

“Por que?”

“Por onde começo? Um, estou desesperado para saber o que a impede de falar. Dois, não faço a menor ideia do que estou fazendo porque nunca convivi com crianças e três e principalmente, não sei como eu e o pai dela contaremos sobre o nosso relacionamento.”

“Uau, isso é muita preocupação de uma vez só, não acha?”

Encaro-a só para confirmar que ela está brincando.

Ao invés daquilo me irritar, no entanto, me faz rir.

“Que tal irmos por partes?” - diz.

“Eu gostaria disso.”

“Certo, então vamos falar primeiro sobre o fato dela não se comunicar oralmente. Quando conversamos pela primeira vez, você disse que Belinda foi vítima de sequestro por quase cinco anos.”

“Isso. Mas eu não contei o pior: foi a própria mãe quem promoveu e ajudou no sequestro.”

Observo sua expressão para ver como reagirá à informação, mas seu rosto permanece sereno.

“Fale-me dos detalhes.”

“Tudo bem.” - seco as palmas das mãos suadas na calça - “Há cerca de oito dias…."

◆◆◆

“Por tudo o que você me contou, tanto pelo fato de que segundo o pai ela falava normalmente antes, como pelo sequestro em si, o problema de Belinda não parece ser físico, mas emocional. Ela criou um bloqueio diante do horror que vivenciou e agora está presa em seus próprios muros. Apesar disso, gostaria de sugerir uma consulta com um fonoaudiólogo só para descartarmos a questão do problema físico de vez.”

“Tudo bem. Diga-me o que você tem em mente, que eu providenciarei.”

Ela me observa.

“Como você se sente nesse papel?”

“Como assim?”

“Você está assumindo a situação porque o pai dela está ausente ou pretende manter- se em sua vida?”

Olho para minhas mãos, inseguro.

“Eu e o pai dela.... nós não somos temporários.” - começo - “Quero dizer,

não estamos juntos oficialmente… tipo, para o mundo, porque nos conhecemos há pouco tempo, mas apesar disso, o que temos é sério.”

“Vocês estão apaixonados. “- ela vai direto ao ponto.

“Sim. E eu gostaria de saber como é para uma criança entender um relacionamento homoafetivo.”

“Theodoro, deixa eu fazer uma pergunta antes: para você é natural assumir um relacionamento com um homem? E principalmente, um que tem uma filha?”

Fico tenso na mesma hora.

“Que tipo de pergunta é essa?”

“Se você quiser que as pessoas aceitem a relação de vocês, primeiro precisa aceitar isso dentro de si também.”

Penso no que ela está falando e depois suspiro.

“Você está certa. Eu nunca assumi um namorado, apesar de todos que me conhecem saberem que sou gay.”

“E então?”

“E então eu tenho medo de que soframos preconceito se levarmos nossa relação adiante tendo uma garotinha.”

“As crianças são seres extremamente resilientes, Theo. Se quer minha opinião sincera, acho que o problema está em você. É você quem precisa ter certeza do que quer.”

“Eu tenho.”

“Então, não há o que temer.”

“E como contaremos a ela?”

“Não precisa ser de uma vez. Como você mesmo apontou antes de marcar a consulta, Belinda é uma criança especial. Ela perceberá. Convivam como uma família faria e então quando chegar o momento certo de contar, vocês saberão.”

“E quanto ao resto? Digo, além do problema da fala, eu gostaria de ajudá-la a resgatar as memórias dela sobre a mãe.”

“Por que?” - tenho a sensação de que sua pergunta é um teste. Que ela já sabe a resposta.

“Porque todos precisam de uma referência e a mãe ocupou um lugar

importante nos momentos em que Derek não pôde estar com a filha. Mesmo agindo de maneira egoísta, não tenho dúvidas de que Stela amava a menina.”

Ela me encara por um tempo.

“Você é um bom homem, Theodoro.”

Dou de ombros, sem saber o que dizer.

“Não tenho intenção de ocupar o lugar da mãe dela. Esse lugar já está preenchido. Eu só quero ajudar.”

“Isso é tudo o que eu precisava ouvir. Podemos começar com…"

Capítulo 49

Blood

Roma - Itália

“Você não vai sair vivo dessa, porra!”

Olho para o monstro tentando parecer corajoso.

Já lidei com centenas como ele antes.

Esse tipo geralmente cria uma lenda em torno de si, como se fossem intocáveis, indestrutíveis.

É fácil subjugar alguém mais fraco quando você tem vinte seguranças armados protegendo-o, mas na hora em que seres como Namazio precisam enfrentar um oponente de igual para igual, a história muda de figura.

Quando planejei vir atrás dele, achei que precisaria voltar à Sicília - o que demandaria uma operação bem mais elaborada - mas no fim, o cretino facilitou tudo ao vir até Roma para uma inauguração de um lar para crianças órfãs.

Dá para acreditar em algo assim?

Um homem que mata, que ordenou dezenas de estupros para intimidar famílias, que sequestra e está envolvido com tráfico de drogas, é considerado um benfeitor em seu país.

Foi a vaidade, o desejo de querer ser admirado pelos seus conterrâneos que abriu margem para que chegássemos nele tão rápido.

O que a sociedade não sabe, é que o dinheiro usado para caridade, foi obtido através do sangue de inocentes.

“Você deveria ter pensado melhor antes de casar com aquela puta. Não culpe-me por se envolver com uma vadia.”

Eu não o toquei até agora.

Eu gosto de sentir seu medo.

A certeza de que morrerá que eu vejo em seu rosto é como um analgésico para a minha dor. Para todos os anos de dor que passei longe da minha filha.

“Eu não estou aqui por causa de Stela.”

“Então o que? Você já pegou a garota de volta. Eu não a queria mais de qualquer modo.”

Levanto da cadeira.

Eu não o amarrei.

Não preciso imobilizá-lo para pôr fim a sua vida.

Quem visse de fora, poderia ter a falsa sensação de que somos dois conhecidos discutindo.

“Ela não é uma coisa que você pode descartar quando enjoa. É da minha filha que estamos falando.”

Mantenho o tom calmo.

Estranhamente, todo o ódio que senti da pessoa que tirou Belinda de mim está controlado agora que estamos frente a frente. Acho que estou assim pela certeza de que, em questão de minutos, sua vida permeada de maldade terá fim.

Desde que saí do apartamento do Theo há uma semana, tenho falado com os dois diariamente.

Ficar longe deles foi mais difícil do que eu imaginei.

De Belinda porque foi cedo demais. Não passei tempo o bastante com a minha filha para acalmar meu coração.

Todas as noites desde que cheguei na Itália, fiquei pensando em seu rosto inocente, seu sorriso e a sensação indiscritível de poder abraçá-la.

E então, junto com as memórias boas, vêm as outras.

O quanto ela deve ter sentido medo depois que Stela morreu.

Belinda passou muito tempo sozinha com o fodido doente que lhe roubou a mãe. Protegendo a si mesma, trancando-se em seu mundo secreto, dentro de sua mente. Minha criança corajosa e inteligente aprendeu a se adaptar para sobreviver.

Isso em um adulto já seria devastador. Resgatei pessoas que estiveram em cativeiro por uma semana, um mês. Alguns foram bem tratados e ainda assim, tanto quanto sei, levaram anos até se recuperarem do sequestro, da sensação de impotência de estar em cárcere privado.

O que isso não causará a uma criança?

Theo me contou tudo sobre a consulta com a psicóloga. Foi acordado que minha filha terá duas sessões por semana, pelo menos no começo do tratamento.

Ele disse que Belinda está a cada dia mais aberta e que parece feliz.

Sempre recebo vídeos dos dois rindo, brincando, cozinhando juntos.

Há um particularmente que eu adoro.

Belinda está sentada no balcão da cozinha enquanto Theo canta e dança uma música de *Elvis Presley*, imitando a performance do rei do *rock*.

Ela gargalha, batendo palmas para incentivá-lo.

Eles são o meu coração fora do peito.

Minha família.

Finalmente eu encontrei meu amor, minha outra metade.

Ele não *precisava* amar minha filha.

Não tenho dúvidas de que me ajudaria com ela enquanto estou aqui na Itália, mas ele poderia ter feito isso como um bom amigo, sem deixar-se envolver emocionalmente.

Theo foi muito além.

Ele está fazendo com que minha menina sinta-se segura e amada. Está devolvendo-lhe o sorriso, a alegria e só por isso, eu já o amaria.

A distância clareou tudo em minha cabeça.

Não há mais caminho de volta. É inimaginável uma vida sem ele.

Sonho com seu toque, seu cheiro, seu sorriso.

Quero passar o resto dos meus dias ao seu lado e dizer o quanto eu o amo.

Eu ainda não o fiz. Não como ele merece.

Depois da nossa viagem à Grécia, eu já estava tomado de amor e abrir mão dele deixou de ser uma opção.

No entanto, nos primeiros dias aqui, ainda sentia-me dividido sobre propor

morarmos juntos. Não queria sobrecarregá-lo com minhas responsabilidades e disse isso a ele em uma das vezes em que falamos ao telefone.

Sua resposta foi que estar comigo e Belinda não o sobrecarregava e sim o fazia sentir-se completo.

Ele sempre me pede para que eu tome cuidado. O que Theo não sabe, é que ele e minha filha são minha maior inspiração para lutar.

“Você não vai dizer nada?”

“Para que? Nada do que qualquer um de nós dois falemos mudará o fato de que você morrerá hoje.”

“Você deve estar louco, imbecil. Sabe quem eu sou? Eu tenho ligações pelo mundo todo. Se encostar um dedo em mim, sua vida virará um inferno.”

Pela primeira vez desde que o capturei na festa beneficente, sorrio.

“Eu vivo nele há cinco anos, amigo. Desde o dia em que você roubou minha filha de mim.”

“Não seja dramático. Ela foi bem cuidada. Teve muito mais do que você poderia proporcionar com seu salário de trabalhador classe média.”

Não respondo.

Ele realmente não faz ideia de quem eu sou. Se soubesse, não falaria nada do tipo. Recebo mais por uma missão do que muitas pessoas conseguiriam juntar em anos. Nós prestamos serviços para a elite da elite.

Em nossa empresa, todos sabem a cada trabalho, que corremos o risco de não voltar para casa, logo, há sempre muito dinheiro envolvido.

Nós não caçamos pessoas como Namazio. Dizimamos grupos criminosos inteiros, dúzias de *Namazios* de uma só vez, fazendo-os desaparecer da face da Terra sem deixar rastros.

Traficantes de armas, sequestradores de políticos, genocidas em regimes de governo totalitaristas, traficantes de humanos.

Nossa lista é imensa.

Desse jeito, cuidar do mafioso italiano parece quase fácil demais.

“Não é você quem tinha o direito de decidir o que era melhor para ela. E agora, chegou o momento de pagar por cada segundo que a manteve longe de

mim.”

“Como você me encontrou? Como soube que ela estava comigo?”

Posso ver o suor escorrendo pelas laterais do seu rosto e pescoço e sei que ele está tentando ganhar tempo.

“Isso importa? Você não terá oportunidade de punir quem o traiu, *Sombra*. Sua maldita vida terminará aqui.”

“Eu tenho dinheiro.”

E aí vamos nós. Chegou a hora da negociação.

Quantas vezes já ouvi a mesma frase? Assassinos frios implorando por um segunda chance?

“Pare.”

“O que? Todos tem um preço.”

“De acordo.” - concedo. “Você pode trazer a mãe da minha filha de volta? Pode apagar de sua memória o fato dela ter visto a mãe ser morta?”

“Eu não sabia que ela estava na sala, caralho. Eu amava Giulia.”

Sinto meu sangue ferver.

“O nome dela é Belinda, seu desgraçado.”

“Que seja, não importa mais. Pode ficar com ela. Diga-me quanto você quer e chegaremos a um acordo.”

“Nem tudo é sobre dinheiro. Levante-se. Estamos saindo.”

Não posso deixar rastros. Matá-lo dentro de sua casa em Roma seria um erro.

“Eu não vou a lugar algum.”

Sorrio.

“Você não tem escolha.”

Estamos muito próximos agora.

“Diga-me, seu fodido: qual é a sensação de não ter controle sobre a própria vida, de estar próximo à morte?”

Não estou realmente interessado.

“Se você me matar, meus homens irão atrás de você e do garoto bonito. Ah, e também não posso garantir o que farão à menina. Nem todos são um

cavalheiro como eu. Alguns gostam das mais novinhas.”

Foi como se ele tivesse ligado um interruptor.

Namazio pode ter aprendido muito ao longo de sua vida criminosa, mas talvez os anos em que passou escondido atrás de seus homens, tendo sempre alguém para proteger suas costas, roubou-lhe o instinto de autopreservação.

Antes que ele se dê conta do que está acontecendo, minhas mãos estão em seu pescoço.

Seus olhos demonstram surpresa, mas nós dois sabemos que seu momento chegou.

Aperto sua garganta e posso ver o pânico em seu rosto, a seguir, o desespero enquanto tenta em vão parar meu ataque.

Não é a primeira vez que mato alguém usando esse método, ainda que não seja o meu favorito.

Como dito antes, não sou um torturador e uma pessoa pode levar até três minutos para morrer assim. Dessa vez porém, aproveito cada segundo. Infelizmente, após cerca de meio minuto ele já desmaiou.

Eu continuo apertando enquanto os últimos cinco anos passam como um filme em minha mente.

O desespero quando descobri que minha filha havia sido levada.

A incerteza se ainda estava viva ou se havia sido vendida a um anel de pedofilia.

As noites em claro em que chorei, rezei, briguei com Deus, implorei e fiz todos os tipos de promessa se minha Belinda voltasse para mim.

E finalmente, quando a vi sair do porta-malas do carro na Sicília.

Ele não só não se arrependeu do que fez, mas ameaçou machucá-la novamente e a Theo.

Meu amor.

Uma das pessoas mais bondosas e o coração mais generoso que já conheci.

Não consigo soltá-lo.

Todo o medo e dor estão concentrados em meu aperto, enquanto acabo com sua vida.

“Já chega, Blood.”

Ouço a voz de Yan muito ao longe.

“Blood, amigo. Chega. Ele se foi.”

Eu ainda não o solto.

Olho para o rosto arroxeado e nenhum remorso vem.

Eu faria tudo de novo e de novo.

“Blood, nós temos que sair daqui. Belinda está esperando por você.”

“E Theo.” - completo.

“O que?

“Theo. Meu Theo está esperando por mim. Minha família.”

Pela primeira vez que desde que o conheço, vejo humanidade no rosto de Yan.

“Sim. Vamos limpar tudo e você poderá voltar para sua família.”

Acabou.

Capítulo 50

Theo

Três dias depois

“Qual é o vídeo que faremos hoje?” - pergunto, assim que ela aparece em meu quarto para dar bom dia.

Belinda está adorável em seu pijama novo de *minions* e uma pantufa combinando.

Ao invés de pegar o bloquinho, ela diz.

“Hi...p hop.” - e imita uns passinhos.

A resposta ainda não é muito alta, mas é o suficiente para me emocionar. Seu progresso tem sido visível e ela tem se esforçado muito.

Algumas vezes, acho que explodirei de tanto orgulho.

Nós não contamos nada a Derek. Queremos fazer uma surpresa.

Uma coisa que eu reparei e que cheguei a comentar com a psicóloga, foi que a música a ajuda a se soltar.

É como se ela esquecesse que não consegue falar enquanto está se divertindo.

Esses momentos viraram um ritual para nós e também uma maneira de matar a saudade que sentimos dele.

Caprichamos na performance para que ele saiba que estamos ansiosos pelo seu retorno.

Depois que passei a fazer os vídeos, ele começou a fazer chamadas pelo *FaceTime* ao invés de só por telefone.

Vê-lo e saber que está inteiro me acalma um pouco.

Antes de desligarmos, vou para a varanda para conversar com ele em particular e faço-o reafirmar a promessa de que voltará.

Ele nunca hesita.

Sempre tive medo de acreditar em promessas. A última pessoa que me prometeu algo foi Orien e ele não cumpriu.

Odin finalmente retornou meu telefonema, mas quando eu perguntei o que havia descoberto, ao invés de dar uma resposta direta, ele marcou para almoçarmos quando voltar aos Estados Unidos. Disse que entraria em contato.

Quando contei a Derek, ele pediu que o esperasse voltar porque iríamos juntos.

Estou com medo. Algo me diz que não gostarei do que vou ouvir, mas já passou da hora de resolver os problemas do passado. Tenho que seguir em frente.

“Fo... me.” - minha menina reclama e eu sorrio.

É algo que temos em comum.

Enquanto Derek não come nada pela manhã além de um café, eu e Belinda acordamos com a fome de dois sobreviventes de guerra.

“Certo, vamos lá então. O que teremos hoje para o menu, *mademoiselle*?”

As duas semanas que tirei para trabalhar de casa foram a melhor escolha de sempre. O tempo que eu passo com Belinda tem me feito incrivelmente bem. Ela gosta de mim e faz questão de mostrar isso.

A criança é curiosa e está sempre querendo aprender algo, como se não tivesse tempo a perder.

É fascinante assistir seu desenvolvimento.

Adoro nossos momentos juntos e isso tem me feito considerar mudanças em minha vida.

Sérias mudanças.

Mesmo antes de conhecê-los, eu já vinha flertando com a ideia de ter minha própria grife de roupas.

Por mais que eu adore meu trabalho, ele não me dá a liberdade que eu quero. Há a limitação de ter que usar a criação alheia. No entanto, esse não é o fator

determinante no momento.

Trabalhar como produtor de moda obriga-me a viajar constantemente de um lado para o outro do planeta e pela primeira vez, quero estar mais em casa.

Se vamos fazer isso - ficar juntos para valer - quero ter mais tempo com eles.

Na verdade, não estou abrindo mão de nada. Ter minha própria marca é um sonho antigo. Só que antes, eu não via motivo para desacelerar.

Agora, eu tenho dois.

Eu sei que o meu amor por ele é correspondido, ainda que não tenhamos colocado isso em palavras.

Ele me deixa saber, a cada vez que nos falamos, o quanto sou adorado.

Após a conversa com a psicóloga, fiquei menos preocupado quanto a Belinda aceitar nós dois como um casal.

Todos os dias, depois das sessões com Fabiane, eu peço a ela para escrever o que lembra sobre a mãe.

Não são textos grandes.

Às vezes somente uma palavra, mas tento desenvolver o tema.

Ela sorri sempre que fala de Stela e meu coração se contrai de compaixão e revolta pela garotinha que foi obrigada a testemunhar o inimaginável.

“Theo!”

Encaro-a de olhos arregalados.

“Você falou meu nome!”

Será que é essa a sensação dos pais quando os filhos são capazes de falar uma palavra pela primeira vez?

“Theo.” - ela repete parecendo muito orgulhosa de si mesma e meu coração não cabe no peito.

“De novo.” - sinto os olhos rasos d’água.

“Theo. Theo. Theo.”

Ela começa a dançar pelo quarto e eu gargalho e levanto para abraçá-la.

“Eu estou tão orgulhoso de você, amor. Eu nunca duvidei que conseguiria. Você é a minha menina incrível. Acho que vou chamá-la de a incrível Belinda. Podemos ligar para a *Marvel* e sugerir que eles tenham uma nova heroína na

lista, o que acha?”

Ela ri, agarrada ao meu pescoço enquanto caminhamos para a cozinha.

Sento-a na banqueta e menos de trinta segundos depois, o interfone toca.

É o porteiro avisando que chegou uma entrega especial.

Ele diz que está subindo e alguns instantes depois, a campainha soa.

“O que será que chegou?”

Belinda dá de ombros, sorrindo.

Como sempre, agarra-se ao livro-tesouro. Ela o coloca na mesa ao seu lado a cada refeição, como se dessa forma, seu pai estivesse conosco.

Vou atender a porta e um dos funcionários carrega um vaso de orquídea junto a um envelope.

Agora minha curiosidade escalou a níveis estratosféricos.

Depois de agradecê-lo, coloco a flor ao lado dela no balcão.

O nome do lado de fora do envelope é conhecido.

É o diretor e amigo que me convidou para ser o figurinista do filme em que Brittany atuou.

Começo a ler o cartão.

Theo, você está preparado para a fama mundial? Soube de fonte segura que nosso filme será indicado, entre outras categorias, para concorrer ao Oscar de melhor figurino.

“Oh, meu Deus!”

Estou chocado, abobalhado, sobrecarregado.

Eu jamais esperei algo assim.

Eu adoro meu trabalho e nunca pensei em fazê-lo por causa de fama ou *glamour,* mas não posso mentir e dizer que a notícia não trouxe uma sensação deliciosa de dever cumprido.

“Amor, você sabe o que é o Oscar? “

Ela faz que não com a cabeça.

Claro que não sabe. Por que uma criança se interessaria por algo assim?

Pego meu celular e mostro para ela uma cerimônia.

É um vídeo de atrizes desfilando no tapete vermelho e logo a seguir, a premiação.

Ela assiste atentamente.

“Lembra quando eu falei que trabalho com filmes e peças de teatro? Eu visto as pessoas para atuarem nos filmes. E agora, eles me chamaram para participar dessa festa. Então a pergunta é: vestido roxo ou verde para você?”

Estou tentando controlar a felicidade, mas está difícil.

Eu não dou a mínima se ganharei ou não. Só ser indicado já é a realização de uma vida inteira.

“Roxo.” - ela diz e meu coração erra as batidas.

Belinda está voltando para nós.

A criança linda está sentindo-se confortável novamente para falar, assim como a psicóloga havia dito.

“Roxo, então.” - respondo, como se ela dizer duas palavras na mesma manhã fosse algo normal.

Fabiane me orientou para reagir com naturalidade quando isso acontecesse.

“E agora, para comemorar, que tal panquecas com *Nutella*?”

Eu geralmente não como besteiras em um dia de semana, mas quem está preocupado com calorias hoje?

“E hip-hop.” - fala.

Gargalho.

“Sim, panquecas e hip-hop. Melhor combinação impossível.”

Capítulo 51

Blood

Eu não avisei que chegaria hoje.

Depois do dia em que finalmente encerrei meu acerto de contas com Namazio, quis voltar para minha família o mais rápido possível, mas existe um ditado *Iídiche* que diz: ‘o homem planeja e Deus ri.’

Quando fiz a conexão em Londres, agentes da *Interpol* me aguardavam.

Eu não fiquei nervoso.

Não havia qualquer meio deles saberem que estive na Itália. Nós atravessamos a fronteira da França para lá de automóvel justamente para não deixar rastro.

Além disso, eles jamais encontrarão um corpo. Não é a primeira vez que fazemos um criminoso desaparecer.

Dessa forma, eu sabia que a única outra razão para eles interceptarem meu embarque, seria o sequestro e consequente resgate de Belinda.

Já fui interrogado pela *Interpol* uma dúzia de vezes pelos mais diferentes motivos.

Por mais que sejamos discretos em nossas missões, aparecemos no radar das autoridades, eventualmente.

Então, posso dizer que tê-los me esperando sequer aumentou meu ritmo cardíaco.

Antes que eu pudesse entrar na sala de interrogatório, no entanto, Andrei - nosso advogado - surgiu do nada.

Ele não é um soldado como a maioria dos caras que conheço.

Na verdade, ninguém sabe muito bem sobre seu passado a não ser que é russo de nascimento e foi adotado por uma família americana.

Ele é um tipo frio.

Aquela espécie de homem que se faz respeitar somente por estar em um ambiente.

Também é um advogado bom para caralho e já nos tirou de situações bem próximas ao caos.

Em nenhuma delas, vi sua expressão se alterar.

“Quero falar com meu cliente em particular.”

“Isso não é um interrogatório formal, mas uma conversa amigável sobre o resgate da criança.” - o agente da *Interpol* argumenta.

“Há alguma sala disponível para que eu fale com o meu cliente?”

O homem fuzila-o com os olhos e eu sorrio por dentro.

Será que o agente realmente acredita que alguém ainda cai naquele tipo de coisa de *nós só queremos conversar?*

“Sim.” - o homem por fim responde. - “Sigam-me.”

◆◆◆

No fim de tudo, Andrei estava certo.

A conversa não era tão amigável assim e eu acabei perdendo três preciosos dias antes de poder voltar para casa.

Pelo menos essa parte está encerrada. Resta agora fechar o círculo com o *FBI*.

Só que essa é a minha última preocupação no momento.

Desço do *Uber* meio que desesperado para rever os donos do meu coração.

Eu tentei controlar a saudade.

Sou um cara que foi forçado ao longo da vida a não demonstrar emoção, mas todo o meu treinamento não serve de nada quando se trata deles.

Subo pela escada ao invés do elevador.

Nenhum meio de transporte seria rápido o suficiente para me fazer alcançá-los.

É como se após um longo período privado de ar, eu pudesse voltar a respirar.

Rever minha família, abraçá-los sem me preocupar se alguém está vindo para levá-los para longe de mim, é o meu conceito de paraíso.

Tiro a chave que Theo me deu da mochila e me preparo para inseri-la quando ouço os acordes de *Dear Mamma* de *2Pac*.

Ele seria a última pessoa do mundo que eu imaginaria ouvindo *hip hop*.

Sorrio, pensando que provavelmente estão preparando outro vídeo.

Cada dia é uma performance diferente e eu não sei como até hoje consegui viver sem isso.

Simples.

Eu não vivia. Sobrevivia.

Nunca fui um cara feliz.

Tive momentos felizes no passado e cem por cento deles envolviam minha filha, mas agora eu finalmente consigo ter uma perspectiva de um futuro cheio de amor.

Completo o movimento e abro a porta com cuidado.

Quero fazer uma surpresa.

Atravesso o *hall*, mas antes que consiga chegar à cozinha, ouço - Jesus Cristo, sim eu *ouço* - a voz da minha filha entoando *"Sweet lady, dear mamma..."*

O choro vem incontrolável.

Recomeço a andar lentamente.

Os dois estão de costas para mim, lado a lado, executando passos de dança.

Recosto no batente da porta.

É isso.

A minha existência daqui por diante será por eles. A vida com que eu sempre sonhei.

Meu amor e minha filha.

Meu coração preenchido. Aquecido. Cada batida em função da felicidade dos dois.

Eu não consigo falar e não sei por quanto tempo fico só olhando.

E então, eles viram para mim.

Em um primeiro momento, ninguém diz nada.

Acho que palavras são superestimadas.

Não.

Aparentemente não para minha menina.

“Pa... “- um grito agudo escapa, enquanto ela corre para os meus braços e completa - “pai.”

Belinda consegue com o chamado simples cicatrizar cinco anos de dor.

De incertezas e noites insones.

De preces e desespero.

De medo e solidão.

De um pesadelo extendido, infinito.

Dias em que eu acordava cheio de esperança e outros em que já não sabia mais o que fazer para encontrá-la.

Tudo isso desaparece.

Nada mais importa além de ter minha filha e meu amor comigo.

Levanto minha menina no colo e abro os braços para ele.

Theo hesita apenas por um segundo antes de vir para nós.

Ele também está chorando.

Nós três estamos.

Quando se aproxima, Belinda rodeia ambos os nossos pescoços, tentando abraçar os dois ao mesmo tempo.

“Papai. Theo.”

“Não, doce.” - meu amor fala. - “Papai, Theo, Belinda.”

◆◆◆

Eu e ele estamos em nosso quarto depois de passarmos o dia todo os três juntos.

Belinda parecia ligada à pilha.

Ela me mostrou todos os estilos de dança que Theo a ensinou, mas volta e meia vinha para o meu colo como fazia quando era pequena.

Sorriu muito também e com o incentivo de Theo, fez o um desfile com as roupas novas que ele comprou.

Acho que nunca vi tanto roxo em minha vida, mas se ela está feliz, isso é o que conta.

Ela não falou sem parar. Disse somente uma palavra ou outra, mas não importa quanto tempo leve, eu só quero que minha filha fique boa.

Conversamos sobre um pouco de tudo.

Eu estava louco para saber de cada detalhe do que eles viveram.

Theo contou do progresso dela com a psicóloga e também como ele e Fabiane tem trabalhado para que Belinda lembre-se de Stela.

Ele a levou a fonoaudióloga e foi comprovado que não havia qualquer problema físico que a impedisse de falar - e o que aconteceu hoje foi a confirmação.

Quero muito conhecer a profissional que junto com Theo, está ajudando minha filha.

Qualquer um capaz de auxiliar a curar as feridas da minha garotinha tem o meu apreço.

Belinda está feliz. Theo está feliz.

Meu mundo está completo.

A sensação de viver em paz, no entanto, é estrangeira.

Então agora, depois que ela foi deitar e enquanto tenho um Theo adormecido em meus braços, tento antecipar se estamos realmente seguros. Se não deixei alguma ponta solta em meu passado ou no dele.

Eu não seria eu se não estivesse tenso.

Talvez leve tempo antes que eu consiga relaxar.

Não, acho que nunca conseguirei baixar a guarda totalmente.

Tenho muito a perder agora.

Eu tenho tudo a perder.

“Sem sono? Eu achei que você estaria exausto.” - ele levanta a cabeça do meu peito meio acordado, meio dormindo.

Beijo sua testa e corro os dedos por seu braço.

Eu amo o calor de sua pele.

Theo é todo quente e tão receptivo. Tão cheio de amor.

Ele é o meu sonho tornando-se realidade.

“Eu não consigo desacelerar.” - confesso - “Eu nunca soube o que é ser feliz e estou com medo de perder você.”

Ele agora parece totalmente desperto.

“Não há chance disso acontecer.”

Fecho os olhos por um instante, querendo acreditar.

“Você quase desistiu de nós dois. Sei que a culpa foi minha por não ter aberto a verdade antes, mas precisa acreditar quando digo que eu nunca quis magoá-lo, Theo.”

Ele deita de lado, a cabeça apoiada no braço.

“Eu estava com medo. O que vivemos foi forte demais. Fiquei apavorado com a intensidade.” - estica a mão, segurando a minha - “Aquela noite na Grécia… você me fez sentir tanto. Cada beijo, cada segundo que compartilhamos, não só quando fizemos amor, mas todo o tempo. Sou o cara que não se entrega, mas sem que eu me desse conta, você entrou. Invadiu minha mente e coração. “ - eu mal consigo respirar enquanto o ouço - “A seguir, quando descobri a respeito de sua ex-mulher e Belinda, vi o chão desparecer sob meus pés. Doeu muito porque pela primeira vez depois de adulto, eu confiei em alguém.”

“Theo…” - *Jesus Cristo, o que eu fiz?*

“Não. Escute-me.” - ele me dá um beijo e não quero soltá-lo. Tenho medo de que ao lembrar dessas coisas, ele afaste-se de mim - “Só que quando eu cheguei em Tóquio, menos de um dia depois que nos vimos pela última vez, eu sabia que não desistiria de você.”

“Eu te amo, Theo. Tanto que não sei se um dia serei capaz de demonstrar. Perdoe-me. Não posso prometer que nunca mais…."

“Você me ama?”

“Eu o amo. Sei que o amarei para sempre. Como eu falei naquele dia lá na Grécia, não sou um cara de ter relacionamentos casuais. Você disse que o que sente por mim pegou-o de surpresa. O meu amor por você também, mas eu nunca quis ir para longe. Eu sempre soube que você era o único, Theo. Não posso jurar que nunca mais errarei, mas passarei o resto de nossas vidas trabalhando para honrar nosso amor.”

“Você quer dizer, você está falando.... sobre construirmos uma vida juntos?”

“Estou sim. Nos três. Criarmos um lar. Sermos uma família.”

Eu nunca coloquei meus desejos em voz alta.

Amar é como andar em uma corda bamba.

Emocionante e assustador.

Um movimento errado e eu estaria em queda livre.

“Sei que você ainda é muito novo e que estou sendo egoísta ao pedir para que compartilhe sua vida comigo, mas eu não posso deixá-lo ir. Nunca amarei alguém como eu amo você.” - roubo um beijo e corrijo-me - “Eu não quero amar outro alguém.”

Ele senta na cama.

Descabelado, as bochechas rosadas, os olhos lindos bem abertos agora.

“Você está me pedindo para morar com você?

“Não. Estou pedindo para que se case comigo.”

“Oh, meu Deus!”

Ele está com medo. Posso sentir isso.

Eu também estou.

Apostar as fichas em um futuro a dois - à três - é arriscar tudo, mas eu nunca quis tanto algo em minha vida.

“Eu posso fazê-lo feliz. Vou trabalhar para transformar sua paixão em amor e acho que com o tempo…"

“Eu amo você, Derek. Não sei o que o futuro nos reserva, mas eu não imagino mais a vida sem vocês dois.”

“Então não faça. Não posso prometer uma eterna primavera, mas dou minha

palavra que você nunca deixará de ter certeza de que é amado.”

Capítulo 52

Blood

Quinze dias depois

Parece loucura que tenhamos começado ao contrário.

Primeiro nos apaixonamos e só agora vou levá-lo para jantar.

Quero tratá-lo com todo carinho e atenção que ele merece.

Sou um cara de poucas palavras, mas agora sinto necessidade de reafirmar meu amor a cada momento. Convencê-lo de que ficar comigo vale a pena.

“Eu te amo.” - solto, como um compulsivo.

Estamos a caminho do restaurante. Quero que tudo seja perfeito hoje porque tenho algo em mente.

Não *algo,* na verdade.

Tenho um plano.

“No que você está pensando, soldado?”

Eu amo o jeito como ele faz a palavra soar.

Theo é sedutor sem sequer se esforçar para isso.

“Como sabe que estou pensando em algo?”

Ele levanta uma sobrancelha e sorri.

“Porque eu conheço você. Eu sou um estudioso com diploma avançado em Derek. Sua cabeça está sempre elaborando.”

“Eu gosto de como isso soa. A parte de você ser um diplomado em mim.”

Ele beija minha mão livre e põe em sua perna.

“Tudo bem, se você não quer falar, falo eu. Eu tomei uma decisão.”

“Mais uma?” - brinco.

As duas últimas semanas foram uma loucura.

Tirei um mês de férias - o que nunca havia feito - para dar cem por cento de atenção a eles dois.

Comecei a acompanhar as consultas da minha filha com a psicóloga e percebi porque Theo e Belinda a adoram.

Eu não sou muito dado a me apegar de imediato as pessoas, mas é impossível não simpatizar com a terapeuta. Ela é uma combinação perfeita de competência com amor à profissão.

Também tive que escolher um bom colégio para Belinda e essa parte foi emocionante.

A alegria da minha filha por saber que conviveria com outras crianças todos os dias quase partiu meu coração.

Farei de tudo para que daqui por diante ela possa vivenciar as experiências normais de sua idade.

“Eu decidi que abrirei minha própria grife.”

“O que? Por que isso agora?”

Eu sei, não é a reação que eu provavelmente deveria ter, mas a verdade é que não posso mudar quem eu sou.

Apesar da ideia de tê-lo mais tempo em casa ser maravilhosa, eu não quero que ele desista da sua profissão por mim.

Há alguns dias, recebemos a confirmação de que o filme foi mesmo indicado para o Oscar de melhor figurino.

A premiação passou de uma mera probabilidade para uma possibilidade real já que esse filme está sendo considerado o favorito em quase todas as categorias.

“Eu sei o que você está pensando e está errado.”

Ele não se altera.

“O que estou pensando?”

“Que eu abrirei mão do que amo por vocês dois.”

“E não é isso?”

“Não. Eu sempre quis trabalhar com as minhas próprias criações. A possibilidade de ganhar um Oscar é incrível e sem dúvida será a coroação da

minha carreira, mas ser produtor ou figurinista não é o que quero continuar fazendo. Além do fato de que estou louco para ter meu próprio ateliê, quero passar mais tempo em casa.”

Eu pedi de uma maneira toda errada para que ele se casasse comigo e por causa da correria dos últimos dias, nós ainda não discutimos os aspectos práticos, como por exemplo, mudarmos para um lugar maior.

Acho que finalmente chegou a hora de comprar uma casa espaçosa para que Belinda possa brincar ao ar livre.

A psicóloga também sugeriu um animal de estimação, de preferência um cachorro.

“Eu não quero ser a razão de você desistir de sua carreira.”

“Eu já pensava nessas mudanças desde antes de conhecê-los. Só que até então, a ideia de parar de viajar não me atraía, porque eu teria que ficar muito tempo sozinho em casa. Agora, vocês preenchem minha vida e coração.”

“Foi com isso que você sempre sonhou? Quero dizer, mesmo se eu não tivesse Belinda, você ainda iria me querer?”

“Derek, Belinda é um adicional maravilhoso, mas não é o motivo de eu amá-lo. Como pode pensar algo assim? Eu caí de amor por você tão rápido. Quase desde o começo.”

“Diga outra vez.”

“Eu te amo.”

Ligo a seta do carro e encosto na estrada.

Solto seu cinto de segurança e trago-o para um beijo.

“Eu ia esperar, mas não posso.”

“Esperar o que?” - pergunta, sorrindo.

Uma das coisas que eu amo em Theo é que ele me deixa abraçá-lo e beijá-lo o tempo todo.

Ele é sempre aberto aos meus carinhos e nem sequer estranhou quando parei o carro como um desvairado.

Abro o console, nervoso para cacete e tiro a caixinha que tenho guardado há mais de uma semana.

“Case-se comigo. Eu sei que estou pedindo um monte de coisas de uma vez e que há muitas mudanças ocorrendo. Não precisamos casar imediatamente, embora eu adoraria se isso acontecesse. No entanto, posso esperar tanto tempo quanto você ache necessário. Só quero passar o resto da vida ao seu lado.”

Nunca me senti tão ansioso.

Minha respiração está suspensa enquanto aguardo.

“Eu achei que isso já havia sido decidido.”

Graças a Deus!

“*Huh*... você ainda não havia dado uma resposta.” - tento disfarçar a alegria e falho miseravelmente.

“Insegurança não combina com você, soldado.”

“Amor, quando se trata do nosso relacionamento, eu nunca darei nada por garantido.”

“Eu te amo, Derek. Eu amei você desde o dia em que segurou minha mão no avião. Você me ensinou a não temer o preconceito. A lutar pelo que desejo. Você me presenteou com seu amor e lealdade e agora também com uma filha linda. Como eu poderia dar uma resposta diferente? Sim, amor. Eu quero viver ao seu lado. Amar você e a nossa Belinda. Construir nossa história tijolo por tijolo até que chegue o momento em que as lembranças boas superem as ruins.”

◆◆◆

Estamos jantando e conversando.

Theo tem me ensinado sobre vinhos.

Eu expliquei a ele meu fascínio por filmes antigos.

Descobrimos também que ambos amamos ópera.

A minha favorita é *Turandot*, a dele, *Tosca*.

Temos pontos em comum e outros tantos divergentes, mas de qualquer ângulo que eu olhe, somos perfeitos juntos.

Falei sobre meus planos de comprar uma casa e ele disse que precisamos de um quarto extra além do de Belinda e do de hóspedes porque quer montar um ateliê lá também.

Acho que serão mais dois extras então, porque quero realizar um desejo antigo: ter uma sala de projeção.

Um cinema particular para nós três.

A paixão por filmes é algo que sempre esteve presente, mas do jeito que a minha vida caminhava, era difícil explorá-la.

Pretendo mudar o cenário.

Ao lado dele, estou aprendendo a relaxar.

Eu durmo melhor, sorrio mais vezes.

Estamos perdidos em nosso próprio mundo e não notamos que alguém se aproxima.

“Posso me sentar com vocês por um instante?”

Eu e Theo levantamos a cabeça ao mesmo tempo.

Não sei o que me espanta mais.

Ver Odin Lykaios aparecer do nada ou a ausência de arrogância em sua voz.

Observo o bilionário grego.

Ele tem olheiras.

Hoje, Odin não parece nem de longe o homem poderoso que encontramos na Grécia, mas como alguém vencido.

Intuo que teremos más notícias pela frente, mas deixarei que Theo decida.

Ele faz um aceno com a cabeça e o primo de Orien senta-se sem precisar de um segundo convite.

Capítulo 53

Theo

“Eu pensei que você havia dito que estava viajando.” - falo, assim que ele senta conosco.

Estou tão chocado que sequer lembrei de cumprimentá-lo antes.

“Eu estava. Voltei da Grécia hoje à tarde.”

“Você está aqui por acaso?” - Derek pergunta.

Acho que ele nunca vai superar a desconfiança que tem contra Odin. Eu, por outro lado, apesar de estar longe de considerá-lo um amigo, não sinto qualquer medo.

Ele parece exausto e balança a cabeça negando.

Um nó forma-se em meu estômago.

Pelo seu rosto, vejo que o que ele tem para me contar, não é bom.

“Eu sinto muito por interromper o jantar de vocês.”

Esse não é o Odin que conheci no passado e tampouco o bilionário autoconfiante que nos recebeu em sua mansão semanas atrás.

Eu não tenho certeza se gosto dele em nenhuma de suas versões, mas o cansaço em seu rosto faz com que eu me sinta solidário.

“Eu estive com Ciro.”

Cada palavra parece ser formada a partir de gelo.

Sabendo o tipo de homem que Odin se tornou, imagino como deve ter sido essa *conversa*.

“Espera. Antes de falarmos sobre Orien, como anda seu tio?”

“Resistindo. Ele disse que não desistiria até que descobrisse o que aconteceu com o filho.”

Olho para a toalha de mesa.

“Ele mentiu para mim? Quero dizer, ele falou que sabia onde Orien estava logo assim que seu primo foi embora. Que recebeu correspondência dele. Como agora afirma que não sabe o que aconteceu com o filho?”

Derek aperta minha mão e eu nunca precisei tanto do seu apoio.

“Mais ou menos.”

“Eu não entendo.”

“As coisas não são tão simples, Theo. Ele não tinha certeza realmente, mas temia por sua segurança e a da minha prima, de modo que fez o que achou que deveria. Penso que no fundo, ele sabia o tempo todo, mas ainda precisava cuidar do que restou de sua família. Talvez tenha sido isso o que causou seu câncer, no fim das contas. Guardar essa desconfiança por tanto tempo.”

“Você precisa ser mais específico.” - Derek fala, soando nervoso.

“Orien está morto.

Olho-o em choque.

Depois que voltei da Grécia no mês passado, essa possibilidade tem rondado minha mente, mas eu sempre a empurrava para o fundo porque era doloroso demais pensar em Orien, meu querido e tão amado Orien, meu melhor amigo, morto.

“Foi Leandros?” - estou usando toda a minha capacidade de contenção para não chorar.

“Sim. Ele nunca saiu da ilha, Theo. Eles o mataram naquele mesmo dia. Levou tempo até eu conseguir descobrir tudo. O envolvimento de Ciro foi menor do que eu imaginava. Ele não estava presente na hora... no momento em que seu pai e os capangas puseram fim a sua vida. Ele o levou até a casa de barcos, mas não foi diretamente responsável. Apesar de que para mim, isso não faz a menor diferença. Ele pagou como todos os outros pagarão.”

Eu mal o ouço. Não importa quem participou.

Qualquer coisa que tenha sido feita contra Orien foi a mando de Leandros.

“Vocês o encontraram?”

“Eu não pararei até dar-lhe um enterro decente.”

Enterro.

Orien morreu.

“Theo…" - Derek chama, enquanto eu tento processar como o destino pode me dar e tirar ao mesmo tempo.

No dia em que o homem que eu amo me pede em casamento, descubro que meu pai tirou a vida de um inocente por minha causa.

“Não foi culpa sua, Theo.” - Odin fala, como se pudesse ouvir meus pensamentos.

“Como não? Foi meu pai quem cometeu essa covardia.”

Meu coração está partido, sangrando.

“Leandros o machucaria de qualquer modo. Eu sinto muito por dizer isso, mas seu pai odiava você. Odiava vocês dois. Ciro confessou tudo. Havia um plano. Ele achava que você se afogaria naquele dia no penhasco. Um acidente que o livraria do filho incômodo.”

“Não diga uma merda dessas sobre ele, porra.” - Derek quase urra e dessa vez sou eu quem o consolo apertando sua mão.

“Está tudo bem. Ele só está relatando os fatos.”

“Como eu estava dizendo, seu pai iria atrás de Orien de qualquer maneira. As coisas só aconteceram mais depressa do que ele planejara.”

“E eu não morri.”

“Sim, você não morreu.”

Mesmo que Leandros tenha dito algo parecido na Grécia, eu pensei que me empurrar do penhasco havia sido uma decisão de momento, mas não. Ele planejou aquilo.

“Por que ele sabia que nos amávamos? Foi por isso que ele quis nos matar?

“Se eu pudesse chutar, diria que sim. Ciro contou que Leandros ouviu alguns seguranças rindo do relacionamento de vocês dois e que aquilo o enfureceu. Ele puniu os homens, mas a seguir, decidiu que não permitiria que você o envergonhasse.”

Por mais que eu já devesse estar preparado para o ódio e desprezo do homem que participou de minha concepção, jamais imaginei que ele me quisesse morto

somente por não aceitar minha identidade sexual.

O irônico é que a maldade estava no olhar de quem nos observava. Eu e Orien nunca tivemos nada.

Nem mesmo um beijo.

“Há algo fodido que você precisa saber, Theo.” - Odin suspira e passa a mão pelo cabelo. - “Sair da ilha foi a melhor escolha que poderia ter feito. Depois do que descobri, não tenho dúvidas de que Leandros iria atrás de você novamente. No final de tudo, você era uma testemunha. Uma das últimas pessoas a ver Orien vivo.”

“Então por que não veio?”

“Porque ele é um bastardo, mas não estúpido. Não cometeria um assassinato nos Estados Unidos. Uma coisa é agir como se nosso país fosse o quintal da casa dele. Outra totalmente diferente, é matar alguém em uma nação onde a maioria dos estados têm pena de morte.”

São muitas informações.

Sinto-me como que em um transe e mal noto quando ele levanta.

“Eu tenho que ir. Não se culpe pelo que aconteceu. Honre a memória do meu primo sendo feliz. Ele o amava e gostaria disso.”

Capítulo 54

Blood

“Nós não vamos para casa?”

“Não. Eu mandei uma mensagem para Lilly. Pedi para que Belinda passasse a noite lá.”

“Onde estamos indo então?”

“Viver, Theo. Nós pulamos etapas. Deixamos de aproveitar fases importantes. Chegou a hora de curtirmos um pouco.”

“Eu pensei que você não fazia isso, soldado.”

Ele me dá um sorriso triste.

“Eu não sabia como era viver antes de conhecer você, amor. Você disse que eu o ensinei a enfrentar os preconceitos. Você me ensinou a ser feliz. Eu te amo, Theodoro. Eu agradeço a Deus todos os dias por ter encontrado você. Eu nunca seria completo sem você.”

“Eu amo você, Derek.”

Sua voz sai trêmula e sei que ele está com o coração partido.

Tenho certeza de que Odin simplificou muito a história sobre a morte de Orien e serei eternamente grato a ele por isso. Pelo pouco que conheci de Leandros, ele não iria simplesmente matar o garoto com um tiro.

Ele deve ter descarregado no pobre rapaz toda a frustração por ter seus planos de se livrar de Theo arruinados.

Ele *planejou* matar o filho.

Se não fosse garantido que Odin irá atrás dele, eu mesmo o faria, mas pelo pouco que conheço de Lykaios, ele não vai deixar barato.

Ele comprou a ilha e provavelmente a essa altura já despejou a família Argyros inteira. Algo me diz que há muito mais por trás de seu desejo de

vingança do que a morte do primo.

Acho que desvendar o assassinato de Orien foi somente a cereja do bolo.

Ele se apossou de todo o patrimônio de Leandros, o que não é pouca coisa.

Eu pesquisei novamente ambos desde que saí da ilha.

Odin foi o responsável, ainda que nos bastidores, por afundar quase toda a frota de navios do velho grego. O que sobrou, foi usado para pagar credores.

Briga de peixe grande.

Tenho certeza de que ele desperdiçou boa parte do seu próprio dinheiro para isso e Odin não parece um cara emotivo, mas um homem de negócios. O tipo que nunca perde o controle.

Eu convivi por tempo demais com meus próprios fantasmas para não reconhecer um homem atormentado.

E ele é.

O que quer que Leandros tenha feito para ele, eu não gostaria de estar em sua pele quando a hora do acerto de contas final chegar.

“Um hotel?”

Sorrio para ele.

“Sim. Suíte presidencial, champanhe, chocolate, banheira de hidromassagem. Será que estou no caminho certo para aprender a aproveitar a vida, amor?”

◆◆◆

“Obrigado por isso.” - ele me dá um sorriso suave, deitado sobre mim na enorme cama do hotel - “Por me amar e me fazer esquecer. Eu precisava demais esvaziar a cabeça.”

“Eu sempre estarei aqui para você. É isso o que os casais fazem. Apoiam um ao outro.”

“Eu adoro ouvir a palavra casal e saber que você está falando sobre nós

dois.”

“Anotado.” - pisco e sorrio para ele.

Theo brinca criando desenhos imaginários em meu peito e eu sei que ainda está pensando sobre o encontro com Odin.

“Não foi culpa sua.”

Ele ergue a cabeça e seus olhos estão cheios de lágrimas.

“Você realmente acredita nisso?”

“Com toda a minha alma.”

“Por todos esses anos, eu oscilava entre a culpa e a mágoa por ele ter me deixado. Nós nunca estivemos realmente envolvidos, sabe? Era uma amizade sincera e repleta de amor, mas não houve nada físico entre nós.”

“Um amor puro. O primeiro.”

Estranhamente, ouvi-lo falar de Orien não me incomoda. Por mais que eu seja louco por ele, teria que ter uma pedra no lugar do coração para não lamentar o assassinato do garoto.

“Acho que sim. De verdade, não posso responder a isso porque na época não passava pela minha cabeça ter um relacionamento além da amizade com ele ou qualquer outra pessoa. O que eu gostava mesmo era das nossas conversas.”

“Que tipo de conversas?”

Eu gosto de ouvir sobre o seu passado. Theo não costuma contar sobre a vida na Grécia e quero conhecer tudo, sem no entanto forçá-lo a falar.

“Nós dois éramos fascinados por livros, então fazíamos apostas sobre quem lia o mesmo livro em menos tempo e depois ficávamos discutindo as histórias. Eu lembro que com doze anos nós lemos *O Nome da Rosa* - que era uma espécie de livro-tabu - em apenas dois dias.”

“Umberto Eco, eu li também, mas há muito tempo. Continue.”

“Ele era tudo o que eu tinha em termos de amor, sabe? Ele e a família. Aristeu ficou viúvo quando Milena, a irmã caçula de Orien, nasceu. Eles moravam em uma casa pequena em uma parte daquele terreno onde Odin construiu a mansão. Levavam uma vida simples, mas aos meus olhos, perfeita. Sempre sorriam uns para os outros e nunca ouviam-se gritos. Diferente da minha

casa, em que todos nós tínhamos medo de Leandros.”

“Até mesmo Elina?”

Ele pensa um pouco.

“Acho que ela disfarçava melhor do que o resto da família, mas sim, também o temia.”

“Ela não parece o tipo que se assusta fácil.”

“Eu não sei. Já não a conheço mais, mas posso dizer algo com certeza: as pessoas da minha família tem o dom de esconder as emoções.”

“Você nunca escondeu nada de mim.”

Ele me dá aquele sorriso que sempre me põe louco.

“Eu não tive tempo. Você me pegou de surpresa, soldado.”

“Eu acho que caí por você mesmo antes de encontrá-lo naquele dia do acidente, Theo. Desde que comecei a pesquisá-lo. Isso talvez faça de mim realmente um tipo de perseguidor.”

“Não me importo. Persiga-me. Tome-me. Eu te amo, Derek.”

“Eu também. Muito.” - inverto nossa posição e agora ele está sob mim - “Theo, não deixe seu pai destruir sua vida. Pense no que Odin falou sobre Orien desejar que você seja feliz.”

Ele ameaça falar e eu pouso meus dedos em seus lábios para que escute-me primeiro.

“Eu sei que o seu passado foi permeado de maldade. O meu também, em muitos aspectos. Eu fiquei cinco anos sem saber onde estava minha filha.” - só de pôr isso novamente em palavras já me faz mal - “Mas aqui está a coisa: nós dois sobrevivemos as provações as quais fomos submetidos e saímos mais fortes delas.”

“E agora?”

“Agora vamos seguir em frente, construir um lar, cuidar e amar uns aos outros. Não estou pedindo para que você esqueça todo o sofrimento que passou. Eu mais do que ninguém, sei que é impossível, mas que não permita que o passado destrua sua chance de viver o presente.”

Estou tenso enquanto aguardo o que ele dirá.

Não quero desmerecer a morte do seu amigo ou como deve ser fodido saber que o próprio pai quis pôr fim a sua vida, mas resgatá-lo da culpa.

Não há qualquer benefício em ficar remoendo algo que você não pode mudar e o passado… passou.

Acabou.

Não podemos fazer nada a respeito.

“Não posso prometer enterrar isso para sempre, mas dou minha palavra que não deixarei que interfira em nossa relação.”

“Eu não quero que você enterre nada. Estarei sempre ao seu lado para dividirmos a dor quando as lembranças voltarem, só não deixe que essa mesma dor o paralize.”

“Você está certo.” - ele ainda não sorri, mas parece mais sereno e é o suficiente por enquanto - “Obrigado por me amar.”

“Amar você e Belinda é o que dá sentido a minha vida, Theo. Vocês são o meu mundo.”

Capítulo 55

Theo

Uma semana depois

Eu não tenho certeza do que estou fazendo ou se obterei qualquer resultado, mas não serei acusado de não tentar.

Desço do carro trabalhando toda a autoconfiança recém-adquirida, enquanto preparo-me para tocar a campainha da casa dos pais de Derek.

Herbert e Abigail Gunnar.

Na mesma noite em que descobri sobre Orien, ele me contou do seu passado com os pais.

As brigas, o pai tentando impor-lhe o tipo de comportamento que achava ideal, a falta de demonstrações de amor.

Uma história tão parecida com a minha e ao mesmo tempo, tão diferente.

Pude perceber o quanto Derek sente falta deles, então decidi dar o primeiro passo.

De qualquer modo, eles precisariam saber sobre Belinda.

No entanto, não foi por isso que eu vim.

Não *saber* como amar um filho e não *querer* amar um filho são coisas completamente distintas. Eu intuo que, ao contrário dos meus pais, os de Derek encaixam-se na segunda categoria.

Acho que por essência, a maioria deseja o melhor para os filhos.

O problema é que esse *melhor* é de acordo com a concepção deles, esquecendo que as pessoas não são massinhas de modelar a serem manipuladas

para que se transformem em um ideal.

Tenho esperança de que eu possa começar a construir um caminho para o relacionamento entre ele e a família.

Derek me falou que até onde sabia, os pais estavam viajando e desde então, tenho tentado telefonar para descobrir se já haviam regressado.

Ontem, Herbert finalmente atendeu.

Não foi uma conversa fácil, mas fui honesto desde o princípio, contando quem eu era e o que representava na vida de seu filho.

As palavras de Fabiane atuam como um mantra na minha cabeça.

Se quero que os outros aceitem nosso relacionamento, preciso fazê-lo eu mesmo.

Antes que eu possa tocar a campainha, a porta abre-se.

Definitivamente, a genética é o ponto forte na família Gunnar.

Assim como Belinda é sua versão em miniatura, Herbert é como Derek deve parecer um dia.

Mas não de todo.

O homem tem feições endurecidas. O olhar de alguém que não admite ser contrariado.

“Boa tarde, sou Theodoro Argyros.”

“Eu desconfiei.”

Certo.

Suas palavras não ganhariam qualquer concurso de gentileza. São ácidas e com um quê de desprezo também, mas se ele pensa que conseguirá me intimidar, aprenderá que não me abato tão fácil.

“Herbert, deixe o menino entrar.”

Uma mulher pequena, com os cabelos cheios de fios já prateados aparece ao seu lado.

Veste-se de forma conservadora, com um coque baixo na nuca, mas possui uma beleza e elegância inata.

Ambos estão bronzeados, provavelmente por conta do cruzeiro.

Ela é exatamente o extremo oposto do marido.

Herbert é tudo sobre solidez e orgulho. Já Abigail tem os olhos tristes, cansados, mas receptivos - o que me dá a esperança de talvez não ter perdido meu tempo vindo aqui.

“Claro.” - ele concede, parecendo constrangido com a própria descortesia - “Entre, rapaz.”

Deus, é como estar em frente a um júri.

Tenho a sensação de que o homem só deseja um motivo para me pôr para correr, mas não vim aqui para desistir ao primeiro sinal de animosidade. Eu já estava esperando por isso, inclusive.

Não é bem a minha coisa impor minha presença as pessoas, mas Derek e Belinda valem qualquer sacrifício.

“Você aceita um chá, café ou água?”

Suspiro aliviado ao comprovar que Abigail está tentando quebrar o gelo.

“Não, estou bem. Obrigado.”

“Então podemos nos sentar. Fique à vontade.”

Suas palavras vão na contramão do que vejo na expressão do homem. Deixar-me à vontade parece ser a última coisa que ele deseja.

“Theodoro…" - a senhora começa, enquanto o marido recosta-se na poltrona, observando-me.

“Theo.” - falo sem pensar. A seguir, corrijo um pouco sem jeito - “Ninguém me chama de Theodoro.”

A não ser seu filho, mas então, por vir dele, eu amo.

“Theo.” - Abigail diz e eu sorrio em resposta porque ela fez o primeiro movimento para atravessar a ponte. A senhora mostra-se ao menos disposta a me ouvir - “Você falou que queria conversar sobre o nosso filho. Sobre... vocês dois.”

“Sim.”

Não tocarei no nome de Belinda por enquanto. Preciso que eles me ouçam primeiro e se falar da neta, provavelmente tudo o mais será esquecido.

“Eu e seu filho estamos juntos. Em um relacionamento sério.”

Herbert solta uma espécie de rosnado, mas eu não recuo.

Não esperava nada diferente pelo que Derek me contou sobre o pai.

“Como ele está?”

A pergunta dela surpreende-me.

Achei que fosse questionar minha declaração ou mesmo refutá-la, mas ao olhar a mulher agora, a única coisa que vejo em seu rosto, é saudade do seu único filho.

“Bem. Feliz.” - respondo - “Mas ele sente falta de vocês.”

Digo isso olhando para Herbert porque quero ver sua reação. Ela me dirá se estou perdendo meu tempo.

É por apenas uma fração de segundos, mas consigo vislumbrar surpresa, dor e também ansiedade.

“Ele é nosso filho. É natural que sinta saudade.”

“É?”

“O que isso significa?”

“Fiz uma pergunta simples senhor.”

“Herbert.”

“Certo, Herbert. Fiz uma pergunta simples. É natural para você que seu filho sinta sua falta?”

“Claro que é. Ele é meu filho. Eu o amo independente de…"

“De que?” - estou tentando trabalhar a calma porque se eu deixar a irritação vir à tona, não conseguirei atingir meu propósito aqui.

“Dele não se encaixar no que o senhor considera certo?”

Sei que o estou empurrando, mas não vim para fazê-lo me amar e sim para tentar reaproximá-lo do filho.

“Eu não me importo.” - Abigail diz em seu lugar - “Já me importei, mas agora penso diferente. Eu só quero que meu filho seja feliz. Você poderia dizer a ele que sinto sua falta também?”

Suas palavras vão em linha reta para o meu coração.

Eu não imagino quanto deve ser doído amar um filho e não saber como demonstrá-lo. Ter que pedir a um estranho para ajudar a formar uma conexão com o sangue do seu sangue.

“Por que a senhora mesma não diz?”

Ela lança um olhar rápido para o marido e a seguir responde.

“Ele não vem nos visitar.”

“Porque não se sente bem-vindo.” - falo.

“Bobagem, ele é nosso filho. É claro que sempre será bem-vindo aqui.” - Herbert diz.

Talvez haja esperança no fim de tudo.

O homem é rude e bruto, mas ainda não tentou me expulsar e ao menos está me ouvindo, o que já é mais do que eu sonhara.

“Eu posso contar uma história a vocês?”

“Que tipo de história?” - ele pergunta, desconfiado.

“Sobre a minha vida com meus pais.”

Ao invés de deixá-lo responder, Abigail intervém.

“Sim, por favor. Eu gostaria de ouvir isso.”

◆◆◆

Estou drenado, sem qualquer energia.

Acho que nem para minha terapeuta já me abri tanto.

Não omiti nada.

Toda uma vida de rejeição e abandono afetivo.

Minha relação com Orien e sua morte.

Os anos de solidão que atravessei antes de finalmente encontrar o outro pedaço do meu coração.

O filho deles.

Eventualmente uma lágrima ou outra escapava e agora que terminei, não faço ideia do que se passa na cabeça do homem.

Dela eu sei.

Abigail chorou por quase todo o meu relato e eu procurei focar nela.

Quando eu vim até aqui, tentei manter a mente aberta e entender o ponto de vista deles.

Todos nós crescemos com ideias preconcebidas do que é certo e errado, mas isso na maior parte do tempo vem mais da forma como fomos criados do que sobre o que pensamos realmente. Ainda assim, não faço ideia do quanto do que eu disse servirá para alguma coisa.

O homem tem os cotovelos apoiados nas pernas e olha para o chão.

É a primeira vez que o vejo baixar a guarda desde que nossa conversa teve início.

“Nós o amamos. Ele é nosso único filho.” - fala de repente.

“Somente por isso? Você sente-se obrigado a amá-lo somente por ser seu filho?”

Não consigo mais conter meu temperamento.

“Você tem ideia do homem maravilhoso que ele é? De como é forte, leal e corajoso?”

“Você realmente o ama…" - Abigail diz.

“Sim, eu o amo. Eu daria minha vida por ele como sei que ele daria a dele por mim.” - estou desistindo de qualquer sutileza agora - “Ele atravessou cinco anos no inferno absolutamente sozinho. Sem o apoio de ninguém a não ser os amigos do trabalho. Amigos esses que continuaram incansavelmente a procurar sua garotinha.”

Contarei sobre Belinda em breve.

Antes, eles precisam enxergar o quanto sua negligência feriu o filho.

“Nós não sabíamos como ajudar. Eu tentei uma vez, mas ele não aceitava que a havia perdido.” - o homem fala.

“Ele nunca desistiria. Um verdadeiro pai nunca desistiria de um filho.”

Estou jogando pesado agora, mas não me importo. Talvez essa seja a única chance que terei de fazê-los enxergar que basta um movimento seu para que o relacionamento com o filho seja reconstruído.

Respiro fundo para me preparar para contar o que preciso.

“E ele estava certo o tempo todo.”

Ambos erguem a cabeça para me olhar, mas é a mulher quem fala primeiro.

“Certo? Certo sobre o que?”

“Sobre Belinda estar viva.”

E finalmente, a máscara do homem mais velho desaparece.

O rosto vincado por rugas mostra uma dor intensa.

Ele ama o filho.

Ele ama a neta.

Não tenho qualquer dúvida disso agora.

Há um tique em sua pálpebra esquerda que não me permite desviar o olhar. Eu sei o que é aquilo.

Contenção.

Segurar as emoções a tal ponto que elas parecem explodir nosso peito.

“Minha neta está viva?”

Olho de um para o outro.

“Sim. E ele a trouxe de volta.”

Ele levanta, apoia os dois braços na parede e descansa a cabeça neles.

Não sei o que se passa.

Se está rezando, chorando ou feliz, mas com toda a certeza, a notícia abalou seu mundo.

Abigail chora baixinho, depois de fazer o sinal da cruz.

“Vocês estavam viajando. Ele os procurou assim que a trouxe, mas acho que não conseguiu entrar em contato.”

“Estávamos em um cruzeiro.”

“Eu sei. Ele disse.”

O homem mais velho senta-se novamente a minha frente. A postura totalmente diferente da que quando me recebeu há cerca de uma hora.

“Theo…” - diz e é esquisito ouvir meu apelido vindo de uma pessoa que exala formalidade por todos os poros - “Você poderia... poderia me contar tudo? Antes que fôssemos vê-la?” - ele pensa um pouco e completa - “Ele nos deixará vê-la?”

“Se precisa me perguntar isso, talvez então deva começar do zero e

reaprender o tipo de homem que é seu filho. Derek nunca os privaria de conviver com Belinda.”

Capítulo 56

Blood

“Theo, eu não sei o que dizer.”

“Eu sinto muito por não ter contado antes de ir, mas fiquei com medo de você achar que eu estava invadindo seus assuntos privados. Não sou de caminhar pela vida dos outros sem autorização.”

“Pare. Não se desculpe por isso. E eu não sou *outros*. Você é o meu amor, Theo. Não estou zangado, só desconcertado. Você me pegou de surpresa.”

“Se serve de consolo, peguei a mim também.”

“Como assim?”

“Quando fui até lá, esperava ter uma conversa com seus pais e não me abrir do jeito que fiz. Só que quando olhei para eles…" - ele passa a mão pelo cabelo, como se estivesse procurando as palavras certas - “eu sei pelas coisas que você me contou que não deve ter sido fácil crescer duvidando de si mesmo. Sentir-se confuso e sem qualquer apoio. Essa é basicamente a história da minha vida, Derek. No entanto, há uma diferença crucial entre nossas famílias. Seus pais, talvez pela maneira como foram criados, não sabiam como amá-lo. Os meus, nunca me quiseram.”

“Theo…"

“Não, amor. Eu não estou falando isso com mágoa. A terapia ajudou muito a trabalhar essa rejeição e depois de encontrar você, nada disso mais tem importância. Não preciso ser aceito por eles para ser feliz. A decisão sobre viver minha da maneira que eu acho certo está nas minhas mãos.”

“Você realmente pensa assim?”

“Agora penso. Foi preciso bater muito a cabeça - perder Orien, conhecer você, reencontrar minha família - para finalmente compreender que não

necessito da validação dos outros. Não posso delegar a quem quer que seja meu direito de ser feliz.”

“Eu te amo, Theodoro. Sei que você está tentando ajudar, mas meus pais e eu não temos um contato real há muito tempo. Não tenho certeza se sobrou algo a ser resgatado.”

“Eu sei. A rejeição machuca, não é? É como uma ferida sempre aberta. A cada olhar de desaprovação, questionamos a nós mesmos, nossas escolhas. Não ser aceito por aqueles que deveriam nos amar é muito sofrido.”

Puxo-o para os meus braços porque não posso suportar a insegurança em seu rosto. Ele enfrentou minha família por minha causa.

“Você é o ser humano mais generoso que eu já conheci e não estou dizendo isso porque você é o meu amor. Obrigado por tentar.”

“Eu não só tentei, nós tivemos uma conversa muito esclarecedora. Se eu não visse em seus pais amor por você, jamais pediria que lhes desse uma chance, mas eu vi. Eu sei a diferença entre amor e desamor, acredite em mim. Herbert e Abigail estão sofrendo com a distância tanto quanto você.”

“Herbert?” - pela primeira vez desde que começamos a conversa pesada, sorrio.

Ele dá de ombros.

“Seu pai disse que eu deveria chamá-lo assim.”

Isso é surpreendente.

Meu pai é extremamente formal e se permitiu que Theo o chamasse pelo primeiro nome é porque de alguma maneira, mesmo que inconscientemente, aceitou-o.

“Eles querem uma chance de se reaproximar, Derek. Não estou dizendo que será fácil. Você provavelmente tem mais lembranças ruins do que boas, mas depende apenas de vocês três começar a criar novas memórias daqui por diante.”

“E quanto a você? Algum dia perdoará sua família?”

Ele se afasta um pouquinho para me olhar.

“Eu não tenho o que perdoar. Nunca houve e acho que nunca haverá qualquer vontade da parte deles de que voltemos a conviver. Estou falando sobre

minhas irmãs e mãe. Quanto a Leandros, ele está morto para mim.” - sua fala é suave e triste - “Fiquei esses últimos dias avaliando o meu passado. Acho que talvez seja por isso que consegui me abrir com seus pais. Enfim, revisitei toda a minha trajetória - algo que sempre evitei fazer - e concluí que eu nunca poderia ser o que eles esperavam. E você sabe o que? Não me importo mais. Não os odeio, mas seria um mentiroso se dissesse que os considero família.”

“Nem suas irmãs?”

“Acho que não. Por mais conturbado que tenha sido seu relacionamento com seus pais, vocês sempre procuraram saber uns dos outros, estando em contato, mesmo que através de um simples telefonema. Minha família tinha recursos para me encontrar se quisesse, mas todos optaram por fingir que eu não existia. Eu só fui ver minhas irmãs há dois anos, sabia? Passei os seis primeiros sem falar com qualquer um deles.”

“Eu tenho vontade de quebrar coisas quando você me diz isso. Que tipo de mãe não vai atrás do filho adolescente depois que ele sai de casa repentinamente? “

“Talvez tenha sido um alívio para ela quando eu parti. E sabendo o que sei agora, sou um sortudo no fim das contas.”

“Você foi tão corajoso, Theo.”

“Não sei se foi coragem ou necessidade de sobreviver, mas eu não trocaria minha história por nada. Foi assustador no começo.” - ele sacode a cabeça - “Não, foi assustador até pouco tempo, mas algo que você disse no avião tem voltado constantemente: que no momento em que eu precisasse, descobriria que sou forte e foi isso o que aconteceu. Talvez eu nunca seja a pessoa mais confiante do mundo, mas não sou também o garoto medroso do passado.”

“Não há nada de errado em sentir medo às vezes. Eu também sinto.”

“Sente? De que?”

“De que algo aconteça e tire vocês de mim. De não ter tempo suficiente ao seu lado provar o quanto eu te amo. De não ver minha filha crescer. De que alguém do meu passado possa voltar e destruir nossa felicidade.”

“Não pense tanto. Vamos viver nossas vidas. Eu sou aquele que ficou preso à

lembranças. Paralisado pela dor por anos e isso não serviu de nada.”

“Você não sente mais medo?”

“Sinto sim, mas eu tenho você, Belinda e Lilly. Meu amor, uma criança que eu amo como se fosse minha e uma melhor amiga. O que mais um cara pode desejar?”

“Você é incrível, Theodoro.”

“Não sei nada sobre isso, mas uma coisa eu garanto - nunca mais deixarei que a percepção que as pessoas têm de mim me faça duvidar de quem sou.”

“Maravilhoso?” - roubo um beijo - “*Sexy*?” - outro beijo. - “Meu?”

Ele sorri e sei que viverei o resto dos meus dias para devolver todo o amor que lhe faltou até aqui.

“Seu. Essa é a melhor parte.”

Capítulo 57

Belinda

Seis meses depois

"*Hey* boneca, olhe para cá."

As luzes das câmeras estão me deixando cega.

Esse é o fotógrafo número vinte.

Eu estou contando.

Papai e Theo estão segurando minhas mãos, um de cada lado, enquanto andamos pelo tapete vermelho.

Toda hora alguém nos pede para parar e sorrir. Então, eles tiram uma foto.

Theo me mostrou vídeos de como seria a festa, mas eu não entendo porque eles precisam de tantas fotografias.

São sempre as mesmas.

Eu e eles sorrindo.

Alguns falam *que família bonita* e para esses eu capricho no sorriso.

Eu adoro ouvir essa palavra.

Família.

Eles são. Papai e Theo.

Gostaria que mamãe estivesse aqui também, mas eu rezo por ela todas as noites e Theo disse que ela está em um bom lugar.

Theo e meu pai vestem terno e gravata, mas a de Theo é engraçada.

Borboleta, ele explicou.

Ela não parece uma borboleta e quando falei isso, ele gargalhou.

"Que vestido lindo!"

Esse é outro que vai ganhar um super sorriso!

Foi o Theo quem fez o meu vestido e deixei que ele escolhesse a cor.

Eu pensei que seria roxo ou verde, porque são as minhas cores favoritas, mas ele disse que seria *banana* - até ele falar isso, para mim banana era só uma fruta.

Eu perguntei para ele se o vestido seria da cor de dentro ou de fora da banana e ele riu muito.

Eu adoro quando ele ri. Amo Theo quase tanto quanto eu amo o papai.

Olho para o vestido longo e rodado como o de uma princesa.

Era a cor de dentro da banana, no final das contas.

Eu pensei que não ia gostar, mas adorei.

Eu mostrei para Bruno e perguntei o que ele achava.

Ele disse que era bonito como eu.

Avisei a ele para ficar de olho na televisão porque talvez ele conseguisse me ver.

Bruno falou que pediria à Lilly que o deixasse ficar acordado até mais tarde hoje.

Ela agora é a mãe dele.

Mãe de coração, como Theo é o meu pai de coração.

Depois que voltei a falar, eu e Bruno conversamos muito.

Ele está aprendendo a ler e pergunta sobre tudo.

Eu adoro ficar perto dele. Sinto saudade de Bruno todos os dias.

“Princesa, dê um sorriso para nós.” - um homem com uma câmera quase do meu tamanho fala e eu sorrio.

Eu continuo sorrindo sempre que as pessoas mandam porque fiz isso por muito tempo na Itália.

Não gosto de lembrar da minha vida lá, mas Fabiane disse que todas as coisas que vivemos são por uma razão.

Ela também conversa comigo sobre a mamãe. Faz perguntas e eu respondo o que lembro.

Eu já não sinto o meu coração doer quando falo da minha mãe.

Papai e Theo juntaram um monte de vídeos de quando eu era pequena em

um só.

É como ver um filme sobre nós duas.

Theo agora tem um ateliê.

Eu não sabia o que alguém fazia em um ateliê até ele me explicar.

Costuram roupas.

Ele vai abrir uma loja também. Falou que vai parar de viajar tanto porque quer passar mais tempo comigo e o papai.

Meu pai de vez em quando viaja a trabalho e fica quase a semana toda fora.

Eu sinto saudade, mas quando ele volta passa um mês inteirinho sem viajar de novo.

Ficar com os dois é a melhor coisa do mundo.

Com Bruno também.

E o vovô e a vovó.

Eu não lembrava deles. De nenhum dos dois.

Nem do rosto, nem da voz, nada.

Todo sábado nós almoçamos juntos. A família inteira.

Papai não conversa muito durante os almoços, mas vovó e Theo sim.

Vovô é mais calado, mas sempre muito bonzinho comigo.

Ele me conta histórias sobre a nossa família e eu adoro ouvir.

Prefiro ouvir as pessoas mais velhas do que as crianças da minha idade.

Eu ainda não converso com um monte de gente, porque fico com vergonha.

As crianças do meu colégio são estranhas. Elas não falam comigo se eu não falar com elas antes e eu nunca sei o que dizer.

Eu tento sorrir porque quando eu disse a psicóloga que não sabia como conversar com as crianças no novo colégio ela falou que um sorriso sempre *desarma* as pessoas. Então, todas as vezes que eu não sei o que falar, eu sorrio.

Tenho sorrido muito ultimamente.

Uma das crianças perguntou por que eu tinha dois pais e nenhuma mãe.

Eu disse que claro que eu já tive uma mãe, mas ela foi para junto de Deus e que agora, eu morava com o papai e o Theo.

Ele falou que isso era esquisito.

Eu não acho. Ele não sabe como a nossa casa é legal.

Qualquer criança ia adorar ter o Theo e o papai como pais.

Talvez o menino tenha dito isso porque ele nunca morou em lugar como eu morei lá na Itália.

Aquilo sim era esquisito.

Nós vamos nos mudar qualquer dias desses.

Eles compraram uma casa bem grande e eu vou ter minha própria biblioteca.

Theo disse que é minha, mas eu não me importo de dividir com ele.

Ele adora livros também.

Papai lê muito, mas prefere livros de guerra.

Eu gosto de estudar o universo.

Eles me deram um telescópio e no próximo verão nós vamos para o parque nacional de *Yosemite*.

Papai disse que o céu lá é perfeito para ver as estrelas e eu estou ansiosa.

Quando paramos de andar, sei que vamos tirar mais fotos.

Que trabalho chato ser fotógrafo.

Ficar mandando as pessoas sorrirem e segurando aquelas câmeras pesadas.

“Theo, você acha que o Oscar já está garantido?”

Olho para o meu segundo pai - eu não o chamo assim. Gosto do seu nome - Theo, mas para mim ele é meu pai também.

“Vamos ver. Existem excelentes filmes concorrendo hoje.”

A voz de Theo é alta, mas sempre calma.

Ele nunca briga e me dá um monte de abraços.

“Mas o seu é o favorito.”

“É?” - ele gargalha - “Bom, acho que só saberemos quando a noite chegar ao fim.”

“Podem juntar os três para uma foto?” - um outro homem pergunta. - “Você formam uma família linda.”

Dou de novo o maior sorriso que eu consigo.

Eu, meu pai e Theo viramos para o homem que pediu a foto e dou uma olhada no meu pai.

Aperto sua mão.

“Papai.”

“O que há de errado?” - pergunta.

Ele enfia um dedo no colarinho da camisa como se estivesse morrendo sufocado.

“Nada, mas você precisa sorrir também. Ele pediu uma foto da nossa família sorrindo.”

Acho que meu pai é como eu, porque assim que falo a palavra família, ele abre um sorriso muito grande.

Depois de alguns minutos, finalmente alguém nos leva para sentar nas cadeiras que parecem com a de um cinema, mas que na verdade é um teatro.

Eu já fui a vários teatros na *Broadway*, em Nova Iorque, com Theo, mas é a primeira vez que venho a Los Angeles.

“Senhoras e senhores, bem-vindos a mais uma cerimônia do Oscar…”

Um homem no palco começa a falar.

Estou torcendo para que Theo ganhe o prêmio - o *Oscar* - mas ele disse que não se importa. Que para ele nossa família é o maior prêmio que já recebeu.

Epílogo 1

Blood

Cinco meses depois - Dia do Casamento de Theo e Blood

Estou sentado na cama enquanto observo minha filha calçar os sapatos.

Ela está linda em seu vestido verde - sua segunda cor favorita.

Ah não, espera. Desde a cerimônia do Oscar, ela também gosta de banana - a cor, não a fruta.

Finalmente chegou o momento de nos tornarmos oficialmente uma família.

Esses últimos meses foram um aprendizado para nós dois.

Não. Para nós três.

Não só a readaptação de Belinda a uma vida normal, onde ela frequenta uma escola regular e tem outras crianças para interagir, mas também por um trabalho conjunto, meu e de Theo, para que ela ganhe autoconfiança.

Ela já mudou bastante e a atual psicóloga, Leila, diz que por tudo o que já atravessou, seu progresso tem sido bem rápido.

Claro, minha filha tem seus momentos de introspecção, mas acho que isso

sempre fará parte de sua personalidade.

Belinda é um serzinho complexo e às vezes eu fico preocupado com seus constrastes.

Sua inteligência excepcional tem se mostrado cada dia mais presente, mas por outro lado, há uma imaturidade emocional nela em algumas situações que não condiz com uma criança de quase dez anos.

Ela também não consegue socializar muito bem.

Mais de uma vez, suas colegas de escola a convidaram para festinhas de aniversário ou para dormir em suas casas e ela sempre responde que não quer ir porque prefere ficar conosco.

Também continua muito apegada ao seu livro-tesouro e frequentemente me pede para recontar a história.

Eu me pergunto como uma criança que vive às voltas com livros de astronomia - sua nova paixão - pode também amar contos de fadas.

Nós fomos avisados sobre isso - que sua inteligência avançada não significava que ela conseguiria sair-se bem em relacionamentos sociais.

Ela também é muito inocente, mas muito mesmo e eu temo que alguém aproveite para tirar vantagem do seu coração puro.

Os únicos com quem a vejo completamente à vontade somos eu e Theo.

Ah e Bruno, o filho de Lilly e Amos.

Eles são inseparáveis e Belinda sempre pede que o convidemos para almoçar ou passear conosco.

Correndo o risco de soar paranóico, acho que o menino é apaixonado pela minha filha.

Bruno é uma criança um tanto excêntrica também.

Sua idade real - quase sete anos - representa apenas um número. Ele parece muito mais velho do que isso.

Seu olhar é o de alguém que já sofreu e eu sei a razão.

Eu conheci em primeira mão toda a sua história e sei dos horrores que o garoto atravessou.

Quando eu o observo com a minha filha, tenho a sensação de que o menino

decidiu que é sua responsabilidade cuidar dela. É como se ele, assim como nós, percebesse a fragilidade de Belinda. Ela, por sua vez, parece confortável com Bruno tomando à frente de tudo.

Se você ouvi-los conversando, terá a impressão de que ele é o mais velho dos dois.

Bruno age com Belinda como um cavalheiro do tempo antigo e confesso que é um pouco engraçado.

Só um pouco.

Não quero saber de qualquer um caindo de amores por minha menina, mesmo um garoto tão bom quanto ele.

Apesar disso, nunca passou pela minha cabeça interferir na amizade dos dois.

Belinda o tem em alta conta e quando ficam um dia inteiro juntos, posso dar como certo ouvir o nome do menino ininterruptamente durante as próximas quarentena e oito horas.

Não quero criar minha filha dentro de uma bolha, mas é cedo demais para que ela desperte paixões e tanto quanto eu puder adiar isso, farei.

“Papai, pode me ajudar com essa trança?”

Ela está lutando com alguns fios de cabelo que soltaram. Geralmente quem cuida desses detalhes é Theo. Minhas mãos são grandes e sempre que tento, o resultado sai pior do que antes.

“Tem certeza?” - pergunto, inseguro.

Ela sorri.

“Acho que não. Talvez a tia Fabiane possa consertar meu cabelo daqui a pouco.”

Fizemos questão de convidar a psicóloga e o namorado para celebrar nossa união.

Ela foi fundamental no desenvolvimento de Belinda e agora, é quase como um membro da família.

Quando percebemos - nós e ela - que nosso relacionamento havia cruzado a linha e transformado-se em amizade, Fabiane, como a grande profissional que é,

nos recomendou uma colega para continuar cuidando de Belinda dali por diante.

A terapeuta passou a ocupar um lugar de tia para minha filha.

Belinda, apesar de ser uma criança amorosa, não é uma tagarela. É mais de demonstrar com abraços e beijos o quanto nos ama, do que de conversar.

Às vezes quando se distrai, ela responde com a cabeça ou através de gestos, como fazia quando não podia falar e eu sei que mesmo que tenha superado o pesadelo ao qual foi submetida por cinco anos, haverá uma parte sua que sempre se lembrará.

“Pronta?”

“Sim. Será que Bruno já chegou?”

E aí vamos nós.

Trabalho duro para não revirar os olhos e manter a expressão em branco, enquanto respondo.

“Tenho certeza que sim.”

“Ele não queria usar o terno que a Lilly comprou. Disse que a gravata o enforcava.” - ela está rindo - “Mas eu falei que ele ficaria parecendo um príncipe e ele mudou de ideia.”

Ela dá de ombros como se aquilo não fosse importante.

“Eu também estou sentindo meus dedos doendo nesse sapato e se Theo deixar, quando formos para a festa, vou tirá-los.”

“Não vejo nada de errado em você tirar os sapatos e Bruno a gravata.”

Sou totalmente solidário, inclusive, mas acho que se disser isso, Theo me matará. Ele cuidou pessoalmente da escolha das roupas para todos nós.

“Vamos, então?”

“Sim. Vamos lá, papai. Nós agora seremos uma família de verdade.”

Eu me abaixo para olhá-la.

“Nós já somos uma família de verdade, amor. Você está feliz?”

“Sim. Estou muito feliz. Eu tenho os dois pais mais legais do mundo. Um é um super-herói e o outro me ajuda a ficar bonita.”

Sorrio da simplicidade com que ela resume nosso relacionamento.

“Eu te amo, filha. Você sabe o quanto? Eu sou o homem mais sortudo do

mundo por você ser a minha menina.”

“Eu te amo, papai. Eu amo você e o Theo. E a mamãe também.”

Sinto uma pontada no coração.

Tenho tentado resgatar o quanto posso de suas memórias com Stela, seguindo a orientação da terapeuta.

Às vezes, assistimos vídeos delas duas juntas antes do sequestro e também temos muitas fotografias de nós três.

Estou constantemente reforçando as lembranças para que ela não se esqueça da mãe.

Eu já perdoei Stela.

Não achei que fosse capaz, mas o fiz.

Não quero cultivar o ódio dentro de mim. Passei a maior parte da minha vida em meio a isso e chegou o momento de deixar as mágoas para trás.

Isso inclui meu relacionamento conturbado com Stela, com todas as perdas e mentiras envolvidas e também desculpar meus pais.

Com eles, foi bem mais difícil. Se não fosse por Theo, talvez nunca acontecesse.

Mesmo que eu tenha certeza de que meu pai jamais verá nosso relacionamento como algo que considera normal, ao menos nos respeita o suficiente para convivermos em paz.

Inclusive passamos o último Natal juntos.

Nem mesmo meu pai conseguiu ignorar a bondade de Theodoro ou o quanto ele ama nossa filha.

Theo é junto com Belinda, a luz da minha vida.

Esse pouco mais de um ano em que estamos juntos, contou mais do que os trinta e três antes de conhecê-lo.

Estou reaprendendo a viver.

Minha filha era o centro do meu mundo, a razão pela qual eu acordava todos os dias e o que me fazia querer ser alguém melhor, mas ainda assim, havia uma artificialidade em nossa família, como se vivêssemos uma simulação da realidade porque eu não gostava da mãe dela.

Nem como mulher, nem como ser humano.

Quando fui afastado daquela que era a minha única fonte de felicidade, fiquei perdido, sobrevivendo em modo automático.

Agora, estou finalmente em uma relação em que amo e sou amado.

◆◆◆

“Olhe papai, como o Theo está lindo.”

Ele está.

Não, corrigindo.

Ele é lindo. Por dentro e por fora.

E também é todo meu.

Ele nos espera no fim da escada da nossa casa nova.

Optamos por uma cerimônia para poucos convidados.

Amigos em comum e meus pais.

Ninguém da família dele compareceu e eu não consigo entender como aquelas pessoas não enxergam o ser humano maravilhoso que ele é.

“Eu te amo.” - digo, assim que me aproximo.

Não vejo mais ninguém a nossa volta.

Como sempre acontece quando estou perto dele, o mundo desaparece.

“Eu também te amo muito, soldado. Você está lindo.”

Olho para o meu terno cinza escuro sem ter muita certeza. Ainda sinto-me estranho vestindo roupas formais. Só que eu sei o quanto ele empenhou-se para que o nosso dia fosse perfeito e não quero desapontá-lo.

“Meu produtor de modas é um *expert*.” - sorrio e dou uma piscadinha. A seguir, deixo um beijo suave em sua testa. - “Obrigado por nos aceitar em sua vida, meu amor.”

Seu rosto está sério.

“Eu estava com medo, você sabe? De um pouco de tudo.” - quando eu

conheci Theo, ele tentava proteger-se ocultando seus sentimentos, mas há algum tempo já, ele tornou-se totalmente aberto sobre o que pensa - “De não saber como ajudá-lo a criar a nossa filha, de como seria a adaptação dela na escola por vir de um lar homoparental, de estragar de vez seu relacionamento com seus pais. No entanto, apesar de todas as minhas inseguranças, nem por uma vez eu duvidei de que somos perfeitos juntos.”

“Nós somos, Theo. Sempre fomos. Eu não sabia até conhecê-lo. Só depois de ter você em minha vida foi que compreendi porque eu não havia amado alguém até então.”

“Por que?”

“Porque eu precisei esperar oito anos até que você nascesse, crescesse, para que fosse meu.”

“Então eu nasci sob encomenda?” - ele sorri, mas sei que está emocionado. Eu já conheço cada expressão sua.

“Eu tenho certeza disso, Theodoro. Você nasceu para ser meu.”

Epílogo 2

Theo

Sete anos depois

“Feliz aniversário de casamento.” - ele fala e beija minha cabeça, puxando-me para mais perto de si.

Deus, o clichê mais verdadeiro é aquele que diz que o tempo voa.

Parece que ontem mesmo estávamos em frente ao celebrante prometendo nos amar eternamente e agora, sete anos já se passaram.

Um tempo de descobertas e conhecimento mútuo.

Uma história sendo construída capítulo a capítulo

Costurando relacionamentos - dele com os pais.

Tentando readaptar nossa menina a uma rotina normal.

Mas principalmente, vivendo nosso amor em toda sua plenitude.

“Eu te amo.” - falo, mas não consigo deixar passar uma provocação - “Já ouviu falar sobre a crise dos sete anos?”

Estamos em nosso restaurante favorito e a garçonete acaba de nos servir um

delicioso *Pinot Noir* do Oregon.

“Bobagem. Se existe diálogo entre o casal, a crise não tem espaço para se instalar.”

Como para confirmar para si mesmo que estamos bem, ele me beija novamente.

Sorrio de sua maneira pragmática de analisar as coisas.

Ele é assim. Racionaliza para sentir-se seguro.

“Nenhuma crise então?”

Ele se afasta um pouco para me olhar.

“Eu fiz algo errado?”

Sinto-me instantaneamente culpado.

“Não, amor. Estou só brincando.”

Ele toma um gole do vinho e sorri.

“Não é engraçado me dar um infarto no dia do nosso aniversário de casamento.”

“Não exagere, soldado. Como eu poderia estar zangado com você? Anda com a consciência culpada?”

“Você continua um provocador, Theodoro.”

“Só com você.”

“Só comigo. Só para mim.” - ele me dá um beijo rápido - “Obrigado. Foram os melhores sete anos da minha vida.”

“Da minha também.”

“Você me deu tudo, Theo. Um lar, ajudou a criar minha filha e me amou. Quando nos conhecemos, eu já nem acreditava mais que pudesse ser feliz.”

“Não foi um sacrifício. Você sabe disso, não é? Com você e Bel, pela primeira vez eu soube o que é ter uma família.”

“E não se arrepende de nada?”

Eu sei do que ele está falando - minha antiga profissão como produtor de moda e figurinista.

Eu ganhei o Oscar naquela noite longínqua há quase oito anos. Isso me trouxe fama e fez com que minha grife, que estava só começando a despontar,

explodisse.

A experiência foi gratificante e a estatueta é bem simpática, para falar a verdade. Só que nós passamos quase um ano sendo perseguidos por *paparazzis*.

Tudo tem um preço e eu não estava disposto a negociar a intimidade da minha família em troca de sucesso.

“De nada.” - finalmente respondo - “Eu nunca gostei de me expor. Aquele período após o Oscar quase me enlouqueceu.”

“Graças a Deus que pense assim!”

“Por que?”

“A mim também.”

“Você nunca reclamou.”

“Porque eu não queria ser o responsável por fazê-lo desistir de sua carreira, Theo. Eu sacrificaria nossa privacidade se isso o fizesse feliz.”

Olho para o homem que eu amo.

Eu nunca sonhei com alguém ideal, daquele tipo feito sob medida, mas se eu fizesse, seria ele.

Nós nos encaixamos como parte perfeitas de um quebra-cabeças.

“Derek, todas as escolhas que eu fiz foram conscientes. Nada é mais importante para mim do que a nossa família. Eu não gostava daquelas pessoas atrás de nós. Nunca quis ser famoso e sim, feliz ao seu lado.”

“E você é?”

“Mais do que um dia imaginei ser possível.”

◆◆◆

“O que vamos fazer?”

Estamos em nosso quarto, relaxando nos braços um do outro.

Mesmo depois de tantos anos, fazer amor com ele é como alcançar o *Nirvana*. Uma experiência quase espiritual.

Quanto mais o tempo passa e aprendemos sobre o outro, mais intensa torna-se nossa conexão.

“Eu não sei.”

Estamos conversando sobre o futuro de Belinda.

Tem sido um assunto recorrente e nunca chegamos a uma conclusão.

“Não quero bancar o pai babaca, mas ela não está pronta ainda, Theo.”

Belinda, aos dezesseis anos, acaba de ser aceita para todas as grandes universidades do país para as quais se inscreveu.

Ela conseguiu concluir o ensino médio muito antes do tempo normal e poderia tê-lo feito ainda mais cedo se não fosse a orientação da psicóloga para que desse a si mesma algumas outras atividades prazeirosas que não envolvessem adquirir conhecimento em alguma área.

Não que ela precise estudar para aprender o que quer que seja. Ao longo dos anos, eu e Derek observamos sua genialidade de perto.

O problema é que sua inteligência avançada não está em acordo com sua maturidade emocional e essa é a razão de estarmos tão preocupados no momento.

Derek passa a mão na cabeça algumas vezes e eu sei que ele está vivendo um conflito.

Ao mesmo tempo em que ambos concordamos que ela precisa cortar o cordão umbilical e tentar caminhar sozinha, nossa filha é muito nova para viver em um *campus* universitário.

Soldado que sempre será, meu marido pesquisou uma a uma as universidades e nenhuma delas pôde garantir que Bel estaria segura sendo menor de idade.

Nós dois sabemos o tipo de festas que acontecem entre os estudantes.

Álcool, drogas, sexo livre.

Não importa o quanto inteligente seja, Belinda é uma adolescente ingênua, nunca teve um namorado e nem frequenta a noite.

Ela não sabe nada da vida.

Esse sempre foi um ponto que conversamos com a psicóloga.

Até mesmo Derek com toda sua preocupação sobre a segurança dela acha que Bel precisa interagir mais.

Só que ela não parece sentir vontade de fazê-lo.

Sempre a estimulamos a sair, mas dessa vez, estamos os três - nós e a psicóloga - de acordo que é arriscado colocá-la para viver sozinha.

Então, a questão agora é somente descobrir como conseguir convencer a universidade a abrir uma exceção.

“Eu conversei com o advogado ontem. Ele disse que está procurando um caso precedente e que talvez ela só precise ter aulas presenciais depois que completar dezoito anos.”

“Isso é tão arcaico. Como estar em uma sala de aula fará com que ela estude mais? Pelo amor de Deus, a menina tem notas extraordinárias.”

“Eu sei, Theo, mas é como as coisas são.”

“Não é justo que ela perca dois anos antes de começar o curso. Talvez eles não tenham muitos casos como o dela, mas paradigmas existem para serem quebrados.”

Eu não acredito realmente que eles desistirão de nossa filha. Não é todo dia que surge a oportunidade de ter um gênio estudando em sua universidade.

“Na pior das hipóteses, podemos nos mudar para perto do *MIT*. Ela me disse que é lá que deseja estudar.” - estou tão desesperado para encontrar uma solução que não percebo seu olhar de espanto.

“Você faria isso?”

“Por Belinda? Sem pensar meio segundo?”

“E o ateliê?”

“Eu viria de carro quando precisasse.”

“Theo…” - ele me dá um beijo que me faz esquecer sobre o que estávamos conversando - “Como você consegue?”

“O que?”

“Ser tão bom. Tão generoso e cheio de amor. Doce, dedicado e leal.”

“Derek, eu amo você e a nossa filha. Nós somos uma família e sempre estarei aqui por vocês. Tenho certeza de que o contrário também é verdadeiro.”

Ele está sorrindo para mim.

“Você finalmente venceu, Theo.”

“Venci?”

“Sim. Enfim superou tudo o que eles fizeram de mal para você no passado. Agora, doa-se sem medo.”

“O amor de vocês fez isso. Foi me sentir amado e aceito que me ensinou a confiar. Um dia você falou que estava escrito que ficaríamos juntos. Que esperou oito anos para eu nascer.”

“Sim, você veio sob encomenda.” - ele diz e sorri.

“Eu achei engraçado na época, mas estou começando a acreditar que foi isso mesmo. Era minha missão nesse mundo: amá-lo. Eu nasci para ser seu.”

FIM

Bônus

Belinda

Aos dezoito anos

A faculdade não é o que eu esperava.

As garotas estão sempre maquiadas e algumas vêm até mesmo de salto alto.

Eu não sei como alguém pode andar em um negócio daqueles sem quebrar a perna.

Claro, estou feliz por estar no *MIT*. Além de ter um excelente curso de astrofísica, não é tão longe de casa.

Talvez eu consiga visitá-los nos fins de semana.

Esse vai ser meu primeiro semestre presencial, mas na verdade, já é o meu quinto na universidade.

Eu fui aceita aqui assim que terminei o ensino médio, aos dezesseis anos.

No entanto, meus pais não quiseram que eu saísse de casa antes da maioridade legal.

Papai contratou um advogado e conseguiu o direito de que eu cursasse os quatro primeiros períodos online, mas quando fiz dezoito anos, não pude mais adiar vir morar aqui.

Sinto falta deles.

De Bruno também.

Apesar de que, ultimamente nos falávamos muito pouco.

Ele foi convocado para a liga de juniores de futebol e estava sempre ou viajando nos fins de semana com o time ou estudando nos dias de semana.

Não entendo muito de futebol, mas Theo disse que ele é bom no que faz, então eu acredito.

Ele estava enorme da última vez em que o vi.

Mesmo sendo um adolescente ainda, ele é tão grande quanto o meu pai.

Está musculoso também. Ele sempre foi lindo, mas agora você nem imagina que só tem quinze anos. Parece um adulto.

Sou baixinha e acho que os óculos não ajudam muito também porque me dão um ar infantil.

Theo disse que talvez eu devesse mudar a armação, mas eu adoro meus óculos e não vejo muito sentido em ter mais de um.

Eu não sei o motivo de eu e Bruno nos afastarmos, mas sinto muita saudade.

Antes mesmo de eu vir para cá, ele já não aparecia nas festas de família e eu gostaria de saber se foi por causa de alguma coisa que eu fiz.

Se eu fosse corajosa, mandaria uma mensagem, mas tenho medo que ele responda algo rude porque se ele fizer, eu sei que vai me machucar.

As pessoas são um pouco esquisitas.

Fora papai e Theo, eu nunca sei o que dizer para começar uma conversa.

Nesse aspecto, era mais fácil quando eu não falava.

Isso me faz lembrar dos anos em que passei na Itália.

Meu pai nunca contou o que aconteceu com Namazio.

Eu pesquisei o nome dele na internet e não há mais notícias desde quando meu papai me resgatou da Itália há dez anos.

Gosto de fingir que aquele tempo lá não aconteceu. Que foi somente um

sonho ruim.

Olho para o *campus* da universidade um pouco desanimada.

Passarei os próximos anos longe da minha família e no meio de um monte de estranhos que eu não consigo entender.

Não faço amizade facilmente e pedi para Theo e o papai me ajudarem a achar um lugar só meu.

Não me imagino morando em uma irmandade.

Confiro a hora no relógio e sei que se não correr, me atrasarei para a primeira aula.

Não quero ser a última a chegar na sala, então mesmo sem qualquer vontade, tranco o carro e começo a caminhar apressada para a entrada do prédio número cinco.

Gostaria de ouvir uma voz conhecida hoje para me dar coragem, mas sei que se ligar para os meus pais eles ficarão preocupados.

Talvez mais tarde eu arrisque mandar uma mensagem para o Bruno.

168 Horas Para Amar Você

Livro Único

Khayla e Axel

Sinopse

Uma quase princesa de conto de fadas que sonha com o namorado ideal.

Um surfista tatuado avesso à palavra compromisso.

Khayla tem uma lista do que deseja encontrar no homem dos seus sonhos.

Axel nunca sonhou com nada além de sua carreira no *surf*.

Poderia haver um casal mais improvável?

Talvez não, mas o destino acaba aproximando a boa garota do *playboy* sem coração.

Quando um acidente os une, Axel faz uma proposta inusitada.

Khayla não gosta de sair de sua zona de conforto, mas aceita o desafio.

Ele a intimida com seu jeito de dizer tudo o que pensa.

Ela o irrita com seu medo de viver.

Mas apesar de terem tudo para dar errado, os dois acabam descobrindo que seus defeitos é justamente o que torna um para o outro, irresistível.

PRÓLOGO

KHAYLA

Boston

Aos treze anos

Hoje as cenas voltaram.

Quando isso acontece, eu geralmente ligo o fone do *Ipod* no volume máximo. Música meio que me anestesia contra a dor.

Ao contrário das outras vezes, não está funcionando.

Nada faz parar o filme de terror em minha cabeça, então falei com Bela que ia dar uma volta de bicicleta no parque.

Ethan não gosta que eu saia sozinha, mas prometi que não iria para longe.

Eu só quero apagar as memórias do quarto escuro.

Aquela voz e o que aconteceu a seguir.

A psicóloga disse que talvez lembrar seja uma maneira de me fazer superar o passado.

Tipo como se eu concluísse uma espécie de tarefa, vencendo de uma vez por todas os meus medos.

Eu acho que não.

Fico triste durante vários dias quando recordo a época em que morava com meus pais.

Ou quando aquele homem veio me visitar.

Aumento ainda mais o volume, enquanto sinto os meus olhos encherem de lágrimas.

Tum. Tum. Tum.

Meu coração e as batidas da música compartilham o mesmo ritmo.

Quando ambos ficam ainda mais fortes, eu acelero as pedaladas.

Eu não canto a letra e nem nada, mas dentro da minha cabeça estou gritando para as memórias.

Vão embora. Vão embora. Vão embora.

Tarde demais, percebo que não parei no sinal de um cruzamento.

Em um momento, estou em cima da minha bicicleta rosa com uma cestinha branca na frente, presente de Ethan no meu último aniversário.

No seguinte, minhas mãos soltam-se do guidão e eu começo a voar.

Movimento as pernas e os braços como se estivesse nadando em pleno ar, desesperada para segurar em algo, mas não há nada.

Por fim, meu corpo bate no chão, mas a seguir, tudo fica escuro como uma noite sem lua.

◆◆◆

Um mês depois

“Ela saiu sem o capacete.” - o homem que sei que se chama Ethan, diz.

Ele parece nervoso.

Eu ia entrar na cozinha, mas paro, um pouco sem jeito, ao ouvir sua voz.

“Você precisa colocar as coisas em perspectiva, amor. Adolescentes cometem erros.” - agora é a mulher boazinha, Bela, quem responde.

“Eu sei disso, *baby*, mas eu quase fiquei louco de preocupação. Khayla é o nosso presente precioso. O médico disse que ela teve muita sorte.”

A mulher não fala nada, mas eu acho que eles estão se abraçando.

Eles fazem muito isso.

Abraçam, beijam.

Um ao outro, a mim e a Tristan, o filhinho deles de um ano.

Há muito amor dentro dessa casa.

Eu voltei do hospital há uns dias já, mas tive que ir lá outras vezes fazer vários exames em minha cabeça. Cada um com o nome mais estranho do que o outro.

Quando eu estava internada, mais duas pessoas vieram me ver.

Clara e Lucas.

Agora aprendi o nome de todos.

Clara e Bela são irmãs e Lucas e Ethan, maridos delas.

E eu?

Quem eu sou?

Por que eles agem como se eu fosse alguém importante?

Ethan me chamou de presente precioso e eu fiquei feliz em ouvir aquilo.

Apesar de não lembrar de nada desde que acordei no hospital, gosto de morar aqui.

Como posso ter esquecido?

Os médicos disseram que eu fui atropelada.

Certo.

Eu me olhei no espelho quando eles me autorizaram a levantar da cama e vi que estava bem machucada, então acredito nessa história de atropelamento.

Mas e o que mais?

Não sei como aconteceu, nem lembro de não ter usado capacete.

Na verdade, eu não lembro sequer de ter uma bicicleta.

Ou de saber andar em uma.

Deus, eu não sabia o meu próprio nome!

É como se não houvesse um passado, como se eu tivesse nascido há uns poucos dias somente.

Ouvi Ethan e Bela conversando com os médicos e descobri que sou filha deles.

Quero dizer, sou adotada, porque Bela não parece ter idade para ser minha mãe.

Só que eu fui adotada quando? Eu era uma criança? Há quanto tempo moro nessa casa enorme?

Eu tenho um quarto só meu e já mexi em tudo dentro dele tentando ver se minha memória voltava.

Nada.

Parece que estou invadindo a vida de outra pessoa e a sensação é esquisita.

Bela e Clara conversaram comigo e fizeram um monte de perguntas sobre o dia do acidente.

Eu não sabia responder a nenhuma, mas não contei isso a elas e nem à psicóloga que eles me levaram para consultar.

A mulher agiu como se já me conhecesse, mas para

mim, era a primeira vez que nos víamos.

Eu só fui em mais uma consulta.

Depois desse dia, disse à Bela que não queria mais ir e ela concordou.

Eu tenho falado muito pouco porque não sei o que dizer.

Será que devo abrir a verdade ou aguardar lembrar?

Acho que vou esperar. Talvez daqui a um tempo tudo se resolva.

Se eles souberem, ficarão ainda mais preocupados.

Tem um outro motivo para eu não contar que perdi a memória.

Gosto de morar aqui e não quero que pensem em me devolver caso eu confesse que não lembro deles.

Mesmo sem fazer ideia de quem sou, depois desse mês juntos, eu tenho uma única certeza: essas pessoas são a família que eu quero.

CAPÍTULO 1

AXEL

Boston

Aos dezenove anos

Três anos depois do acidente de Khayla

“Você ouviu o que eu falei?”

Irritado, desvio o olhar da minha obsessão e foco novamente na garota que acha que é *minha* qualquer coisa.

Ela não é.

Joana nunca teve qualquer peso em minha vida mesmo na época em que eu não tinha ambições além de curtir e surfar todo fim de semana.

Não que muita coisa tenha mudado até aqui.

Pelo menos no que diz respeito ao *surf*, a ideia continua a mesma.

Sobre curtir, a verdade é que já estou de saco cheio de perder noites de sono para encontrar sempre as mesmas pessoas. Não vejo a hora de sumir.

Quatro meses.

Esse é o tempo que falta para eu terminar o ensino médio e ir morar na Califórnia.

San Diego, para ser preciso.

Meu sonho.

Poder amanhecer na praia de *La Jolla* todos os dias.

Entrar para o circuito profissional e me tornar o campeão - não aceito nada menos do que isso.

Deus, esses meses finais não passarão rápido o suficiente.

Se fechar os olhos, eu quase posso ouvir o som das ondas batendo nas pedras. O cheiro do mar e sal no meu cabelo.

Chegar em casa no fim do dia com o corpo doendo, mas a cabeça leve.

Ficar perdido em minha prancha, observando o

horizonte e permitindo que o silêncio acalme meu inferno interior.

Quando entro no mar, eu me sinto inteiro.

Viver em sociedade não me agrada na maior parte do tempo.

Eu não deveria gostar de água.

Não depois do que aconteceu, mas de alguma forma louca, minha conexão com ela é ainda maior.

A água é o meu elemento. É onde me sinto em casa, sem precisar lidar com o fodido mundo, desviar das tentativas de conversa com Linus ou fingir que dou a mínima para quem quer que seja.

Mal posso esperar para me dedicar exclusivamente ao *surf*. Deixar para trás esse colégio e os idiotas esnobes que pensam fazer parte da nobreza.

“Axellll…" - ela choraminga, arrastando a última letra do meu nome ao infinito e quase me fazendo vomitar.

Será que ela pensa que aquilo é *sexy*?

“Eu ouvi e a resposta ainda é não.”

“Qual é o seu problema?”

No momento? Você!

“Joana, quantas vezes eu vou ter que repetir que acabou? Qualquer que seja a fantasia sobre estarmos em um relacionamento, esvazie sua cabecinha dela.”

“Mas nós…"

“Essa é justamente a questão. Sua frase já começou errada. Não existe um *nós*.”

Ouço um bufo de risada dos caras e ela olha como se quisesse fuzilar cada um, mas depois volta-se para mim, as unhas compridas tentando arranhar meu peito.

“*Babyyyy*…”

Jesus Cristo!

“Pare. Eu já disse que você pode falar comigo se precisar, mas sem tocar. Admire sem encostar. Acha que consegue fazer isso, *baby*?” - destilo ironia ao repetir sua última palavra.

Eu geralmente não perco tanto tempo tentando afastar as garotas, mas meio que sinto necessidade de ser legal com ela em nome de algumas boas transas do passado.

Passado.

Há meses que não temos nada, mas ela continua agindo como se tivéssemos saído ontem à noite.

Nunca fomos exclusivos.

Pelo menos eu nunca fui com ela e deixei tudo claro desde que nos conhecemos, há um ano.

Só que Joana é a típica garota mimada, acostumada a ter o mundo aos seus pés. Ela não consegue entender que existe alguém que não cai em seu ato de menininha chorosa.

“Você está falando sério?”

Fico em silêncio.

Já acabei o que tinha para dizer e ao invés disso, volto a olhar para minha princesa loira.

“Você é um babaca, King e vai se arrepender disso.”

Eu jogo a cabeça para trás e finjo gargalhar.

“Quanto à primeira parte, nem eu poderia me definir melhor. Sobre me arrepender…" - deixo meu olhar passear sobre seu corpo perfeito, mas que atualmente me desperta tanto interesse quanto observar a grama crescer - “Acho que não.”

“Pare de humilhar a si mesma e apenas suma, Jo! Não cansa de passar vergonha?” - Isaac, a versão mais próxima que tenho de um amigo, fala.

“Quer saber? Vocês são um bando de bastardos!”

Ela começa a se afastar batendo o pé no chão como uma criança e eu me pergunto como diabos a aturei por tanto tempo. Joana é a definição perfeita da garota estragada da alta sociedade.

Uma risada chama a minha atenção - e aparentemente a dos caras também - para a versão em carne osso de Cinderela, Bela Adormecida ou qualquer princesa da *Disney* que você queira escolher.

Juro, a menina poderia protagonizar um fodido conto de fadas.

Magra e alta.

Ossos delicados.

O cabelo loiro que brilha tanto que os raios de sol batendo nele parecem tocar puro ouro.

Sem maquiagem.

Ela também não se veste como as garotas daqui.

Não há nada de explícito ou *sexy.* Ao contrário.

A saia jeans é rodada e vai até quase os joelhos, cobrindo totalmente as coxas.

Veste uma camisa rosa de botões que molda-se,

mesmo que eu desconfie que não tenha sido essa a intenção, ao corpo perfeito.

Linda para caralho.

Está sentada no gramado brincando com um esquilo.

Ela comia uma maçã e agora tira pequenos pedaços e divide com o safado guloso.

Não sei nada sobre minha princesa além do primeiro nome - Khayla - e que não parece ter muitos amigos. Está sempre sozinha, com um livro.

Tudo bem, nós estamos em um colégio. Livros não são nada de extraordinário, mas ela os lê. Como se estivesse alheia à barulheira infernal de um monte de vozes misturadas.

É nova aqui.

Não haveria chance de eu não ter percebido sua existência antes da semana passada.

A primeira vez em que a vi, pensei em ir para cima, lógico.

Teria que haver algo muito errado comigo para deixar uma garota como ela passar batida.

Estudando no mesmo colégio, eu sabia que mais cedo

ou mais tarde nos esbarraríamos e acabaríamos ficando.

Quando foi que eu quis uma menina e não consegui?

Não nessa vida.

Só que com o passar dos dias, percebi alguma coisa nela que me fez puxar o freio.

Ela aparenta ser simpática, sorri quando as pessoas a cumprimentam, mas tenho a sensação de que prefere os momentos de solidão como agora.

Não há nada de arrogante em sua postura. Parece tranquila, mas não muito autoconfiante.

Quer saber a verdade? Pela primeira vez, pensei em alguém antes de mim mesmo.

Tento desviar o olhar, mas não consigo.

Eu sei a razão - estou obcecado.

Acha um exagero? Não é.

Fui diagnosticado com tendências obsessivas no início da adolescência. Precisamente, depois da morte da minha mãe.

A dedicação ao *surf*, que antes já era um pouco além do normal, transformou-se no ponto central da minha vida.

Aparentemente, o esporte que pretendo transformar em profissão tem agora uma rival de peso.

Ela é exatamente o oposto do que sempre curti em minhas garotas, mas ainda assim, me atrai como um imã.

Foco nos meus pés, obrigando-me a parar de observá-la.

Não preciso desse tipo de complicação.

Garotas como Khayla querem um namorado que as leva ao cinema, ande de mãos dadas e eu só estou interessado em duas coisas.

Sexo livre de compromisso e *surf*.

“Qual é a da loirinha? “ - Isaac pergunta.

“Quem?” - disfarço.

“A patricinha loira. Ela é novata.” - a contragosto, volto a focar nela - “Você está surdo? A loira é carne nova?”

“O nome dela é Khayla. Ela é caloura sim.” - um dos caras fala ao meu lado.

Lógico que eles também notaram sua beleza. Qual seria a chance de só eu ter reparado nela?

Mesmo assim, fico irritado.

“Mas se está pensando em qualquer movimento, desista. Ela não sai, não bebe, não fode. É praticamente uma maldita freira. Eu já pesquisei.” - Fred continua.

“Eu nunca deixo passar um desafio.” - Isaac gargalha.

Ela está completamente inconsciente de que é o foco de nossa atenção. De que nesse exato momento, existem quatro caras devorando-a com os olhos.

“Não.” - digo, sem pensar.

“Como assim, não? Desde quando você se tornou territorialista para cima de uma garota?”

“Eu vou avisar uma vez só: não tente nada com ela.”

“Que porra é essa, King? Está querendo dizer que ela é intocável? Como uma espécie de protegida sua?”

Ao invés de responder, encaro-o.

Isaac é um idiota, mas não é burro. Eu posso parecer um *playboy* milionário para o mundo agora, mas por dentro continuo o mesmo garoto de periferia.

Já estive em mais brigas do que consigo lembrar e em todas, eu acabei com o outro cara.

A cada soco dado, descontando a raiva que tenho dentro de mim.

Todos a nossa volta estão em silêncio, aguardando o que acontecerá, até que ele finalmente cede, erguendo os dois braços em sinal de rendição.

“Tudo bem. Já entendi. Nada de tentar fo…”

“Cuidado.”

“Certo. Nada de tentar sair com a *Barbie*.”

“Não fale esse tipo de merda por aí. Não coloque apelidos nela, porra.”

“Você está chato para caralho hoje, Axel. Já vou indo.”

Depois de um tempo, os outros caras se despedem também.

Era o que eu deveria fazer, mas eu faço?

Claro que não.

Ao invés disso, fico igual a um idiota recostado à moto, olhando-a.

Isaac é cego.

Não há nada de *Barbie* em Khayla.

A menina é toda natural.

Estou mais do que acostumado a mulheres siliconadas, cheias de maquiagem.

O *Chaos King*, o estúdio de tatuagem de Linus, não é exatamente um local onde você encontra damas da era vitoriana.

Assim, nada como *Barbie* pode ser mais distante dela.

Princesa, isso sim.

Linda e fodidamente deliciosa.

Alguma coisa na garota é irresistível para mim, mas por outro lado, também traz incômodo.

A perfeição, talvez?

Sorridente, doce, sempre gentil.

Sim, eu tenho vigiado-a.

Lembra do que eu falei sobre a obsessão? Ela traz de carona um outro problema: sou um compulsivo também.

Há muito tempo já aceitei o fato de que nunca desejo algo mais ou menos. Eu simplesmente não consigo pensar em outra coisa.

No momento, minha compulsão está voltada para seguir Khayla por onde quer que ela vá.

Em poucos dias, me tornei um estudioso da garota.

O esquilo foi embora e ela relaxa contra a árvore. A cabeça recostada no tronco me deixa ver o pescoço longo.

Minha princesa não parece real.

Será que toda a pose de boa garota é um ato ou ela realmente acha que está nessa porra de planeta para agradar os outros?

Geralmente desprezo gente assim - que sente necessidade de ter seu comportamento validado pela opinião alheia.

Costumo ter uma antipatia natural pelos perfeitinhos de ambos os sexos então, por que não com ela?

Seus olhos estão fechados.

O livro aberto no colo, esquecido e eu quero ir até lá e beijá-la bem ali, na curva do seu pescoço. Sentir seu gosto.

Chega.

Estou ficando louco, porra!

Graças a Deus em breve irei embora. Viverei de acordo com as minhas próprias regras, sem precisar me preocupar com princesas virgens.

Irritado, forço-me a subir na moto e saio sem olhar para trás.

Ficaria imensamente feliz se deixasse sua opinião nos comentários do site da Amazon.

Ela é muito importante para mim.

Também seria incrível se pudesse falar com os amigos sobre o livro. Nós, autores independentes, precisamos e muito de sua ajuda.

PAPO COM A AUTORA

Espero que tenham gostado da história de Theo, Blood e Belinda.

Estou sofrendo muito para me despedir desse trio, mas como vocês devem ter intuído, com relação à Belinda será um *até breve*.

Eu me afeiçoei muito aos três.

Theo com sua doçura e bondade. Sua força tranquila e coragem de encarar o desafio de formar uma família já pronta, aos vinte e cinco anos.

Derek com seu amor incondicional pelos dois. Sua obstinação em trazer sua menina de volta e ultrapassar todos os preconceitos para viver sua vida ao lado do homem que ama.

Belinda… o que dizer dessa criança tão especial?

Desde que escrevi seu primeiro capítulo - o quarto - ela conquistou meu coração. Naquele momento, ainda no começo da história, eu soube que ela merecia seu próprio livro.

Não será nem tão cedo porque nossa Belinda precisa caminhar um pouco sozinha, mas com certeza nos reencontraremos.

Meu próximo livro, *Irresistível*, é um *spin-off* dos livros III e IV da série ***Corações Intensos*** e contará a história de Khayla(a irmã adotiva de Isabela e Clara) e Axel.

Khayla conquistou o coração dos leitores em *Isolados* e e eles me pediram um livro só dela.

Então, aí vamos nós.

Estou louca para escrevê-la porque gosto de amores que têm tudo para dar errado, mas que fim, os protagonistas não poderiam ser mais perfeitos um para o outro.

Caso esteja interessado em um papo sobre meus livros, meu grupo no *Facebook* é:

https://www.facebook.com/groups/D.A.LemoyneAuthor/

E também, se desejar, pode seguir minha página no Facebook:

https://www.facebook.com/dalemoyneautora/

Títulos da Autora

Seduzida - Muito Além da Luxúria (Livro 1 da Série Corações Intensos)

Cativo - Segunda Chance (Livro 2 da Série Corações Intensos)

Apaixonada - Meu Para Sempre (Livro 3 da Série Corações Intensos)

Fora dos Limites - Sedução Proibida (Livro Único)

Sedução no Natal - Conto (Spin-off de Seduzida e Cativo)

Imperfeita - O Segredo de Isabela (Livro 4 da Série Corações Intensos)

Isolados - Depois que Eu Acordei (Livro 5 da Série Corações Intensos)

O Vírus do Amor (Conto Especial do Dia dos Namorados)

Nascido Para Ser Seu (Livro Único)

168 Horas Para Amar Você (Livro Único)

Sobre Amor e Vingança (Livro Único) -lançamento em outubro de 2020.

SOBRE A AUTORA

D. A. Lemoyne é o pseudônimo de uma advogada e leitora ávida desde criança.

Iniciou a carreira como escritora em 2019 com o livro Seduzida, o primeiro da série Corações Intensos.

Sua paixão por livros começou aos oito anos de idade quando a avó, que morava em outra cidade, a levou para conhecer sua “biblioteca” particular, que ficava em um quarto dos fundos do seu apartamento. Ao ver o amor instantâneo da neta pelos livros, a senhora, que era professora de Letras, presenteou-a com seu acervo.

Do Rio de Janeiro, Brasil, mas vivendo atualmente na Carolina do Norte, EUA, a escritora adora um bom papo e cozinhar para os amigos.

Seus romances são intensos e os heróis, apaixonados. As heroínas surpreendem pela força.

Acredita no amor e ler e escrever são suas maiores paixões.

Contato: dalemoynewriter@gmail.com